

A Basílica Patriarcal de D. João V (1716-1755)

André Duarte Martins da Silva

**Dissertação de Mestrado em História das Artes da Época
Moderna e da Expansão**

Orientador: Professor Doutor Carlos Moura

Setembro, 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História das Artes da Época Moderna e da Expansão, realizada sob orientação científica do Professor Doutor Carlos Moura.

Declaração

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O Candidato,

Lisboa, ____ de _____ de _____

Declaro que esta dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O Orientador,

Lisboa, ____ de _____ de _____

Agradecimentos

Uma dissertação como esta, apesar de ser um trabalho de avaliação individual, jamais constitui o resultado de um esforço apenas do autor. A página dos agradecimentos é, por isso, a mais ingrata de se escrever, pois é impossível nela nomear todos aqueles que, de uma forma ou de outra, possibilitaram que este trabalho viesse à luz. Assim (e assumindo o risco de incorrer nalguma injustiça), cingir-nos-emos a deixar o nosso mais sincero reconhecimento a todos os que mais diretamente deram os seus contributos, sem os quais esta dissertação nunca ficaria como ficou, ou nunca teria sido entregue dentro do prazo:

Ao Professor Doutor Carlos Moura, pela orientação desta dissertação.

Ao Professor Doutor Nuno Senos, pela orientação do nosso trabalho de investigação sobre capelas palatinas, feito para a unidade curricular de Arquitetura do Renascimento em Portugal, que contribuiu para alguns aspetos que aqui desenvolvemos.

Ao colega e amigo Ricardo Máximo, pelas várias e longas conversas à volta deste tema, das quais decorreram alguns dos resultados finais apresentados.

Aos técnicos da Biblioteca Nacional, Torre do Tombo, Biblioteca da Ajuda e Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, por todo o apoio e disponibilidade prestado aquando das pesquisas.

Um agradecimento enormemente especial a toda a minha família, pelo incansável apoio durante os cerca de 4 meses de baixa médica, depois de uma cirurgia ao pé, durante os quais grande parte desta dissertação foi escrita: Mãe, Pai (a quem também agradeço pela revisão), Pipa e – muito em particular – Andreia (obrigado pela paciência!).

A todos estes, não poderíamos deixar de acrescentar uma sentida palavra de amizade a Marco António Noivo e Helena Alexandra Mantas, e ainda expressar a nossa gratidão à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, instituição onde temos o privilégio de ocupar o cargo de Técnico Superior, pela bolsa de estudos que financiou o Mestrado onde esta dissertação se insere.

A Basílica Patriarcal de D. João V (1716-1755)

The Patriarchal Basilica of John V (1716-1755)

André Martins da Silva

Resumo

Ao subir ao trono, em 1707, D. João V incrementou consideravelmente o investimento que desde a Restauração se vinha fazendo na Capela Real, edificada em 1640. Encetou-se uma empreitada, dividida em duas fases – 1707-1712 e 1712-1719 – incidindo na cabeceira e no corpo do templo, respetivamente. Simultaneamente, a Capela Real foi elevada a paróquia, a colegiada e, em 1716, a Basílica Patriarcal. Em troca de apoio militar, o Rei conseguiu do papado a divisão de Lisboa e a criação de um Patriarca para capelão régio, à semelhança dos reis de Espanha, que desde o século XVI tinham um Patriarca por capelão. A liturgia e a organização da Cúria eram, porém, à maneira de Roma. A partir de 1719 os recursos deslocaram-se para outras empreitadas (nomeadamente Alcântara e Mafra) e, em 1739, materializou-se a longamente esperada renovação da Cúria e aplicação de uma vasta quantidade de recursos financeiros. No ano seguinte iniciaram-se novas obras – dirigidas, como anteriormente, por Ludovice – que incluíram intervenções nos principais pontos do templo, bem como no adjacente Palácio Patriarcal. Os trabalhos nunca se concluíram, pois o terramoto de 1755 ditou o desaparecimento do complexo.

Abstract

When he rose to power, in 1707, John V greatly enlarged the investments made in the Royal Chapel since the Restoration (1640). A two phase work campaign was conducted, centered in the apse and in the nave (1707-1712 and 1712-1719, respectively). Simultaneously, the Royal Chapel was promoted to parish church, to collegiate, and, in 1716, to Patriarchal Basilica. In return for military support, the King received from the papacy the division of Lisbon and the creation of a Patriarch for his Royal Chaplain, similarly to the kings of Spain, who had a Patriarch as chaplain since the 16th century. The liturgy and the organization of the Curia likened, however, that of Rome. Since 1719 resources were displaced elsewhere (namely Alcantara and Mafra) and, in 1739, the long awaited renewal of the Curia and the application of a vast quantity of financial resources were applied. In the following year a new work campaign was started – conducted, as before, by Ludovice – that intervened in the temple's key points, as well as on the adjoining Patriarchal Palace. It was never concluded, as the earthquake of 1755 destroyed the building.

Índice

Introdução	1
1. Antecedentes: A Capela Real do Paço da Ribeira – O templo antes da Patriarcal	7
a. A Capela Real do Portugal Restaurado.....	7
b. A Capela Real nos primeiros anos do reinado de D. João V.....	11
2. 1716 – O ano da fundação	25
a. Política e diplomacia em Roma: A elevação da Capela Real a Basílica Patriarcal .	25
b. As duas Lisboas	38
c. A Basílica Patriarcal nos anos imediatos à sua instituição	40
3. Entre Alcântara, Mafra e a Ribeira: concretizações subsequentes à instituição da Patriarcal.....	53
4. A refundação da Patriarcal em 1739.....	61
a. A aprovação da “nova forma de serviço” da Basílica Patriarcal	61
b. As obras da década de 1740.....	68
i. Intervenções no corpo da igreja e na capela-mor.....	68
ii. A ampliação da Capela do Santíssimo Sacramento.....	83
iii. O novo batistério	85
iv. A estátua de Nossa Senhora da Conceição para o coro lateral	91
v. O Palácio Patriarcal	93
5. 1755 – A catástrofe e depois	97
a. O desaparecimento da Basílica Patriarcal de D. João V	97
b. A nova Patriarcal à Cotovia.....	103
Conclusões.....	111
Bibliografia.....	118
Fontes manuscritas	118
Fontes impressas	120
Fontes iconográficas.....	123
Bibliografia.....	124
Recursos <i>online</i>	130
Anexos	131
Anexo iconográfico.....	132
Anexo documental	160

Introdução

“Diz-me quem é que lá vem, dentro do mar de ninguém. Que força é essa que não se contém? Que força é essa que não, não deixará pedra sobre pedra? Que força é essa que não, não deixará ninguém sobre a terra?” – Começa assim um tema, intitulado precisamente “1755”, que recentemente o coletivo português *Moonspell* dedicou, num álbum homónimo, à catástrofe que no fatídico 1º de novembro daquele ano devorou a capital portuguesa. Aquilo que lá vinha, aquela força imparável, era um brutal megassismo que atualmente os especialistas estimam que tenha chegado perto dos 9 graus na escala de Richter¹. É, por isso, o maior sismo registado na História da Europa². Para colocar em perspetiva, o terramoto que atingiu o sudeste asiático em 26 de dezembro de 2004, provocando a morte de 220 000 pessoas, marcou 9.2.

A violência dos choques de 1755 foi de tal ordem que se sentiu em todo o Atlântico Norte. Na África do Norte, foram inúmeros os edifícios afetados. Em Nova Iorque (note-se, a cerca de 5500 quilómetros de Lisboa), há registo da queda de objetos como persianas de janelas³. Depois dos fortíssimos abalos, que se fizeram sentir pouco antes das 10h da manhã, um *tsunami* com cerca de 6 metros de altura, vindo daquele “*mar de ninguém*”, precipitou-se sobre a cidade, arrastando tudo quanto não estivesse solidamente preso ao chão: estruturas, escombros, objetos e pessoas. Na costa algarvia, mais próxima do epicentro, estima-se que o maremoto tenha chegado aos 15 metros⁴. Após o recuo das águas irrompeu um enorme incêndio, provocado pelas velas derrubadas e pela depredação dos incendiários que, desta maneira, procuravam ocultar aquilo que subtraíam nas pilhagens⁵. O que se seguiu ao abalo foi, pois, a completa desintegração de toda a normal ordem social.

Enquanto o incêndio se alastrava, muitos dos sobreviventes estropiados foram abandonados à sua sorte, por familiares e amigos que se viram incapazes de carregar os feridos com rapidez suficiente para sobreviverem eles próprios à voragem das chamas⁶. Fugidos durante os cinco longos dias em que o incêndio lavrou pela cidade, os sobreviventes ficaram expostos à

¹ RIBEIRO, António – *O sismo de 1/11/1755: significado geodinâmico*, p. 84

² *Idem*, p. 80

³ JACKSON, K. David – *As narrativas do desastre: a estrutura do relato e o Terramoto de 1755*, p. 141

⁴ RIBEIRO, António – *op.cit.*, p. 81

⁵ JACKSON, K. David – *op.cit.*, p. 149

⁶ *Idem*, p. 151

fome, ao frio e à chuva de novembro. Os assaltantes roubavam e pilhavam o que conseguiam e quem podiam. Os intolerantes procuravam os estrangeiros de outras fés, atribuindo-lhes a responsabilidade daquele castigo divino – ocorrido em dia santo – e forçavam-nos a jurar a fé católica⁷.

Com efeito, desde a Alta Idade Média que a Igreja Católica celebra o Dia de Todos-os-Santos a 1 de novembro. Por conseguinte, quando irrompeu a catástrofe – na manhã do dia de uma das mais importantes solenidades católicas, dedicada precisamente à comemoração de todos os santos – estava a haver missa em praticamente todos os mais importantes templos da cidade de Lisboa. E a Basílica Patriarcal – instalada em 1716 na já existente Capela Real do Paço da Ribeira, e por isso situada no meio da zona mais afetada pela catástrofe – não seria, naturalmente, exceção: *“na Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, quando impensadamente sobrevindo o tragico accidente do terremoto em o primeiro de Novembro, seus Ministros, que estavaõ acabando de rezar Terça para se começar a Missa, se viraõ summamente perplexos, attonitos, e afflictos”*⁸. À semelhança do que aconteceu no resto da cidade, aqueles que conseguiram sair da basílica e sobreviver ao *“violento, e continuado tremor, que fazia horrorosamente abalar todo o edificio”*⁹, viram-no depois engolido por um *“incendio, que devorou irreparavelmente toda a grande opulencia daquelle Templo”*¹⁰.

Desaparecia, assim, no período de uma manhã, todo o esforço que desde 1640 se reunira na Capela Real, particularmente ao longo do reinado de D. João V (1707-1750), que em 1716 lograra fazê-la Basílica Metropolitana Patriarcal, mais conhecida à época, porém – como é exemplo o relato anterior – como *Santa Igreja Patriarcal*. Claro está que o total apagamento do templo contribuiu (e de sobremaneira) para o seu posterior entendimento historiográfico. Se, comparativamente à Patriarcal, atualmente são mais conhecidos – e estão mais estudados – empreendimentos arquitetónicos como o Real Edifício de Mafra, a Capela de São João Batista ou o Aqueduto das Águas Livres, tal é devido, em grande medida, ao total desaparecimento daquela. Não obstante, facto é que o empreendimento que durante mais tempo (e desde mais cedo) concentrou as atenções artísticas do Magnânimo foi a sua Capela Real, conjuntamente com o respetivo Paço Real da Ribeira, de que fazia parte integrante.

⁷ JACKSON, K. David – *As narrativas do desastre: a estrutura do relato e o Terramoto de 1755*, p. 150

⁸ CASTRO, João Bautista de – *Mappa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III, p. 200

⁹ *Idem*, p. 201

¹⁰ *Idem*, p. 201

A Basílica Patriarcal de D. João V é, pois, essencialmente devido a 1755, um objeto de estudo com um duplo vazio. Em História da Arte, o objeto artístico constitui, simultaneamente, o ponto central e a principal fonte de qualquer estudo que se lhe dedique. No caso da Patriarcal, como aliás – e pelo mesmo motivo – terá acontecido com outros monumentos, não só não existe o edifício (pois desapareceu), como também não subsiste muita da documentação que permitiria esclarecê-lo, dado que grande parte dela ardeu, também, em 1755. Para dificultar ainda mais a situação, muito do que se resgatou foi levado para a nova Patriarcal, edificada no local onde mais tarde viria a surgir o Jardim do Príncipe Real, que, pelo seu destino tão desastroso quanto o da sua antecedente, ficou conhecida como a *Patriarcal Queimada*. Ardeu em 1769, devorando muito do que se tinha salvado do sismo.

A espoliação provocada pelos desastres é claramente constatável na documentação que nos chegou. Não só são frequentes treslados de documentos anteriores a 1755 – cujos duplicados resistiram, porém, noutros cartórios – como muitas vezes os próprios treslados indicam a necessidade de se fazerem, devido aos *“in-/cendios, que em diversas occasiões tem havido no Cartorio da mes-/ma Santa Igreja de Lisboa”*, nos quais *“se consumiram todos os Padroes, Cartas / Alvarás, e Decretos originaes que nelle se guardavam”*¹¹. Como estes treslados foram feitos por razões que essencialmente passavam pela necessidade de provar que a Patriarcal detinha determinados direitos, privilégios ou propriedades, infelizmente não se copiou a documentação relativa à encomenda artística, se é que esta sobreviveu em duplicado. Apesar disto, houve, logo no século XVIII, quem tivesse o cuidado de preservar o que tinha resistido. Foi o caso de Lázaro Leitão Aranha, Principal da Igreja Patriarcal, que conseguiu salvar vários volumes de documentos, alguns deles chegados aos nossos dias e atualmente guardados na coleção de reservados da Biblioteca Nacional. Entendeu o eclesiástico preservá-los, pois, como o próprio previa, *“pode vir tempo em que alguém queira / escrever sobre a Historia da Santa Igreja Pa-/triarchal, e sua erecção”*¹². E, de facto, tinha toda a razão!

A Lázaro Leitão acrescentam-se todos os que foram escrevendo sobre a Patriarcal e Capela Real enquanto ela existiu – em particular Inácio Barbosa Machado, pela extensa descrição do

¹¹ Documento de 10 de abril de 1780. Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261, doc. 54

¹² *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...)*. fól. 3f

interior do templo, mas igualmente Juan Alvarez de Colmenar, José Soares da Silva, Pe. António Carvalho da Costa, Fr. Agostinho de Santa Maria, Luís Montês Matoso, entre outros – bem como aqueles que, devido às incumbências que lhes cabiam, acompanharam as obras no edifício, destacando-se João Batista Carbone (responsável por articular, desde Lisboa, a encomenda artística com Roma) e Manuel Pereira de Sampaio (embaixador do Rei na Cidade Eterna). Estes dois últimos deixaram-nos abundante documentação diplomática, conservada na Biblioteca da Ajuda.

Se, por um lado, ainda hoje persistem dúvidas quanto à localização exata do epicentro do sismo de 1755¹³, por outro, alguns autores – como António Filipe Pimentel – não têm dúvidas em situar o *“epicentro do sistema simbólico e ideológico da monarquia de D. João V”*¹⁴ precisamente na Basílica Patriarcal. Foi, sem dúvida, devido a este seu carácter epicentral que começaram a emergir os primeiros estudos a abordarem-na, consagrados, porém, a outros empreendimentos fundamentais da monarquia joanina, mas que forçosamente tiveram que passar pela importante basílica, devido à maneira que, de uma forma ou de outra, com ela se relacionavam. Quando, em 1902, Sousa Viterbo publicou *“A Capella de S. João Baptista erecta na Igreja de S. Roque”*¹⁵, trouxe pela primeira vez à luz documentação sobre a Basílica Patriarcal, concernente às encomendas a ela destinadas e feitas em Roma na década de 1740, que, pela sua simultaneidade com a encomenda da Capela de São João Batista, se encontram ainda hoje nos mesmos fundos da Biblioteca da Ajuda, que o autor estudou naquela obra. Por esta razão, apesar de ter como o objeto de estudo a conhecida capela joanina, o trabalho de Sousa Viterbo incluiu a publicação de importantes documentos relativos às encomendas com destino à Patriarcal. Como veremos, a intrínseca relação entre estas duas importantes concretizações viria a marcar a historiografia da Patriarcal – e, bem assim, da própria Capela – até aos nossos dias.

Apesar de igualmente ter sido abordada por outros autores que se dedicaram ao barroco joanino (como Ayres de Carvalho ou Robert Smith), ou à história do Patriarcado de Lisboa (como Eduardo Brazão), o primeiro grande contributo histórico-artístico focado centralmente na obra da Basílica Patriarcal é devido a Marie-Thérèse Mandroux-França, num artigo publicado em 1989 na

¹³ RIBEIRO, António – *O sismo de 1/11/1755: significado geodinâmico*, p. 82

¹⁴ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 26

¹⁵ Vd. VITERBO, Sousa; D'ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Igreja de S. Roque*.

revista *Colóquio Artes*¹⁶. Constituindo um trabalho a todos os níveis incontornável, Mandroux-França não só publicou alguma documentação iconográfica inédita, designadamente duas plantas da Patriarcal – uma guardada na Biblioteca da Ajuda¹⁷ e outra na Biblioteca Nacional¹⁸ – como avançou, ainda, com o enquadramento da Capela de São João Batista enquanto “*fase anexa*”¹⁹ da Basílica Patriarcal, noção seminal para a posterior historiografia desta capela e da própria basílica. Adicionalmente – mas não menos importante –, neste trabalho Mandroux-França aborda a existência do *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte*, na altura em parte incerta. Denominado Álbum Weale²⁰ devido à primeira publicação de alguns dos seus desenhos, em 1843, pelo antiquário inglês John Weale, o importante volume – “*elemento fundamental para a compreensão das encomendas joaninas efetuadas no ambiente romano dos anos quarenta do Settecento*”²¹, segundo Teresa Leonor Vale – foi compilado em 1745 por Manuel Pereira de Sampaio, em resposta às acusações de má gestão dos dinheiros régios de que era alvo, demonstrando, assim, o que é que se estava a fazer em Roma e quanto é que estava a custar ao Rei. A importante compilação viria a ser localizada em 1995, por Peter Fuhring.

A Patriarcal, nos seus diversos aspetos artísticos, foi também alvo da atenção de autores como Margarida Calado, Teresa Leonor Vale, Sandra Costa Saldanha ou Nuno Saldanha, destacando-se, para a componente arquitetónica – que é aquela que mais nos ocupará neste trabalho – as investigações de António Filipe Pimentel. Paralelamente, a historiografia da Patriarcal tem beneficiado muito dos trabalhos dedicados à importante Capela de São João Batista, devido à intrínseca relação entre ambas as empresas. Concluindo-se o primeiro restauro integral da sua história em 2013 – após um ano e meio de trabalho, que envolveu uma equipa pluridisciplinar de especialistas italianos e portugueses –, a Capela de São João Batista foi posteriormente o ponto culminante de uma exposição que, em parceria, o Museu de São Roque e o Museu Nacional de Arte Antiga lhe dedicaram, intitulada, na linha do trabalho de Mandroux-França, “*A Encomenda Prodigiosa – Da Patriarcal à Capela Real de São João Batista*”. Se, em 1988, Maria João Madeira

¹⁶ Vd. MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *La Patriarcale du Roi Jean V du Portugal*.

¹⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 54-XI-38, 17

¹⁸ *Planta da primeira Igreja Patriarcal*. Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção de Iconografia. Cota: D. 13 R.

¹⁹ MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *op.cit.*, p. 37

²⁰ Publicado integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa – Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015

²¹ VALE, Teresa Leonor – *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina*, p. 230

Rodrigues – então conservadora do Museu de São Roque –, entendia a importante capela como *“peça isolada no contexto artístico português”*²², a investigação que se tem produzido em tempos mais recentes permitiu esclarecer que, de facto, este putativo isolamento é devido, antes de mais, à destruição generalizada dos investimentos joaninos na capital provocada por 1755, onde há que destacar, em primeiro lugar, a Basílica Patriarcal.

Com efeito, na monografia dedicada à Capela de São João Batista, coordenada por Teresa Leonor Vale e publicada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa já em 2015, concluía António Filipe Pimentel que *“a afirmação consensual de constituir a capela peça isolada no contexto artístico português, mais não é que fruto incontornável do manto espesso de sombra e de silêncios que, por longos anos, desceria sobre a empresa que ocupa o epicentro do sistema simbólico e ideológico da Monarquia de D. João V [...]: a Basílica Patriarcal”*²³. Ao longo do trabalho que agora apresentamos, pretendemos avançar com um singelo contributo para a remoção deste espesso manto de sombra, aprofundando as razões que subjazem às origens da Patriarcal, os empreendimentos artísticos que a antecederam e sucederam – posto que foi instalada num templo que já existia –, com as respetivas interrupções e continuidades, bem como os motivos por trás da importante remodelação na última década do reinado, e ainda os principais intervenientes e realizações ao longo da sua História.

²² RODRIGUES, Maria João Madeira – *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, p. 17

²³ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 15

1. Antecedentes: A Capela Real do Paço da Ribeira – O templo antes da Patriarcal

a. A Capela Real do Portugal Restaurado

O nascimento da Basílica Patriarcal – e, por maioria de razão, do Patriarcado de Lisboa – relaciona-se indelévelmente com as políticas de promoção da monarquia brigantina, designadamente com a dignificação da Capela Real de D. João V, enquanto estratégia de afirmação da sua própria Coroa. Este templo de origem seiscentista albergou a Patriarcal desde a sua criação, em 1716, até à sua destruição no sismo de 1755. Por este motivo, para a entender, importa perceber em primeiro lugar que edifício era esse onde foi instalada – e, sublinhe-se – para o qual foi pensada: a Capela Real do Paço da Ribeira.

A Capela Real, instalada no epicentro do poder político português – o Paço Real da Ribeira – fora alvo de várias importantes alterações desde o início do século XVI, quando o Rei D. Manuel fez trasladar a Corte do Castelo de S. Jorge para a beira-Tejo. Adjacente ao paço, do qual fazia parte integrante, a capela manuelina situava-se num local sabido graças à conhecida vista de Lisboa de Georg Braunio, publicada em 1598²⁴. Pese embora esta data de publicação, a panorâmica apresenta Lisboa numa época um pouco anterior, datada por Nuno Senos de entre 1555 e 1567²⁵, através de dados baseados em descrições de época. Note-se, por exemplo, que a imagem de Braunio ainda não mostra o torreão de Terzi, imponente elemento arquitetónico acrescentado ao Paço da Ribeira por vontade de Filipe II de Espanha, monarca falecido precisamente no mesmo ano em que se publicava aquela panorâmica.

Tanto por dever a sua edificação a D. Manuel (reinado em que a frota de Vasco da Gama chegou a Calecute), como por o seu serviço ser partilhado com a Casa da Índia²⁶, a Capela Real manuelina foi dedicada a São Tomé, o apóstolo que, depois do Pentecostes, se teria deslocado até à Índia para evangelizar. Esta invocação permaneceria até ao reinado de D. João V, quando foi alterada justamente em virtude da elevação do templo a Basílica Patriarcal.

A Capela Real manuelina manteve-se nesta localização até 1581, quando, por motivos que

²⁴ BRAUN, Georg; HOGENBERG, Frans – *Civitates Orbis Terrarum*. Vol V. 1598

²⁵ SENOS, Nuno – *O Paço da Ribeira 1501-1581*, p. 104

²⁶ *Idem*, pp. 159-162

essencialmente passam pela afirmação de uma nova dinastia e consequente conceção de um novo templo para a sua liturgia áulica, se erigiu outra²⁷. Quando foi construída, a capela filipina incluiu um pátio de acesso e, em 1610²⁸, pátio e capela foram renovados “*com grande magnificência*”²⁹ por iniciativa do Vice-Rei, o Marquês de Castelo Rodrigo. Mais tarde, em 1619, outro Vice-Rei, o Marquês de Alenquer, fê-la mudar outra vez de local, na expectativa da não-concretizada visita de Filipe IV de Espanha, tendo-a passado para o piso superior do palácio³⁰. Depois desta mudança, o pátio foi aumentado e ocupado por tendas com fins mercantis³¹, tendo ficado conhecido, por esse motivo, como o *pátio das tendas*. Mais tarde, com a nova capela da Restauração, este pátio voltou a comunicar com a mesma, por via de dois lances de escadas³², o que atualmente pode gerar alguma confusão, pois umas vezes a documentação refere-o como o pátio das tendas e outras como o pátio da capela.

Com efeito, quando o Duque de Bragança foi feito D. João IV, Rei de Portugal, e a sua Corte se instalou em Lisboa, impuseram-se de novo alterações a um Palácio Real que durante 60 anos não tivera rei. Entre estas alterações, e, mais uma vez, por razões que essencialmente passam pela afirmação de uma dinastia recentemente subida ao poder, foi mandado fazer – tudo indica que *ex novo* – um templo para celebração da sua liturgia régia³³. Graças ao agostinho descalço Fr. Agostinho de Santa Maria, autor do conhecido *Santuário Mariano*, sabemos que, depois da aclamação de D. João IV, se instalou temporariamente a Capela Real na sala dos tudescos do Paço da Ribeira, enquanto não se concluía a construção da nova³⁴. Pelo que se pode depreender deste relato, aparentemente o novo Rei fez questão de trasladar imediatamente a Capela Real, posto que nos é dito que, depois da sua aclamação, a fez instalar na sala dos tudescos durante as obras do novo templo. Quer isto dizer que não se preferiu pelo uso temporário da já existente capela filipina, enquanto se construía o novo templo do Portugal Restaurado. Este dado reveste-se de particular importância, pois a Basílica Patriarcal já foi colocada por alguns autores num templo que é “*ainda e fundamentalmente, e apesar de enriquecido no decurso dos reinados posteriores, o*

²⁷ CASTRO, João Baptista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p.167

²⁸ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 10. p. 114

²⁹ CASTRO, João Baptista de – *op.cit.* Tomo III. p. 175

³⁰ *Idem*, p. 175

³¹ LIMA, Luís Caetano de – *Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa*. Tomo 1. p. 359

³² *Planta da primeira Igreja Patriarcal*. Vd nota número 20.

³³ CASTRO, João Baptista de – *op.cit.* Tomo III. p. 175, nota de rodapé 2

³⁴ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário Mariano*. Tomo 1. pp. 296-297

*resultado das campanhas realizadas em 1619*³⁵, enquanto outros sinalizaram, complementarmente, as quase inexistentes fontes sobre obras no Paço da Ribeira (e na sua capela) entre este ano e o início do século XVIII³⁶. A obra de Fr. Agostinho permite-nos, pois, situar com mais exatidão a sua construção no tempo e, desta maneira, compreender melhor as opções tomadas ao nível da estrutura que foi erguida.

A igreja edificada, como revelam as plantas da Biblioteca da Ajuda e da Biblioteca Nacional, preservando um pouco do que terá sido a Patriarcal, era um templo de três naves com várias capelas laterais e, como era habitual nas capelas palatinas, desprovido de acesso axial conectando com a rua. Esta zona conduzia, ao invés, ao interior do palácio. A Capela Real, como capela palatina que era, tinha, pois, uma estruturação comum a outras capelas palatinas ainda hoje existentes, que essencialmente passa pela adstrição da entrada axial à sua função de – como é de esperar – entrada principal. Ou seja, não liga com a rua, mas sim com o interior do palácio, que constitui o local por onde acedem os mais importantes frequentadores do templo, *i.e.* a Família Real. Tal estruturação pode ser vista noutras capelas palatinas ainda hoje existentes, designadamente em Salvaterra de Magos ou São Miguel de Coimbra, ambas com um acesso axial que conectava diretamente com o respetivo palácio real. Trata-se, também, de uma estruturação muito frequente nas casas religiosas femininas, nas quais, por motivos que se prendem com a circulação das religiosas no espaço, o acesso axial dá passagem habitualmente para o interior do convento, ao passo que o acesso que liga à rua é feito por uma porta lateral. Tal como se verificava na Capela Real do Paço da Ribeira, as capelas de Salvaterra e Coimbra estavam também providas de uma tribuna de onde a Família Real assistia à missa, que, infelizmente, no caso de Salvaterra de Magos, foi removida no século XX no decurso de umas lamentáveis obras.

Do período do Portugal Restaurado – quando, já o vimos, esta capela foi edificada – chegou-nos felizmente um seu alçado, guardado na Biblioteca da Ajuda e feito por João Nunes Tinoco em 1649 [Fig. 1, pág. 135]³⁷. Apresenta a seguinte inscrição: *“Perfil de hum dos lados da Igreja E Capella Real de Sua Magestade a qual se ordena guarnecer de veludo preto e tellas amarelas com seus painéis e emblemas e mais ornato como neste perfil se mostra. Lixboa Anno*

³⁵ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, pp. 36-37

³⁶ MARTINHO, Bruno A. – *O Paço da Ribeira nas vésperas do terramoto*, p. 26

³⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 51-IX-3. *Vd.* anexo pág. 135

1649. *Joaõ Nunes Tinoco*”. A julgar lugar pelo tipo de ornato usado – veludo preto decorado com caveiras (ou seja, motivos fúnebres) – é perfeitamente plausível que este programa ornamental efémero tenha sido pensado aquando do falecimento de D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV, morto precisamente em 1649, no cativeiro em Milão, depois de encarcerado do início da Restauração.

Nesta época, a Capela Real do Paço da Ribeira era um templo de três naves, com a nave central estruturada em quatro arcos, mas, ao contrário da configuração que tomará com modificações posteriores, um deles era cego, pois era onde se situava o altar-mor. Os restantes três eram, por isso, vãos abertos, e o arco no meio destes três ficava fronteiro a uma porta. Do lado oposto ao da capela-mor ficavam o coro dos músicos, a tribuna do Rei e a tribuna das damas. O facto de este alçado mostrar tanto as tribunas como o local da capela-mor, permite-nos perceber que apresenta a capela de uma ponta à outra e aferir, através da respetiva comparação com as já referidas plantas, que a Capela Real foi sobejamente aumentada ao longo dos reinados seguintes. Em particular, como veremos, no de D. João V, aumento este que mereceu extensos registos dos memorialistas da época. Com efeito, a capela no período de D. João V tinha aproximadamente o dobro do comprimento da do tempo de D. João IV, seu avô. Quando morreu, em 1656, as obras estariam certamente em andamento, uma vez que em testamento deixou ordens para que fosse acabada³⁸, pelo que é de se assumir que os trabalhos se prologaram pelo reinado de D. Afonso VI adentro. Já D. Pedro II, pai de D. João V, também interveio no templo, como aliás seria expectável. Em 1682³⁹ mandou fazer a fábrica do tesouro da Capela Real – *i.e.* as dependências para armazenamento e segurança das alaias litúrgicas –, situada na zona da Calcetaria⁴⁰, tendo edificado também o coro lateral⁴¹, onde se celebravam as horas canónicas menores. Seria, contudo, necessário esperar pelo início do reinado de D. João V para a Capela Real da Restauração receber a sua primeira intervenção de profundidade.

³⁸ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 4. p. 206

³⁹ *Idem*, p. 115

⁴⁰ CASTRO, João Batista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 181

⁴¹ Barbosa Machado escreve, sobre a celebração das horas canónicas na Patriarcal, que “*no mais tempo do anno celebraõ os Officios divinos em outro lugar, que no precioso do ornato, e magnificencia da obra, conserva, e illustra a memoria do Serenissimo Rey D. Pedro seu Augusto fundador*”. MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucaristia*, p. 146

b. A Capela Real nos primeiros anos do reinado de D. João V

Durante os cerca de 43 anos do longo reinado de D. João V, foram vários os empreendimentos artísticos que, enquanto corriam os anos, foram chamando a si a atenção do monarca. Em 1711, há cerca de apenas 3 anos no governo, o jovem Rei fundou – em conjunto com os terceiros franciscanos – a Igreja do Menino Deus, e em 1717 iniciaram-se as obras daquela que é, indubitavelmente, a principal realização da arquitetura barroca portuguesa – o Real Edifício de Mafra – cujas dimensões impuseram a canalização de vastos recursos a seu favor ao longo dos tempos seguintes. Já na década de 1740, fizeram-se a Capela de São João Batista da Igreja de São Roque, o Convento das Necessidades e o Santuário do Senhor da Pedra de Óbidos, entre outras obras que poderíamos aqui incluir, promovidas no decurso do reinado. Porém, aquela que desde mais cedo (e durante mais tempo) concentrou a atenção de D. João V foi a Capela Real, templo do edifício que constituía o epicentro do poder político português, palco principal da liturgia áulica, e lugar por excelência da celebração da origem divina do poder político absoluto do monarca. Conforme sintetizou Diogo Ramada Curto, *“a Capela Real surge como local privilegiado simultaneamente do culto divino e do culto do monarca”*⁴².

Quando D. João V subiu ao trono, a intenção de elevar a dignidade da Capela Real e intervir no seu edificado foi das primeiras a serem manifestadas pelo jovem Rei. Está registada logo a 15 de fevereiro de 1707, nem dois meses volvidos depois da coroação: *“Determinou ElRey fazer Seê a sua Capella Real, e tem Recorrido ao Papa, e de caminho vai fazendo nella muitas obras como noua cappella mor, e mil mudanças mais”*⁴³. A expressão usada por José Soares da Silva, autor desta memória – *“mil mudanças mais”* – deixa antever a extensão das alterações que D. João V faria aplicar à futura Patriarcal e que, pouco depois, os memorialistas coevos da criação da Colegiada de São Tomé deixarão perceber com melhor precisão. Entre estas *“mil mudanças”*, o destaque que o memorialista dá à renovação da capela-mor – que passou então a estar dotada de muito maiores dimensões, atingindo um comprimento na prática igual ao do corpo da igreja, como veremos dentro de momentos – relaciona-se indelévelmente com a primeira parte da frase, *i.e.* com a determinação régia de elevar a dignidade da sua Capela Real. Todavia, não se pode ver aqui, desde

⁴² RAMADA CURTO, Diogo – *A Capela Real: um espaço de conflitos (séculos XVI a XVIII)*, pp. 143-144

⁴³ SILVA, José Soares da – *Gazeta composta em forma de Carta, com algu[m]as noticias desde o anno de 1701 ate o de 1703*. BNB – Coleção de Microfilmes – Cota: F. R. 792, p. 62. Vd. também PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 33

logo, uma intenção por parte do Rei em elevar a sua Capela Real à dignidade episcopal ou patriarcal (intenção esta que, por outro lado, também não se pode excluir), ainda que seja tentador fazê-lo. Note-se que, exatamente o mesmo autor, diz pouco tempo depois que a 31 de outubro de 1708, aquando dos festejos da chegada da Rainha D. Mariana de Áustria, para se casar com D. João V, “*Todo o Paço se paramentou de nouo, de brocados, e telas preciozissimas, e assim mesmo a capella Real, hoje noua See, com Deão, e cabido e todas suas pertenças*”⁴⁴. Esta memória reporta-se a uma altura em que, como é sabido, a Capela Real ainda nem sequer tinha sido elevada a colegiada, algo que só vem a acontecer em fevereiro de 1710. Aparentemente, segundo Soares da Silva, apesar de a Capela Real não ter ainda título de colegiada ou de patriarcal, já teria algo inerente a uma igreja com estes títulos – um cabido – cuja existência é aludida pelo memorialista antes da elevação a colegiada. Mas é, porém, da existência de um cabido que se deve a anormal necessidade de uma capela-mor com um comprimento equivalente ao do corpo da igreja, precisamente para que fosse espaçosa o suficiente para albergar o cadeiral dos respetivos cónegos.

Com efeito, uma igreja com cabido e/ou dignidade catedralícia teria, como é natural, necessidades distintas e de maior complexidade litúrgica do que a antiga Capela Real do Portugal Restaurado. Neste caso particular, de uma capela-mor de muito maiores dimensões, de modo a albergar a mais numerosa cúria que lhe passaria a estar afeta. Isto explica a necessidade de dotar a Capela Real de uma capela-mor com um comprimento praticamente equivalente ao do corpo da igreja, característica que as plantas *circa* 1755 comprovam, e que o templo passou a ter logo a partir do início do reinado. Francisco Xavier da Sylva, autor do *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, redigido aquando da morte do monarca em 1750, diz-nos – entre outras informações de relevo – que o Rei fez aumentar o tamanho da capela-mor da capela palatina do Paço da Ribeira⁴⁵. As importantes plantas publicadas por Mandroux-França⁴⁶, que apresentam o estado da Patriarcal nas vésperas do sismo que a destruiu, mostram que a igreja dispunha, de facto, de uma capela-mor cujo comprimento equivalia ao comprimento do seu corpo. Esta referência é-nos dada, também, por

⁴⁴ SILVA, José Soares da – *Gazeta em forma de carta*. Tomo I – Anos de 1701-1716. Lisboa, Biblioteca Nacional: 1933, p. 176

⁴⁵ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*. p.96

⁴⁶ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b; e *Planta da primeira Igreja Patriarcal*. Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção de Iconografia. Cota: D. 13 R. Vd. anexo iconográfico, figs. 20 a 22, págs.152 a 154.

Inácio Barbosa Machado na sua *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucaristia*⁴⁷ – descrição de 1719 que abordaremos em maior detalhe mais à frente –, o que comprova que, neste ano, a capela-mor já tinha aquelas dimensões.

Resumindo, sabendo-se que o comprimento da capela-mor equivalia ao do corpo aquando do sismo (graças às plantas), que foi D. João V que a fez aumentar (graças ao *Elogio* de 1750), que em 1719 já tinha estas dimensões (através da *Historia Critico-chronologica...*), e que em 1707 se estava a fazer uma nova capela-mor, pode-se aferir, com segurança, que foi logo no início do reinado que se promoveram as obras de ampliação da mesma, muito provavelmente pelas razões anteriormente referidas. As intervenções construtivas na cabeceira da Capela Real, pela altura do início do reinado, já foram, aliás, sinalizadas por outros autores, em particular por António Filipe Pimentel⁴⁸. Por esta altura, os investimentos arquitetónicos não se cingiram ao templo, tendo abrangido também o palácio. Para evitar o incómodo das obras na Ribeira, até julho de 1708 D. João V ficou alojado no Paço de Sintra⁴⁹.

A obra de 1707 incluiu, ainda, a construção da Capela do Santíssimo Sacramento⁵⁰, referida por Francisco Xavier da Sylva como tendo sido edificada por vontade do Rei⁵¹, pelo que se pode assumir que certamente se estendeu ao longo dos anos seguintes, como resultado do igualmente documentado⁵² prolongamento das naves laterais. Note-se, porém, que quando foi edificada, a Capela do Santíssimo Sacramento não tinha as dimensões reveladas pela planta da Biblioteca da Ajuda, pois foi ampliada durante as obras da década de 1740, conforme foi aferido por António Filipe Pimentel⁵³; obras estas que aprofundaremos na devida altura. Com efeito, a documentação

⁴⁷ A sua descrição diz o seguinte: “Remata, ou finaliza esta grande nave, ou principal Corpo da Igreja, com hum magestoso arco todo cuberto de ouro o qual serve de entrada para a Capella mor, cujo vão, e comprimento he na grandeza igual ao corpo do mesmo Templo”. MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucaristia*, p. 146

⁴⁸ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, pp. 41-42

⁴⁹ SILVA, José Soares da – *Gazeta em forma de carta*. Tomo I – Anos de 1701-1716. Lisboa, Biblioteca Nacional: 1933, p. 157

⁵⁰ MARTINHO, Bruno A. – *O Paço da Ribeira nas vésperas do terramoto*, p. 35

⁵¹ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V.* p.96

⁵² MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*, pp. 144-145

⁵³ PIMENTEL, António Filipe – *O Álbum Weale e a encomenda artística de D. João V.* p.30

pouco posterior solidifica a datação da construção da capela, pois sabemos que o monarca instituiu, em 1709, uma irmandade consagrada ao Santíssimo Sacramento⁵⁴ (o que permite pensar que por esta altura as obras já estaria bastante avançadas, pois a existência de uma irmandade é sintoma da celebração de culto), a mesma que a 27 de março do ano seguinte recebeu uma doação de 20 arrobas de cera, até então pertencente à homóloga irmandade da vizinha igreja de São Julião⁵⁵. Esta capela é referida em 1712, na *Corografia Portuguesa*⁵⁶ que o Padre António Carvalho da Costa neste ano publicou, o que leva a crer que então já estaria concluída. Quer isto dizer que a Capela Real – semelhantemente a muitas outras igrejas tardo-quincentistas ou seiscentistas – não tinha, até D. João V, Capela do Santíssimo Sacramento propriamente dita. O Santíssimo guardava-se num sacrário, colocado na capela-mor, e nas devidas ocasiões de contemplação expunha-se num trono igualmente situado na capela-mor.

Exatamente neste ano de 1707 está documentado o envolvimento João Frederico Ludovice na Capela Real⁵⁷, arquiteto que acompanharia as respetivas obras praticamente até à morte, ocorrida no ainda longínquo ano de 1752, sendo, por isso, provável a sua colaboração na obra da capela-mor e da Capela do Santíssimo. Foi uma obra de extensões significativas, escrevendo Inácio Barbosa Machado, poucos anos depois, que D. João V “*lhe acrescentou quasi meya Igreja na grandeza, com que rompendo, e demolindo muitos edificios, lhe adiantou as naves, e fez a Capella mór*”⁵⁸. Promovida logo a partir do início do reinado, a obra acrescentou, estruturalmente, tudo o que se pode ver na planta da Biblioteca da Ajuda⁵⁹, desde a zona assinalada pelo número 50 (que marca os degraus de entrada na capela-mor) até ao altar-mor, o que coincide com o alçado da Capela Real traçado por João Nunes Tinoco, que mostrava o altar-mor precisamente neste local. Vejam-se, neste aspeto, as reconstituições conjecturais que apresentamos em anexo [Figs. 4 e 5 pág. 138]. Barbosa Machado não foi o único a dar conta da ampliação das naves, estando documentada também em 1712⁶⁰. Não havia mais lado nenhum para onde se pudessem prolongar

⁵⁴ MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. pp. 147-148. PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo de; *Lisboa em 1758 – Memórias paroquiais de Lisboa*. p.213

⁵⁵ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 fól. 2

⁵⁶ COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa e Descripçam Topografia do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3. p. 662

⁵⁷ PEREIRA, José Fernandes – *O barroco do século XVIII*, p. 53; e MARTINHO, Bruno A. – *O Paço da Ribeira nas vésperas do terramoto*, p. 30

⁵⁸ MACHADO, Inácio Barbosa – *op.cit.*, pp. 144-145

⁵⁹ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b

⁶⁰ CASTRO, Mons. José de – *Portugal em Roma*. Vol. I. Lisboa: União Gráfica, 1938, p. 122. Cit. por PIMENTEL, António

as naves senão para a cabeceira. Aos pés da igreja ficava o Paço Real e os acessos que o conectavam à sua Capela Real, e ampliar lateralmente as naves seria impossível, porque o lado da Epístola confinava com estruturas da capela e do Paço, e porque se comprometeria toda a integridade da estrutura do teto (que sabemos, também por Barbosa Machado, ainda preservar pintura do século XVII em 1719). Por isso, esta ampliação terá tido, como resultado, a abertura de duas capelas ladeando a capela-mor, a já referida Capela do Santíssimo, e, do lado oposto, a Capela da Sagrada Família – ou pelo menos assim aparece documentada alguns anos mais tarde, num cerimonial de finais da década de 1730⁶¹ e na planta da Biblioteca da Ajuda⁶².

A Capela da Sagrada Família constituía uma muito provável alusão iconológica à sacralidade da própria Família Real. Tinha, por cima, uma imponente torre sineira, construída também por vontade de D. João V antes de 1712 – pois é a *Corografia Portuguesa* quem no-lo diz⁶³ – muito provavelmente no âmbito desta importante campanha de trabalhos na cabeceira. A vista do Paço da Ribeira publicada em 1707, por Juan Alvarez Colmenar, nas suas “*Les delices de l’Espagne et du Portugal*”⁶⁴, mostra claramente uma única torre, situada sensivelmente ao centro do complexo e separada da Capela Real⁶⁵. As duas torres seriam depois intervencionadas, ficando a mais antiga conhecida como a *torre de Canevari*, devido à obra que o importante arquiteto italiano lá fizera entre finais da década de 1720 e inícios da de 1730.

No seu livro, Colmenar, parco na descrição, escreve apenas que “*La Chapelle du Roi est à l’un des côtez, richement embellie, & toute brillante d’or & d’azur*”⁶⁶. Poder-se-iam levantar algumas dúvidas, ao nível da interpretação textual, sobre o que é que o autor queria dizer com “*brilhante de ouro e azul*”, mas, felizmente, Colmenar usa uma expressão muito semelhante para descrever algo que ainda existe e é sobejamente conhecido: a sacristia da Igreja de São Roque. Sobre a casa-mãe dos Jesuítas, o autor diz que “*voit la vie de S. Ignace Loyola leur Fondateur représentée dans de grands tableaux. La voûte de la Sacristie est toute brillante d’azur & de dorure,*

Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 35

⁶¹ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal, escritas, ou compostas pelo Beneficiado António Figueira, mestre de Ceremónias da mesma S. Igreja, transladadas pelo Beneficiado António Rodrigues Lages.*

⁶² Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b

⁶³ COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa eDescripçam Topografia do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3. p. 662

⁶⁴ COLMENAR, Juan Alvarez – *Les delices de l’Espagne et du Portugal*. Tomo 4. p. 750

⁶⁵ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 10. p. 120

⁶⁶ COLMENAR, Juan Alvarez – *op.cit.* Tomo 4. pp. 752-753

& embellie de fort bonnes peintures”⁶⁷. Esta indicação permite-nos esclarecer que aquilo que o autor descreve como “ouro e azul”, é o que atualmente se denomina habitualmente como pintura de grutescos, muito frequente no século XVII e existente ainda hoje no teto da sacristia jesuíta – e como, aliás, sabemos ter existido também nos tetos da Capela Real, graças à já referida *Historia Critico-chronologica* (...), de Inácio Barbosa Machado⁶⁸.

Colmenar continua a sua descrição do Paço da Ribeira dizendo que “*Entrant dans le Palais, on trouve une cour quarrée, environée de portiques, où divers marchands étalent des ouvrages rares & précieux, qu’on aporte des Indes ou d’autres payes étrangers*”⁶⁹. Refere-se, certamente, a um espaço cuja existência já sinalizámos e que – como veremos ao longo do presente trabalho – é abundantemente referido na documentação até ao sismo de 1755, conhecido como o *pátio das tendas*. Este pátio comunicava tanto com o interior do Palácio como com o interior da futura Patriarcal, e daí a razão por que – com dissemos – é umas vezes referido como o pátio da capela e outras como o pátio das tendas. A título de exemplo, em 1711, D. João V deu autorização para que todos os capelães-mores pudessem entrar no pátio da capela com as suas carruagens e famílias, todas as vezes que se deslocassem ao paço⁷⁰. Quer isto dizer que este espaço – agora denominado pátio da capela – não era um pátio interior (tinha acesso de coche), conectava com a capela (era o *pátio da capela*) e não era o futuro *Largo da Patriarcal*, pois esse ainda nem estava monumentalizado, nem a igreja tinha, nesta altura, ligação a essa zona. Era, portanto, o também chamado *pátio das tendas*.

Ainda sobre Colmenar, vale a pena acrescentar que o mesmo autor virá mais tarde a servir-se deste seu trabalho, quase *ipsis verbis*, para uma outra obra intitulada *Annales d’Espagne et de Portugal*. Por este motivo, e apesar de publicada em 1741, as descrições nela contidas reportam a uma época bem anterior, designadamente ao período em que compôs *Les delices de l’Espagne et du Portugal* – isto é, *circa* 1707 – tendo, basicamente, decalcado num texto excertos do outro⁷¹.

⁶⁷ COLMENAR, Juan Alvarez – *Les delices de l’Espagne et du Portugal*. Tomo 4. p. 761

⁶⁸ Barbosa Machado diz que: “os tectos não são totalmente convexos, mas estão apainellados, com moldurões pintados do mais agradável grutesco”. Vd. MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Santissimo de Christo*, p. 147

⁶⁹ COLMENAR, Juan Alvarez – *op. cit.* Tomo 4. p. 753

⁷⁰ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 68

⁷¹ COLMENAR, Juan Alvarez – *Annales d’Espagne et de Portugal*. Tomo 3, publicada em 1741. A título de exemplo, sublinhem-se os seguintes excertos, claramente decalcados de “*Les delices de l’Espagne et du Portugal*”, grande parte deles já citados na presente dissertação: “*La Chapelle du Roi est à l’un des côtés, richement embellie, & toute brillante d’or & d’azul*” (p. 266); “*Entrant dans le Palais, on trouve une cour quarrée, environée de portiques, ou*

Constata-se, assim, que ao nível dos investimentos artísticos, foi – antes do Menino Deus ou de Mafra – na Capela Real que D. João V concentrou primeiro a sua atenção, levando a cabo uma importantíssima campanha de promoção que culminaria na instituição do Patriarcado de Lisboa; e continuaria bastante depois dela. Claro está que a dignificação estatutária e eclesiástica da Capela Real andou a par e passo com a condução de intervenções construtivas e decorativas na mesma. Neste âmbito, em resultado do pedido de D. João V ao Papa Clemente XI, a régia capela foi feita paróquia da Família Real, bem como dos oficiais e criadagem da Casa Real, e religiosos da mesma capela, por Breve de 24 de agosto de 1709. Até então, a paróquia da Casa Real era a Igreja de São Julião⁷², situada muito perto dali, perto do atual cruzamento entre a Rua Augusta e a Rua da Conceição⁷³. Pouco depois, o mesmo pontífice fê-la colegiada, através da Bula *Apostolatus ministerio*, de 21 de fevereiro de 1710⁷⁴, obtida por via do próprio capelão-mor do Rei, Nuno da Cunha Ataíde. Mesmo antes da constituição da paróquia, já D. João V tinha começado a assegurar o condigno financiamento da Capela Real, mediante a doação de um conto e seiscentos mil reis ao ano⁷⁵, mas a bula da criação da colegiada permitiu, adicionalmente, que se lhe anexassem os proveitos das igrejas de Santa Maria e São Salvador de Odemira, destinados à sua ornamentação e fábrica⁷⁶. Os cónegos da Colegiada de São Tomé foram selecionados por entre os filhos segundos das mais nobres casas de Portugal, segundo informa Lázaro Leitão⁷⁷. O aumento de rendas e privilégios incluiu permissão para que fizessem uso de capas magnas, autorizada, também, pela

divers marchands étalent des Ouvrages rares & précieux, qu'on apporte des Indes ou d'autres Païs étrangers" (p. 266); *"On y voit la vie de St. Ignace Loyola leur Fondateur, représentée dans de grands tableaux. La voûte de la Sacristie est toute brillante d'azur & de dorure, & embellie de fort bonnes peintures. Le Couvent des Religieux de St. François est un grand bâtiment, dans lequel vivent plus de deux cens cinquante hommest: leur Eglise est grande, la voûte & les piliers, qui la soutiennent, sont tout azurés & dorés en feuillages"* (p. 269-270). Achámos por bem incluir a referência a São Francisco da Cidade, onde o autor refere novamente motivos azulados e dourados com folhagens, remetendo muito provavelmente, mais uma vez, para a arte dos grutescos. Conclua-se, por isso, que apesar de esta obra ter sido publicada em 1741, não se reporta à Capela Real como seria por volta deste ano, mas sim numa altura mais recuada, em que ainda nem sequer era Patriarcal. Vale a pena notar que em nenhum lado do seu texto Colmenar refere a existência de um Patriarca, informação que por certo conviria não omitir propositadamente.

⁷² LIMA, Luís Caetano de – *Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa*. Tomo 1. p. 359

⁷³ *Planta de Lisboa: arruinada pelo terremoto de 1755 e com o novo plano de reconstrução dos architectos Eugenio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel*.

⁷⁴ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*. p. 76

⁷⁵ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 3

⁷⁶ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc. 48 Vd anexo pág. 164

⁷⁷ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755*, fól. 1f

bula de criação da colegiada⁷⁸.

Graças à já mencionada *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica do famoso Reyno de Portugal*, publicada pelo Padre António Carvalho da Costa em 1712, temos uma pequena ideia do que seria a Capela Real por esta altura. Sob uma breve rubrica, intitulada “*Da insigne Collegiada de S. Thomè, que he Capella Real*”, o autor informa-nos que “*A Magestosa, & Real Capella, he hum famoso Templo de tres naves, com duas portas, que sahem para hum grande pateo de figura prolongada, que adornaõ 52 janellas de grades. Tem, àlem da Capella môr, da parte do Euangelho cinco Altares, com o da Capella do Santissimo Sacramento, & da banda da Epistola tres, com hũa sumptuosa Sacristia, adornada de bons payneis de excellentes pinturas, com ricos ornamentos, & muytas peças de ouro, & prata para o serviço da Igreja. Tem duas torres, hũa do relógio com seu mostrador, & outra dos sinos que mandou fazer o senhor Rey D. João V*”⁷⁹. A estruturação geral da igreja manter-se-á com o surgimento do Patriarcado, designadamente a sua divisão em 3 naves. Todavia, há outros pontos que merecem ser sinalizados, não só porque serão modificados nas subsequentes campanhas joaninas, mas, sobretudo, porque nos permitem ter uma ideia mais concreta do que seria o templo no início do século XVIII.

Entre estes, avulta o número assimétrico de capelas, explicável pela estruturação da igreja de acordo com os habituais moldes das capelas palatinas, isto é, com a entrada axial ligada diretamente ao interior do Paço. Nas igrejas das casas religiosas femininas – onde este tipo de planimetria também é frequente, como tivemos ocasião de acentuar – é comum que o número de capelas laterais também seja assimétrico, pois numa das paredes laterais tem que se vagar espaço para a porta de acesso ao exterior, como era provável verificar-se na Capela Real. Ora, o Pe. António Carvalho da Costa diz-nos que a capela tinha duas portas, que saíam para um grande pátio (o *pátio das tendas*), e cinco altares do lado do Evangelho (contando com a Capela do Santíssimo Sacramento), mais três do lado da Epístola. O lado com o menor número de capelas era o mesmo onde ficavam as duas referidas entradas, que conectavam com o pátio, acessos estes que ainda se podem ver explanados na planta da Biblioteca da Ajuda. A Capela Real – como é aliás muito comum nas plantas das igrejas com esta configuração – tinha acessos por um único dos lados, que neste caso conectariam com o pátio das tendas, abundantemente mencionado na documentação

⁷⁸ *Sobre o estado da Real Capella desde o anno de 1709 até 1739, e sobre outras cousas notáveis*, fól. 91f

⁷⁹ COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3, p. 662

da época como zona de acesso ao Palácio Real. Poucos anos volvidos, como veremos, seria construído um novo e magnífico portal do lado oposto da igreja, o lado da Epístola, ligando à zona que então ficou conhecida como o Largo da Patriarcal.

O Pe. António Carvalho da Costa indica-nos, ainda, que a Capela Real estava provida de várias relíquias, incluindo o corpo de São Victor Mártir, uma cabeça de uma das Onze Mil Virgens e um Santo Lenho “que està dentro de hũa grande Cruz de ouro, (que consta de muytos diamantes, esmeraldas, rubins, & perolas, & he das melhores que ha na Europa) àlem de outras muytas da Casa de Bragança, que se haõ de pôr em hum grande Santuario, que Sua Magestade com outras mais obras intenta fazer”⁸⁰. Ignora-se, porém, se é o santuário referido na planta da Biblioteca da Ajuda, situado perto da Capela da Sagrada Família, pois em 1744 fez-se outro, não se sabendo se no mesmo local do santuário aludido pelo Pe. Carvalho da Costa ou noutro. A sua descrição seria mais tarde recuperada por um autor anónimo, que nos deixou uma compilação de vários manuscritos com informação de índole religiosa, guardada na Biblioteca Nacional sob o nome *Catálogos e outros documentos referentes a assuntos eclesiásticos*⁸¹. À primeira vista, este documento apresenta-se como um relato tentador que permitiria aferir alguns aspetos da configuração do interior da Capela Real após a respetiva elevação a Patriarcal, já que o autor a refere explicitamente. Todavia, além de se perceber com clareza que foi sem dúvida beber à *Corografia Portuguesa*, construindo daí um texto que é basicamente uma “colagem” de frases tiradas da mesma e outras informações, valerá a pena chamar à atenção, também, para o facto de na página seguinte – escrita, sublinhe-se, exatamente com a mesma caligrafia e no mesmo tipo de papel – constar um lista de capelães-mores que vai até D. Francisco de Saldanha, 3º Patriarca de Lisboa, cujo mandato decorre entre 1759 e 1776. Isto permite determinar a época em que aquelas informações foram escritas e compreender que, de facto, o seu autor as escreveu no terceiro quartel do século XVIII, socorrendo-se de material do início do mesmo século, numa altura em que a basílica que nos encontramos a estudar já nem sequer existia. Em resumo, apesar de aquela descrição noticiar explicitamente a existência da Patriarcal do Paço, quase de certeza que as características físicas do templo nela descritas são relativas a um período anterior à sua instituição e copiadas da *Corografia Portuguesa*, publicada em 1712.

⁸⁰ COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa eDescripçam Topografia do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3, p. 663

⁸¹ *Catálogos e outros documentos referentes a assuntos eclesiásticos*. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: MSS. 177, n. 1. Vd. anexo pág. 166.

No ano em que a *Corografia* era dada à estampa, decorriam obras de fundo na Capela Real, que incluíram o prolongamento das naves e a reformulação do coro⁸², usado para a celebração das horas canónicas e situado no interior da capela-mor. Poucos anos depois, Barbosa Machado reportaria que a capela-mor “*Juntamente tem Coro, donde nas festividades mais solemnes da Igreja cantão innumeraveis Ministros as Horas mayores, e as Missas da Terça; porque no mais tempo do anno celebraõ os Officios divinos em outro lugar*”⁸³. Este outro lugar era uma longa capela situada perpendicularmente à cabeceira da igreja, em ligação direta com a Capela da Sagrada Família, situada, esta, paralelamente à capela-mor, do lado da Epístola⁸⁴. Prática muito comum essencialmente no seio do clero regular, a celebração das horas canónicas – ou ofício divino – fazia-se na Capela Real desde os tempos do Rei D. Dinis⁸⁵, quando a capela se situava na alcáçova do Castelo de São Jorge, em Lisboa. Em Portugal, particularmente a partir do século XVI, o mais frequente era que a liturgia das horas se celebrasse no coro-alto, tradicionalmente integrado na estrutura da fachada principal do templo e sobre a principal porta de acesso, como ainda hoje se pode observar em numerosos mosteiros e conventos abertos aos visitantes. No caso da Capela Real, tal disposição seria impossível, pois, como vimos anteriormente no alçado feito por João Nunes Tinoco, esta zona era ocupada pela tribuna do rei e pela tribuna das damas.

Foi em 1712, também, que D. João V ordenou que a Colegiada de São Tomé se regesse pelos estatutos da Sé de Lisboa, organizada em 24 cónegos e 12 beneficiados. Por razões de vária ordem – que desenvolveremos mais à frente – este sistema de funcionamento manteve-se até bem depois da criação do Patriarcado, só sendo alterado em 1739⁸⁶. Como veremos, a alteração do modo de como a Cúria se organizava foi um momento absolutamente chave na história da Patriarcal, sendo – como procuraremos argumentar – a mais direta causa das importantes obras da década de 1740, que culminariam na *grande* Patriarcal Joanina e na ressagração em 1746.

Entre as já citadas fontes iconográficas com que felizmente podemos contar, inclui-se ainda uma estampa, do período de D. João V, que mostra como seria o interior da Capela Real. Trata-se

⁸² CASTRO, Mons. José de – *Portugal em Roma*. Vol. I. Lisboa: União Gráfica, 1938, p. 122. Cit. por PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 35

⁸³ MACHADO, Inácio Barbosa – *História Crítico-chronologica da Instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. p. 146

⁸⁴ *Planta da primeira Igreja Patriarcal*.

⁸⁵ SANTA MARIA, Padre Francisco de – *Anno histórico, diário portuguez*. Tomo 1, pp. 69-70

⁸⁶ *Memória sobre o parecer enviado pela Colegiada da Capela Real e Basílica Patriarcal, ao Cardeal Patriarca, relativo ao serviço religioso quer na capela Real quer na Basílica Patriarcal, principalmente a forma de residência, tunária e quotidiana, dos eclesásticos a elas pertencentes*. Fól. 82f e 82v

de uma gravura do batismo do primeiro filho-varão do Rei, o Príncipe do Brasil D. Pedro [Fig. 3, pág. 137], nascido a 19 de outubro de 1712, dia de São Pedro de Alcântara, de quem tomou o nome⁸⁷. É possível aferir que a imagem em causa mostra, efetivamente, o interior da Capela Real, através de vários elementos. Em primeiro lugar, a cena representada apresenta o batismo do filho do Rei, celebração que, porém, não decorre num batistério propriamente dito, pois nesta altura a capela ainda não o teria. Como se pode observar através das plantas, quando a Capela Real foi construída não se reservou espaço na sua planimetria para um batistério, pois não era igreja catedral, paroquial ou matriz, ainda que se saiba que celebrava batismos, pois o próprio D. João V fora batizado no seu interior⁸⁸. Note-se que, na década de 1740, quando se encomendou o importante batistério de Vanvitelli, este foi “encaixado” à entrada do templo, do lado do Evangelho, o mesmo lado da Capela do Santíssimo Sacramento, posição muito frequente arquitetura eclesial. Por sua vez, substituiu um batistério anterior, fixo e delimitado por um gradeamento de ferro⁸⁹, cuja realização fora exigida pela elevação do templo a paroquial, ainda que, aparentemente, aquando do batismo do príncipe herdeiro este ainda não existisse. Interessantemente, e representativo desta questão, a Patriarcal reconstruída depois de 1755 na Cotovia (mais tarde Jardim do Príncipe Real) – cuja configuração conhecemos através da uma planta⁹⁰ – tinha já na sua planimetria um espaço para batistério propriamente dito, também do lado do Evangelho.

Nesta gravura, em plano de fundo e em lugar de destaque, vê-se um elemento que, por si só, permite algum nível de distinção entre esta igreja e maioria das demais: a tribuna régia, que estabelecia passagem direta com o interior do palácio e era usada para que a Família Real assistisse à missa, a exemplo de outras capelas palatinas onde tal elemento também existe ou existiu. Esta tribuna envolve a entrada axial central e, ao lado, vê-se outra porta de acesso (ambas constituindo duas das três entradas axiais que sabemos terem existido), de onde, por sua vez, se vê um rio. O lado Sul da Capela Real dava para o Tejo. O batismo decorre no lado do Evangelho (lado onde comumente são edificados os batistérios) e é inexistente ainda a majestosa entrada lateral que, pouco depois, aqui seria aberta, conectando com o futuro Largo da Patriarcal, pois em

⁸⁷ Recueil. Collection Michel Hennin. *Estampes relatives à l'Histoire de France*. Tome 84, image 7438

⁸⁸ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 5. p. 284

⁸⁹ Biblioteca da Ajuda – Ms 49-VIII-27, fols. 125 a 127. Vd anexo pág. 185.

⁹⁰ LUDOVICE, João Pedro – *Planta da segunda Igreja Patriarcal / delineada por João Pedro Ludovice, e executada por Capitão Eugénio dos Santos*.

1712 ainda não tinha sido construída. No mesmo lado vê-se, ainda, uma das várias capelas laterais que sabemos que existiram no interior do templo, como aliás seria expectável.

Apesar de separadas por cerca de 40 anos de intervalo, vale a pena, também, tecer uma comparação entre esta gravura e as já referidas plantas da Patriarcal, concebidas depois do terramoto. É possível reconhecer alguns dos mesmos elementos fundamentais, como duas das três entradas axiais, as estruturas que sustentavam a tribuna real (ainda que a volumetria seja ligeiramente diferente, com menor densidade na planta, mas sabemos que D. João V também promoveu intervenções na tribuna). Vê-se, de igual forma, aquilo que seria um dos pilares de sustento do corpo da igreja e a já referida capela lateral.

Estabelecido que é com segurança que se pode aceitar a exatidão desta peça, relativamente à representação do interior da futura Patriarcal, observa-se que aquilo que nos é mostrado ainda é, em grande medida, uma igreja seiscentista no plano decorativo, toda revestida com a respetiva gramática ornamental, e, portanto, devida muito provavelmente às campanhas de edificação e decoração promovidas logo a partir de 1640. O altar visível à direita aparenta mostrar uma pintura da Ressurreição, o que também coincide com a descrição a que aludiremos seguidamente, em que Fr. Agostinho de Santa Maria nos diz que o interior da igreja estava decorado com várias imagens da Vida de Cristo.

Apesar disto, é um facto que, no ano do batismo do Príncipe do Brasil D. Pedro, estavam já a decorrer obras na Capela Real, como o prolongamento das naves e a reformulação do coro. Dois anos depois, em 1714 – ano da morte daquele Príncipe, herdeiro da coroa portuguesa –, foram suprimidas as ruas do Arco do Ouro, da Tanoaria, da Trabuqueta, o Beco das Cruzes e a rua das Torrinhãs (contíguas ao paço), de modo a libertar espaço para as obras do mesmo paço e da respetiva capela⁹¹. No tomo 7 do *Santuário Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria, publicado em 1721, são transmitidas informações sobre os anos à volta da elevação da Capela Real a Patriarcal que, em cruzamento com dados anteriores, permitem perceber a extensão das intervenções. Fr. Agostinho de Santa Maria informa-nos que *“Oyto Capellas se numèraõ no corpo da Igreja, cada huma dellas tem tres alampadas. A Capella do Santissimo Sacramento tem cinco, outras tantas a Capella mayor, & duas Capellas mais, huma que está em paralelo com a do*

⁹¹ FREIRE (MÁRIO), João Paulo – *Roteiro da baixa antes de 1755*, p. 90

*Santissimo, tem três, & outras três em huma particular Capella em que rezaõ as Horas Menores*⁹². Ou seja, neste ano o corpo da igreja contava já com oito capelas, mais a capela-mor e duas outras capelas que a ladeavam, uma delas dedicada ao Santíssimo Sacramento. Acrescia mais uma capela particular, identificada como a capela onde se rezavam as horas menores⁹³, referindo-se por isso ao anteriormente mencionado coro lateral. Apesar de este tomo ter sido publicado em 1721, os relatos que o autor faz no seu trabalho são, como veremos, importantes para datar algumas alterações que o templo sofreu no interior antes de ter sido elevado a Patriarcal, pelo que é oportuno abordá-las neste capítulo sobre o período anterior a 1716.

No que concerne ao recheio do templo, havia pinturas com diversas passagens da Vida de Cristo, entre elas uma Nossa Senhora da Piedade que – para Fr. Agostinho de Santa Maria – aparentava ser da autoria de Dürer. Numa indicação de suma importância, o frade escreve que *“algumas destas [pinturas] haviaõ estado nos Altares da mesma Real Capella, & alli eraõ veneradas, & estavaõ por ornato, emquanto sua Magestade que Deos guarde não fez novas Capellas (ainda que à face com retabolos proporcionados ao sitio, que permitiaõ as duas naves exteriores)”*⁹⁴. Há momentos vimos, com efeito, que uma destas pinturas mostraria também a Ressurreição de Cristo, representada na gravura do batismo do filho-varão do Rei. Na Capela da Sagrada Família encontrava-se a pintura referida, que desde os tempos de D. João IV era já alvo de grande veneração. À altura da redação daquela memória, questionava-se se teria vindo de Vila Viçosa⁹⁵.

Com a nova reformulação de capelas, documentada por Fr. Agostinho, foram feitos novos quadros de *“excelente pintura”*⁹⁶ e de dimensões proporcionadas às das capelas, pelo que se tiraram os quadros de menor dimensão – incluindo o da Senhora da Piedade – para se recolherem na sacristia da Capela do Santíssimo Sacramento, onde estiveram durante algum tempo⁹⁷. Em fevereiro de 1716 (meses antes da elevação a Patriarcal, sublinhe-se) um capelão muito devoto, chamado Bernardo Pinto dos Santos, terá decidido retirar esta pintura e colocá-la na dita capela,

⁹² SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário Mariano*. Tomo 7. p. 157

⁹³ *Idem*, p. 157

⁹⁴ *Idem*, p. 158

⁹⁵ *Idem*, p. 158

⁹⁶ *Idem*, p. 158

⁹⁷ *Idem*, p. 158

para que estivesse visível⁹⁸. A devoção que aquela imagem exortava nas gentes e os milagres que obrava seriam de tal ordem, que atraía multidões à Capela Real para a venerarem. Por isso, algumas opiniões mais críticas acusavam o concurso de fiéis de perturbar o culto, preconizando a ocultação da pintura. O devoto capelão permaneceu inflexível, e parece que o próprio Rei lhe foi favorável, mandando colocá-la na primeira capela contígua à Capela do Santíssimo, para que passasse a ter altar próprio. Em 1718, instituiu-se então uma irmandade consagrada a Nossa Senhora da Piedade, sediada na agora Basílica Patriarcal, cujos primeiros irmãos foram os próprios monarcas.

Como facilmente se pode depreender, este relato reveste-se de particular relevância, não só por documentar importantes alterações ao interior do templo – a começar pela reformulação das capelas – mas também por as situar no tempo. Regressando à *Corografia Portuguesa*, de 1712, o autor dizia-nos que a Capela Real e Colegiada de São Tomé tinha cinco altares da parte do Evangelho (contando com o do Santíssimo) e três da parte da Epístola⁹⁹. Já Fr. Agostinho de Santa Maria, acrescenta a alteração que incluiu a construção de novas capelas e a consequente ocultação da pintura da Senhora da Piedade, colocada novamente à vista e veneração dos fiéis em fevereiro de 1716¹⁰⁰. Tendo em conta que a pintura esteve guardada um certo tempo (conforme o autor indica), é possível estabelecer que as alterações às capelas tiveram lugar algures entre 1712 e 1715, e, portanto, antes da criação da Patriarcal. Mais: como sabemos que em 1712 a Capela Real tinha, para além da capela-mor, cinco altares do lado do Evangelho (incluindo o do Santíssimo Sacramento, paralelo à capela-mor) mais três do lado da Epístola, e em 1721 o corpo do templo contava já com oito capelas, podemos concluir que a alteração à estruturação das capelas resultou na respetiva simetrização. Isto é, passou então a haver quatro capelas de cada lado, dispostas simetricamente, característica que a Patriarcal manteve até 1755, como se pode constatar através da planta da Biblioteca da Ajuda¹⁰¹ [Fig. 20, pág. 152].

Mantiveram-se, porém, a capela-mor (aumentada cerca de uma década antes) e as outras duas da cabeceira, a do Santíssimo Sacramento e a da Sagrada Família, bem como a destinada à celebração da liturgia das horas menores. Pela sua função de coro, esta capela teria

⁹⁸ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário Mariano*. Tomo 7. p. 159

⁹⁹ COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa e Descrição Topografia do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3. p. 662

¹⁰⁰ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *op. cit.* Tomo 7. p. 159

¹⁰¹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 54-XI-38, 17

necessariamente que estar provida de dimensões suficientes para albergar todos os religiosos que, no seu interior, celebravam o ofício divino. Por este motivo tinha, pelo menos à época do terramoto, um comprimento quase equivalente ao comprimento da capela-mor¹⁰². No final do reinado de D. João V, como trataremos mais à frente, receberia uma estátua de Nossa Senhora da Conceição à escala natural, em prata dourada e feita em Roma¹⁰³.

Como se pode constatar, ainda D. João V não tinha celebrado uma década de reinado e já a Capela Real tinha sido intervencionada em praticamente todos os seus elementos mais significativos. Prolongou-se o templo, passando a ter o dobro do comprimento inicial; fez-se uma nova capela-mor e o respetivo coro; aumentaram-se as naves, resultando na construção de duas capelas colaterais na cabeceira (dedicadas ao Santíssimo Sacramento e à Sagrada Família); reformularam-se as capelas laterais do corpo (que foram dispostas simetricamente); fez-se a torre sineira e um santuário para as relíquias. A extensão dos trabalhos não é de estranhar. Não só pela importância intrínseca da Capela Real – templo do principal centro de poder em Portugal, local por excelência de celebração da liturgia áulica, do vínculo entre o Rei e Deus, e da origem divina do poder político absoluto – mas, também, devido à sua sucessiva promoção estatutária, encetada logo em 1707, com a já referida adstrição de um cabido registada por Soares da Silva. Em 1709, foi feita paroquial do paço, no ano seguinte elevou-se a colegiada, e, a par e passo com este crescendo estatutário – que tem em 1716, com a elevação a Patriarcal, um indubitável ponto culminante –, foram-se promovendo melhoramentos artísticos, que acompanhavam a sistemática elevação do templo a estatutos sucessivamente de maior dignidade eclesiástica.

2. 1716 – O ano da fundação

a. Política e diplomacia em Roma: A elevação da Capela Real a Basílica Patriarcal

Pouco depois da criação da colegiada – na linha da expansão do poder eclesiástico da

¹⁰² *Planta da primeira Igreja Patriarcal.*

¹⁰³ *Vd. a respeito desta importante estátua VALE, Teresa Leonor – A estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal de Lisboa e a eleição de modelos pictóricos para obras de escultura num texto de João Frederico Ludovice. In. Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa. N.º 7-8 (2009). pp. 317-332*

Capela Real, encetada logo no início do reinado – D. João V enviou a Roma o padre oratoriano Diogo Curado, para tratar com o futuro Conde das Galveias, André de Melo e Castro, da união das paróquias de Santa Maria Madalena, Nossa Senhora da Conceição e São Julião à Colegiada de São Tomé, de modo a que lhe ficassem agregadas e sob jurisdição do capelão-mor¹⁰⁴. Esta intenção acabou por não surtir quaisquer efeitos práticos, pois, com o tempo que demorou a ser concretizada e as mudanças no xadrez político da altura, acabou por ser preterida a favor de objetivos de maior relevo.

Havia, naquele tempo, negociações de maior importância a decorrer em Roma, como a significativa questão dos Ritos Chineses, que levou o Papa a enviar à China o Monsieur de Tournou, na qualidade de visitador das respetivas missões. Antes de partir, de maneira a que granjeasse mais respeito e autoridade, fê-lo cardeal. Porém, as controvérsias cresceram de tal maneira que o Imperador Chinês o mandou prender. Foi preso em Macau (recorde-se, sob jurisdição portuguesa) e morreu no cárcere pouco depois. A complicada situação diplomática daqui originada levou a que o Marquês de Fontes tivesse que partir imediatamente para Roma, de modo a estabilizar a situação¹⁰⁵. Saído de Lisboa a 8 de janeiro de 1712 – e chegado a Roma a 21 de maio imediato¹⁰⁶ – no seu séquito ia, também, o responsável pela preservação de muita documentação de grande importância para a história da Patriarcal, Lázaro Leitão Aranha, então incumbido dos cargos de Secretário Régio e de Procurador da Colegiada de São Tomé em Roma¹⁰⁷. Quando saiu para Roma – onde ficou durante 6 anos, acabando por acompanhar todo o processo de elevação da Capela Real a Basílica Patriarcal – Lázaro Leitão recebeu instruções diretas de D. João V, para que obtivesse a anexação das três paróquias à Capela Real¹⁰⁸, anteriormente atribuída ao Padre Curado. O Marquês de Fontes deveria ocupar-se, prioritariamente, da questão chinesa, de maior urgência.

A este contexto veio juntar-se a ameaça das movimentações navais otomanas no Mediterrâneo oriental, ameaçando os Estados Papais, o que acabou por resultar na alteração na conjuntura política de então, a favor de Portugal. Em 9 de junho de 1716, Roma emitiu uma súplica

¹⁰⁴ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...)*, fól. 1v

¹⁰⁵ *Idem*, fól. 1v – 2f; e BRAZÃO, Eduardo – *Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa*, pp. 66-70

¹⁰⁶ *Documentos relativos à vida de Dom Rodrigo Anes de Sá e Almeida Meneses, 1o Marquês de Abrantes / coligidos por Dom José Barbosa*, fól. 55f

¹⁰⁷ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...)*, fól. 2f

¹⁰⁸ BRAZÃO, Eduardo – *Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa*, p. 79

a D. João V, pedindo-lhe apoio militar¹⁰⁹, ao que o Rei respondeu dando indicações ao Marquês de Fontes para que, em contrapartida, o Papa lhe promettesse a confirmação de vários bispados que pretendia para a China. A razão da resistência de Roma prendia-se com os obstáculos que estavam a ser colocados pela *Propaganda Fide*, bem como com os receios do próprio papado, que queria que o Imperador da China aceitasse o Rito Romano antes de fazer a confirmação pretendida. O Papa temia que, caso aprovasse os bispados chineses antes de a China aceitar o Rito Romano, a Companhia de Jesus influenciaria o Imperador a ficar com os já referidos Ritos Chineses, o Rei de Portugal ficaria com os bispados que queria, e a Santa Sé ficava excluída¹¹⁰. É um momento em que chega a verificar-se o prenúncio da conhecida rutura de relações diplomáticas entre Lisboa e Roma, ocorrida alguns anos mais tarde, pois, dadas as resistências da Santa Sé, o Rei foi vivamente aconselhado, caso o Papa não confirmasse com a respetiva bula o padroado da China e os novos bispos, a mandar retornar a armada, despedir da Corte os ministros da Santa Sé e retirar os seus enviados de Roma¹¹¹. Com efeito, apesar de hoje ser mais conhecido (da historiografia e do público em geral) pela negociação da instituição do Patriarcado de Lisboa – não esquecendo, claro, os famosos coches com que entrou solenemente para a receção papal, conservados no Museu Nacional dos Coches – o objetivo primordial da viagem do Marquês de Fontes visava o problema do Padroado do Oriente, que, segundo algumas opiniões contemporâneas mais críticas, terá acabado por descurar¹¹². O próprio Rei tê-lo-á chamado à atenção, dizendo-lhe que não fora pelos negócios da Capela Real que o enviara a Roma, mas sim pelos negócios da China¹¹³.

Ainda que, no caso do cerco naval à ilha de Corfu – motivo do pedido de ajuda –, o auxílio de D. João V não tenha produzido nenhum efeito bélico direto, pois os turcos retiraram antes de os portugueses lá chegarem, o facto de o Rei ter disponibilizado forças militares a pedido do papado – numa altura de risco direto de guerra e em que, ademais, a situação diplomática entre Lisboa e Roma era complicada – permitiu-lhe ganhar força negocial e avançar com maior eficácia com aquilo que pretendia, a união das referidas freguesias à Colegiada de São Tomé¹¹⁴. Adicionalmente

¹⁰⁹ *Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha», com datas compreendidas entre 1717-1722, e incluindo originais, alguns autógrafos, e cópias, fól. 22v*

¹¹⁰ *Idem*, fól. 69v – 70f

¹¹¹ *Idem*, fól. 22v e 70f

¹¹² BRAZÃO, Eduardo – *op.cit.*, p. 119

¹¹³ *Idem*, p. 120

¹¹⁴ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...), fól. 2f*

– e sublinhe-se que é o próprio Lázaro Leitão quem no-lo diz¹¹⁵ – cresceram as intenções do monarca, que pretendia, agora, já não a união dos territórios paroquiais, mas sim, nada mais, nada menos, que a divisão da cidade de Lisboa. Passaria a haver duas lisboas, eclesiástica e juridicamente distintas: Lisboa Oriental, para o antigo Arcebispado de Lisboa¹¹⁶, sediado na Sé; e Lisboa Ocidental, para o que se erigiria um novo arcebispado, sediado na Capela Real, cujo prelado teria o título de Patriarca. O papado, provavelmente receoso de, no futuro próximo, precisar da força militar do Rei de Portugal (como de facto precisou), e não a ter – devido ao agravamento de uma situação diplomática complicada –, acabou por se mostrar flexível às intenções portuguesas. Em julho de 1716, quando se dá a magnífica entrada do Marquês de Fontes em Roma, com os famosos coches, é já pública a intenção de se erigir uma Patriarcal¹¹⁷. E efetivamente, um ano mais tarde, D. João V viria a cumprir a sua parte do compromisso, na Batalha do Cabo Matapão, a 19 de julho de 1717, onde a participação da marinha portuguesa – na frente de uma armada católica comandada por Lopo Furtado de Mendonça –, foi fundamental para a derrota dos otomanos no mar.

Ora, como se pode constar através da valiosa fonte documental que Lázaro Leitão nos deixou – publicada em parte por Eduardo Brazão¹¹⁸ –, a divisão da cidade de Lisboa não decorreu da criação da Patriarcal. Estas duas situações devem, sim, ser entendidas em paralelo, pois foi a divisão da cidade que permitiu a criação de um novo prelado episcopal, que passou a usar do título de Patriarca. Por sua vez, a divisão da cidade ocorreu na sequência da sistemática promoção da Capela Real e do aumento do território jurisdicional a ela adstrito, depois de terem mudado (a favor do Rei) as condições negociais para lhe anexar o território das paróquias da Madalena, da Conceição e de São Julião, e de este ter solicitado, ao invés, a divisão de Lisboa¹¹⁹. Da divisão da cidade decorreria a expectável nomeação de um homólogo do arcebispo da antiga Lisboa (agora

¹¹⁵ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...)*, fols. 2f – 2v

¹¹⁶ *Idem*, fols. 2f – 2v

¹¹⁷ BRAZÃO, Eduardo – *Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa*, pp. 101-103

¹¹⁸ Vd. BRAZÃO, Eduardo – *Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa*. Porto, Livraria Civilização: 1943

¹¹⁹ Um dos documentos que Lázaro Leitão refere num índice que nos deixou, cuja localização ignoramos, continha: *“Motivos que se propozeraõ ao Pontifice pera depois / de erecta a Cappela Real em colegiada, se con/ceder ao Cappelam mór della a jurisdição or/dinaria; algum territorio separado de algu/mas Igrejas immediatas à mesma Cappela Real; / do qual Requirimento se naõ uzou, por se passar / a outra pertençaõ mayor, qual foy a de se / devidir a Cidade de Arcebispado em dous / Prelados Ordinarios a saber o da Colegiada / da Cappela Real em Patriarcha de Lisboa Oc/cidental, e em Arcebispo de Lixboa Oriental / como depois se conseguiu”*. In *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...)*. fól. 5v

Lisboa Oriental), para o qual se solicitou expressamente o título de Patriarca¹²⁰. Lázaro Leitão diz-nos, também, que este título foi pedido em lugar do de Arcebispo, tendo sido apontadas razões para isso ao Papa¹²¹, apesar de hoje não se saber exatamente quais. Com boa probabilidade, os argumentos apresentados terão passado por motivos relacionados com a afirmação da monarquia joanina no restante plano católico (devido ao reduzido número de prelados com aquele título, neste caso adstrito também à função de capelão régio), bem como à tutela do poder religioso por parte do Rei – questão que não era de somenos importância no Antigo Regime –, tanto em relação a Roma como à própria Lisboa, posto que este prelado passaria a ter uma dignidade eclesiástica superior à do Arcebispo. Acrescia, além disso, a vontade estratégica do seguimento do modo de Roma – preocupação transversal ao reinado – e que um Patriarca permitiria.

Outro fator significativo para a solicitação do título patriarcal terá sido o interesse, de política externa, em igualar concessões litúrgicas – outorgadas pelo Vaticano, palco central da diplomacia católica – que outras megapotências católicas igualmente detinham, semelhantemente ao que se verificaria, mais tarde, na obtenção do título de *Majestade Fidelíssima* de Roma, em 1748, conferindo a D. João V uma titulação equiparável à dos monarcas francês, espanhol e austríaco, respetivamente majestades *Cristianíssima*, *Católica* e *Apostólica*. Com efeito, a vizinha Espanha tinha um Patriarca, cujas funções, predominantemente exercidas ao nível da Corte, eram muito semelhantes às pretendidas para o futuro Patriarca de Lisboa Ocidental. Na sua origem, estivera o pedido que, em 1513, Fernando, o Católico, dirigira ao Papa Leão X para a nomeação de um prelado o continente americano – intitulado Patriarca das Índias Ocidentais – com o intuito de dirigir tudo o necessário ao respetivo funcionamento eclesiástico e espiritual¹²². Porém, a Santa Sé não lho concedeu, mas outorgou o dito título ao seu capelão régio, com efeitos meramente honoríficos¹²³. Em 1524 o título foi então criado por Clemente VII¹²⁴ e D. Antonio de Rojas foi feito o primeiro Patriarca das Índias Ocidentais¹²⁵. Mais tarde, com a fixação definitiva da Corte espanhola em Madrid – com Filipe III – o capelão do Rei, como vigário do Arcebispo de Santiago de Compostela, ficou vinculado à jurisdição palatina e ao título honorífico de Patriarca das Índias

¹²⁰ BRAZÃO, Eduardo – *Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa*, p. 101

¹²¹ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...)*. fols. 7f e 7v

¹²² FERNÁNDEZ-DURO, Cesáreo – *Noticias acerca del origen y sucesión del patriarcado de las indias occidentales*, p. 198

¹²³ GUTIÉRREZ, Beatriz Comella – *El Patriarca de las Indias Occidentales y la jurisdicción palatina en los reales Patronatos del Buen Suceso y de Santa Isabel de Madrid (1753-1931)*, p. 395

¹²⁴ FERNÁNDEZ-DURO, Cesáreo – *op.cit.*, p. 203

¹²⁵ *Idem*, p. 213

Ocidentais¹²⁶. Ora, este antecedente corresponde praticamente ao que viria a acontecer em Lisboa, com um Patriarca vinculado função de capelão régio e afeto à jurisdição do território centrado na Capela Real, que ao longo do início do século XVIII não cessou de aumentar. Primeiro, foi definida como paróquia do Paço, depois procurou-se anexar-lhe o território de três outras paróquias e, pouco depois, dividiu-se Lisboa em duas. A vontade de D. João V em pretender um Patriarca à imagem do capelão régio do Rei de Espanha, como contrapartida pelo apoio militar contra os turcos, já havia sido sinalizada no início do século XX por Adrian Fortescue¹²⁷. E, de facto, há muito que coincide, desde o exercício da função de capelão régio, à afetação ao palácio e à jurisdição do respetivo território eclesiástico. Se, numa primeira fase, foi a criação da instituição patriarcal lisboeta que foi beber à espanhola, aparentemente, numa segunda, aconteceu exatamente o contrário. Bento XIV e Pio VI, em 1753 e 1777, respetivamente, delimitaram a jurisdição do palácio espanhol, tendo sido erigida em paróquia territorial¹²⁸. Até então a jurisdição da Capela Real servia para a atenção pastoral da Família Real, dos cortesãos e dos serviços do Palácio¹²⁹, muito como acontecera em Lisboa antes da criação da Patriarcal, quando a Capela Real foi erigida em sede da paróquia do Paço. Porém, para Beatriz Comella Gutiérrez, o Patriarca das Índias Ocidentais exercia no território palatino uma autêntica jurisdição episcopal, independente da autoridade diocesana¹³⁰, ao passo que aquilo que se verificara antes em Lisboa (e ainda se verifica) é uma efetiva jurisdição episcopal, graças à divisão da cidade. O título de Patriarca das Índias Ocidentais encontra-se em *sede vacante* desde 1963.

A necessidade de se justificar um título superior ao de Arcebispo, significa, naturalmente, que a dada altura se chegou a avançar com a hipótese de o novo eclesiástico deter este título; o que aliás seria o expectável, dado o reduzido número de prelados que, no mundo Católico Romano, usam do título de Patriarca. Estaria assim, portanto, em total igualdade de circunstâncias com o seu homólogo de Lisboa Oriental. Isto diz-nos duas coisas: primeira, o título patriarcal não foi a primeira dignidade pensada (em primeiro lugar, muito provavelmente por parte da cúria papal, avançou-se com a hipótese de arcebispo), e, em segundo lugar, consolida a afirmação de

¹²⁶ GUTIÉRREZ, Beatriz Comella – *El Patriarca de las Indias Occidentales y la jurisdicción palatina en los reales Patronatos del Buen Suceso y de Santa Isabel de Madrid (1753-1931)*, pp. 395-396

¹²⁷ FORTESCUE, Adrian – "Patriarch and Patriarchate" In *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 11. New York: Robert Appleton Company, 1911. <<http://www.newadvent.org/cathen/11549a.htm>> (consultado a 5 de setembro de 2018).

¹²⁸ GUTIÉRREZ, Beatriz Comella – *op. cit.*, p. 396

¹²⁹ *Idem*, p. 400

¹³⁰ *Idem*, p. 400

Lázaro Leitão, quando refere que o plano inicial (a seguir à agregação das paróquias) era a divisão da cidade¹³¹, de onde decorreria a evidentemente espectável ereção de um prelado em igualdade de circunstâncias com o do antigo arcebispado lisboeta.

Infelizmente, muita da documentação que permitiria esclarecer melhor esta questão não nos chegou, tanto aquela que se perdeu no sismo com a que desapareceu depois dele. Note-se que a documentação que Lázaro Leitão menciona como sobrevivente a 1755 no *“Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755, e que haviam estado na posse do Principal Leitão”*¹³² não é hoje conhecida na sua totalidade. Entre o conjunto elencado, seria do maior interesse histórico e histórico-artístico a localização, por exemplo, do quinto tomo, que continha (ou, quiçá, contém ainda, em parte incerta), o inventário de todas as jóias, ouro e prata da Patriarcal, feito por ordem do Rei em 28 de novembro de 1747¹³³. Sem dúvida que a sua localização constituiria um achado de enorme valor científico.

Não obstante eventuais desenvolvimentos que documentação inédita possa trazer no futuro, pelo que é possível apurar pelas informações que nos chegaram, a Capela Real foi, segundo parece, praticamente ao longo de todo o reinado de D. João V marcada por um processo de aumento do espaço territorial que lhe estava adstrito. Processo alimentado pela vontade do Rei, em sintonia com a dignificação da capela e o reforço do poder do monarca sobre a cidade, em detrimento do poder eclesiástico, nomeadamente do Arcebispado de Lisboa. Este processo começou com a sua classificação como paróquia do Paço da Ribeira e respetiva criadagem; prosseguiu para a elevação a Colegiada de São Tomé e subsequente (não concretizada) anexação dos territórios das paróquias de São Julião, Nossa Senhora da Conceição e Santa Maria Madalena; passou pela divisão da capital em duas cidades, ficando-lhe adstrito mais de metade do território lisboeta, e – pode-se dizê-lo – culminou poucas décadas mais tarde, em 1740, com a reunificação da cidade de Lisboa sob a égide de um só prelado: o recentemente feito Cardeal-Patriarca D. Tomás de Almeida. Aparentemente, em pouco tempo a jovem diocese da Capela Real acabou por “engolir” o antigo Arcebispado de Lisboa, que no referido ano deixou de existir.

Diretamente relacionado com isto está a constatação que, ao aumento sucessivo do poder

¹³¹ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755 (...)*. fols. 2f – 2v

¹³² *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755, e que haviam estado na posse do Principal Leitão*. BNP – Coleção de manuscritos reservados. Cota: PBA. 728

¹³³ *Idem*, fól. 18v

e área de influência do Patriarcado de Lisboa Ocidental, correspondeu – como aliás seria de esperar – a perda paulatina do poder político-administrativo do Arcebispado de Lisboa Oriental. Com efeito, à morte do Arcebispo D. João de Sousa em 1710¹³⁴, Lisboa Oriental só voltou a estar munida de prelado quando as duas Lisboas se reunificaram e este passou a ser o próprio D. Tomás de Almeida. É sintomático notar que, depois da morte de D. João de Sousa, a antiga Sé de Lisboa permaneceu em *sede vacante* um total de 30 anos. Com exceção do período da Guerra da Restauração – no qual, recorde-se, Portugal não podia nomear bispos pois o papado não reconhecia a Dinastia de Bragança – nunca a Sé de Lisboa esteve, sequer, perto de tanto tempo em *sede vacante*. A capital do Reino podia estar eclesiasticamente dividida em duas, mas, para todos os efeitos, só havia um único prelado de cariz episcopal na cidade, e esse era o Patriarca. Atente-se na cronologia: em 1709 a Capela Real é feita paróquia, em 1710 morre o Arcebispo de Lisboa (iniciando-se a longa *sede vacante*) e é ereta a colegiada, anos depois começa-se a tentar agregar-lhe o território das já referidas paróquias, e em 1716 D. Tomás de Almeida é feito Patriarca de Lisboa e mantém-se como o único *episcopus* na cidade. Esta *sede vacante* nunca foi resolvida através da forma habitual (*i.e.* através da nomeação de um novo bispo), cujo fim só se encontrou, de facto, quando o arcebispado foi agregado ao patriarcado. Na verdade, o Patriarcado de Lisboa Ocidental e o Arcebispado de Lisboa Oriental conviveram até 1740, mas o mesmo não se pode afirmar acerca de um Patriarca de Lisboa Ocidental e um Arcebispo de Lisboa Oriental, título que, na realidade, jamais foi usado por qualquer prelado que seja.

Era por este motivo que, com o avançar das negociações, não se esperava outra coisa senão a mais feroz resistência por parte do cabido da Sé de Lisboa. Manuel Tomás da Silva, cónego da Colegiada de São Tomé, é muito claro nesta questão: em carta enviada a Lázaro Leitão a 21 de agosto de 1716, escreve-lhe que deveriam ver os cónegos da Sé como “*nossos inimigos capitaes*”¹³⁵. Para minimizar as situações problemáticas, foram dadas indicações a Leitão no sentido de a bula da criação da Patriarcal ser o mais clara possível, de modo a evitar quaisquer tipos de dúvidas ou contestações¹³⁶. Com efeito, se por um lado as bulas da colegiada e dos privilégios do capelão-mor tinham levantado algumas questões, por outro, Lázaro Leitão – que iria assistir à expedição da bula – deveria agir por antecipação e atalhar qualquer dúvida, por menor

¹³⁴ CASTRO, João Baptista de – Mapa de Portugal antigo e moderno. Tomo III. p. 155

¹³⁵ *Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha», com datas compreendidas entre 1717-1722, e incluindo originais, alguns autógrafos, e cópias, fól. 45v*

¹³⁶ *Idem*, fól.45v

que fosse, que o cabido da Sé lá pudesse achar. Caso contrário, era certo que iriam pedir revisões e a contenda acabaria por se arrastar eternamente¹³⁷. Adicionalmente, o Marquês de Fontes recebeu indicações para que se solicitasse junto do papado as prerrogativas de uso de cruz e de pálio¹³⁸, e que a nova ereção canónica fosse – tal como as principais catedrais do Reino –, dedicada à Virgem Maria, pelo que se deveria alterar o orago de São Tomé para Nossa Senhora da Assunção¹³⁹.

A 31 de agosto de 1716, o Marquês de Fontes informou finalmente o Rei que o Papa tinha dado toda a certeza daquilo que lhe era pedido, designadamente a divisão da cidade e a ereção da nova catedral, cujo prelado usaria do título de Patriarca¹⁴⁰. A 7 de novembro de 1716 foi, enfim, expedida por Clemente XI a Bula *In supremo Apostolatus solio* – mais conhecida como Bula Áurea – criando a Patriarcal e dividindo a cidade em duas. Quando a notícia se soube, foi festejada em toda a urbe, com uma única e previsível exceção: na antiga Sé¹⁴¹. A resistência terá sido de tal ordem que D. João V chegou mesmo a considerar impor-lhe uma punição¹⁴². Como medida preventiva, foram dadas instruções ao Marquês de Fontes para que se assegurasse que de nenhuma forma se soubesse em Roma que, em Portugal, havia quem se opunha à criação do Patriarcado¹⁴³. Apesar da oposição, as celebrações avançaram, tendo sido colocadas luminárias e repicados os sinos por toda a cidade (com exceção, claro, da Sé¹⁴⁴).

A 4 de dezembro de 1716, o Bispo do Porto D. Tomás de Almeida foi informado da sua escolha para o sólio patriarcal, através do Secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte-Real. O Rei tinha-o nomeado Patriarca e a confirmação chegara recentemente de Roma¹⁴⁵. Por se encontrar doente, fez a entrada pública na nova catedral só a 13 de fevereiro de 1717¹⁴⁶, meses depois do cabido patriarcal ter sido empossado, a 24 de dezembro anterior¹⁴⁷.

¹³⁷ *Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha», com datas compreendidas entre 1717-1722, e incluindo originaes, alguns autógrafos, e cópias, fól. 45v*

¹³⁸ *Idem*, fól. 26f e 26v

¹³⁹ *Idem*, fól. 34v

¹⁴⁰ *Idem*, fól. 53f-53v

¹⁴¹ *Idem*, fól. 144f-145v

¹⁴² *Idem*, fól. 153v

¹⁴³ *Idem*, fól. 145f

¹⁴⁴ *Idem*, fól. 155f-158v

¹⁴⁵ SALDANHA, António Vasconcelos de – *Portugal, Lisboa e a corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha e Ataíde I^o Conde de Povolide*. p. 281

¹⁴⁶ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 289

¹⁴⁷ *Idem*, p. 78

O continuado acrescentamento de privilégios dignitários a favor da Capela Real (agora Basílica Metropolitana Patriarcal), que vinha desde o início do reinado, não só prosseguiu depois de 1716 como ainda ganhou fôlego. Um dos primeiros privilégios outorgados aos cónegos da Patriarcal foi a concessão das mesmas honras dos bispos, aprovado também a 24 de dezembro de 1716¹⁴⁸, marcando o início de um processo de reunião e centralização de privilégios habitualmente concedidos ao alto clero à volta da Cúria Patriarcal, destinado ao seu enobrecimento. Pretendendo dignificar a nova instituição, o Rei fez sair os cónegos sem sangue nobre, distribuindo-os por outras igrejas. Foi o caso do anteriormente mencionado cónego Manuel Tomás, a quem o Rei fez deão da Colegiada de Vila Viçosa, pois não era fidalgo¹⁴⁹. O cabido, cujos cónegos eram de nomeação régia, passou portanto a ser constituído apenas por membros da alta nobreza portuguesa. Além do tratamento equiparado ao dos bispos, os cónegos também passaram – no que toca à estruturação das precedências na organização da Corte – a preceder aos condes. Estes últimos protestaram junto do Rei, mas sem efeito, e os condes acabaram efetivamente por ficar para trás nas precedências¹⁵⁰. Em 1717, D. João V concedeu ao Patriarca e aos seus sucessores que gozassem sempre das honras e preeminências de cardeal, e que fossem tratados por “*Ilustríssimo e Reverendíssimo*”¹⁵¹. Mais tarde, em 1729, aquando da deslocação ao Caia para a famosa troca das princesas, ordenou que, em todas as localidades em que o Patriarca passasse, lhe fossem feitas as mesmas honras que eram devidas a si próprio enquanto Rei¹⁵². Como referido anteriormente, o Patriarca concentrou em si funções eclesiásticas até então da responsabilidade de outros altos dignitários do clero português. Além de ter passado a ser capelão-mor do monarca, recebeu, por breve papal de 20 de fevereiro de 1720, a incumbência de ungir o Rei de Portugal, ritual que desde o tempo de D. Duarte coubera ao Arcebispo de Braga¹⁵³.

Naturalmente que D. João V também não deixou de atribuir rendas e proveitos financeiros à Patriarcal, interessado que estava no sustento do fausto e opulência da mesma, amplificado enquanto medida do prestígio da sua própria Coroa, e, aos 400 cruzados que já dava a cada

¹⁴⁸ AN\TT – Patriarcal de Lisboa papéis diversos Mç 24 Cx 261 doc 22

¹⁴⁹ SALDANHA, António Vasconcelos de – *Portugal, Lisboa e a corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha e Ataíde I^o Conde de Povolide*, pp. 281-282

¹⁵⁰ *Idem*, p. 282

¹⁵¹ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc 24

¹⁵² SYLVA, Francisco Xavier da – *op. cit.*, p. 77

¹⁵³ *Archivo da S[na]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*. fól. 14v

cónego, acrescentou mais 1200¹⁵⁴. Muito pouco depois, em 1718, o Rei mandou entregar ao cabido patriarcal 400 000 reis, provenientes do Almoxarifado de Abrantes, e doou-lhe várias moradias em Lisboa, situadas na Rua Nova, à Conceição, na Rua das Flores e na Rua do Barão, cujos proveitos dos respetivos arrendamentos deveriam ser encaminhados para aplicação no estado e luzimento dos Patriarcas¹⁵⁵. Já em 1719, o Rei concedeu ao prelado uma doação de 224 marcos de ouro de 22 quilates ao ano e doou-lhe a lezíria da Foz de Almonda, recentemente vagada a favor da Coroa por morte da Condessa de Vianna¹⁵⁶.

Todas estas concessões – dignitárias e financeiras – tinham o objetivo de assegurar que o Patriarca de Lisboa, por um lado, possuía a capacidade financeira necessária para manter o fausto da respetiva Cúria, emulado à semelhança de Roma, e que, por outro, interna e externamente era alvo de um tratamento cuja etiqueta se lhe dirigia em consonância com este mesmo fausto. Não obstante, as rendas e proveitos financeiros anteriormente referidos eram, ainda assim, insuficientes para alimentar a Patriarcal, e logo em janeiro de 1717 – antes ainda do Patriarca ter tomado posse – os enviados em Roma (o Marquês de Fontes, André de Melo e Castro e Lázaro Leitão), receberam indicações para que se conseguisse permissão papal para atribuir rendas eclesiásticas à Patriarcal¹⁵⁷. O extraordinário fausto que se pretendia concentrar nesta cúria exigiria uma capacidade de financiamento, também ela, extraordinária. Pesem embora os fatores conjunturais que para tal contribuiriam, como a estabilidade política vivida ao longo do reinado, ou a prosperidade financeira da Coroa potenciada pelo ouro brasileiro, D. João V entendeu que o financiamento da Patriarcal deveria ser essencialmente proveniente de rendimentos eclesiásticos¹⁵⁸, nomeadamente através da adstrição de várias igrejas do padroado real à

¹⁵⁴ O Conde de Povolide lista os 23 cónegos que tomaram posse em 1716: D. José Manuel (Deão), filho do Conde da Atalaia; D. Luís de Noronha, filho do Conde dos Arcos; D. Luís de Castelo Branco, irmão do Conde de Pombeiro; D. Rodrigo de Castelo Branco, idem; José Dionísio Carneiro, irmão do Conde da Ilha; D. Francisco Manuel, filho do Conde da Atalaia; D. Francisco da Câmara, filho do Conde da Ribeira; Filipe de Sousa, irmão do Conde de Redondo; Gonçalo de Sousa, idem; João de Sousa, idem; Henrique Vicente de Távora, filho do Marquês de Távora; D. José de Melo, irmão do porteiro-mor; Francisco Sales da Câmara; D. Francisco de Meneses; Martim Monteiro; João da Mota; Lázaro Leitão; D. José de Meneses; João de Melo, irmão do porteiro-mor; D. Pedro de Meneses; D. João de Sousa, Prior de Guimarães; Nuno da Silva, Reitor da Universidade e da Mesa da Consciência; D. José de Melo, Deputado da Junta dos Três Estados. In SALDANHA, António Vasconcelos de – *Portugal, Lisboa e a corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha e Ataíde 1º Conde de Povolide*. p. 282

¹⁵⁵ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc. 54

¹⁵⁶ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 19

¹⁵⁷ *Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha», com datas compreendidas entre 1717-1722, e incluindo originais, alguns autógrafos, e cópias*, fól. 153f

¹⁵⁸ *Idem*, fól. 184f

Patriarcal, permitido, assim, canalizar os respetivos fundos¹⁵⁹. Recomendou-se, em acréscimo, que se procurasse autorização papal para atribuir à Patriarcal rendimentos de todos os bispados portugueses¹⁶⁰, indicação que Lázaro Leitão – já regressado a Lisboa – transmitira por carta em 1718 a André de Melo e Castro, na qual, não deixando de destacar a nobreza do cabido patriarcal, lhe dá indicações para que, por indicação da Coroa, solicite ao Papa uma bula que permitisse ao Rei atribuir à Patriarcal a quarta parte dos rendimentos de todas as dioceses portuguesas. Este financiamento era necessário ao sustento do cabido e a soma era tão grande que o soberano não a poderia tirar da sua fazenda¹⁶¹. D. João V e os Reis de Portugal seus antecessores tinham direito à quarta parte das rendas dos bispados e arcebispados do País, que por nomeação distribuíam pelos vassalos. Segundo a argumentação apresentada por Lázaro Leitão, que André de Melo e Castro deveria transmitir à Santa Sé, estes arrecadá-las-iam sem qualquer benefício para a Igreja, posto que não seguiam vida consagrada, pelo que se deveria solicitar a Roma a respetiva aplicação a favor da Patriarcal¹⁶². Deste modo, em vez dos referidos rendimentos se dispersarem por vários membros da nobreza, sem nenhum benefício da Igreja, concentrar-se-iam, ao invés, em prol da recém-criada Patriarcal, tendo em consideração a enorme quantidade de recursos que desde já se antecipava que a magna instituição iria sorver.

O conjunto documental deixado por Lázaro Leitão permite perceber, pois, que ao processo político e diplomático para criação da Patriarcal, se seguiram negociações para assegurar o respetivo financiamento, aspetos estes que, apesar de, na realidade, dizerem mais respeito à História Religiosa que à História da Arte, são absolutamente fundamentais para entender duas coisas: 1) como é que a Patriarcal – enquanto instituição e monumento – veio a existir; e 2) como é que a extraordinária opulência da produção artística por ela patrocinada, sob égide do Rei, se financiou.

O papado respondeu com a anuência ao que lhe era pedido, e Clemente XI, instituidor do Patriarcado de Lisboa, fez redigir em 1720 uma bula com o que tinha sido solicitado pela coroa portuguesa. No entanto, antes de a expedir o papa morreu (neste mesmo ano de 1720) e a bula

¹⁵⁹ *Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha», com datas compreendidas entre 1717-1722, e incluindo originais, alguns autógrafos, e cópias, fól. 229f*

¹⁶⁰ *Idem*, fól. 181f

¹⁶¹ *Carta do Principal Leitão escrita por ordem de Sua Majestade ao Conde de Galveias, embaixador em Roma, relativa a pedir-se a quarta ou terça parte das rendas das Mitras de Portugal. Minuta acompanhada de vários documentos, aconselhando os demais que devem ir, fól. 84 v.*

¹⁶² *Idem*, fól. 84 v.

nunca chegou a ser oficializada. O seu sucessor, Inocêncio XIII, tratou então de dar continuidade à solução encontrada para o tão necessário financiamento da Patriarcal, e em 1721 foi então expedida a Bula *Rationi Congruit*, que autorizava a adstrição do referido valor a favor do cabido, fábrica e sacristia da Patriarcal¹⁶³. A Basílica Patriarcal deveria, então, passar a ter direito a, nada mais, nada menos, que um quarto de todo o tipo de rendimentos de todas as dioceses do país. Para além destes rendimentos, o Patriarcado passaria também a receber proveitos de várias igrejas, como Santa Maria da Alcáçova de Santarém, de Santa Maria de Barcelos e de Santa Maria de Ourém¹⁶⁴. Destes valores – isentos de quaisquer taxas – o Rei e o Patriarca tinham o direito de retirar uma quota-parte, a favor deste último e das despesas da Basílica. Caso algum dos cargos da Cúria Patriarcal vagasse durante um determinado período, os proveitos que lhe cabiam deveriam reverter a favor da fábrica e sacristia da Patriarcal¹⁶⁵.

Adicionalmente (e a seguinte questão, como veremos ao longo do presente trabalho, não é de somenos importância), a *Rationi Congruit* outorgaria, simultaneamente, a nova forma de serviço da Igreja Patriarcal, pensada ao modo de Roma e substituindo a observância dos estatutos da Sé de Lisboa Oriental, que D. Tomás de Almeida tinha declarado que fossem observados enquanto não se outorgassem estatutos próprios¹⁶⁶. Como vimos antes, a Capela Real já se regia pelos estatutos da Sé desde o tempo da Colegiada de São Tomé. Porém, a insatisfação do Rei quanto às disposições desta forma de serviço levou a que não fosse imediatamente dada à aplicação prática.

Em suma, a *Rationi Congruit* deveria ter tido dois grandes efeitos na Patriarcal: promulgaria a sua nova forma de serviço e outorgaria a anexação da quarta parte dos rendimentos de todos os bispados e arcebispados do Reino, bem como de várias outras igrejas espalhadas pelo País¹⁶⁷. D. João V decidiu não dá-la à execução, porque, segundo Lázaro Leitão, pretendia colocar nela mais algumas declarações¹⁶⁸, respeitantes à forma de serviço da Patriarcal. Por vicissitudes várias que

¹⁶³ *Discurso sobre o computo dos Principalatos vagos, na quantia que respeita a distribuições quotidianas, pertencer por acréscimo aos Principais existentes e não à renda da Fábrica da Sé Patriarcal*. fols. 171-177

¹⁶⁴ *Auto de apresentação, e aceitação de tres transumptos de Bullas Apostolicas passadas na curia Romana, e Sancta See Apostolica a favor do Exm.º e Rm.º Cabbido da Sancta Igreja Patriarchal*. In AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261, fól. 71f

¹⁶⁵ *Idem*, fól. 78f

¹⁶⁶ Declaração dada a 5 de fevereiro de 1718. *Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*. fól. 14f

¹⁶⁷ *Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa Patriarchal*. fól. 12 f

¹⁶⁸ *Discurso sobre o computo dos Principalatos vagos, na quantia que respeita a distribuições quotidianas, pertencer por acréscimo aos Principais existentes e não à renda da Fábrica da Sé Patriarcal*, fols. 171-177

desenvolveremos na devida altura, a aprovação da nova forma de serviço e a adstrição dos referidos rendimentos só chegariam quase duas décadas mais tarde, estando – como procuraremos demonstrar – na base das grandes obras da década de 1740, que culminariam na *grande* Patriarcal Joanina e na respetiva ressagração de 1746.

b. As duas Lisboas

Em 1716, nasceu então uma nova entidade diocesana num território pertencente a uma outra diocese com séculos e séculos de existência, que, por esse motivo, deixou de estar sob sua alçada. A separação eclesiástica de Lisboa, prevista na *Bula Aurea*, foi replicada por D. João V no governo político-administrativo da cidade, por alvará de 15 de janeiro de 1717¹⁶⁹. Apesar de ter sido reunificada em 1740 e 1741 – no espiritual e no secular, respetivamente – aparentemente o objetivo inicial do monarca era separar a cidade de forma definitiva, intenção declaradamente explicitada no alvará, onde afirma que “*Eu as aprovo, / e de Meu amplo poder as divido, e denomino do mesmo modo para sempre, e / quero que divididas sejam perpetuamente*”¹⁷⁰.

Foi, também, em janeiro de 1717 que se procedeu à demarcação do território das duas Lisboas¹⁷¹. A divisão entre as cidades era assinalada pelo troço da muralha onde se encontravam as Portas da Consolação, antiga entrada do recinto da cerca velha situada frente à Igreja de Santo António à Sé, muito conhecida, também, como a Porta do Ferro. Marcou-se outro ponto divisório nas Portas de Santo André, da muralha fernandina, situadas no início (lado Sul) da atual Calçada de Santo André, perto do Castelo de São Jorge. Tudo o que se encontrava entre estas portas e da Costa do Castelo para Oriente, ficaria para o Arcebispado. Tudo o que separavam as mesmas portas e da Costa do Castelo para o Ocidente, ficou para a Patriarcal. Basicamente, o Arcebispado ficou com aquilo a que se chamava, já na altura, a *cidade velha*, ou seja, tudo que se encontrava circunscrito pela cerca velha e dela para Oriente. Para o Patriarcado ficou tudo o que se situava da cerca velha (exclusive) para Ocidente¹⁷², o que incluía não só as zonas urbanizadas e monumentalizadas em períodos mais recentes, como o Bairro Alto, mas também os espaços de maior importância na vida urbana da capital, como o Terreiro do Paço, o próprio Paço da Ribeira ou

¹⁶⁹ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 21. Vd. anexos p. 169

¹⁷⁰ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, 24 Cx 261 doc 21.

¹⁷¹ *Colecção de cartas e documentos vários relativos à Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha, com datas compreendidas entre 1717-1722, e incluindo originais, alguns autógrafos, e cópias*, fól. 158v

¹⁷² *Idem*, fól. 54f-54v

a Praça do Rossio e o seu Hospital de Todos-os-Santos.

Pediu-se, ainda, que dentro do Patriarcado ficassem as igrejas da Conceição, do Socorro, da Pena, de S. Mamede, de S. Cristóvão e de S. Lourenço. A igreja da Madalena, apesar de muito próxima da Sé, deveria também ficar adstrita à Patriarcal, dado que o respetivo prior era quem administrava os sacramentos no Terreiro do Paço, não fazendo sentido, por isso, que ficasse sob alçada da Sé¹⁷³. Já a zona dos Anjos, por constituir a entrada de acesso do novo prelado ao seu território eclesiástico, deveria, também, ficar sob sua jurisdição. O Arcebispado de Lisboa ficaria com as entradas de Marvila e da Graça¹⁷⁴.

O cabido da Sé de Lisboa tentou impugnar o decreto papal, com o argumento de que este se contradizia: estipulava que Lisboa deveria ser dividida pela metade, mas a divisão reservava claramente mais espaço para a Patriarcal¹⁷⁵. Porém, como é sabido, a divisão foi efetivada, apesar dos vários protestos por parte daquele cabido. Aquando da separação, foi permitido a ambas as Lisboas a conservação de todas as honras e privilégios detidos pela velha diocese, apesar de a nova rapidamente ultrapassar a antiga graças à sucessiva acumulação de honrarias e distinções. O Rei ordenou que em todos os papéis expedidos se passe a usar a designação *Lisboa Oriental* ou *Lisboa Occidental*, consoante o local de expedição, e dividiu o Senado da Câmara de modo a servir as duas cidades. O Senado tinha, até então, um presidente, seis vereadores, um escrivão da câmara, dois procuradores da cidade e quatro procuradores dos seus mesteres¹⁷⁶. Quando o número de membros do Senado permitia a divisão, assim se fez. Quando tal era impossível – por exemplo no caso do presidente, por ser um único – o Rei nomeou um segundo, de modo a constituir dois Senados distintos e organicamente iguais. Passou a haver então dois Senados, cada um com um presidente (tendo o Rei nomeado um fidalgo para o novo cargo), três vereadores, um procurador da cidade e dois dos mesteres, tendo-se também nomeado um novo escrivão, que gozaria de todos os privilégios e prerrogativas do seu homólogo.

Cada Senado serviria, naturalmente, uma Lisboa. Ambos gozariam de todas honras e incumbências outrora concedidas ao Senado uno, mas agora separadamente. Por isso, mandou-se

¹⁷³ *Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha, com datas comprehendidas entre 1717-1722, e incluindo originaes, alguns autógrafos, e cópias*, fól. 53v

¹⁷⁴ *Idem*, fól. 53v

¹⁷⁵ *Idem*, fól. 158v

¹⁷⁶ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 21.

fazer uma nova Casa de Vereação, no interior dos limites de Lisboa Ocidental¹⁷⁷.

c. A Basílica Patriarcal nos anos imediatos à sua instituição

Felizmente, graças a alguns memorialistas – em particular, a Inácio Barbosa Machado – temos uma ideia relativamente boa de como seria o interior da recém-criada Basílica Patriarcal. Intitulado *Historia critico-chronologica da instituição da festa, procissão, e officio do corpo santissimo de Christo*¹⁷⁸, e publicado em 1759, o seu texto reporta a acontecimentos que tiveram lugar 40 anos antes, mais concretamente na Procissão do *Corpus Christi* de 8 de junho de 1719¹⁷⁹. Celebrada em Lisboa desde o reinado de D. João I até à atualidade e habitualmente saída da Sé, a Procissão do *Corpus Christi* passou a sair da Patriarcal, no âmbito de um já sinalizado processo de centralização, à volta da Capela Real, de privilégios que por norma caberiam a outros dignitários do alto clero português. Por este motivo, Barbosa Machado – muito detalhado na sua descrição – aborda com alguma profundidade o interior da basílica e documenta obras em andamento aquando da celebração daquela procissão, muito provavelmente vindas, ainda, da vasta campanha de trabalhos de que a Capela Real fora alvo, iniciada antes da elevação a Patriarcal e que abordámos no capítulo anterior.

Barbosa Machado informa que, na Europa, a maior Capela Real é a lisboeta¹⁸⁰. Estava decorada com finos mármore e admiráveis pinturas, cercadas por talha dourada. Era uma igreja de três naves, divididas por pilares de cantaria, com a central mais alta, decorativamente melhor valorizada e com janelas nas paredes superiores, cujos espaços intermédios tinham “*raras pinturas, obra dos melhores Artifices do seculo passado*”¹⁸¹. Mostravam passagens da vida de santos portugueses – ou que passaram pelo território posteriormente português – como São

¹⁷⁷ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc 21.

¹⁷⁸ Vd. MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. Parcialmente em anexo a partir da pág. 175

¹⁷⁹ Note-se que a “*Historia critico-chronologica da instituição da festa, procissão, e officio do corpo santissimo de Christo*” é um documento, como referimos, publicado em 1759 sobre acontecimentos que tiveram lugar em 1719. Resulta de uma obra escrita por encomenda de D. João V, cujas duas únicas cópias conhecidas arderam com o terramoto. O autor decidiu, por isso, dar à estampa o manuscrito que tinha guardado em segredo na sua casa, admitindo na introdução, porém, que lhe fez algumas alterações: “*me anima a oferecer a mesma Obra mais adicionada com algumas questões, e Authores modernos*” (pág. s.n.). Explica-se assim por que é que o trabalho menciona existências que comprovadamente não existiam em 1719 (como o Cardeal-Patriarca, referido na pág. 146, título que só foi outorgado em 1737).

¹⁸⁰ MACHADO, Inácio Barbosa – *op. cit.*, p. 145 e segs.

¹⁸¹ *Idem*, p. 145

Dâmaso, São Veríssimo, Santo António, São Gonçalo de Amarante, São João de Deus, Santa Engrácia, a Rainha Santa Isabel e Santa Senhorinha. Trata-se, com efeito, de um programa iconográfico expectável num templo régio construído por uma nova dinastia, de origem portuguesa, que veio suceder outra, ausente e de origem estrangeira. Por cima dos quadros e janelas, a uma cimalha seguia-se o teto, em abobada de volta perfeita e decorado com grutescos em ouro sobre um fundo branco, “*huma das mais excellentes pinturas, e desenhos, que tem Portugal*”¹⁸². Esta pintura de grutescos, em ouro sobre fundo branco, era a mesma que Colmenar tinha descrito anos antes, usando – como vimos – a mesma expressão para descrever o teto pintado seiscentista da sacristia da Igreja de São Roque, o que permite estabelecer que seriam, sem dúvida, obras com algumas analogias. Os vãos dos arcos entre a nave central e as laterais tinham painéis de pintura, com imagens dos santos protetores das principais cidades do Reino – envolvidas em talha dourada e viradas para o interior da nave central – cujo tardo se ornou com opulentos têxteis aquando da procissão¹⁸³.

O corpo da Igreja Patriarcal era rematado por um majestoso arco triunfal, totalmente coberto de talha dourada, que fazia a transição para a capela-mor. O comprimento desta era tão grande quanto o do corpo do templo – característica que, como referimos, passou a ter logo no início do reinado – permitindo assim acolher um grande número de religiosos aquando das celebrações de maior solenidade. Iluminada por várias janelas, a capela-mor estava decorada com quadros com passagens da Vida da Virgem e por talha dourada com *putti* e outros elementos esculpidos. No altar, “*magnifico, e fabricado na fórma Romana*”¹⁸⁴, a folha de ouro era também omnipresente, revestindo frisos e colunas, e envolvendo, ao centro, um grande painel com a Assunção da Virgem, e rematado por um largo dossel em tela branca, guarnecido por franjas em fio de ouro¹⁸⁵. Cremos ser pacífico aceitar que era posterior à elevação a Patriarcal, posto que se trata da invocação do templo na capela-mor, algo generalizadamente comum. O mesmo se poderá dizer, quiçá, dos painéis com a Vida da Virgem – igualmente ligados à invocação que substituiu a dedicação a S. Tomé – embora uma afirmação destas tenha que ser feita com alguma cautela, tendo em conta a omnipresença dos temas marianos na iconografia católica. Porém, como

¹⁸² MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Santissimo de Christo*, p. 146

¹⁸³ *Idem*, p. 149

¹⁸⁴ *Idem*, p. 146

¹⁸⁵ *Idem*, p. 147

aparentemente se trata de um programa iconográfico com alguma complexidade – incluindo certamente vários painéis com as mais importantes passagens da vida de Maria – é de supor que seja posterior à elevação a Patriarcal e consequente alteração do orago do templo. Aquando da Procissão do *Corpus Christi*, no altar da capela-mor colocaram-se “*seis grandes, e bem lavrados castiças de prata à maneira de Roma*”¹⁸⁶.

As duas naves laterais eram simétricas (característica que igualmente se comprova através das plantas) e, para Barbosa Machado, não excedia “*hum a outra, assim na fabrica, como na architectura*”¹⁸⁷. Tinham as paredes revestidas a azulejo, virados face aos pilares que delimitavam as naves laterais da nave central, e os tetos encontravam-se compartimentados com caixotões pintados com grutescos, motivo pictórico que o teto da nave central também apresentava. Barbosa Machado diz-nos, também, que as naves laterais tinham recebido “*novamente oito Altares de excellente architectura*”¹⁸⁸. Valerá a pena frisar que o sentido que a palavra “*novamente*” tinha, à época, não corresponde ao que tem hoje. Enquanto hoje comumente se infere uma ação que se repete, na época de Barbosa Machado, algo feito novamente seria algo que era literalmente *novo*, isto é, feito recentemente¹⁸⁹. Este dado é, pois, muito significativo, não só por documentar obra recentemente feita, como também por nos permitir cruzar a sua descrição com a de outros memorialistas. Recorde-se que Barbosa Machado não é o único que regista a reconfiguração das capelas, tendo também sido documentada por Fr. Agostinho de Santa Maria, que refere algumas alterações que foram feitas ao templo, incluindo a reformulação das capelas, que – como afirmámos no capítulo sobre a Capela Real nos anos anteriores à sua elevação a Patriarcal – ocorreu por certo entre 1712 e 1715. Conjuntamente com as descrições anteriores, que nos falam de um número assimétrico de capelas laterais, estes dados permitem-nos aferir que – no que respeita à reformulação interna das capelas – Fr. Agostinho de Santa Maria e Barbosa Machado referem-se à mesma campanha de trabalhos. Esta deu origem à distribuição em 8 altares que Machado igualmente menciona, certamente dispostos simetricamente, disposição esta que se manteve até 1755, como se esclarece pela planta da Biblioteca da Ajuda, mostrando quatro capelas de cada lado. Dada a extensão das alterações ao interior do templo, é

¹⁸⁶ MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*, p. 148

¹⁸⁷ *Idem*, p. 147

¹⁸⁸ *Idem*, p. 147

¹⁸⁹ “*Novamente: De pouco tempo, de poucos dias a esta parte*”. In BLUTEAU, Rafael – *Vocabulario portuguez e latino*. Vol. 5, p.756

provável que esta campanha tenha incluído também a abertura da nova entrada da Patriarcal – situada do lado do Evangelho e conectando diretamente com exterior –, algo que, como veremos, o autor também documenta como feito *novamente*.

Tal como o altar-mor, estes novos altares laterais eram “*fabricados à maneira de Roma*”¹⁹⁰. Compunham-se por uma coluna de cada lado, enquadrando assim uma pintura com alguma passagem da vida de um santo particularmente querido pela Casa Real, pinturas estas igualmente feitas aquando da reformulação das capelas, segundo informa Fr. Agostinho de Santa Maria¹⁹¹. Eram integralmente feitas em talha dourada, pois Machado descreve o ouro “*que cobre todas as partes destes Altares*”¹⁹², e rematavam-se, ao topo, por dosséis semelhantes ao da capela-mor, mas mais pequenos, e, dos lados, por grades “*primorosamente lavradas humas, e tornedas outras*”¹⁹³. Tinham ainda dois majestosos tocheiros dourados de cada lado, e, sobre a banquetta, quatro castiçais e uma imagem de Cristo crucificado em prata¹⁹⁴.

Ao topo de cada uma das naves havia mais duas capelas, “*de architectura admiravel*”¹⁹⁵, situadas na cabeceira da igreja e ladeando a capela-mor. A do lado do Evangelho – consagrada, como já vimos, ao Santíssimo Sacramento – era toda “*cosida em ouro*”¹⁹⁶, o que significa também coberta de talha dourada. Como se pode depreender pela descrição de Barbosa Machado, a talha dourada foi amplamente usada no revestimento do templo, constituindo uma solução bastante comum nas igrejas portuguesas do período barroco, como é sobejamente sabido. Sede da Irmandade do Santíssimo Sacramento, instituída pelo próprio Rei, a capela tinha, como habitual, um gradeamento, através do qual se viam figuras do mesmo Sacramento e passos das Escrituras (muito provavelmente de temática eucarística), bem como esculturas de santos, em prata¹⁹⁷. A outra capela lateral, situada do lado da Epístola, era menos rica no decorativo, mas “*da mesma architectura*”¹⁹⁸. Barbosa Machado não discrimina a respetiva invocação, mas sabemos, através da planta Biblioteca da Ajuda, que, pelo menos nas vésperas do terramoto, era dedicada à Sagrada

¹⁹⁰ MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. p. 147

¹⁹¹ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário Mariano*. Tomo 7. p. 158

¹⁹² MACHADO, Inácio Barbosa – *op. cit.*, p.147

¹⁹³ *Idem*, p. 147

¹⁹⁴ *Idem*, pp. 149-150

¹⁹⁵ *Idem*, p. 147

¹⁹⁶ *Idem*, p. 147

¹⁹⁷ *Idem*, p. 150

¹⁹⁸ *Idem*, p. 148

Família¹⁹⁹. Esta invocação, ocupando uma das principais capelas do templo – situada na cabeceira e contígua à capela-mor – explica-se como uma muito provável alusão iconológica à sacralidade da própria Família Real, e daí a sua importância num templo como uma Capela Real. Ainda que não diga exatamente onde ficava, a Capela da Sagrada Família aparece documentada num cerimonial anterior aos finais da década de 1730, intitulado *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal, escritas, ou compostas pelo Beneficiado António Figueira, mestre de Ceremónias da mesma S. Igreja, trasladadas pelo Beneficiado António Rodrigues Lages*²⁰⁰. Este documento constitui, basicamente, um cerimonial que se socorre de celebrações anteriormente decorridas na Patriarcal. Foi, como o título indica, trasladado pelo Beneficiado António Rodrigues de cerimónias compostas pelo também Beneficiado António Figueira. A data do traslado é 1767 – ano em que o templo que nos propomos a estudar já não existia –, mas, aparentemente, os originais que se trasladaram são documentos redigidos em datas muito díspares. Além de haver uma descrição do cerimonial do Dia da Purificação da Virgem Maria, celebrado em 1719²⁰¹, outra cerimónia descreve disposições litúrgicas iniciadas no ano de 1738²⁰², constituindo estas as duas únicas datas escritas que encontrámos no texto. Mais importante: em nenhum momento de toda a compilação (pelo menos que tenhamos conseguido localizar) é referida a existência de Principais ou de um Cardeal-Patriarca, distinções estas que chegaram, respetivamente, em 1739 e 1737. Este conjunto de informações permite aferir que o documento referido é constituído – como indicámos anteriormente – por uma coletânea de cerimónias decorridas em períodos muito díspares, provavelmente reunida em finais da década de 1730. Para exemplo, e enquadramento da importância deste documento no presente momento da nossa dissertação, atente-se no seguinte excerto:

“Com esta ordem veio caminhando a Procisam / pera a Igreja a cujo tempo repicaraõ os sinos, e tocaraõ os Orgaons, / e sahindo pela porta da nave da parte direita respectus ingredientis, entraraõ pelo arco / do meio, ajoelharaõ todos à Capela Mor, excepto o Senhor Patriarca e os Ilustrissimos Conegos, / que fizeraõ professa reverencia e foraõ pera a Capela do Santissimo Sacramento ficaraõ fora / desta todos o Ministro da Crus, e o da mitra ficando da banca da Capela

¹⁹⁹ A planta da Biblioteca da Ajuda identifica-a como tal.

²⁰⁰ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal, escritas, ou compostas pelo Beneficiado António Figueira, mestre de Ceremónias da mesma S. Igreja, trasladadas pelo Beneficiado António Rodrigues Lages*. BNP – Coleção de Microfilmes – Cota F.R. 405

²⁰¹ *Idem*, p. 101

²⁰² *Idem*, p. 51

Mor, que / sempre se poem da parte pera onde se hade hir fazer a funçaõ. Suas Illustrissimas entra/raõ a Capela, e ajoelharaõ ao Sacramento sem barretinhos fizeraõ reciproca reverencia e / hindo a seos lugares, fizeraõ logo Oraçam, ficando fora os Caudatarios, pe/lo sitio ser pequeno pos devem estar junto dos seos Patroens ut in quadratura”²⁰³.

A menção ao Patriarca, como *apenas* Patriarca, e aos cônegos como cônegos, e não Principais, permite aferir que este excerto em particular é anterior a 1737. Já o facto de indicar a Capela do Santíssimo Sacramento como demasiado pequena, diz-nos tanto que ainda não tinha sido aumentada como por que é que teve de ser aumentada. Com efeito, se, como descreve Barbosa Machado, ambas as capelas laterais da cabeceira – a Capela do Santíssimo Sacramento (lado do Evangelho) e a Capela da Sagrada Família (lado da Epístola) – eram da “*mesma arquitetura*”²⁰⁴, depreende-se, portanto, que tinham as mesmas dimensões. Como veremos mais à frente, uma das intervenções das campanhas de obras da década de 1740 foi precisamente o aumento da Capela do Santíssimo, para que passasse a ter um comprimento igual ao da capela-mor, de modo a albergar todos os ministros que lá oficiavam.

Nos pés da igreja, do lado oposto à capela-mor, situavam-se as tribunas reais, onde a família real assistia aos ofícios. Por baixo das tribunas havia três portas que ligavam a uma galeria que, por sua vez, acedia ao interior do Palácio da Ribeira²⁰⁵, tudo igualmente presente nas plantas da Biblioteca da Ajuda e da Biblioteca Nacional. Para além destas, a Igreja Patriarcal era servida por uma outra porta, “*que novamente se fabricou no fim da nave do Evangelho*”²⁰⁶ (à qual já fizemos alusão anteriormente), dominando um largo átrio. “*He esta porta de largura notável, e excedendo no elevado a muitos arcos triunfaes, na perfeição da arte, às melhores de Lisboa, não tendo semelhante na grandeza, e symetria; está revestida de marmores taõ bornidos, e taõ singularmente lavrados, que parece se esquecerão da sua natural dureza, mostrando-se obediente ao sinzel para obsequio do Templo, e serviço da Igreja, ostentando em parte folhagens, e flores fabricadas com tal delicadeza, que enganaõ, se foraõ abertas em cera, e não em marmores*”²⁰⁷. Machado não foi o único a registar a sua construção. Igualmente no ano de 1719, o Conde de

²⁰³ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal (...)*, p. 28

²⁰⁴ MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. p. 148

²⁰⁵ *Idem*, p. 150

²⁰⁶ *Idem*, pp. 150-151

²⁰⁷ *Idem*, p. 151

Povolide escrevia que “forão todos um a um tomar vela da mão do Patriarca, e lhe bejavão o anel. Erão as velas mais curtas que dantes, e com elas acesas, acompanharão a procissão, que deseo pelas escadas novas que se fizeram, e rodeou o pátio da capela, e subio pela escada antiga, debaixo do pálio, o Patriarca com o Santíssimo, e com as varas, Sua Magestade e Altezas”²⁰⁸. Já a *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal*, regista também que, aquando da Procissão do *Corpus Christi*, “O Largo da Escada nova se armou todo de panos de Ras”²⁰⁹. A descrição planimétrica de Barbosa Machado (uma porta no fim da nave do Evangelho que domina um largo átrio), bem como a descrição da estruturação da escadaria²¹⁰, permite perceber que este se refere, sem dúvida alguma, à grande escadaria e respetiva porta que se vê na planta da Biblioteca Nacional²¹¹, ligando a nave da igreja ao exterior. É possível, assim, aferir que esta entrada, feita no início da história do Patriarcado – ou talvez, como veremos, ainda antes – se manteve até 1755.

Tudo indica que, no período imediatamente anterior à sua elevação a Patriarcal, a Capela Real foi alvo de uma importante campanha de reformulação, que reconfigurou a sua estrutura interna. A necessidade de simetrizar a disposição das capelas laterais e de abrir uma nova e magnificente entrada, conectando diretamente com a rua – algo que a Capela Real não tinha, pois, como vimos atrás, era preciso passar pelo pátio das tendas para lhe aceder – imporia, é natural, a consequente reconfiguração do revestimento interno. Dada a extensão e importância destas alterações – uma nova entrada e oito novas capelas, tudo dado por Barbosa Machado como “novamente” feito – será de esperar que tudo se deva a uma única campanha de trabalhos, iniciada, portanto, ainda antes da instituição da Patriarcal. Todavia, a documentação que

²⁰⁸ SALDANHA, António Vasconcelos de – *Portugal, Lisboa e a corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha e Ataíde I^o Conde de Povolide*, p. 316

²⁰⁹ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal (...)*, p. 217

²¹⁰ “Sobe-se para esta grande porta, que fica em lugar eminente, por humas taõ formosas escadas, que em nada cedem à magestade, e perfeição dos melhores edificios. Começaõ no pavimento do atrio com degrãos de notável grandeza, que subindo vão estreitando até rematarem em hum largo, e desafogado patim. Deste nascem dous lanços differentes, que sobem desencontrados, hum para o Norte, outro para o Sul, ambos porém de primorosa fabrica, e guarnecidos pelos lados na parte exterior de grades, ou balaustes de pedra, que fervem de ornato à obra, e de encosto à gente; e pela parte interior estão arrimadas outras grades com a mesma semelhança humas das outras, e a parede revestida de muitas almofadas de pedra, com grande primor da arte. Acabaõ estes lanços em dous proporcionados patins, ou pequenos atrios, igualmente cercados pelas faces exteriores de grades de pedra com a mesma perfeição de todas as mais, de que temos fallado. Destes dous atrios nascem outras duas escadas, que sobem ornadas de semelhante gradaria, e ambas vão terminar no ultimo atrio, ou entrada da Santa Igreja Patriarcal”. MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. p. 151

²¹¹ *Planta da primeira Igreja Patriarcal*. Vd. fig. 22, pág. 154

presentemente se conhece não no-lo permite provar com segurança, pelo que é de se fixar a cronologia da abertura daquela entrada e construção dos respetivos portal e escadaria algures entre 1712 – quando sabemos que ainda não existia, graças à *Corografia Portuguesa* e à gravura do batismo do príncipe herdeiro – e 1719 – ano em que já é referida, tanto por Barbosa Machado como pelo Conde de Povolide.

Certo é que os trabalhos continuaram após a elevação a Patriarcal, não só numa lógica de prossecução das intervenções promovidas antes do papado ter outorgado a importante distinção, mas também como forma de dotar o templo dos elementos necessários à sua nova e superior dignidade, incluindo uma mais eficiente e mais magnificente articulação com o espaço urbano circundante. Entre os ornamentos dispostos no exterior da Patriarcal aquando da festa do *Corpus Christi*, destacava-se um dossel tão grande, “que podia cobrir não só toda a porta, e escadarias; mas também o novo atrio, que se vay fabricando”²¹². Este “novo átrio” era a zona que futuramente ficaria mais conhecida por *Largo da Patriarcal*, à volta do qual se distribuía não só a igreja, mas também todas as estruturas e equipamentos afetos à Cúria. Naquele ano de 1719 encontrava-se em construção, certamente por motivos que se prendiam com a já referida articulação com a urbe e com a edificação das ditas estruturas afetas à Patriarcal. É possível perceber que Barbosa Machado se refere efetivamente ao Largo da Patriarcal, não só por exclusão de partes, mas também porque, pouco depois, o autor afirma que “nas faces do átrio, e paredes da Santa Igreja, haveria mais de duzentos e cincoenta pannos de arraz, todos inextimaveis no debuxo”²¹³. Eram precisamente as paredes da igreja e as faces do átrio que delimitavam o Largo da Patriarcal, numa estrutura em U, como se pode perceber na planta da Biblioteca Nacional, onde se verifica que aquele é o único átrio²¹⁴ cuja parede se prolonga numa parede do templo, designadamente na sua parede do lado do Evangelho. Tanto a parede do lado da Epístola como os pés da igreja se articulavam com estruturas do complexo patriarcal ou palaciano. Era, também, por esta nova e sumptuosa entrada – e pelo átrio a ela anexo – que haveria de sair a Procissão do *Corpus Christi*²¹⁵, o que, só por si, nos dá uma pista para a necessidade de a mesma entrada ser

²¹² MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. p. 152

²¹³ *Idem*, p. 152

²¹⁴ Note-se que Rafael Bluteau, na sua obra de 1728, indica que a palavra “átrio” é usada com significados muito díspares, entre os quais o seguinte: “he como Pateo, e lugar descoberto”. BLUTEAU, Rafael – *Vocabulario portuguez e latino*. Vol. 1. p. 644

²¹⁵ MACHADO, Inácio Barbosa – *op. cit.*, p. 167

aberta e monumentalizada. Com efeito (e falando ainda da articulação entre a Patriarcal e a cidade), seria completamente impossível que uma procissão com o tamanho e opulência da do *Corpus Christi* saísse, com toda a pompa e circunstância necessária, através de uma entrada como a entrada mais antiga do templo, que, como vamos ver, conectava com dois lances de escadas, por sua vez ligados ao pátio das tendas (que, segundo um memorialista, teria capacidade para quatro ou cinco coches no máximo ²¹⁶), e saía numa das zonas mais densamente urbanizadas de Lisboa. A conceção de uma nova infraestrutura de acesso (portal, escadaria e largo), permitiria resolver problemas logísticos em ocasiões como esta e facultar um espaço para reunião de toda a sociedade civil lisboeta, que num evento como a Procissão do Corpo de Deus acorria massivamente para participar, como bem elucida o vasto elenco de participantes que Barbosa Machado nos deixou ²¹⁷. Adicionalmente, conforme sinalizou André Filipe Neto, a saída da importante procissão da Patriarcal, em detrimento da Sé, não é sem implicações. Aponta, sim, *“para a eleição do espaço do poder que, desta forma, emana do complexo palaciano que partilha com o Rei, estabelecendo uma relação inequívoca entre um e outro”* ²¹⁸.

Apesar da novidade de uma sumptuosa entrada recentemente terminada, conectando diretamente com o Largo da Patriarcal, era à outra porta lateral – a que também acabámos de aludir – que cabia a distinção de entrada principal no templo: *“a outra porta grande, e magnifica da Santa Igreja Patriarcal, que fica em a nave da Epistola, como entrada principal do Templo, se serve por hum largu, e formosa escada de muitos degrãos de pedra dividida em dous lanços diferentes”* ²¹⁹. Por esta porta *“se desce a hum dilatado, e magestoso pateo, fabricado à maneira de claustro sobre arcos de pedra, que descança em capiteis bem lavrados, e estes firmados em grossas, e altas columnas de marmore”* ²²⁰. É, com segurança, o acesso identificado na planta da Biblioteca Nacional como *“escada por onde se subia do pátio das tendas à Santa Igreja”* ²²¹.

Este pátio é abundantemente citado na documentação que, ao longo da primeira metade do século XVIII, se reporta ao Paço da Ribeira e à Basílica Patriarcal. Além de zona de acesso ao

²¹⁶ AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain - *Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils*. p. 147

²¹⁷ MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Santissimo de Christo*, pp. 167 e segs

²¹⁸ NETO, André Filipe – *“Se bem me quer João, suas obras o dirão” - Aproximações ao conceito de obras de majestade de D. João V*, p. 78

²¹⁹ MACHADO, Inácio Barbosa – *op. cit.*, p. 153

²²⁰ *Idem*, p. 153

²²¹ *Planta da primeira Igreja Patriarcal*. Vd. fig. 22, pág. 154

Paço da Ribeira e à sua Capela Real e Basílica Patriarcal, foi também usado como zona de comércio de mercadorias raras até ao terramoto. No primeiro ano da governação de D. João V, 1707, Juan Alvarez de Colmenar publicava que *“entrant dans le Palais, on trouve une cour quarrée, environée de portiques, où divers marchands étalent des ouvrages rares & précieux, qu’on aporte des Indes ou d’autres payes étrangers”*²²²; a *Corografia Portuguesa*, de 1712, fala das *“duas portas [da Capela Real], que sahem para hum grande pateo de figura prolongada, que adornaõ 52 janellas de grades”*²²³, e a *Description de la ville de Lisbonne*, de 1730, – referindo-se ao Paço – de *“une Cour environnée d’un bâtiment carré, qui est soûtenu par des Portiques, sous lesquels quantité de Marchands débitent tout ce que le Commerce peut fournir de plus rare en marchandises”*²²⁴. Mais tarde, meses antes do terramoto, o Chevalier des Courtils escreveria que *“l’entrée la plus noble [do Paço da Ribeira] est celle qui donne dans la cour voisine de la patriarchale. Cette cour est garnie de colonnes de pierre autour desquelles il y a plusieurs boutiques. Elle est très petite, n’a nulle dignité; à peine y tiendrait-il quatre ou cinq carosses. L’escalier en est beau et comode. On peut dire exactement que le palais est sans aucunes avenues et sans cours qui l’annoncent”*²²⁵. *“Sem avenidas e sem pátios que o anunciem”*, isto é, sem aquelas fundamentais estruturas de aparato tão marcantes do Barroco francês, como as existentes em Versalhes.

O facto de, umas vezes, os autores informarem que se referem ao Paço da Ribeira, e outras indicarem que se estão a referir à Capela Real, pode gerar alguma confusão. Todavia, saliente-se em primeiro lugar que, como já desenvolvemos anteriormente, a Capela Real – promovida a Patriarcal em 1716 – era a capela palatina do Paço da Ribeira, fazendo parte integrante do mesmo conjunto arquitetónico, numa lógica construtiva paralela à usada noutras capelas palatinas que já sinalizámos, como Salvaterra de Magos ou São Miguel de Coimbra.

Por outro lado, a planta da Biblioteca Nacional dissipa qualquer dúvida sobre se as descrições se referem ou não ao mesmo espaço. Esta identifica – como escrevemos anteriormente –, conectando com uma porta de acesso do lado da Epístola e situada aos pés da igreja, a *“escada*

²²² COLMENAR, Juan Alvarez – *Les delices de l’Espagne et du Portugal*. Tomo 4. p. 753

²²³ COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa e Descripçam Topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3. p. 662

²²⁴ *Description de la ville de Lisbonne*, p. 11

²²⁵ AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain - *Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils*. p. 147

por onde se subia do pátio das tendas à Santa Igreja”²²⁶. Ora, tenha-se em conta que, à época, a palavra “tenda” não tinha o significado de hoje. “Tenda” era sinónimo de estabelecimento de comércio, conforme nos esclarece Rafael Bluteau: tenda é “onde se vende. Se diferença de Loja, em que esta tem o balcão dentro, e Tenda he cuberta por fóra de panno, ou taboado, como as das mulheres que vendem cousas de comer na Ribeyra, e em outras partes da Cidade”²²⁷. Curiosamente, em Castelhana “tienda” significa “loja” ainda hoje.

Estas descrições, coincidindo todas na definição de um pátio porticado que era usado como zona comercial, permitem-nos aferir que este mesmo pátio foi usado como zona de acesso não só ao Paço da Ribeira, mas à própria Basílica Patriarcal. Explica-se assim porque é que Barbosa Machado afirma que a principal entrada da basílica não era a do Largo da Patriarcal. Era, sim, a entrada que partilhava com o acesso principal ao Paço da Ribeira – do qual, afinal, era capela palatina –, um “pateo, fabricado à maneira de claustro”²²⁸, mais conhecido, porém, como o pátio das tendas.

Para além da abundância de informação que Barbosa Machado nos deixou, sabemos ainda, graças à descrição da cerimónia do Dia da Purificação da Virgem Maria – ocorrida no ano de 1719 e registada na já referida *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal*²²⁹ – que a Patriarcal estava já dotada de uma quadratura, com canceladas que a separavam do corpo da igreja, e duas sacristias. Se duvidas houvesse quanto ao que seria exatamente a quadratura, a mesma fonte esclarece-o: “são os bancos dos Illustrissimos Conegos”²³⁰. A quadratura era, portanto, o cadeiral dos cônegos, que se situava no interior da capela-mor, semelhantemente ao que se verifica em muitas outras igrejas episcopais e arquiepiscopais existentes em Portugal. Foi, por isso, certamente construída à volta de 1707, o primeiro ano do reinado, quando – como vimos anteriormente – José Soares da Silva documenta que a capela-mor foi ampliada e o templo passou a estar provido de um cabido.

É, além disso, perfeitamente possível que as obras feitas pela altura da elevação a Basílica Patriarcal tenham incluído a construção de uma segunda sacristia. Pese embora a existência de

²²⁶ *Planta da primeira Igreja Patriarcal*. Fig. 22, pág. 154

²²⁷ BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Vol. 8, p. 93.

²²⁸ MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*, p.153

²²⁹ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal* (...), p. 101 e segs

²³⁰ *Idem*, p. 1

sacristias afetas às capelas laterais – o que constitui uma prática muito comum – a *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal* documenta, em vários momentos, a existência de duas sacristias, que já existiam certamente em 1719, pois são referidas na cerimónia do Dia da Purificação da Virgem. Uma seria a sacristia principal e na outra guardavam-se os paramentos das *missas privadas*²³¹. A existência de duas sacristias na Patriarcal é um facto já sabido e conhecido, estando ambas assinaladas nas plantas da Biblioteca da Ajuda. Uma delas foi até reproduzida em planta individual²³², legendada como a “*Aula aonde se paramenta Sua Eminencia dos paramentos publicos para os Officios Divinos*” [Fig. 21, pág. 153], que, pela planimetria, facilmente se identifica como o número 10 da planta da Biblioteca Nacional, a “*sancristia*”²³³. Na cabeceira da igreja, do lado da Epístola e junto ao altar-mor, ficava o “*Vestuario, ou sacristia dos Principaes*”²³⁴. Apesar de, nesta altura de finais da década de 1710, os cônegos ainda não usarem do título de Principais – distinção que só chegará em 1739 –, tudo indica que existia uma sacristia para os cônegos e outra para o Patriarca, tendo-se muito provavelmente edificado a mais recente, por esse motivo, pouco depois da elevação a Basílica Patriarcal, dado que sabemos que em 1719 já as duas existiam – e daqui a importância da *Relaçam*. Destaque-se que a *Corografia Portuguesa*, publicada em 1712, menciona apenas a existência de “*hũa sumptuosa sacristia, ornada de bons payneis de excelentes pinturas, com ricos ornamentos, e muytas peças de ouro, e prata para o serviço da Igreja*”²³⁵. Pode-se por isso assumir, com alguma segurança, que em 1712 havia apenas uma única sacristia. Tendo em conta que praticamente toda a cabeceira foi feita no tempo de D. João V (incluindo a sacristia que nela se localiza, mais pequena), e que teria que impreterivelmente haver uma sacristia antes disto, pode-se deduzir que a sacristia mais antiga era a maior, situada ao lado do corpo do templo, a mesma registada em planta individual nos fundos da Ajuda.

Em suma – e fazendo um balanço em paralelo com o capítulo anterior, dada a linha de continuidade –, as várias descrições que nos chegaram permitem perceber que, ao longo de toda a década de 1710, a Capela Real foi alvo de uma sistemática e praticamente ininterrupta campanha construtiva. Quer isto dizer que não se pode propriamente afirmar que houve uma importante

²³¹ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal* (...), pp. 101-102

²³² Biblioteca da Ajuda – Ms. 54-XI-38, 17a. Vd. fig. 20, pág. 152

²³³ *Planta da primeira Igreja Patriarcal*. Vd. fig. 22, pág. 154

²³⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 54-XI-38, 17b. Vd. fig. 21, pág. 153

²³⁵ COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa eDescripçam Topografia do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3. p. 662

campanha edificadora iniciada com a instituição da Patriarcal, e justificada pela mesma, mas o que aconteceu foi, desde o início do reinado, uma continuada promoção e dignificação estatutária e litúrgica da capela, a par e passo com a (intrinsecamente relacionada) reformulação e ampliação do templo, onde a elevação a Basílica Metropolitana Patriarcal se enquadra. Para além do que foi feito antes (ampliação da capela-mor e das naves, edificação das capelas laterais da cabeceira, reformulação das capelas do corpo, construção da torre sineira e do santuário) ter-se-á criado uma nova entrada, conectando com o largo onde se dispunham as estruturas afetas à Cúria, também construído nesta altura, bem como uma segunda sacristia, aparentemente para uso privativo do Patriarca. A condução dos trabalhos de arquitetura foi confiada a João Frederico Ludovice, sabendo-se ainda que coordenou a produção de prataria destinada à Patriarcal. Charles Merveilleux escreve-nos, falando do Real Edifício de Mafra, que "*Un Orfèvre nommé Frideriks, grand Maître Aliborum, fut chargé de la direction de l'Ouvrage. C'étoit un Allemand, fort brutal, qui savoit un peu dessiner. Il a eu de plus la direction de toute l'Argenterie de l'Eglise Patriarchale, qu'il a faite d'assez mauvais alloy, fort chargée d'ornemens non finis, mais d'un massif énorme, parce que la façon lui étoit payée à tant par Once*"²³⁶. Apesar de Merveilleux estar a escrever em 1738, é-nos dito que a obra de Mafra, iniciada em 1717, foi entregue a "*Frideriks*" (*Friederich*, isto é, Frederico Ludovice), numa altura em que o ourives – pois a ourivesaria era efetivamente a sua formação de base – já tinha a seu cargo a coordenação da prataria da Patriarcal.

Apesar das intervenções promovidas, a descrição de Barbosa Machado deixa perceber que o interior da Patriarcal continuava a manter bastantes realizações do século anterior – como o programa pictórico junto às janelas da nave central – decorridas do processo de construção e decoração de uma nova Capela Real do Portugal Restaurado; como revela, aliás, o programa iconográfico então empregue. Pese embora a conceção dos novos altares "*à maneira de Roma*", bem como outras realizações, em toda a descrição de Barbosa Machado respira essencialmente uma igreja de gosto tardo-seiscentista – gosto do qual a produção artística, naqueles primeiros anos do século, era naturalmente devedora – *i.e.* uma igreja revestida a talha dourada, embutidos de pedraria, pintura e azulejaria. Contudo, pesem embora estas permanências, Giuseppina Raggi chama à atenção para o modo como "*o ano de 1719 representa o climax do processo de transformação cultural da corte joanina e de atualização da imagem da monarquia lusitana em*

²³⁶ MERVEILLEUX, Charles – *Memoires instructifs pour un voyageur dans les divers Etats de l'Europe*. Tomo 1. p. 185

*conformidade com a linguagem artística vigente na Europa*²³⁷.

Neste quadro, a encomenda dos novos altares e respetivas pinturas não deixa de merecer algumas linhas, tendo em conta que – sendo “à maneira de Roma” – não seriam, por isso, feitos ao gosto da talha dourada do Barroco nacional, tal como foi definido por Robert Smith. Se eram, efetivamente, ao gosto do Barroco romano – isto é, à maneira do que o mesmo autor definiu, para a talha dourada, como estilo joanino – podemos estar perante uma das primeiras concretizações do género, anterior a 1715 (como cremos que Fr. Agostinho de Santa Maria demonstra) e pensado, tal como grande parte da própria Cúria Patriarcal, “à maneira de Roma”; ou mais concretamente, à maneira de Bernini. Sílvia Ferreira, que estudou a arte da talha em Lisboa, coloca *circa* 1715-20 as primeiras realizações do estilo joanino, mais especificamente na Igreja da Pena e na Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação das Comendadeiras de São Bento de Avis²³⁸, o que talvez permita pensar que o estilo joanino, para a arte da talha, possa ter conhecido na importante Capela Real também uma das suas primeiras concretizações, mas esta é uma questão que deverá ser melhor aprofundada.

3. Entre Alcântara, Mafra e a Ribeira: concretizações subsequentes à instituição da Patriarcal

O vazio informativo sobre intervenções na Basílica Patriarcal a partir de finais da década de 1710, inícios da década de 1720, leva a crer que houve, desde então, uma interrupção no respetivo fulgor construtivo. Isto é explicável através de vários fatores. Depois de uma campanha de reformulação que, apesar de não ter sido completamente integral, pouco faltou para o ser, estava já suprida a necessidade de intervenções que justificara essa mesma campanha. O suprimento das necessidades construtivas da Capela Real possibilitou (e, simultaneamente, levou a) que se descolassem os recursos humanos e financeiros para outras empreitadas de grande importância, nas quais o Rei tinha um interesse central, como demonstra o projeto de um vasto complexo que incluía Basílica Patriarcal e Palácio Real, pensado em 1719 para o sítio de Buenos

²³⁷ RAGGI, Giuseppina – “A formosa máquina do Ceo e da terra”: a procissão do Corpus Domini de 1719 e o papel dos arquitetos Filippo Juvarra e João Frederico Ludovice, p. 107

²³⁸ FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva – *Talha Barroca de Lisboa (1670 - 1720). Os Artistas e as Obras*. Vol. 1. p. 173

Aires, ou a vasta reconfiguração do projeto inicial de Mafra, em 1721-1722²³⁹, cuja edificação decorria já, porém, desde 1717.

Como é sobejamente sabido, João Frederico Ludovice tomou a seu cargo a direção da obra de Mafra, dando continuidade ao serviço à Coroa que vinha já desde o tempo de D. Pedro II e passara pela obra da Capela Real no início do reinado de D. João V. Já a obra para Lisboa, mais concretamente para o dito sítio de Buenos Aires, em Alcântara, foi entregue ao arquiteto turinense Filippo Juvarra.

Entre as razões para o equacionamento do projeto para Buenos Aires, João Batista de Castro destaca que *“Faltava ao material da Igreja a sagrada fabrica de hum edificio competente, que merecesse no magnifico o nome de Basilica, e Templo Regio Patriarcal. Preoccupado o zelo delRey com este santissimo pensamento, mandou chamar à sua Real presença em 7 de Fevereiro de 1719 alguns Fidalgos, Ministros, e Medicos pelo que tocava à eleição de hum sitio saudavel, e Architectos, que dirigissem a projecção da grande obra, que intentava”*²⁴⁰. Depois de uma análise ao panorama da cidade feita do Tejo, naquele dia o Rei reuniu-se com os importantes membros da Corte, para que se discutisse sobre se se haveria de edificar na zona de Buenos Aires, apontada pelos médicos, ou no Terreiro do Paço. Foram a votos sobre qual o local a escolher, e venceu a primeira opção.

Executou-se então o projeto, cujas propostas são conhecidas, estando guardadas no Palazzo Madama – Museo Civico d’Arte Antica²⁴¹, em Turim. O facto de se ter chegado a propor edificar no Terreiro do Paço não é de somenos importância. Diz-nos que, muito provavelmente, a sistemática alteração e ampliação da Capela Real terá exposto a mesma insuficiência, revelando que, por muito que se a tentasse alterar e aumentar, a solução ideal – dado o crescimento da importância eclesiástica do templo nos últimos anos – seria mesmo edificar um novo complexo *ex novo*. Aparentemente, chegou-se ao final da década de 1710 com a ideia de que aquilo que era permitido pelo espaço da Capela Real do Paço da Ribeira era insuficiente, até por a própria densidade urbana envolvente dificultar grandes empreendimentos, e, tendo em conta a extensão das obras feitas antes, tudo indica que o efeito mais direto da elevação da Capela Real a Patriarcal

²³⁹ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 39

²⁴⁰ CASTRO, João Baptista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 193

²⁴¹ Vd. RAGGI, Giuseppina – *Esquisto para o Palácio Real e Igreja Patriarcal de Lisboa*, p. 54 e segs

foi a exposição da respetiva insuficiência para albergar a nova Cúria. Note-se que a criação da Patriarcal significava não só a necessidade de valorização artística do templo propriamente dito, mas também a edificação de todo um complexo envolvente, afeto à Cúria. Daí a necessidade de se edificar numa zona virgem (como o sítio de Buenos Aires) onde, por se encontrar pouco ou nada urbanizada, oferecia todo o espaço descoberto necessário a uma enorme edificação, incluindo a Basílica Patriarcal e todas as respetivas estruturas a ela afetas, mais o Palácio Real (do qual, é importante não esquecer-lo, a Patriarcal era capela palatina), bem como os equipamentos destinados ao governo régio e dia-a-dia da Família Real.

Francisco Xavier da Sylva diz-nos que *“Fez-se o risco, demarcaraõ se os sitios, junto à Ribeira de Alcantara: mas dizendo o Architeto D. Filippe a ElRey, que além de huma consideravel somma de milhões, se precisava do decurso de trinta annos para a sua construcção, elle respondeo, que se lhe não dava do dispendio, e que só lhe causava diffculdade o tempo; porque a tanto se não extenderia a sua vida: ficando sem efeito a obra; porque faltou a Sua Magestade o gosto em não a ver logo completa, e à nossa Cidade mais esta sumptuosa fabrica, que a condecorasse”*²⁴². Historiadores como José Fernandes Pereira afastam os argumentos de ordem financeira ou temporal, para a não realização da obra, como pueris²⁴³. Já Merveilleux, que passou por Lisboa durante o reinado de D. João V, escreve que o Rei foi sensibilizado pelo Secretário de Estado Diogo de Mendonça Corte-Real para não avançar com o projeto, e a preferir, ao invés, investir no abastecimento de água da cidade²⁴⁴. Certo é que não se concretizou mesmo e Juvarra, chamado a Portugal por pedido expresso do Rei²⁴⁵, por cá ficou de janeiro a junho de 1719²⁴⁶. Pese embora a relevância histórico-artística do importante arquiteto turinense, não se pode dizer que tenha deixado grandes marcas na História da Arte portuguesa, posto que o principal projeto de que foi incumbido foi frustrado, e que a sua breve estadia não permitiu que fizesse escola. Ainda que nunca tenha passado do papel, o projeto para Alcântara – e sobretudo, um pouco mais tarde, Mafra – conjuntamente confirmam a deslocação da atenção do Rei, do financiamento e dos seus principais artistas para outras empreitadas, a partir de finais da década de 1710 e inícios da de

²⁴² SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 90

²⁴³ PEREIRA, José Fernandes – *O barroco do século XVIII*, p. 54

²⁴⁴ MERVEILLEUX, Charles – *Memoires instructifs pour un voyageur dans les divers Etats de l’Europe*. Tome 1. p. 95

²⁴⁵ SALDANHA, António Vasconcelos de – *Portugal, Lisboa e a corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha e Ataíde I^o Conde de Povolide*, p. 321

²⁴⁶ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 38

1720.

Conforme aferiu António Filipe Pimentel²⁴⁷, a frustração dos planos para Buenos Aires beneficiou a edificação do Real Edifício de Mafra, cujo projeto inicial foi então enormemente aumentado, à volta de 1721-22²⁴⁸. Já a idealização do vasto complexo para Buenos Aires beneficiara, por sua vez, da constatação das limitações possibilitadas pelo Paço da Ribeira, expostas por sucessivas campanhas de obras de ampliação e beneficiação, e sobretudo pelas necessidades intrínsecas à própria elevação a Patriarcal. Para este autor, é em Mafra que “*se alcançaria plasmar, indiscutivelmente e como em nenhuma outra edificação, a própria arquitetura do poder real, como D. João V a configuraria, englobando as vertentes secular e eclesiástica numa síntese harmónica e plenamente original – justamente o escopo do programa cometido ao arquiteto turinense*”²⁴⁹, escopo este que dificilmente se conseguiria na Ribeira, dada a natureza do palácio pré-existente – edificado no início do século XVI e alterado nos tempos seguintes ao sabor das necessidades – e restringido, ainda, pelos limites à sua ampliação impostos pela malha urbana circundante. Estes factos, conjuntamente, significavam que era praticamente impossível concretizar na Ribeira algo como o planeado para Buenos Aires ou o edificado em Mafra.

Com o avançar das obras e a aproximação da sagração de Mafra, a 22 de outubro de 1730 – aniversário do monarca –, o fulgor construtivo que o *Real Edifício* concentrara conheceu algum abrandamento, e o Paço da Ribeira voltava a receber as atenções do Rei. Já nesta altura de finais da década de 1720 a Capela Real fazia as delícias dos estrangeiros que visitavam Lisboa, registando um deles, César de Saussure, num relato de cerca 1725-1729, que “*Por duas vezes estive na Capela Real, situada num dos extremos do palácio. Esplende de riquezas, com excelentes quadros e mármore dos mais finos e ricos. As colunas que formam a nave estão revestidas, a toda a altura, de lâminas de prata, dando a impressão de que são de prata maciça. O sacrário é de ouro, cravejado de diamantes e outras pedras preciosas e é um descansar de olhos ver tanta magnificência e tanta riqueza*”²⁵⁰.

Pelos finais da década de 1720 e inícios da de 1730 – altura em que Antonio Canevari é

²⁴⁷ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 39

²⁴⁸ *Idem*, p. 39

²⁴⁹ *Idem*, p. 39

²⁵⁰ SAUSSURE, César de – *Lettres de Lisbonne - Édité par le Vicomte de Faria (avec Préface)*, p. 264

chamado a Lisboa, onde fica entre 1728 e 1732²⁵¹ –, conhecem-se várias intervenções no Paço e na Patriarcal, apesar do volume da documentação que nos chegou não permitir perceber o seu alcance com o mesmo nível de exatidão das décadas de 1710 e 1740. Entre as intervenções de Canevari, conta-se a obra feita na já existente torre do relógio do Paço²⁵² (distinta da torre sineira da Capela Real) – tendo ficado, por esse motivo, conhecida pela historiografia como a *torre de Canevari* –, bem como a principal escadaria de acesso ao quarto da Rainha²⁵³. No quarto do Príncipe havia igualmente trabalhos a decorrer, que se previam terminados pelo Natal de 1731²⁵⁴, mas em janeiro do ano seguinte ainda estava a receber as respetivas portas²⁵⁵. O Rei terá igualmente pretendido melhorar o abastecimento de água do Paço da Ribeira e da Patriarcal e, não querendo fazer uso das Águas Livres, adquiriu um abundante poço situado às Cruzes da Sé. Ordenou então a Canevari que o examinasse e orçasse a obra necessária para conduzir a água até ao palácio. Porém, devido ao falecimento do antigo proprietário – João Luís da Cruz – e a situações relacionadas com a sua família e com grandes dívidas que deixou, o início das obras atrasou-se bastante, só tendo sido efetivamente iniciadas em 1742²⁵⁶, por certo impostas neste ano pelo avançar dos trabalhos no novo complexo da Patriarcal, iniciado em 1740. Curiosamente, em 1872, ano em que Ribeiro Guimarães publicou o seu *Summario de Varia Historia* – de que aqui nos socorremos – a água vinda deste poço ainda corria nas bicas do Arsenal da Marinha, da Alfândega e do Largo do Corpo Santo²⁵⁷.

Sabe-se, pois, que a Capela Real foi aumentada no início da década de 1730²⁵⁸; o que não se sabe é onde. Em dezembro de 1733 – já depois da saída de Canevari –, o Conde da Ericeira relatava que “*continua-se a compra de muitas cazas na Tanoaria, e dizem comprará ElRey todas as da Rua Nova da parte do Paço, de que se infere se cuida da nova Igreja Patriarchal, em que entrará*

²⁵¹ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, pp. 39-40

²⁵² PIMENTEL, António Filipe – *op. cit.*, p. 39; SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e Historico, do muito alto, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V*, p. 232

²⁵³ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e Historico, do muito alto, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V*, p. 231

²⁵⁴ *Diário de D. Francisco Xavier de Menezes, 4o Conde da Ericeira: 1731-1733 – Apresentado e anotado por Eduardo Brasão*, p. 85

²⁵⁵ *Idem*, p. 105

²⁵⁶ GUIMARÃES, Ribeiro – *Summario de Varia Historia*. Tomo 3. pp. 189-191

²⁵⁷ *Idem*, pp. 189-191

²⁵⁸ MARTINHO, Bruno A. – *O Paço da Ribeira nas vésperas do terramoto*, p. 36

*parte do mesmo Palacio*²⁵⁹. No mesmo mês, poucos dias depois, “já se derrubão a Ilha das Cazas da rua nova de Almada que ElRey comprou por 45 V cruzados, e não se comprão tantas da Tanoaria, e rua Nova como se dizia”²⁶⁰.

Apesar de não ser arquitetónica, uma das pistas mais significativas para pensar as intervenções na Patriarcal por esta altura é a encomenda de uma importante banqueta a Antonio Arrighi, ourives que por várias vezes trabalhou para D. João V, tendo fornecido praticamente todos os principais empreendimentos arquitetónicos do Rei – *i.e.* Patriarcal, Maфра e Capela de São João Batista. Esta banqueta, estudada por Teresa Leonor Vale²⁶¹, é amplamente enaltecida pelos memorialistas coevos, pela sua riqueza e monumentalidade. Por norma, a encomenda de importantes conjuntos de ourivesaria litúrgica decorre de não menos importantes empreendimentos arquitetónicos – justamente onde essa ourivesaria seria dada ao uso – como se verificaria, por exemplo, na década de 1740 com a encomenda do tesouro da Capela de São João Batista, a par e passo com a encomenda da própria capela, ou com a encomenda da importante Custódia da Patriarcal, solicitada no âmbito das reformulações que, naquela década, se operaram no interior do templo. A encomenda de uma tão celebrada e opulentíssima banqueta deve, por isso, ser entendida à luz das restantes intervenções que ao tempo decorriam na Patriarcal, ainda que – como já referimos – no atual estado da questão seja mais difícil esclarecê-las do que as das décadas de 1710 e 1740. Feita entre Florença e Roma (pois Arrighi, romano, tinha deslocado a sua produção quando Lisboa e Roma romperam relações diplomáticas²⁶²) e concluída em 1732, a faustosa banqueta compunha-se de nove castiçais mais uma cruz. Em prata dourada e lápis-lazúli, com esmaltes e embutidos de pedras preciosas como o diamante²⁶³, o importante conjunto apresentava-se soberbamente ornado de uma forma escultórica – bem ao gosto da ourivesaria do Barroco romano –, mostrando episódios da Vida de Cristo e da Virgem Maria, e alegorias à Patriarcal e ao Reino de Portugal²⁶⁴. Destinava-se ao uso na capela-mor da Patriarcal aquando dos casamentos, batismos e aclamações de novos monarcas. Adicionalmente, Arrighi também fez

²⁵⁹ *Diário de D. Francisco Xavier de Menezes, 4o Conde da Ericeira: 1731-1733 – Apresentado e anotado por Eduardo Brasão*, pp. 207-208

²⁶⁰ *Idem*, p. 210

²⁶¹ *Vd. VALE, Teresa Leonor – Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina.*

²⁶² *Idem*, p. 231

²⁶³ CASTRO, João Bautista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 187

²⁶⁴ *Idem*, p. 187

quatro vasos em prata dourada – segundo Teresa Leonor Vale, para o altar-mor²⁶⁵ – bem como 12 bustos, encomendados em 1734, e outros 10, em 1736²⁶⁶. A mesma autora aventava a hipótese de Ludovice ter colaborado no desenho da banquetta, apesar de não haver nada que o prove²⁶⁷. Documentação publicada por esta especialista em ourivesaria barroca explica melhor o contexto da encomenda da banquetta. Escreviam as *Novidades de Lisboa* em 1732, que “dizem que [os castiçais] são para a Patriarchal nova que El Rey quer, ou intenta fazer”²⁶⁸. Já um anónimo diário pertencente à Biblioteca de Évora, reportava no mesmo ano que “Os nove castiçais, e crus, são de obra tam admirável que dizem se não vio semelhante assim pelo debuxo e dourado como pelo lápis lazuli imbutido mas como neçecitão de hum altar de mais de 30 palmos parece que haverá nova Patriarchal que dizem sera no mesmo lugar”²⁶⁹. Com efeito, a documentação leva a crer que houve algo de importante planeado – ou, talvez, efetivamente executado – para a Patriarchal por esta altura. Outros autores, como Nuno Saldanha e Sandra Costa Saldanha, entendem mesmo que aquilo que foi construtivamente previsto para a Patriarchal por esta altura não se chegou a realizar, só tendo sido efetivamente concretizado com as obras da década de 1740²⁷⁰, estando, no início da década de 1730, associadas à não-conseguida reunião da cidade, pensada durante o pontificado de Clemente XII (1730-1740)²⁷¹. Independentemente da concretização – ou não – da totalidade dos projetos arquitetónicos previstos, sabemos – graças ao Conde da Ericeira – que na realidade se fizeram obras, e inclusivamente que Antonio Arrighi fez uma segunda banquetta para a Patriarchal, provavelmente concluída finais do ano de 1735²⁷².

A já referida *Relaçam de algumas funções da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal*, cuja datação exata é – como vimos – incerta, mas sendo certamente anterior às obras da década de 1740, permite-nos pelo menos ter uma ideia geral dos elementos no interior no templo antes desta década. Mantinha-se a existência da quadratura com os seus cancelos²⁷³ e das

²⁶⁵ VALE, Teresa Leonor – *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarchal joanina*, p. 231

²⁶⁶ *Idem*, p. 231

²⁶⁷ *Idem*, p. 235

²⁶⁸ Cit. por VALE, Teresa Leonor – *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarchal joanina*, p. 233

²⁶⁹ *Idem*, p. 233

²⁷⁰ SALDANHA, Nuno; SALDANHA, Sandra Costa – ‘Per modelli delli ornati’ - *A pia baptismal da Igreja Patriarchal de Lisboa*, p. 29

²⁷¹ *Idem*, p. 29

²⁷² VALE, Teresa Leonor – *op. cit.*, p. 235

²⁷³ *Relaçam de algumas funções da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal (...)*, p. 9

capelas da Sagrada Família²⁷⁴ e do Santíssimo Sacramento²⁷⁵, e duas sacristias²⁷⁶. Existia uma pia batismal, delimitada por grades²⁷⁷ – como é habitual acontecer nos batistérios – bem como o coro lateral²⁷⁸, identificado na planta da Biblioteca Nacional com o número 7, cuja legenda diz “*Capella de N. S.ra da Conceição, Onde hêra coro*”²⁷⁹, usado, como vimos ao início, para celebração das horas canónicas menores. Como era frequente no período barroco, a igreja estava também apetrechada com órgãos²⁸⁰. Curiosamente, sabe-se que em 1872 o Mosteiro dos Jerónimos tinha um pequeno órgão que havia pertencido à Patriarcal, ainda que se ignore exatamente de que Patriarcal em concreto é que tinha vindo²⁸¹.

Uma anónima descrição desta altura, publicada em 1730, ainda que não adiante muito, fala-nos do templo e do palácio dizendo que “*Le logement de ce Palais est considerable, les appartemens en sont fort grands, & très-richement meublés. Il s’étend d’un côté, le long de la Riviere, & de l’autre, sur les Ruës voisines, & Il renferme une Cour environnée d’un bâtiment carré, qui est soutenu par des Portiques, sous lesquels quantité de Marchands débitent tout ce que le Commerce peut fournir de plus rare en marchandises*”²⁸². Quanto à Patriarcal, “*Le Siege Patriarchal se tient dans la Chapelle du Palais du Roi. Son Architecture & ses peintures n’ont rien que de fort ordinaire; mais elle est très-vaste. Il y a outre l’Autel du Choeur, douze Autels particuliers, qui sont superbement ornés; on y voit une grande Tribune à double étages, garnies de jalousies, d’où le Roi & la Reine entendent ordinairement la Messe*”²⁸³. Em Portugal, também neste ano de 1730, as opiniões eram bem mais laudatórias: “*Não fallo na Santa Igreja Patriarchal, porque em tanta copia de ouro, e prata, e no rico, abundante, e laborioso de seus Paramentos, e mais ministérios para o serviço Sagrado, e na preciosidade de muitas, e finíssimas pedras pòde competir com o famoso Templo de Salamaõ; pois parece, que para o seu culto se tem exaurido todas as minas da terra. Tudo isso creyo, porque sonoramente a trombeta da Fama da mesma sorte o publica por todo o Mundo*”²⁸⁴.

²⁷⁴ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal (...)*, p. 7

²⁷⁵ *Idem*, p. 9

²⁷⁶ *Idem*, p. 45

²⁷⁷ *Idem*, p. 197

²⁷⁸ *Idem*, p. 197

²⁷⁹ *Planta da primeira Igreja Patriarcal*.

²⁸⁰ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal (...)*, p. 28

²⁸¹ GUIMARÃES, Ribeiro – *Summario de Varia Historia*. Tomo 3. p. 33

²⁸² *Description de la ville de Lisbonne*, pp. 11-12

²⁸³ *Idem*, pp. 16-17

²⁸⁴ RESENDE, Manoel Marques – *Espelho da Corte ou hum breve mappa de Lisboa*, pp. 21-22

Se, efetivamente, já neste período a trombeta da fama o publicava sonoramente por todo o mundo, o que diria o autor ao ver a Patriarcal depois de concluída a seguinte campanha de trabalhos?

4. A refundação da Patriarcal em 1739

a. A aprovação da “nova forma de serviço” da Basílica Patriarcal

Desde 1712 que a Capela Real – tanto como Colegiada de São Tomé como, mais tarde, enquanto Basílica Patriarcal – se regera pelos estatutos da antiga Sé de Lisboa. A ordem para que se observassem saiu naquele ano e, em 1716, mediante consentimento régio, o Patriarca decretou que assim se continuasse²⁸⁵. D. João V, pretendendo engrandecer a Patriarcal desde bastante cedo, procurou atribuir-lhe a quarta parte dos rendimentos de todos os bispados portugueses e dar-lhe uma forma de serviço habitualmente não praticada em Portugal²⁸⁶, pensada, como é apanágio ao longo do reinado do Magnânimo, à maneira de Roma. Em 1721 Inocêncio XIII expediu a bula *Rationi Congruit*, que previa um sistema de funcionamento muito semelhante ao da maioria das catedrais portuguesas, o que desagradou ao Rei, pois pretendia algo de maior notoriedade na Cristandade²⁸⁷. Além disto, a *Rationi Congruit* aprovaria, ainda, a aplicação de bens eclesiásticos a favor da Patriarcal, designadamente um quarto de todos os tipos de proveitos de todas as dioceses do País e rendimentos de várias igrejas afetas ao Padroado Real, à Casa das Rainhas e à Casa de Bragança. Pretendendo – conforme diz Lázaro Leitão – colocar nela mais algumas declarações²⁸⁸, D. João V decidiu não dar a *Rationi Congruit* à execução imediata.

Entretanto, os anos seguintes conspirariam a desfavor do Rei e da Patriarcal, resultando num enorme atraso na concessão dos rendimentos e na modificação da forma de serviço. Foi preciso esperar até 1737 – e daqui a importância desta matéria no presente capítulo da dissertação – para, finalmente, acontecer a tão esperada aprovação papal. Com efeito, em março

²⁸⁵ *Memória sobre o parecer enviado pela Colegiada da Capela Real e Basílica Patriarcal, ao Cardeal Patriarca, relativo ao serviço religioso quer na capela Real quer na Basílica Patriarcal, principalmente a forma de residência, tunária e quotidiana, dos eclesiásticos a elas pertencentes*, fól. 82f

²⁸⁶ *Idem*, fól. 82f

²⁸⁷ *Idem*, fól. 82f

²⁸⁸ *Discurso sobre o computo dos Principalatos vagos, na quantia que respeita a distribuições quotidianas, pertencer por acréscimo aos Principais existentes e não à renda da Fábrica da Sé Patriarcal*, fols. 171-177

de 1724 faleceu Inocêncio XIII, cujo pontificado não chegou sequer a celebrar o terceiro aniversário. Foi sucedido na cátedra de S. Pedro por Bento XIII, para um período marcado por grandes controvérsias entre Lisboa e Roma, designadamente a questão do cardinalato dos núncios e, entre 1728 e 1737²⁸⁹, pelo rompimento de relações diplomáticas entre Lisboa e Roma. Ao longo de um período em que as relações entre a Coroa Portuguesa e a Santa Sé foram melindrosas, aparentemente Roma resistiu a expedir a bula que Portugal pretendia e, consequentemente, foi impossível financiar daí a Patriarcal. Apesar de Vincenzo Bichi, antigo núncio apostólico de Lisboa no centro da discórdia, ter sido elevado ao cardinalato em 1731, amenizando a situação, a efetiva reabertura das nunciaturas só teve lugar em 1737. Cremos ser sintomático notar que, na lista de bulas e breves papais desde a elevação da Patriarcal, constante no “*Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*”, haja um “salto” de 1724 para 1738²⁹⁰, aparentemente correspondente a um vazio de emissões de documentos papais a favor da cúria lisboeta, o que contribui para explicar a demora da chegada da bula com o pretendido pelo Rei.

Por este motivo, em finais da década de 1730 juntam-se várias negociações de grande importância entre Lisboa e Roma, como as que visavam a conceção do título de *Majestade Fidelíssima* a D. João V (só obtido, contudo, em 1748), a nova forma de serviço da Patriarcal, a adstrição dos rendimentos eclesiásticos e a reunificação da cidade de Lisboa²⁹¹. Ainda antes da reabertura oficial da nunciatura em 1737²⁹², marcando o reatamento efetivo de relações diplomáticas, já decorriam as negociações para obtenção daquelas conceções. As bulas pretendidas, com os rendimentos dos bispados e de outras igrejas do padroado real, são mencionadas numa carta enviada por João Batista Carbone a Manuel Pereira de Sampaio em 15 de maio de 1736, onde o remetente se lhe refere como a “*promoção*”²⁹³ da Patriarcal, deixando perceber a elevação dignitária que se almejava.

Apesar de, à partida, se poder estranhar tamanha demora para trazer algo tão necessário como financiamento a uma opulentíssima corte eclesiástica, a verdade é que a aplicação formal, apenas em 1739, daquilo que Lisboa pretendia, é cronologicamente comprovável através de várias

²⁸⁹ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 32

²⁹⁰ A lista indica bulas e breves papais emitidos em 1716, 1717, 1718, 1720, 1721, 1722 e 1724, e 1738, 1739, 1745, 1746 e 1747. *Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*, fól. 12f e segs.

²⁹¹ Vd. Biblioteca da Ajuda – Ms. 49 VIII 39

²⁹² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49 VIII 39, fól. 123f

²⁹³ Biblioteca da Ajuda – 49 VIII 39, fól. 4f

fontes. Há uma sentença do juiz executor relativa às bulas *Rationi Congruit, Romanum Decet Pontificem* e *Religiosa Christianorum Principium* de 8 de agosto de 1738²⁹⁴, há ordens do Patriarca, redigidas no sentido de se lhes dar execução, em 1739²⁹⁵, e há o *Auto de apresentação, e aceitação de tres transumptos de Bullas Apostolicas passadas na curia Romana, e Sancta See Apostolica a favor do Exm.º e Rm.º Cabbido da Sancta Igreja Patriarchal*²⁹⁶, de 1738. Francisco Xavier da Sylva diz-nos, também, que foi em 1737 que Clemente XII confirmou os referidos privilégios²⁹⁷. Em resumo, ao que se consegue apurar através do cruzamento de datas, a autorização papal foi dada em 1737, as respetivas bulas expedidas em 1738 e dadas à aplicação na Patriarcal em 1739.

Basicamente, a bula *Rationi Congruit*, de 1721, previa a adstrição à Patriarcal dos já mencionados rendimentos e a renovação da sua forma de serviço; a *Romanum Decet Pontificem*, de fevereiro de 1738, outorgava retificações de natureza administrativa e confirmações à bula anterior²⁹⁸; e a *Religiosa Christianorum Principium*, igualmente de fevereiro de 1738, passava, também, confirmações à primeira bula e aumentava a quarta parte dos rendimentos de todas as dioceses e arquidioceses portuguesas, para a terceira parte. Incrementava, ainda, o número de igrejas que passariam a ter que reencaminhar proveitos a favor da Patriarcal. Já a instituição da “nova forma de serviço” da Patriarcal – como lhe chamaram vários autores da época²⁹⁹ – foi aprovada também em 1738, através de uma bula separada, intitulada *Ad Sacrosanctam*³⁰⁰, eventualmente para que se evitasse uma possível repetição dos inconvenientes derivados da recusa da *Rationi Congruit*.

Depois da aplicação das referidas bulas, teve, então – a 16 de maio de 1739³⁰¹ – início a

²⁹⁴ *Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*, fól. 15f e 15v

²⁹⁵ *Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*, fól. 15v e 16v

²⁹⁶ Documento guardado na Torre do Tombo, em AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261

²⁹⁷ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V*, p. 80

²⁹⁸ *Vd. Auto de apresentação, e aceitação de tres transumptos de Bullas Apostolicas passadas na curia Romana, e Sancta See Apostolica a favor do Exm.º e Rm.º Cabbido da Sancta Igreja Patriarchal*. In AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261

²⁹⁹ A título de exemplo, a alusão a esta reformulação como a “nova forma de serviço” é referida, à época, por Francisco Xavier da Sylva (SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V*, p. 66); por João Batista Carbone e por Manuel Pereira de Sampaio (Biblioteca da Ajuda – 49-VIII-39, 121f).

³⁰⁰ SYLVA, Francisco Xavier da – *op. cit.*, p. 85

³⁰¹ Esta data é comprovável através de várias fontes. Uma delas é o catálogo dos vários prelados que serviram a Patriarcal (*Documentos vários relativos à Sé Patriarcal de Lisboa, coligidos pelo Principal Lázaro Leitão*. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141. Fól. 1f e seguintes), que lista os religiosos ao serviço da cúria Patriarcal de 24 de dezembro de 1716 até 16 de maio de 1739, e daqui a 25 de maio de 1746. Outra é o “*Discurso*

nova forma serviço da Igreja Patriarcal. Esta reformulação correspondeu, entre outras coisas, a uma importantíssima reestruturação da Cúria. O número de prelados aumentou enormemente, tendo-se concedido poder a D. Tomás de Almeida e a D. João V para aumentarem o número de ministros³⁰². Da relativamente modesta organização em duas ordens de prelados – 24 cónegos e 12 beneficiados – que vigorou de 1709 a 1739³⁰³, passou-se para 72 monsenhores³⁰⁴, 20 cónegos, 35 beneficiados e igual número de clericatos beneficiais. Já os 24 cónegos mais antigos – com origem em tempos anteriores à Patriarcal – foram elevados a *Principais*³⁰⁵, título que foi confirmado no ano seguinte por Bento XIV.

No que respeita à entrada de proveitos financeiros, é possível constatar – através de um mapa com todo o rendimento do colégio patriarcal, que se preserva na coleção de reservados da Biblioteca Nacional³⁰⁶ – que, do total de rendimentos que a Patriarcal recebia, se fazia uma divisão em quatro partes iguais. Três delas cabiam ao sustento do colégio e uma quarta ao financiamento da fábrica, onde se incluíam não só as obras no templo, mas também despesas com os necessários objetos de uso litúrgico e consumíveis, como ceras e azeite. Para além das terças partes dos bispados, a Patriarcal recebia benefícios financeiros provenientes de 135 igrejas do Padroado Real, da Casa das Rainhas e da Casa de Bragança³⁰⁷. A esta canalização de rendimentos – por si só

sobre o computo dos Principalatos vagos, na quantia que respeita a distribuições quotidianas, pertencer por acréscimo aos Principais existentes e não à renda da Fábrica da Sé Patriarcal". BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//24. Fóls 171 – 177

³⁰² *Memória sobre o parecer enviado pela Colegiada da Capela Real e Basílica Patriarcal, ao Cardeal Patriarca, relativo ao serviço religioso quer na capela Real quer na Basílica Patriarcal, principalmente a forma de residência, tunária e quotidiana, dos eclesiásticos a elas pertencentes*, fó. 83f

³⁰³ *Sobre o estado da Real Capella desde o anno de 1709 até 1739, e sobre outras cousas notáveis*, fó. 92v

³⁰⁴ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 85

³⁰⁵ *Memória sobre o parecer enviado pela Colegiada da Capela Real e Basílica Patriarcal, ao Cardeal Patriarca, relativo ao serviço religioso quer na capela Real quer na Basílica Patriarcal, principalmente a forma de residência, tunária e quotidiana, dos eclesiásticos a elas pertencentes*, fó. 83f. Um dos documentos sinalizados na documentação que Lázaro Leitão teve o cuidado de compilar é o “ponto que se uzava até ao ano de 1739 em que em maio do mesmo ano principiou o novo serviço como principaes”, atestando portanto que até então não usavam deste título. In *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755, e que haviam estado na posse do Principal Leitão*, fó. 20v. A documentação indicada no *Índez das memorias, e noticias que Constaõ deste Livro pertencentes à Santa Igreja Patriarchal* aponta no mesmo sentido, ainda que de forma não tão clara. In *Documentos vários relativos à Sé Patriarcal de Lisboa, coligidos pelo Principal Lázaro Leitão Aranha*. fó. 214 e segs., respetivamente.

³⁰⁶ *Mapa de todo o Rendimento que tem o Excelentissimo e Reverendissimo Collegio das terças dos bispados Collegiadas, e mais Beneficios, que the o presente se achão vagos com o abatimento do que delles se despende, e destinação do liquido que fica pera o Excelentissimo Collegio e pera a Reverendissima Fabrica tudo conforme os aRendamentos the o São Joaõ de 1747*. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//25. Fóls. 178 f a 181 f

³⁰⁷ SYLVA, Francisco Xavier da – *op. cit.*, p. 80

impressionante –, acresciam ainda proveitos de vários almoxarifados, alfândegas, tesourarias, casas arrendadas (sobretudo em Lisboa) e quintas no Ribatejo, e ainda juros de vários tipos, como os provenientes da Companhia dos Diamantes³⁰⁸.

Neste enquadramento, durante a década de quarenta a Coroa tomou uma série de medidas aparentemente destinadas a reforçar a solidez financeira da Patriarcal, certamente que para sustento do seu aumentado número de prelados e das obras em curso. É sintomático notar que a documentação de privilégios e doações refere, na década de 1740, a necessidade de financiamento da fábrica como muito mais frequência que anteriormente. Pretendia-se, assim, agilizar o melhor possível a canalização da vasta quantidade de recursos a favor do templo. Para além da aplicação das já referidas bulas, D. João V permitiu, por alvará de 24 de fevereiro de 1740, que a Patriarcal nomeasse executores, escrivães, meirinhos e porteiros para todos os bispados e arcebispados do Reino, incluindo a própria Patriarcal, para o que se sucedem nomeações para os referidos cargos ao longo dos anos seguintes, entre 1740 e 1747³⁰⁹. O mesmo alvará permitia à Patriarcal cobrar as suas dívidas da mesma forma que eram cobradas as da Real Fazenda³¹⁰. Em 1744, autorizou-se a nomeação de um tabelião em cada diocese, para privativamente fazer todas as escrituras que lá se celebrassem com o cabido da Patriarcal³¹¹.

No campo das doações, em 1743 o cabido recebeu algumas casas em Lisboa, ao Arco dos Pregos, devendo administrá-las e arrendá-las, e encaminhar os rendimentos para a fábrica da igreja³¹². No ano seguinte, com a mesma finalidade, a Igreja Patriarcal recebeu duas casas na Rua Larga de São Roque, mais outras três situadas na Rua das Gáveas, na Rua do Norte e na Rua de São Lourenço³¹³. De maneira a rentabilizar a quantidade de dinheiro que revertia para a fábrica e colégio da Patriarcal, D. João V isentou todas as casas no Reino que lhe pertencessem de pagar aposentadoria³¹⁴. Além das doações na cidade, a Patriarcal veio também a tornar-se numa grande latifundiária do Ribatejo, com doações que se sucedem ao longo da mesma década. Em 1744, foram doados os Juncais de Alcamé e de Além e todas as terras contíguas, para utilidade da

³⁰⁸ *Documentos vários relativos à Sé Patriarcal de Lisboa, coligidos pelo Principal Lázaro Leitão*. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141. Fól. 182 f e seguintes

³⁰⁹ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 8 Cx 239 doc. 4

³¹⁰ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 6 docs. 5 e 8

³¹¹ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc. 27

³¹² AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc. 54

³¹³ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc. 57

³¹⁴ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa – papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc. 46

fábrica³¹⁵ (por cartas de 21 de abril e 41 de maio, respetivamente³¹⁶); em 1745, a fábrica da igreja recebeu as Terras Novas e os Juncais da Azambuja, por carta de 9 de janeiro³¹⁷, e em 1746 doaram-se as lezírias do Parcel da Morraceira, da Morraceira de Alhandra e da Corte dos Cavalos, contíguas a outras lezírias já pertencentes à Patriarcal³¹⁸. Para maximizar a rentabilização destas terras, em 1745 o Rei isentou as terras agrícolas da Patriarcal de pagarem jugada, privilégio que Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra também tinham e era igualmente comum a outras instituições religiosas³¹⁹.

Certamente que a entrada de uma grande quantidade de novos rendimentos levou à necessidade de reformulações ao nível da gestão, e em 1747 autorizou-se a alteração da forma de gestão dos bens da Patriarcal³²⁰, que incluiu a criação de uma congregação da fazenda³²¹. No início do ano seguinte foram aprovadas letras de D. Tomás de Almeida, relativamente à distribuição das rendas que D. João V tinha aplicado à fábrica da Patriarcal³²².

À incrementada dignificação da Patriarcal – através do enorme aumento dos seus rendimentos e dos ministros que lhe estavam afetos – acrescenta-se um terceiro fator, também ele, à semelhança dos outros dois, com origens no início da História da Patriarcal. Com Lisboa dividida em duas cidades desde 1716, em 1740 Bento XIV sujeitou o Arcebispado de Lisboa Oriental ao Patriarcado de Lisboa Ocidental, com um só prelado e um só cabido, abrindo-se assim caminho para a definitiva reunificação da cidade. No ano seguinte, o antigo arcebispado foi finalmente extinto, com a bula *Ea quae providentia nostrae*, de 14 de julho, e a 31 de agosto a reunificação replicou-se no governo político da cidade, por ordem do Rei, voltando a haver uma só Lisboa³²³. Depois da reunificação diocesana, foram suprimidos os cônegos, dignidades, meios-cônegos e quartenários da Sé, por bula de Bento XIV em 1742, e foram criados 8 novos canonicatos, 20 novos beneficiados e 18 clérigos beneficiados, que passaram a celebrar à semelhança da Basílica Patriarcal, cerimonial este pensado – claro – à imagem de Roma: “*Fazia*

³¹⁵ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc. 38

³¹⁶ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc. 10

³¹⁷ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc. 10

³¹⁸ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 docs. 14 e 15

³¹⁹ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc. 41

³²⁰ AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc. 18

³²¹ *Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*, fól. 17f

³²² AN\TT – Patriarcal de Lisboa – papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc. 5

³²³ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 78

igualmente este esclarecido Rey celebrar os Officios Divinos [na Patriarcal] com huma exactissima perfeição, segundo as regras do Ceremonial, que se observa em Roma”³²⁴. A Sé de Lisboa passou a ser designada por Basílica Patriarcal de Santa Maria de Lisboa e, a par com a reestruturação, vieram novas encomendas: “[D. João V] *Mandou lavrar lhe huma banquetta de prata, com Cruz, seis castiças, e seis Estatuas de Santos, de grande culto, para servirem na Capella mayor; e doze tocheiros altos, de excellente obra. Para a Imagem da Senhora, que está collocada no mesmo Altar mayor, mandou hum riquissimo manto branco, bordado de ouro, e huma Coroa de prata dourada, e outra para a da Senhora da Apresentação; huma Custodia da mesma materia, e hum paramento, tambem branco, de bordadura de ouro, de grande preciosidade, fazendo até por ella nova, e perfeitissima fôrma brilhar o metal, que ainda que precioso, parece perdia por antigo a sua estimação*”³²⁵. Fizeram-se também um órgão, dois tronos – um para o Lausperene e outro para a Semana Santa – e um dossel³²⁶.

Mais do que apenas provável, é quase certo que a conjugação de todos estes fatores num período cronologicamente curto – *i.e.* a reformulação interna da Cúria e consequente aumento do número de prelados, o enorme incremento da disponibilidade financeira e a ampliação da jurisdição eclesiástica com a reunificação de Lisboa – tenha levado a uma nova e vasta campanha de obras, pensada à medida da nova dignidade da Patriarcal, iniciada em 1740 e culminando na *grande* Patriarcal joanina. Se a nova e aumentada capacidade de financiamento explica os recursos materiais que permitiram a renovação do templo – pois, como vimos anteriormente, D. João V não queria³²⁷, nem podia³²⁸, financiar a Patriarcal com rendimentos da Coroa – o enorme aumento de ministros constitui um dado de incontornável importância para entender a justificação por trás das obras da década de 1740. Naturalmente que um templo pensado para ofícios onde participariam um número muito inferior de religiosos rapidamente se revelou insuficiente para as necessidades do culto, impondo-se assim obras importantes, de maneira a designar espaço suficiente para toda a Cúria Patriarcal, motivo pelo qual se aumentou a Capela do

³²⁴ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 88

³²⁵ *Idem*, pp. 91-92

³²⁶ *Idem*, p. 97

³²⁷ *Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha», com datas comprehendidas entre 1717-1722, e incluindo originaes, alguns autógrafos, e cópias*, fól. 184f

³²⁸ *Carta do Principal Leitão escrita por ordem de Sua Magestade ao Conde de Galveias, embaixador em Roma, relativa a pedir-se a quarta ou terça parte das rendas das Mitras de Portugal. Minuta acompanhada de vários documentos, aconselhando os demais que devem ir*, fól. 84v

Santíssimo Sacramento. Como se pode constatar pelas plantas publicadas por Mandroux-França, nomeadamente a da Biblioteca da Ajuda³²⁹, grande parte do espaço da Basílica Patriarcal estava distribuído de modo a acomodar todos os seus ministros, entre principais, caudatários, protonotários, monsenhores, capelães, beneficiados e capelães cantores. Além, claro, do próprio Patriarca, que tinha sólio em lugar de destaque à direita do altar. Tal incremento de religiosos, a par com a entrada de uma grande quantidade de rendimentos, permitida pelas já referidas bulas, só poderia dar azo a uma não menos importante campanha de obras. De igual maneira, para além das intervenções no interior do templo, certamente que foi necessário trabalhar também no Palácio Patriarcal e ele anexo – também revelado em parte pela planta da Biblioteca Nacional – de maneira a acomodar os religiosos e toda a estrutura necessária ao aumento do cerimonial litúrgico, pelo que se promoveram importantes alterações no complexo adjacente.

b. As obras da década de 1740

i. Intervenções no corpo da igreja e na capela-mor

Depois do processo de refundação da Patriarcal se ter arrastado ao longo dos últimos anos da década de 1730, culminado no enorme aumento de ministros a ela afetos e no ainda maior aumento de rendimentos a seu favor – questões estas que devem ser entendidas em paralelo, pois obviamente que quanto maior e mais faustosa é a Cúria, mais financiamento é necessário para a sustentar – impuseram-se alterações ao templo, cuja configuração se desatualizara com a reformulação da Cúria, e, pouco mais de um ano volvido do início da *“nova forma de serviço”*, estava-se em condições de dar início às obras.

O *Folheto de Lisboa*, redigido por Luís Montês Matoso, registava a 23 de julho de 1740 que *“Corre a voz, que estão ajustadas as obras da Patriarcal, mas não se sabe como terão de ser; falla-se somente, em que ElRey mandará demolir algumas moradas de cazas junto da mesma Patriarcal, para o que se ha de avaliar primeyro, para as comprar a seus donos”*³³⁰. Nem um mês depois, a 13 de agosto, *“Tem chegado das pedreyras muytas pedras de extraordinaria grandeza para as obras da Patriarcal, em que trabalham muytos officiaes para as lavrarem, do que se entende, que*

³²⁹ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b

³³⁰ MATOSO, Luís Montês – *Ano noticioso e histórico*. Tomo 2. p. 20

*brevemente se verá hum mayor numero de trabalhadores*³³¹. Estes dois pequenos parágrafos noticiosos deixam-nos perceber trabalhos preparativos e antecipatórios das obras propriamente ditas, como é o facto de as mesmas estarem “ajustadas” – mas, ao que parece, ainda não iniciadas –, bem como a deslocação de trabalhadores e pedra para o local. Permitem, assim, situar no tempo com algum nível de precisão o momento efetivo de início da construção da *grande Patriarcal* Joanina, pois no início do mês seguinte as obras já estavam efetivamente em curso: a 3 de setembro de 1740, “*Vam-se abrindo os alicerces para as obras junto da Patriarcal, e ao mesmo tempo se conduzem muytas pedras, em que se vay trabalhando: algumas sam de tal grandeza, que puchaõ pelo carro, que as traz, trinta, quarenta e cincoenta junta (sic) de boys*”³³². Dias depois, a 24 do mesmo mês, “*Nas novas obras da Patriarcal se vam fazendo grandes, e altos alicerses, nos quaes se acha quantidade de agoa em tal forma, que em partes, especialmente junto ao Paço, se está esgotando continuamente; e ao mesmo tempo se vay lavrando muyta pedra, e conduzindo-se outra; trabalhando em huma, e em outra couza hum grande numero de officiaes, e de trabalhadores*”³³³.

Já a 29 de outubro, “*As obras da Patriarcal continuam com hum grande alicerce, que vay abrindo pela rua acima para a parte da Ribeira das Naus, e outro para a parte das cazas do Conde da Ribeyra*”³³⁴, e, ao aproximar-se o final daquele ano, a 3 de dezembro “*Continuam as obras da Patriarcal em lavrar pedraria em varios tilheyros, abrir alicerses, e conduzir pedras, em que trabalham mais de 200 officiaes de pedreyro, e trabalhadores; e pelo que se vay observando, parece, que a mayor parte das cazas da Tanoaria, e todas as defronte da S. Igreja Patriarcal até ao Palacio do Conde da Ribeyra, o que parece impossivel*”³³⁵. Acrescente-se aqui, ainda, um documento de 13 de dezembro de 1740, de Miguel Tibério Pedegache, localizado por Celina Bastos e referido por António Filipe Pimentel, que igualmente regista a abertura de alicerces para a Patriarcal³³⁶.

Naturalmente que estes vários momentos de conteúdo noticioso merecem ser lidos com

³³¹ MATOSO, Luís Montês – *Ano noticioso e histórico*. Tomo 2. p. 40

³³² *Idem*, p. 62

³³³ *Idem*, p. 90

³³⁴ *Idem*, p. 115

³³⁵ *Idem*, p. 141

³³⁶ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 40

atenção. Em primeiro lugar, alguns autores – como António Filipe Pimentel³³⁷ ou Marie-Thérèse Mandroux-França³³⁸ – já estabeleceram que, ao nível do templo, as obras desta década incidiram sobretudo no seu revestimento decorativo, concluindo que a estrutura pré-existente se manteve essencialmente a mesma, conclusão esta que é facilmente verificável através do cruzamento das plantas da Biblioteca da Ajuda e da Biblioteca Nacional com as descrições dos memorialistas. Ora, se, por um lado, o templo se manteve estruturalmente o mesmo, e se, por outro, está amplamente documentada, ao longo do segundo semestre de 1740, a abertura de alicerces na Patriarcal – o que significa obras com alguma importância construtiva –, depreende-se, por isso, que esta mesma obra construtiva decorria, no essencial, no adjacente Palácio Patriarcal; e daí a necessidade de se proceder à aquisição de casas contíguas, documentada logo a 23 de julho.

Ainda que o início das obras arquitetónicas de maior fulgor só tenha de facto acontecido entre agosto e setembro de 1740, justificadas pela conjuntura que atrás desenvolvemos, é natural constatar que antes disso se foram promovendo outras encomendas, tendo em conta que o processo de retoma da refundação da Patriarcal estava em marcha pelo menos desde 1736, pois é mencionada na documentação diplomática trocada entre João Batista Carbone e Manuel Pereira de Sampaio³³⁹. Estas encomendas destinavam-se à igreja, espaço por norma tido como prioritário na construção de complexos eclesiásticos, e, por isso, constitui habitualmente o local de início dos trabalhos e recetor das encomendas de maior riqueza (como, por exemplo, as neste caso vindas de Roma). Assim, a 17 de março de 1739 – ainda antes da tomada de posse da nova Cúria –, já Carbone acusava a receção dos riscos das tribunas de Santa Maria Maggiore e de São João de Latrão, e, apesar de não indicar exatamente a que fim se destinavam³⁴⁰, tudo indica que se visava a Patriarcal, como acontece aliás com muitas das encomendas referidas neste fundo em particular³⁴¹, pertencente à Biblioteca da Ajuda. Pereira de Sampaio, destinatário dos pedidos de encomenda, não precisava que lhe dissessem o destino das peças. Obviamente, sabia-o. Já Francisco Xavier da Sylva, escreve no *Elogio Fúnebre* do Rei que este fez levantar a tribuna e, apesar de não especificar exatamente quando é que o fez, a julgar pela correspondência

³³⁷ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, pp. 41-42

³³⁸ MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *La Patriarcale du Roi Jean V du Portugal*, p. 37

³³⁹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 4f

³⁴⁰ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 255f

³⁴¹ *Vd.* Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39

diplomática terá sido precisamente nas obras da década de 1740³⁴², muito provavelmente segundo modelos enviados de Roma.

A aferição de que muitas destas encomendas eram para a Patriarcal – apesar de não o frisarem explicitamente – é depreendida a julgar pelo contexto, pelo volume de encomendas, pelo tipo de peças e por algumas indicações dadas aquando da encomenda das mesmas. É, por exemplo, o caso das encomendas de indumentária litúrgica, que incluiu 70 capelos de arminho³⁴³, bem como barretes, hábitos prelatícios e cardinalícios, roquetes³⁴⁴ e quatro jogos de mitras – cada um com uma mitra rica, uma aurifrigiata e uma línea³⁴⁵ – a serem encomendadas ao melhor oficial que houvesse³⁴⁶. Nestas também não se dizia a quem se destinavam, mas é óbvio que se tinha em vista uma numerosa e opulenta corte eclesiástica, como a Cúria Patriarcal. Foram também encomendadas duas umbelas, informando-se que serviriam para cobrir o Santíssimo Sacramento em procissões, durante toda a deslocação no interior de uma capela-mor comprida (não dizendo, contudo, a que templo pertencia), onde não se podia entrar com um baldaquino devido aos seus cancelos altos³⁴⁷. Esta descrição encaixa perfeitamente na Patriarcal, pois tinha uma capela-mor comprida, vedada por cancelos altos. Encomendou-se, ainda, um pálio igual ao usado pela Cúria Papal e uma cruz igual à que se dava a beijar ao Papa quando entrava em São João de Latrão, conjuntamente com o escrito do cerimonial exato de como o ritual era feito³⁴⁸. Naturalmente que se tinha em vista o uso por um prelado que se queria à imagem do Papa, como era o Patriarca. Adicionalmente – e pese embora o facto de, pelo meio desta documentação, haver menção a outras matérias – esta correspondência encontra-se por entre cartas que referem as bulas com as terças partes dos bispados³⁴⁹ e a nova forma de serviço³⁵⁰, neste caso evidentemente respeitantes à Patriarcal. Já a 9 de fevereiro de 1740, encomendou-se, ainda, um grande baldaquino branco, do mesmo tamanho do que se usa na capela do Papa aquando do Corpus Christi, que em nada deveria ser inferior a este³⁵¹, tendo chegado a Lisboa a 23 de agosto de 1740³⁵². Naturalmente que

³⁴² SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e Historico, do muito alto, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V*, p. 96

³⁴³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 255v

³⁴⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 347

³⁴⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 257

³⁴⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 257v

³⁴⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 347v

³⁴⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 381

³⁴⁹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 4f e 121, entre outros fólhos.

³⁵⁰ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 241f

³⁵¹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 348f

se visaria colocá-lo numa igreja com dimensões suficientes para o albergar, cujo cerimonial se estava a pensar à exata semelhança de Roma (como era a Patriarcal). Por isto, é com segurança que se pode aceitar que grande parte das encomendas se destinava à Basílica, apesar de a documentação não o referir explicitamente.

Em 17 de março de 1739 foram encomendadas 15 lâmpadas de prata, que haveriam de servir em capelas (mais uma vez não dizendo quais), em conjuntos de 7, 5 ou 3 lâmpadas³⁵³, para as quais Pereira de Sampaio deveria procurar os artistas mais acreditados³⁵⁴. Depois do envio de três propostas distintas de riscos para as lâmpadas para Lisboa, nenhum deles foi desaprovado, pelo que se deveriam executar as 15 peças através de qualquer um (e só um) deles³⁵⁵, para se pudesse alterar o número de lâmpadas em cada lampadário, sem haver dissonância entre as mesmas. Porém, Pereira de Sampaio – provavelmente entendendo mal as ordens que tinha recebido – pediu que se fizessem 5 lâmpadas de acordo com cada um dos riscos, perfazendo assim o total de 15 exemplares encomendados³⁵⁶. Carbone, em carta de 1 de setembro de 1739, recorda Sampaio das indicações que lhe tinha dado e pede-lhe que mantivesse as 5 lâmpadas que já estavam feitas, devendo-se fazer as restantes 10 todas iguais³⁵⁷. A 9 de fevereiro de 1740 estas lâmpadas já estavam em Lisboa³⁵⁸ e é possível que se pretendesse usá-las nas principais capelas da Patriarcal (do Santíssimo, da Sagrada Família, capela-mor e da Senhora da Conceição), para as quais também se encomendaram canceladas, posto que o número de 15 lâmpadas, dividido por conjuntos de 3 lâmpadas, não perfaz conjuntos suficientes para serem dispostos nas 8 capelas laterais da Patriarcal, as quais, a julgar pela documentação, foram pouco ou nada intervencionadas.

Assim, apesar de nada referir explicitamente que os anteriormente mencionados riscos das tribunas de Santa Maria Maggiore e de São João de Latrão, chegados a 17 de março de 1739, tinham como propósito a obra da Patriarcal, tudo indica que, efetivamente, se destinavam a servir como modelo para a tribuna régia do mesmo templo. Com efeito, para além do muito que se fez integralmente em Roma, para ser enviado e usado em Lisboa, outro tanto (ou mais ainda) foi feito

³⁵² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 405f

³⁵³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 256f

³⁵⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fols. 259v e 260f

³⁵⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 283v

³⁵⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 301v

³⁵⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 301v

³⁵⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 347f

em Lisboa, segundo modelos desenhados enviados de Roma, usados como guia para o que se fazia localmente, produção local esta que é hoje mais difícil de esclarecer, devido à documentação que infelizmente se perdeu. Se, nuns casos – como nesta tribuna – apenas se pode depreender que os riscos vieram de Roma para este propósito, noutros a documentação refere-o explicitamente, como nos modelos de castiçais e tocheiros, em madeira dourada, vindos de Roma para conceber localmente, a partir deles, as peças homólogas em prata dourada, para as exposições do Santíssimo Sacramento na Patriarcal³⁵⁹. Outros autores acrescentam a esta uma outra função, associando a encomenda de desenhos, livros e réplicas de altares à prática e ensaio das cerimónias, à maneira de como se fazia em Roma³⁶⁰. Sabe-se, ainda, que se pediram cópias dos altares da Confissão, da capela do Santíssimo Sacramento e da capela Gregoriana³⁶¹ da Basílica de São Pedro.

Uma das principais encomendas que em Roma se desenvolveram para a Patriarcal ao longo desta década – a par, por exemplo, do batistério – foi um conjunto de quatro grades (ou canceladas) em bronze dourado, para resguardo de um igual número de capelas da basílica. Assim, a 7 de julho de 1743, seguiu uma missiva atribuível a Ludovice – dadas as suas competências na arte da ourivesaria e o seu papel coordenador de toda a empreitada – intitulada *Instrução pera os cancellos de bronze / dourado, que se mandão vir de Roma pera / os embocos de quatro Capelas da Santa Igreja / Patriarcal em carta de 7 de Julho de 1743*³⁶². Nas indicações para os quatro cancelos, todos distintos e por isso nomeados de A a D, pedia-se que se utilizasse ornato eclesiástico, “*de bom gosto e primorosamente feito*”³⁶³, composto de modo a evitar que alguém entrasse no interior das capelas. Pediu-se, também, que se vissem os cancelos da Capela Sistina e da Capela Paulina, para por estes regular as proporções das canceladas para a Patriarcal. No início do mês seguinte, escrevia Pereira de Sampaio de Roma, que “*As Cancelladas pera as quatro Capelas da Santa Igreja Patriarcal se fazem por quatro / Artifices diferentes, e espero que se trabalhem por / todos com a maior perfeição, unindo se em tudo / aos avizos, planta, e instrução, que Vossa Senhoria me Remete*”³⁶⁴. Destinadas às quatro mais importantes capelas da Patriarcal –

³⁵⁹ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 11. p. 236

³⁶⁰ VALE, Teresa Leonor – *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina*, p. 226

³⁶¹ *Idem*, p. 226

³⁶² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fols. 129-131

³⁶³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 129

³⁶⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-33, fól. 301f

nomeadamente à capela-mor, à Capela do Santíssimo Sacramento, à Capela da Sagrada Família e à capela do coro lateral, feita Capela de Nossa Senhora da Conceição nesta intervenção – as quatro grades foram entregues a vários ourives de renome da Roma de então. Antonio Arrighi – o ourives mais solicitado pelo Rei, que igualmente trabalhou para Mafra e para São Roque –, provavelmente pelo seu favoritismo recebeu a incumbência de fazer a cancelada de maior importância, para a capela-mor³⁶⁵; Paolo Zappati e Antonio Montauti fizeram duas canceladas de feição diferente, mas com as mesmas dimensões³⁶⁶, pelo que se depreende que encaixariam nas capelas do Santíssimo Sacramento e da Sagrada Família (apesar de não se saber exatamente que cancelada é que encaixou em qual capela); e Matteo Piroli fez uma cancelada um pouco mais comprida que estas duas últimas³⁶⁷, percebendo-se, por exclusão de partes, que assentaria à entrada da Capela de Nossa Senhora da Conceição. Sabemos com certeza que as canceladas, em bronze dourado, não se destinavam às capelas laterais, pois estas eram delimitadas por balaustradas em pedra³⁶⁸. A planta da Biblioteca da Ajuda refere, ainda, à entrada das capelas do Santíssimo e da Sagrada Família, a *“Collocação dos cancelos destas duas capellas collateraes”*³⁶⁹, bem como a *“Porta grande com ricos cancelos de bronze e tribuna por cima, que dava entrada para a magnifica Capella da Conceição”*³⁷⁰. Como se pode observar através dos desenhos do *Álbum Weale*, há um certo nível de heterogeneidade no conjunto de quatro canceladas, formalmente diferentes umas das outras, mas esta diferenciação fazia parte das instruções que se enviavam para Roma, dizendo uma delas que *“naõ se pretende que todas as / quatro grades que se encomendaraõ / sejaõ do mesmo feitio”*³⁷¹.

Manuel Pereira de Sampaio, no final daquele mesmo mês de agosto de 1743, informava Carbone que *“As Grades, ou sejam Cancelladas, pera / as quatro Cappellas da Santa Igreja Patriarcal, / ficam // ficam já principiadas, segundo o Risco, que se fez / dellas, e que Remeto”*³⁷². A 4 de fevereiro do ano seguinte os trabalhos prosseguiam³⁷³, mas no mês imediato foram solicitadas algumas alterações à cancelada para a capela-mor, cujo risco, enviado de Roma, não

³⁶⁵ *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno en Roma per ordine della Corte*, fól. 289

³⁶⁶ *Idem*, fól. 297-301

³⁶⁷ *Idem*, fól. 293

³⁶⁸ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17a. Notas 59 e 60.

³⁶⁹ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17b. Nota 49.

³⁷⁰ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17b, legenda n.º 40

³⁷¹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 133-135 Vd. anexo pág. 188

³⁷² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-33, fól. 325v-326f

³⁷³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fól. 27f

havia agradado. Esta missiva, num processo semelhante ao que simultaneamente se verificava com a Capela de São João Batista – em que Ludovice enviava desenhos para Roma para que os executores lá se guiassem por eles – incluía projetos para que fossem tidos em conta, na hora de conceber as propostas para Lisboa³⁷⁴. As encomendas para a Patriarcal eram consideradas pelo Rei como mais urgentes do que a Capela de São João Batista, pelo que cerca de um ano mais tarde Carbone exortava Sampaio para que se trabalhasse naquelas com maior fulgor do que nestas³⁷⁵.

Chegadas a Lisboa, poucos anos depois, no mesmo navio que trouxera a Capela, as canceladas foram imediatamente instaladas, justamente por que o Rei dava prioridade ao que iria para a Patriarcal, ficando por isso a importante capela para segundo lugar. A 14 de setembro de 1747 já se estava a instalá-las³⁷⁶, mesmo antes do descarregamento total dos navios³⁷⁷, e, a 12 de outubro, “já estão assentadas na Patriarcal duas das grades, que vieraõ, / e em breves dias o estaraõ todas”³⁷⁸. Contudo, poucos dias depois percebeu-se que as medidas da grade para a Capela da Sagrada Família não coincidiam exatamente, na sua parte superior, pelo que foi preciso acrescentar-lhe mais meio palmo, incumbência que foi entregue a um dos oficiais italianos que viajaram com as encomendas para proceder à respetiva instalação, ainda que não se especificasse em concreto de quem se tratava³⁷⁹. Cerca de um mês depois, a 9 de novembro, dava-se parte a Sampaio que já se tinha acabado de assentar tudo o que pertencia à Patriarcal, e ia-se imediatamente começar com a instalação da Capela de São João Batista, “em que necessariamente se ha de gastar muito mais tempo”³⁸⁰. A ilação de que na Capela se haveria “necessariamente” de demorar muito mais tempo, significa, claro, que esta era uma obra de muito maior complexidade e dimensão do que aquilo que fora encomendado para a Patriarcal. Efetivamente, a documentação diplomática permite perceber que o grosso das obras arquitetónicas propriamente ditas terá sido feito localmente (devido à omissão da respetiva encomenda), com a única exceção do batistério, que, tal como a Capela, foi integralmente feito em Roma para instalação em Lisboa. Para aquilo que se deveria fazer localmente, o habitual era, como frisámos, mandarem-se vir “riscos” – ou

³⁷⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fols. 133-135 Vd. anexo pág. 188

³⁷⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-41, fól. 50. pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*, p. 138

³⁷⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 54v

³⁷⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 56v

³⁷⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 60f

³⁷⁹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 61f

³⁸⁰ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 70v. pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*, p. 149

seja, desenhos – de Roma, para que se pudesse guiar a produção local. Foi, por exemplo, não só o já referido caso da tribuna régia, mas também dos cadeirais.

O enorme aumento da Cúria impôs, com efeito, reformulações ao nível dos cadeirais dos religiosos, ou coros. Foi necessário redistribuir os espaços onde, durante as cerimónias, cada categoria de religiosos se sentava, entre principais, monsenhores, cónegos, beneficiados, caudatários, etc. Por isso, em 1744, chegaram vários riscos de igrejas e de coros de religiosos regulares³⁸¹, religiosos estes que, tal como os da Patriarcal, tinham habitualmente a obrigação de rezar as horas canónicas. No corpo da igreja dispuseram-se cadeirais para monsenhores, cónegos, beneficiados e capelães cantores³⁸². Aliás, se dúvidas houvesse quanto à razão de ser e ao impacto direto dos riscos romanos nas obras desenvolvidas localmente, a comparação entre o risco da Capela Pontifícia do Palácio do Quirinale, presente no Álbum Weale³⁸³, e a estruturação da capela-mor da Patriarcal, registada na planta da Biblioteca da Ajuda³⁸⁴, dissipa-as completamente. Como se pode observar, a planimetria é basicamente a mesma, com uma ou outra ligeira modificação. Em ambos os casos, o acesso à quadratura fazia-se por uma entrada ligeiramente desalinhada do eixo central, com os assentos de cada lado (para os cardeais, num caso, e para os principais, no outro). A zona do presbitério era acessível por um conjunto de degraus, com um recorte em ângulo reto do lado do Evangelho, onde cabia um sólio (destinado, igualmente, num caso ao Papa e no outro ao Patriarca). Exatamente este mesmo modelo seria mais tarde recuperado, aquando da construção do novo complexo patriarcal, à Cotovia, depois de 1755.

Sabendo que o Álbum Weale foi recebido em Lisboa em setembro de 1745³⁸⁵, é possível datar a execução da quadratura da capela-mor de um momento pouco posterior a este mês. É também expectável que, quando se sagrou a igreja, pouco mais de um ano depois, pelo menos a capela-mor já estivesse num relativamente avançado estado de completude, devido à sua central importância no culto. Como referimos anteriormente, era prática construtiva eclesial cimentada desde há séculos que, quando se construía uma igreja (ou se intervinha com profundidade na

³⁸¹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fols. 27f e 72f

³⁸² Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b

³⁸³ *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte*, desenho n.º 7

³⁸⁴ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b

³⁸⁵ É sabido que o Álbum Weale foi compilado por Pereira de Sampaio em 1745, e em setembro deste ano Carbone escreve que “*O mandar Vossa Senhoria o livro dos riscos e preços das obras, não só era conveniente mas preciso para nosso governo*”. Biblioteca da Ajuda – Ms. 51-III-68, fól. 185. pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*, p. 145

mesma) se comesse pela capela-mor, precisamente porque permitia que o templo em causa fosse sagrado e aberto ao culto antes de as obras estarem concluídas na totalidade. A título de exemplo, foi o que aconteceu na grande campanha de trabalhos promovida no começo do reinado, iniciada, precisamente, pela cabeceira. Na verdade, no momento da sagração, em 1746, restava ainda muito por concluir. A prova de que a capela-mor foi, efetivamente, intervencionada, é não só a já referida planta mas, também, a importante descrição do Chevalier des Courtils, redigida em junho de 1755, meros meses antes da catástrofe.

A pouca presença de encomendas para a capela-mor na correspondência diplomática – com exceção das canceladas de Arrighi, que essencialmente cabem na categoria do património integrado, bem como os riscos vindos para a quadratura (visando guiar a produção local) –, comprovam, simultaneamente, que o grosso da obra para a mesma foi feito localmente, *i.e.* feito por Ludovice. A conceção da quadratura a partir de setembro de 1745 (que, pela sua natureza, tem que ser feita depois dos trabalhos de arquitetura) e a sagração do templo a 13 de novembro de 1746, apontam no sentido de a capela-mor já estar praticamente concluída neste ano, tendo ficado efetivamente terminada um ano mais tarde³⁸⁶, com a instalação das canceladas de Arrighi, trabalho que constitui uma obra de conclusão.

A referida descrição do Chevalier des Courtils, apesar de infelizmente não ter o grau de detalhe da de Barbosa Machado, reveste-se – por vários motivos – de particular relevância. Importa, por isso, recuperá-la aqui na íntegra:

“A Patriarcal é a igreja na qual o Patriarca do reino exerce as suas funções. É ao mesmo tempo a capela do rei. O clero desta catedral é o mais nobremente composto e vestido da Europa, todo selecionado da principal nobreza de Portugal. Há o altar-mor, que é todo de lápis-lazúli. O tabernáculo é de ágata. Duas outras colunas de lápis fazem-se notar à entrada desta capela magnífica, onde só se vê mármore negro, amarelo, e outras produções da natureza majestosamente trabalhadas. Nunca se lá vai sem se notar nalguma beleza nova. O menor raio de sol faz reparar no que tinha escapado ao primeiro olhar. O teto está decorado com compartimentos de grupos dourados com cabeças de anjo em mármore nos intervalos. Vêm-se também quadros do mais belo mármore, esculpidos admiravelmente, que servem de sobreportas. O pavimento é

³⁸⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 70v. pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*, p. 149

coberto de placas de mosaico com uma esfera e os seus atributos. Os ornamentos mais magníficos respondem à majestosidade desta capela, que tem uma sacristia particular e ornamentos próprios. Três grandes lâmpadas de prata dourada artisticamente trabalhadas, que partem do mesmo tronco, ardem sem cessar diante do altar. Há 24 principais e 72 prelados, que usam o título de monsenhor segundo o uso romano. O hábito de coro dos primeiros é vermelho como o dos cardeais; os últimos vestem-se de púrpura e usam roquete como os bispos. É sempre dos principais que são selecionados os cardeais. Cada um dos seus primeiros lugares vale dez mil escudos, e os outros doze mil livres por ano, da moeda do país. Provocou fantasia ao rei estabelecer um patriarca nos seus estados, acreditando que daria mais relevo ao seu reino. A Corte de Roma, que nunca foi néscia, fez pagar bem caro esta triste vantagem à de Portugal. Uma casa bem fundada seria mais útil aos Portugueses que todos os patriarcas existentes no universo. Quinze mil maus monges convertidos em soldados ou marinheiros aceitáveis prestariam grandes serviços ao estado, libertando-o do jugo dos ingleses, dos quais eles estão vergonhosamente, no caso de haver necessidade absoluta. A nave da patriarcal não tem nada de raro. Os altares, as alvas, as casulas e outros móveis são esmagados pelo peso do ouro, da prata e das pedrarias. Vê-se, como noutras igrejas, enormes tocheiros e estátuas de prata e prata dourada que tomaríamos por cobre se estivéssemos prevenidos, tanto que são comuns e enormes”³⁸⁷.

A descrição do autor não pode deixar de nos trazer à memória a Capela de São João Batista, recordada graças às pedras utilizadas, ao teto em caixotões dourados decorado com anjos brancos, às colunas e altar-mor em lápis-lazúli, e ao chão com uma esfera em mosaico. Consoante o que já sinalizámos – na linha do trabalho de autores como Mandroux-França e António Filipe Pimentel – há, efetivamente, uma “*solidariedade umbilical*”³⁸⁸ entre a Capela e a Patriarcal, constituindo a primeira uma “*fase anexa*”³⁸⁹ da segunda, “*uma sua extensão*”³⁹⁰, firmando assim o vínculo cerimonial entre São Roque e a Patriarcal, à semelhança do que se verificava em Roma³⁹¹. Além de se saber, através dos relatos noticiosos da época, que São Roque era dos templos mais frequentados pela Corte, temos igualmente conhecimento do cerimonial litúrgico vário que

³⁸⁷ AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain – *Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils*, pp. 153-154. Em francês no original. Tradução do autor. Original em anexo pp. 198-199

³⁸⁸ PIMENTEL, António Filipe – *O Álbum Weale e a encomenda artística de D. João V*, p. 20

³⁸⁹ MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *La Patriarcale du Roi Jean V du Portugal*, p. 37

³⁹⁰ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 26

³⁹¹ *Idem*, p. 27

articulava os dois lugares. Desde 1718 que, por iniciativa do Patriarca, se cantava o *Te Deum Laudamus* na Igreja de São Roque no dia 31 de dezembro, dando graças a Deus pelo ano que então se encerrava, também à semelhança do que se fazia em Roma. Já na Patriarcal, pela mesma altura tomou-se emprestado dos jesuítas a importante celebração do Jubileu das 40 Horas – que desde o século XVII era uma das mais marcantes comemorações da casa-professa inaciana – que em 1717 se passou a fazer também na basílica, segundo um cerimonial, mais uma vez, à maneira de Roma³⁹². Neste jubileu, que tinha lugar antes do início da Quaresma (*i.e.* no Carnaval), havia um período de exposição ininterrupta do Santíssimo Sacramento durante 40 horas, propondo-se assim um logo período de contemplação por oposição à folia carnavalesca. Havia também momentos de pregação, sendo de destacar o famoso Sermão das 40 Horas, pregado pelo Pe. António Vieira precisamente em São Roque. Na Igreja Patriarcal, sabemos que pelo menos em 1723, e com boa certeza noutros anos também, quem o pregou foi um jesuíta. Entre outras celebrações que ligavam São Roque e a Patriarcal, há notícia da procissão de São Marcos (santo que, note-se, não era propriamente dos mais significativos para a casa jesuíta), que se iniciava na Patriarcal e – prosseguindo pelo Chiado – terminava em São Roque³⁹³, bem como da procissão solene feita em ação de graças, também da Patriarcal a São Roque, quando nasceu o Infante D. Pedro em 1717³⁹⁴. Assim, antes da conceção da Capela de São João Batista – capela real tal como a Patriarcal – havia já vínculos litúrgicos vários entre uma e outra, e, sendo a campanha de São João Batista efetivamente uma fase anexa da Patriarcal, deve por isso ser entendida à luz do seu importante processo de renovação, encetado com a refundação eclesiástica em 1739.

Porém, apesar de todas as suas semelhanças formais, parece claro que também haveria muito que as distinguiria, imposto por um século de pré-existências na Capela Real, por oposição à Capela, feita *ex novo*. Em 1750, ano da morte de D. João V, escrevia-se sobre esta “*que he de preciosidade rara, e valor inapreciavel, pois se julga ser huma peça, que não tem outra, que a imite, e menos, que a exceda*”³⁹⁵. Ou seja, já à época se afirmava que a Capela de São João Batista era inexcédível. O próprio Chevalier des Courtils, que também viu a Capela e não tece quaisquer

³⁹² Pela bula *Regis Pacificis*, passada a 11 de julho de 1717 por Clemente XI. *Archivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal*, fól. 14f

³⁹³ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal, escritas, ou compostas pelo Beneficiado António Figueira, mestre de Ceremónias da mesma S. Igreja, transladadas pelo Beneficiado António Rodrigues Lages*, fól. 206-207

³⁹⁴ BRANCO, Manuel Bernardes – *Portugal na epocha de D. João V*, p. 151

³⁹⁵ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 104

comparações com a aparência da Patriarcal³⁹⁶, contribui um pouco para esclarecer estas dissemelhanças, talvez um dia melhor iluminadas por outras descrições coevas que se possam vir a localizar. Note-se, desde logo, que este autor se desdobra em louvores à riqueza do templo, para, mais à frente, rematar dizendo que *“a nave da patriarcal não tem nada de raro”*³⁹⁷. É óbvio, por isso, que o autor alude a diferentes espaços no interior do templo e que permite perceber alguma falta de homogeneidade no seu revestimento decorativo, pois numas alturas é totalmente laudatório quanto ao que vê, e noutras é muito mais contido, situando mesmo o que está a ver no campo do absolutamente comum. Este *“nada de raro”* seria, com boa probabilidade, aquilo que vinha de finais do século XVII e inícios do XVIII, e que era, de facto, muito comum: talha dourada, azulejaria, embutidos de pedraria e pintura.

Apesar da necessidade de localizar mais documentação para um melhor esclarecimento do assunto – tanto descrições de época como documentos relacionados com a encomenda artística – é provável que o Chevalier des Courtils, quando louva a Patriarcal sem refreios, se estivesse a referir à decoração predominante na capela-mor, pois, depois de dizer que *“a nave da patriarcal não tem nada de raro”*, continua acrescentando que *“Os altares, as alvas, as casulas e outros móveis são esmagados pelo peso do ouro, da prata e das pedrarias”*³⁹⁸. Ora, sabemos, através da descrição de Barbosa Machado, cerca de 35 anos antes, que a Patriarcal estava abundantemente decorada a talha dourada, frequentemente utilizada em diálogo com a pedraria, que Machado também refere. Quer isto dizer que, apesar da intervenção nalguns pontos-chave do interior do templo – designadamente capela-mor, capela do Santíssimo, da Conceição, tribuna régia e batistério – é possível que o conjunto de oito capelas laterais, feito na década de 1710, se tenha mantido inalterado, até porque não há – pelo menos que conheçamos – qualquer documentação que comprove que estas foram reformuladas; e a descrição de Courtils parece apontar no sentido contrário. Se se tivesse intervindo nas capelas laterais da Patriarcal, seria de esperar a encomenda de escultura e pintura romanas para as mesmas – ou, quiçá, micro-mosaicos como os da Capela de São João Batista – algo que, nem a documentação diplomática, nem o Álbum Weale referem. Sabemos, aliás, que algumas destas capelas mantinham pinturas mais antigas que a própria

³⁹⁶ AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain – *Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils*, p. 146. Em francês no original. Tradução do autor. Original em anexo pp. 198-199

³⁹⁷ *Idem*, pp. 153-154.

³⁹⁸ Em francês no original: *«Le vaisseau de la patriarchale n’a rien de rare. Les autels, les aubes, les chasubles et autres meubles sont affaissés sous le poids de l’or et de l’argent et des pierreries»*. AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain – *op. cit.*, pp. 153-154. Em francês no original. Tradução do autor. Original em anexo pp. 198-199

Patriarcal, pois em 1748 um breve papal dava indulgência, nos dias dos apóstolos, a quem visitasse o Altar de São Tomé, onde se conservava pintura do santo que antigamente estava no altar-mor³⁹⁹.

A somar às duas banquetas feitas na década anterior por Antonio Arrighi – incluindo a opulentíssima baqueta da capela-mor – foi feita uma terceira, por Filippo Tofani, chegada a Lisboa em maio de 1746, que, para Teresa Leonor Vale, é possível que não tenha sido feita para o altar-mor, tendo em conta as outras banquetas já existentes⁴⁰⁰. Esta banqueta acompanhava um apostolado, segundo projeto de Ludovice, que incluía os 12 apóstolos mais uma imagem de S. Paulo⁴⁰¹. Seguiu-se uma quarta banqueta, encomendada em 1745 a Francisco Giaroni⁴⁰². No âmbito da ourivesaria litúrgica, o inventário de todas as joias, ouro e prata que a Patriarcal possuía, elaborado por ordem do Rei a 28 de novembro de 1747, referia peças em ouro que pesavam 151 marcos, 6 onças e 1 oitava. Tinham também rubis e pedras preciosas como diamantes, que não foram avaliadas, só tendo sido pesado o ouro. Já a prata, pesava 37966 marcos e 2 onças. Este documento, infelizmente desaparecido e apenas sinalizado na documentação que Lázaro Leitão nos deixou, inseria ainda uma declaração sobre as peças que tinham sobrevivido a 1755⁴⁰³. De facto, a emulação do cerimonial à romana só se poderia concretizar com alfaia litúrgica à altura, pelo que a ourivesaria assume particular protagonismo⁴⁰⁴. Teresa Leonor Vale faz um resumo do que a Patriarcal teria: entre as encomendas mandadas vir de Roma, contavam-se, *“no âmbito das artes dos metais e ourivesaria, as grades brônzeas destinadas às várias capelas da patriarcal (obviamente inspiradas em modelos romanos, conforme indicação expressa de Lisboa), uma pia batismal cuja tampa ostentava opulentos ornamentos de bronze dourado, duas banquetas (ou melhor, três, as duas primeiras de Antonio Arrighi datando ainda da década de trinta e uma terceira já dos anos quarenta), inúmeros relicários, um inteiro apostolado igualmente em prata, lampadários, para além dos numerosos objetos destinados ao serviço litúrgico propriamente dito e ainda uma estátua de Nossa Senhora*

³⁹⁹ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e Historico, do muito alto, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V.* pp. 64-65

⁴⁰⁰ VALE, Teresa Leonor – *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina*, pp. 235-236

⁴⁰¹ *Idem*, p. 238

⁴⁰² *Idem*, p. 236

⁴⁰³ *Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755, e que haviam estado na posse do Principal Leitão, Lázaro Leitão Aranha*, fols. 18v – 19f

⁴⁰⁴ VALE, Teresa Leonor – *op. cit.*, p. 228

*da Conceição em prata dourada e um relevo da Virgem com o menino em bronze dourado*⁴⁰⁵. Apesar de não ser de produção romana, vale a pena aqui acrescentar a áurea Custódia da Patriarcal – ainda hoje preservada no Museu do Tesouro da Sé de Lisboa – encomendada por D. João V em 1748⁴⁰⁶ no contexto da reformulação da basílica, mas que por vicissitudes várias só foi entregue ao Patriarcado em 1760.

Para além das obras arquitetónicas anteriormente mencionadas, sabemos que se reforçou a torre sineira, cujos sinos dobraram pela primeira vez a 7 de setembro de 1743, Vésperas da Natividade da Virgem Maria, sem a obra estar ainda concluída⁴⁰⁷, o que veio a acontecer na véspera do Corpus Christi do ano seguinte⁴⁰⁸. Esta torre ficou visualmente preservada numa vista do paço, pouco anterior ao terramoto, atribuída a Francisco Zuarte⁴⁰⁹ e pertencente ao Museu de Lisboa [Fig. 23, pág. 155]. Consta que o seu maior sino precisava de 6 homens para lhe puxarem o badalo e, no primeiro dia em que tocou, ouviu-se em Palmela⁴¹⁰! Também foi encomendado um santuário de relíquias, onde, a 26 de novembro de 1744, o Rei fez colocar uma grande coleção de relicários provenientes dos palácios régios e da Casa de Bragança⁴¹¹, e refez-se a escadaria que ligava ao pátio das tendas, tendo ficado concluída pouco antes do dia da sagração. Esta escada era uma *“obra magnífica, tanto pela perfeição do risco, como pelo primor com que foy executado, que tudo realça com a excellencia da pedraria”*⁴¹².

A sagração da igreja, à qual já se aludia como estando em *“retardo”*⁴¹³ em março de 1744, foi finalmente celebrada a 13 de novembro de 1746⁴¹⁴, com as obras todavia ainda por concluir. D. João V, diminuído desde um ataque de paralisia em maio de 1742⁴¹⁵, receava morrer sem o chegar a fazer. Dedicou-se, então, a Basílica Patriarcal *“ao Santissimo Salvador, e à Beatissima Virgem*

⁴⁰⁵ VALE, Teresa Leonor – *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina*, p. 229

⁴⁰⁶ PIMENTEL, António Filipe – *O Álbum Weale e a encomenda artística de D. João V*, p. 33

⁴⁰⁷ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 97

⁴⁰⁸ MARTINHO, Bruno A. – *O Paço da Ribeira nas vésperas do terramoto*, p. 33

⁴⁰⁹ ZUZARTE, Francisco Zuzarte (atrib.) – *Vista do Terreiro do Paço*. Vd anexo pág. 155

⁴¹⁰ GUIMARÃES, Ribeiro – *Summario de Varia Historia*. Tomo 4. p. 239

⁴¹¹ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 11. p. 279

⁴¹² SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, pp. 96-97

⁴¹³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fól. 72f

⁴¹⁴ SYLVA, Francisco Xavier da – *op. cit.*, p. 89-90

⁴¹⁵ A julgar pelos sintomas do Rei nas descrições da época, D. João V em 1742 teve um AVC, que o debilitou até à sua morte, em 1750.

*Maria*⁴¹⁶. No entanto, contando com todo o complexo – igreja e palácio patriarcal – as obras ainda estavam longe da conclusão. A importante estátua, em tamanho real, feita pelos Gagliardi e por Giovanni Battista Maini, chegaria meses antes da morte do Rei – falecido a 31 de julho de 1750 – prosseguindo os trabalhos durante o reinado de D. José I, como veremos, praticamente até ao dia do terramoto. Pinho Leal, autor da importante compilação *Portugal Antigo e Moderno*, escreve que o majestoso templo foi destruído por 1755, “antes de estar concluído”⁴¹⁷.

Não obstante, mesmo depois do se desaparecimento, Louis Moreri registava ainda em 1759 que “*L'église patriarchale est une des plus magnifiques églises que l'on connoisse aujourd'hui en Europe, soit par l'abondance & la richesse de tout ce qui sert au culte divin, soit par le nombre des ministres, tous habillés en évêques, foit par l'ordre qui y est établi pour le service, soit enfin par le chœur de musique qu'on y entend, composé des plus habiles musiciens qu'on a pu trouver en Italie*”⁴¹⁸.

ii. A ampliação da Capela do Santíssimo Sacramento

Como vimos num dos capítulos anteriores, Inácio Barbosa Machado, ao descrever as duas capelas colaterais da cabeceira da igreja, dedicadas ao Santíssimo Sacramento e à Sagrada Família, informava que eram “*da mesma architectura*”⁴¹⁹. Depreende-se, por isso, que teriam – naquele ano em que as descrevia, 1719 – aproximadamente as mesmas dimensões. Ora, a planta da Biblioteca da Ajuda mostra algo bastante diferente. A capela do Santíssimo tem quase o dobro do comprimento da capela da Sagrada Família⁴²⁰. O cerimonial *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal*, escrevia também, numa altura difícil de precisar mas não posterior a finais da década de 1730, que os caudatários, que habitualmente acompanhavam os cônegos, não entravam na Capela do Santíssimo por ser demasiado pequena⁴²¹. Para responder a esta necessidade – agora de ainda maior atualidade devido ao aumento do número de religiosos que integravam a Cúria Patriarcal – a Capela do Santíssimo

⁴¹⁶ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V*, p. 89-90

⁴¹⁷ PINHO LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. 4. p. 424

⁴¹⁸ MORÉRI, Louis – *Le grand Dictionnaire Historique*. Tomo 6. p. 333

⁴¹⁹ MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo*. p. 148

⁴²⁰ Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b

⁴²¹ *Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal* (...), fól. 28

Sacramento foi aumentada, embora se ignore a decoração que posteriormente recebeu, para além de uma nova cancelada, cuja instalação se concluiu, como as restantes, em novembro de 1747⁴²². António Filipe Pimentel já havia sinalizado, em 2015, que no contexto da empreitada desta década, incidir-se-ia *“na extensão, em idênticas proporções [às da capela-mor], da colateral do Evangelho, dedicada ao Santíssimo Sacramento”*⁴²³. A instalação de canceladas deve ser entendida como obra de remate que é, isto é, algo que se instala depois do grosso dos trabalhos de arquitetura estarem concluídos, o que nos permite apontar uma data relativamente segura para a conclusão dos trabalhos. Neste caso, a Capela do Santíssimo passou a ter um comprimento equivalente ao da capela-mor.

Anos antes da chegada das canceladas, a 29 de março de 1740 – muito provavelmente no contexto da reformulação desta capela –, pediram-se desenhos exatos de todas as mais solenes formas de exposições do Santíssimo em São Pedro de Roma, fosse no altar-mor, fosse na Capela do Santíssimo ou na Capela Gregoriana⁴²⁴. Estes desenhos deveriam mostrar não só as capelas e a respetiva decoração, mas também todos os apetrechos litúrgicos utilizados, com os seus devidos locais assinalados. Para além dos desenhos, Pereira de Sampaio devia ainda *“mandar / logo executar, e pôr em obra todas as peças, que se costumaõ armar no / Altar em cada huã das sobreditas Exposições, a saber, Banquetas, / Pianhas, / Maquineta, ou seja Charola, ou Docelinho, que fica por si-/ma da Custodia, em que se expoem o Santissimo; e venhaõ todas as ditas pe-/ças obradas naõ sò com perfeição, mas da mesma medida, materia, / e forma de que saõ as que lá se uzaõ; e venhaõ tambem acabadas de sorte, / que em chegando a esta Corte, se possaõ armar logo”*⁴²⁵. Os únicos elementos de que não se necessitava eram o altar e o sacrário, pelo que se depreende que já existissem – ou já estivessem, pelo menos, pensados – em Lisboa. Mais uma vez, neste documento nada diz explicitamente que a encomenda era destinada à Patriarcal, mas, pelas razões já anteriormente evocadas, e tendo em conta que se sabe que a Capela do Santíssimo foi alvo de uma importante reformulação, cremos que é com segurança que se aceita que o era. Sabe-se também que o Rei mandou vir de Roma vários modelos em madeira dourada, para servirem de exemplar para os que mandou fazer localmente, em prata, para a Patriarcal, conjunto

⁴²² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 70v. pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*, p. 149

⁴²³ PIMENTEL, António Filipe – *O Álbum Weale e a encomenda artística de D. João V*, p. 30

⁴²⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 360. Vd anexo pp. 180-181

⁴²⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 360. Vd anexo pp. 180-181

este que incluía uma maquineta, tocheiros e castiçais, que depois ofereceu a São Vicente de Fora⁴²⁶. Efetivamente, a encomenda anteriormente referida não se enquadra neste caso, pois é especificamente dito que o que se faça em Roma seja “*naõ sò com perfeição, mas da mesma medida, materia, / e forma de que saõ as que lá se uzaõ*”⁴²⁷, e que venha, ainda, em condições de ser imediatamente usado. Significa que não seriam modelos para exemplo, mas era um conjunto diretamente destinado ao uso litúrgico.

Quanto aos vários modelos solicitados, Pereira de Sampaio noticiava a 8 de fevereiro de 1744, que estavam quase acabados os dois em falta para as exposições do Santíssimo Sacramento em São Pedro⁴²⁸, e o Álbum Weale, de facto, trazia também o desenho da exposição do Santíssimo na Capela Pontifícia do Palácio do Quirinale⁴²⁹.

iii. O novo batistério

O batistério da simultaneamente Basílica Patriarcal e Capela Real era, note-se, o local onde se celebraria aquele fundamental sacramento da comunhão entre os futuros reis de Portugal e Deus. Com isto em mente, e por estranho que possa parecer, aparentemente a encomenda deste novo apetrecho litúrgico começou pela necessidade de se fazer “*hum Cancelllo que o resguarde / do pouvo pela frente e pelos lados*”⁴³⁰, para substituição do antigo cancelo, “*em ferro ordinario*”⁴³¹. O novo cancelo, em bronze dourado, foi encomendado por uma carta não datada, guardada na Biblioteca da Ajuda⁴³², que deverá ter seguido para Roma em setembro ou outubro de 1743, a julgar pela data de uma carta posterior com indicações adicionais, de 31 de outubro do mesmo ano⁴³³. A composição da ornamentação dos cancelos foi confiada à disposição do artífice a quem se entregasse a encomenda, que viria a ser Andrea Valadier⁴³⁴. Curiosamente, entre as várias disposições que este deveria seguir, concernentes, por exemplo, às dimensões dos cancelos ou aos elementos iconográficos – alusivos ao batismo⁴³⁵ –, deram-se indicações para que, a partir do

⁴²⁶ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 11. p. 236

⁴²⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-39, fól. 360. Vd. anexo pp. 180-181

⁴²⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fól. 28f

⁴²⁹ *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte*, desenho 4 e segs.

⁴³⁰ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 125. Vd. anexo p. 184

⁴³¹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 125. Vd. anexo p. 184

⁴³² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 125 a 127

⁴³³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 105 a 109

⁴³⁴ *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte*, fól. 267

⁴³⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 125. Vd. anexo p. 184

pavimento, houvesse 5 palmos de ornamentos engradados, de forma a evitar que no batistério entrassem cães!

Talvez devido à desarticulação entre um novo cancelo em bronze dourado, magnificamente feito em Roma, e a antiga pia batismal – cuja configuração se desconhece –, muito pouco depois, ainda em outubro de 1743⁴³⁶, Carbone escrevia que “*Com a occasiaõ de se mandar / fazer hum Cancelllo Caprichozo / per resguardar o Baptisterio da Santa / Igreja Patriarcal do concurso do pouvo, / lembrou fazer se taõbem o mes-/mo Baptisterio de hũa boa vasca / ou pia de pòrfido ornada de bron-/ze dourado*”⁴³⁷. A mesma carta dava instruções a Pereira de Sampaio para que procedesse imediatamente à localização de um bloco de pedra suficientemente grande para o efeito, e que o batistério incluísse uma pequena pia de água benta, bem como um sumidouro para escoamento da mesma⁴³⁸. Pouco depois, seguiu uma nova missiva com indicações adicionais, informando-se, desde logo, que caso não fosse possível localizar um bloco de pórfiro – pedra ornamental muito apreciada – com dimensões suficientes para se fazer um batistério, dever-se-ia optar por mármore, o mais precioso que se pudesse encontrar, para não se atrasar a obra⁴³⁹. A ideia era que a vasca do batistério fosse de um único bloco pétreo, e não de vários blocos agregados. A tampa seria em bronze dourado, ficando a composição ornamental da mesma e de todo o batistério ao critério do artífice a quem se entregasse a obra. Pretendia-se também um pavilhão para cobrir o conjunto, bem como a conceção do respetivo pavimento, que devia compreender todo o espaço delimitado pelas grades e ser feito em pedras ornamentais, pavimento este que ainda hoje é visível no respetivo desenho pertencente ao *Álbum Weale*⁴⁴⁰, que ilustra bem a riqueza dos seus materiais [Fig. 19, pág. 151].

Igualmente preservada visualmente no importante álbum⁴⁴¹, está a encomenda de “*hum painel, que reprezente S. / Joaõ Baptista baptizando a Christo Senhor / Nosso se mandarà fazer*

⁴³⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fols. 113 e 114. Note-se que, apesar de a carta que deu início à encomenda do batistério não estar datada, o mesmo volume de documentos possui uma outra epístola, datada de 31 de outubro de 1743, que diz que “*Em carta do corrente expedida por / expresso se encomendou hum cancello de / bronze dourado pera o Baptisterio da Santa Igreja Pa-/triarcal, e taõbem se encomendou o proprio / Baptisterio*” (fól. 105f).

⁴³⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 113

⁴³⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 113

⁴³⁹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 105

⁴⁴⁰ *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno en Roma per ordine della Corte*, fól. 287

⁴⁴¹ *Idem*, fól. 277

*logo pelo insigne / Pintor Agostinho Massucci*⁴⁴². Vale a pena abrir um parêntesis para salientar que a palavra empregue é efetivamente “*pintura*”⁴⁴³, significando, por isso, que não se encomendou um painel em micro-mosaico como os da Capela de São João Batista, cujos cartões também são de Masucci e onde inclusivamente se utilizou uma composição muito semelhante para o painel com a mesma passagem bíblica. Por razões de saúde, foi Sebastiano Conca quem concluiu o trabalho iniciado por Masucci, usando porém o modelo traçado por este⁴⁴⁴. Pediu-se também que se fizesse a moldura do mesmo painel e a respetiva ornamentação, confiadas ao metalista Giuseppe Ricciani⁴⁴⁵. Já a coordenação do projeto de arquitetura no seu todo, foi confiada à dupla de arquitetos Nicola Salvi e Luigi Vanvitelli – com este último a assumir papel preponderante – dupla esta que, havia um ano, se encontrava envolvida na encomenda da Capela de São João Batista, solicitada, pela mesma via, a 26 de outubro de 1742.

Estes deram rápida resposta ao que se lhes pedia, e a 20 de dezembro de 1743 Lisboa emitia o seu parecer: *“O risco que se recebeu da Pia baptismal / em nada agradou, e não se critica em / particular as suas partes, nem o todo del-/la (em que se vê quiz o artifice imitar / a da Bazilica de S. Pedro, tirando lhe porem / a graça e a formozura) attendendo à pressa / com que procuràraõ remeter o dito risco”*⁴⁴⁶. A 8 de fevereiro de 1744, Pereira de Sampaio enviava por isso *“novo Ris-/co para o Baptisterio, e me parece que possa / agradar pela perfeição delle, para cujo Bap-/tisterio se trabalha primorosamente na Cancell-/da, que deve servir lhe”*⁴⁴⁷. A 28 do mês seguinte enviava-se um novo desenho para o quadro do mesmo batistério, feito por Masucci⁴⁴⁸.

Aparentemente também este risco para a pia batismal foi recusado, pois a 12 de março de 1744 está-se a dar resposta a vários riscos alternativos que se tinham mandado de Roma, dos quais só um agradara⁴⁴⁹. Pediu-se, porém, que se suprimissem vários ornatos como baixos-relevos, cabeças de leões e festões, de modo a melhor valorizar a preciosidade do pórfiro de que se fazia a vasca do batistério. Os ornamentos que efetivamente se utilizassem não deveriam representar figuras de pessoas ou animais, mas sim tarjas, búzios e peles ao gosto de Gian Lorenzo Bernini e

⁴⁴² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 107

⁴⁴³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 107

⁴⁴⁴ *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte*, fól. 277

⁴⁴⁵ *Idem*, fól. 279

⁴⁴⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 121 Vd. anexo pp. 187-188

⁴⁴⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fól. 27f

⁴⁴⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fól. 72f

⁴⁴⁹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 117 a 119 Vd. anexo pp. 189-190

Alessandro Algardi, sugeridos na carta. Já para os cancelos, apesar da aprovação de um dos riscos propostos, recomendou-se mais contenção com os elementos decorativos, pedindo-se que se retirassem as figuras de anjos, animais e mascarões, sugerindo-se igualmente que se vissem os riscos para os cancelos da capela-mor, de modo a manter o mesmo gosto, que haveria de ser *“serio, e grave, e / sem estravagancias”*⁴⁵⁰. Certo é reconhecer-se aqui a mesma situação por que simultaneamente passava a Capela de São João Batista. Apesar de a carta encomendante indicar que *“a forma do ornato d’esta Capella toda se deixa na disposição da caprichosa idéa do architecto”*⁴⁵¹, também acabou por passar por um processo de recusa e debate aceso, vendo-se o seu projeto inicial dobrar-se às exigências de Ludovice, que impôs um resultado final de maior cunho classicista e uma arquitetura *“nobre, séria e rica”* e desprovida de *“caprichos pittorescos”*⁴⁵².

A 12 de abril de 1744 Sampaio respondia de Roma, informando que se fará *“porém o que se ordena de mais a mais, tanto a respeito da Capella que do baptisterio como tambem das Cancelladas”*⁴⁵³. É provável que estas indicações não tenham chegado a Vanvitelli e Salvi a tempo de surtir efeito nas mais recentes propostas, pois a 21 de maio do mesmo ano, pouco mais de um mês volvido, numa extensa resposta escrita por Ludovice a Vanvitelli – relativa às propostas vindas de Roma, maioritariamente para a Capela de São João Batista, mas que igualmente incluía indicações para a Patriarcal – o importante arquiteto alemão escrevia ao colega romano que *“A pia baptismal, feita de pedaços de porfido, totalmente se reprova”*⁴⁵⁴. Reforçava, como motivos para a reprovação, indicações que já tinham sido transmitidas antes, designadamente que a vasca deveria ser feita de um único bloco de pedra e a carga ornamental reduzida. Talvez a dificuldade em localizar um único bloco de pórfiro para fazer a vasca toda tenha tido impacto no primeiro projeto de Vanvitelli, dificuldade esta que é implicitamente denunciada na correspondência, pois a primeira indicação que se deu, antes das instruções quanto à composição da pia, foi que se localizasse de imediato um bloco suficientemente grande, quiçá por motivos que passariam pela reconhecida dificuldade em o fazer. Numa carta pouco posterior, antecipa-se que, caso não se

⁴⁵⁰ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fól. 118

⁴⁵¹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, p. 1 – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*, p. 105

⁴⁵² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27 – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *op. cit.*, p. 113

⁴⁵³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fól. 95v – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *op. cit.*, pp. 136-137

⁴⁵⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27 – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *op. cit.*, p. 128

consiga fazê-lo, opte-se então por outra pedra nobre. Assim, o primeiro projeto, conhecido graças a um desenho conservado no Museu Nacional de Arte Antiga [Fig. 14, pág. 146] previa, aparentemente, vários blocos mais pequenos de pórfiro agregados, com ornamentos de bronze dourado a tapar as juntas, algo que se depreende através das indicações de Ludovice. Este recordou, por isso, as indicações dadas a 31 de outubro, repetindo que caso não houvesse pórfiro suficiente para fazer por inteiro a pia, se deveria optar por uma pedra alternativa, *“marmore o mais precioso de que houvesse exemplo em baptisterio de basilica conspicua”*⁴⁵⁵. E se tal não fosse possível, então que se usasse o mais precioso mármore branco que se pudesse achar. Por este motivo, *“se ordena novamente se execute a pia baptismal, porquanto absolutamente se quer de uma só pedra de mármore, ou de alabastro antigo ou moderno, que seja duro e tome lustro”*⁴⁵⁶. Quanto ao cancelo, Ludovice remetia para a instrução de 12 de março.

Comparativamente à peça executada, este primeiro projeto apresentava na verdade uma muito maior carga ornamental – inclusive com tipos de ornamentos que não se pretendia que fossem usados, como os mascarões – e diferentes tipos de pedras nobres, como o pórfiro ou o lápis-lazúli, distribuídas entre os vários componentes da pia batismal, toda ela revestida com abundância a metal dourado. Basicamente, o motivo da recusa do primeiro projeto prendia-se com a valorização da riqueza dos materiais pétreos em detrimento do metal dourado. Não só não se queria metal em demasia, mas o uso de vários blocos de pedra – em detrimento de um só – comprometeria a riqueza e a unidade pétrea da peça e implicaria o uso de mais metais, de modo a ocultar as juntas. O relevante, neste caso – plenamente enquadrado no gosto do barroco romano de valorização da pedra nobre, igualmente verificado na Capela de São João Batista – era, justamente, dar à pedra o papel ornamental principal, em detrimento do dourado.

Assim, a 22 de junho de 1744, Pereira de Sampaio escrevia de Roma que *“trabalha-se incessantemente por diferentes artifices, assim nas cancelladas como no baptistério”*⁴⁵⁷, informação à qual, a 14 do mês seguinte, se respondia que o Rei as desejava com maior rapidez do que a Capela de São João Batista⁴⁵⁸.

Com efeito, parece que se acabou por localizar um bloco de pórfiro suficientemente

⁴⁵⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27 – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*, p. 128

⁴⁵⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27 – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *op. cit.*, p. 128

⁴⁵⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-43, fól. 155v – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *op. cit.*, p. 137

⁴⁵⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-41, fól. 50 – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *op. cit.*, p. 138

grande, pois a pia já terminada, reproduzida visualmente no *Álbum Weale*, é-nos apresentada como toda de pórfiro, num trabalho de cantaria de Pietro Paolo Rotolone, que fez também o friso em verde *antico* que delimitava a moldura com o painel do batismo, de Masucci e Conca, e o resguardo do batistério, em alabastro *antico*⁴⁵⁹. Rotolone também tomou a seu cargo o magnífico pavimento, também de pedras nobres, enquanto Francesco Giardone⁴⁶⁰ fez toda a ornamentação em metal dourado da pia propriamente dita, recorrendo a modelos de Alessandro Giusti, que a partir de 1744 realizava modelos escultóricos para o batistério⁴⁶¹.

Todo este conjunto aparece, pois, muito bem documentado no *Álbum Weale*, compilado por ordem de Manuel Pereira de Sampaio em Roma, em 1745, confirmando que neste ano se estava a avançar com os trabalhos. Neste volume, os custos com o painel do batismo aparecem efetivamente associados a Sebastiano Conca, devido à doença grave de Masucci, que a julho daquele ano, tuberculoso, recebera a extrema-unção por duas vezes⁴⁶². O desenho da pia batismal comprova, ainda, conforme concluíram Nuno Saldanha e Sandra Costa Saldanha, ao estudar o batistério da Patriarcal, que o trabalho produzido é muito “*próximo das opções compositivas e decorativas da pia baptismal de [Carlo] Fontana para São Pedro*”⁴⁶³.

Depois de realizada a proposta aprovada – enquanto, simultaneamente, se construía a Capela de São João Batista – a setembro de 1747 a frota de navios transportando capela e batistério, entre outras encomendas, aportou em Lisboa. D. João V pretendia que, em primeiro lugar, se instalasse aquilo que ia para a Patriarcal⁴⁶⁴, e a 12 de outubro já se estava a trabalhar na instalação do batistério⁴⁶⁵. A 3 de novembro de 1747, escrevia enfim Carbone a Sampaio que “*já está assentado o Baptistério na Patriarcal*”⁴⁶⁶. Tinha sido concluído há tão pouco tempo que, nem Carbone, nem o próprio Rei o tinham chegado a ver, ainda que circulassem boas palavras a favor do mesmo. Perdido em 1755, sabe-se que ainda se tentou reaproveitar a pia batismal mas, por certo devido ao seu estado não o permitir, acabou-se por mandar executar uma nova pia para a

⁴⁵⁹ *Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte*, fól. 288

⁴⁶⁰ *Idem*, fól. 271

⁴⁶¹ SALDANHA, Nuno; SALDANHA, Sandra Costa – ‘*Per modelli delli ornati*’ - *A pia baptismal da Igreja Patriarcal de Lisboa*, p. 30

⁴⁶² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-34, fól. 455v – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *op. cit.*, p. 142

⁴⁶³ SALDANHA, Nuno; SALDANHA, Sandra Costa – *op. cit.*, p. 31

⁴⁶⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 47f

⁴⁶⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 60f

⁴⁶⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 68f

iv. A estátua de Nossa Senhora da Conceição para o coro lateral

O programa iconográfico de renovação da Patriarcal incluiu uma magnífica estátua – à escala humana – daquela incontornável devoção da Dinastia de Bragança: Nossa Senhora da Conceição, que, cerca de um século antes, D. João IV, avô do monarca encomendante, coroara Rainha de Portugal.

Estudada por Teresa Leonor Vale⁴⁶⁸, esta estátua foi encomendada num escrito, enviado para Roma a 25 de setembro de 1744, com instruções detalhadas quanto à técnica de execução e aos modelos iconográficos a seguir, escrito este que a autora atribui a Ludovice ou, pelo menos, à sua orientação⁴⁶⁹, como aliás foi apanágio com todas as encomendas para a Patriarcal. A ambiciosa encomenda de uma estátua como esta, em tamanho humano natural e num único molde de prata (e detrimento de vários moldes separados, depois fundidos), justificava a respetiva morosidade. Levou 5 anos a ser terminada, prolongando-se depois da morte do fundidor, Giuseppe Gagliardi. Ainda em vida deste, está documentada em fase de execução a 9 de novembro de 1747⁴⁷⁰, pouco depois de concluído o assentamento das grades e do batistério. A 6 de julho de 1748 o modelo estava concluído⁴⁷¹, da autoria do escultor Giovanni Battista Maini – o mais apreciado por D. João V –, e a 31 de outubro de 1748 já se previa que, pela Primavera, se pudesse enviar para Lisboa tudo o que faltava à Patriarcal e à Capela de São João Batista, com exceção dos mosaicos desta última⁴⁷². E, efetivamente, a 2 de janeiro de 1749, a correspondência já discute a melhor forma de expedir a estátua para Lisboa, numa epístola onde Carbone também reconhece o cuidado de Sampaio, que tinha antecipado dinheiro a Gagliardi para que este pudesse comprar o ouro e prata que faltavam para conclusão da mesma⁴⁷³.

As várias comissões então a avançar – incluindo um medalhão pétreo da Virgem com o

⁴⁶⁷ SALDANHA, Nuno; SALDANHA, Sandra Costa – *‘Per modelli delli ornati’ - A pia baptismal da Igreja Patriarcal de Lisboa*, p. 32

⁴⁶⁸ Vd. VALE, Teresa Leonor – *A estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal de Lisboa e a eleição de modelos pictóricos para obras de escultura num texto de João Frederico Ludovice*.

⁴⁶⁹ *Idem*, pp. 327-329

⁴⁷⁰ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1. fól. 70v

⁴⁷¹ VALE, Teresa Leonor – *op. cit.*, p. 321

⁴⁷² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1. fól. 180f

⁴⁷³ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1. fól. 197v

Menino, dois magníficos tocheiros monumentais feitos simultaneamente por Gagliardi, ainda hoje existentes e pertencentes à Capela de São João Batista, e a própria estátua – são dadas por quase concluídas a 27 de fevereiro de 1749⁴⁷⁴, ainda que, a 20 do mês seguinte, Sampaio informasse que era preciso mais dinheiro para pagar a estátua a Gagliardi⁴⁷⁵.

A simultaneidade de concretizações a serem produzidas para o interior da Patriarcal, entre Lisboa e Roma, é interessantemente comprovada numa pequena missiva, enviada a 17 de abril de 1749, onde Carbone pede que de Roma se envie a planta do pedestal para a estátua, para ser apresentada ao “*Architecto Federico*”⁴⁷⁶ – que ignorava que se estava a fazê-lo –, para que este, por sua vez, pudesse regular o pedestal em mármore que se fazia localmente, pedestal este que ficaria de baixo do de prata dourada, a vir de Roma com a estátua. Giuseppe Gagliardi viria a morrer pouco depois, a 22 do mesmo mês, e o seu filho Leandro tomou as rédeas do trabalho. Sabe-se, contudo, que por esta altura a estátua já estava fundida, pois Pereira de Sampaio escreveu, ao dar parte da sua morte a Carbone, que “*quando fundiu a estatua, principiou a perder totalmente a saúde*”⁴⁷⁷.

A 3 de julho, informava-se que “*Naõ podia vir com maior brevidade a Planta que se mandou / pedir do Pedestallo da Estatua de Nossa Senhora da Conceição: a mandei / logo entregar ao Architecto Joaõ Federico Ludovici, pera se Regular / na disposiçaõ do sitio, em que se ha de colocar a dita Estatua*”⁴⁷⁸. A brevidade com que se pedia a planta é, naturalmente, sintoma do estado a que tinham chegado os trabalhos que localmente se faziam na Patriarcal – mais concretamente no seu coro lateral, destino da estátua – espaço este cujo avançar das obras impunha a necessidade daquela planta, para que se pudesse guiar o que estava a ser feito em Lisboa. E, com efeito, a 17 de julho seguia uma pequena nota com alguns reparos por parte de João Frederico Ludovice. A fazer-se o pedestal da forma como Roma havia proposto, dificultar-se-ia muito o acesso aos pés da estátua, onde se pretendia que se pudesse aceder facilmente, para que fosse decorado e recebesse castiçais nas devidas ocasiões⁴⁷⁹. A 25 de setembro de 1749, Ludovice reprovava a nova proposta do pedestal metálico, pedindo que se substituísse um ornato

⁴⁷⁴ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1. fól. 214f

⁴⁷⁵ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1. fól. 218v

⁴⁷⁶ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 226v-227f *Vd. anexo p. 194*

⁴⁷⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VII-36, fól. 355v – pub. em VITERBO, Sousa; D’ALMEIDA, R. Vicente – *A Capella de S. João Baptista erecta na Igreja de S. Roque*, p. 151

⁴⁷⁸ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 248f

⁴⁷⁹ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 254f-255v *Vd. anexo p. 195*

profano que o mesmo apresentava por um sacro⁴⁸⁰.

Apesar destas alterações ao nível do pedestal, a estátua já estaria praticamente concluída, pois foi apresentada em Roma no início de outubro, tendo sido muito bem recebida⁴⁸¹. A 6 de novembro foi benzida pelo Papa⁴⁸² e, depois de enviada para Lisboa a 12 de maio de 1750⁴⁸³, foi, finalmente, colocada na capela do coro lateral da Patriarcal a 26 do mesmo mês, e o Rei veio contemplá-la naquela tarde⁴⁸⁴.

Perdida com o terramoto de 1755, a magnífica estátua tinha 8 palmos de altura, “segundo as medidas enviadas de Lisboa”⁴⁸⁵ – o que corresponde sensivelmente à escala 1:1 – e, como habitual na iconografia de Nossa Senhora da Conceição, apresentava *putti*, querubins, o dragão e o crescente lunar. Pesava quase tanto o conjunto de dois imponentes tocheiros feitos pela mesma oficina para a Capela de São João Batista, que atingiram 1077 libras o par, enquanto a estátua, em prata dourada tal como aqueles⁴⁸⁶, marcou 941 libras⁴⁸⁷. Na base, uma epígrafe em latim confirmava a rara distinção de ter sido benzida pelo Papa⁴⁸⁸. Conforme foi estabelecido por Teresa Leonor Vale, Giovanni Battista Maini, autor do modelo escultórico utilizado pelos Gagliardi⁴⁸⁹, utilizou como modelo iconográfico primordial um exemplar pictórico – dos vários que Ludovice havia indicado na referida carta de 25 de setembro de 1744 – da autoria de Carlo Maratta e existente na capela dos Sylva na Igreja de Santo Isidoro em Roma, que obteve bastante divulgação graças à circulação em gravura⁴⁹⁰.

v. O Palácio Patriarcal

Conforme foi referido no início deste capítulo, é com segurança que se pode aceitar que a abertura de alicerces, documentada ao longo do segundo semestre de 1740 e certamente

⁴⁸⁰ Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 280f

⁴⁸¹ VALE, Teresa Leonor – *A estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal de Lisboa e a eleição de modelos pictóricos para obras de escultura num texto de João Frederico Ludovice*, p. 321

⁴⁸² Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fól. 291f

⁴⁸³ VALE, Teresa Leonor – *op. cit.*, p. 322

⁴⁸⁴ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e Historico, do muito alto, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. João V*, p. 51

⁴⁸⁵ Em italiano no original. Biblioteca da Ajuda, Ms. 49-VII-36, fol. 371f

⁴⁸⁶ SYLVA, Francisco Xavier da – *op. cit.*, p. 51

⁴⁸⁷ Biblioteca da Ajuda, Ms. 49-VII-36, fol. 371v

⁴⁸⁸ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 11. p. 274

⁴⁸⁹ VALE, Teresa Leonor – *op. cit.*, pp. 318-320

⁴⁹⁰ *Idem*, pp. 323-325

prosseguida pelo ano seguinte, incidiu essencialmente na construção do Palácio Patriarcal, posto que as obras de cariz estrutural na igreja se cingiram à ampliação da Capela do Santíssimo Sacramento.

O Palácio Patriarcal é bem conhecido graças à planta da Biblioteca Nacional, que sinaliza todas as suas estruturas mais importantes. O complexo – igreja incluída – era uma estrutura em U, disposição frequente no período barroco, delimitando o Largo da Patriarcal, à volta do qual se dispunham todos os equipamentos afetos à Cúria. Do lado Oeste – o lado oposto ao da igreja – ficavam os aposentos do Cardeal-Patriarca, nomeadamente o quarto onde se paramentava (número 29 da legenda da planta da Biblioteca Nacional), os seus gabinetes (número 30) e a casa onde se guardavam os seus paramentos (31). Perto havia, também, a sala onde se vestiam os monsenhores (28), tudo disposto à volta de um pátio com janelas, a Sul do qual ficava a majestosa Capela Paulina (33), para uso privativo do Cardeal-Patriarca, à semelhança com o que se verificava com o Papa, em Roma. Em 1754, num escrito anónimo publicado por Camilo Castelo Branco, esta capela ainda não estava concluída, sendo descrita, neste ano, da seguinte forma: *“Por cima d’este vestibulo, ergue-se uma capella magnificentissima feita para uso particular dos patriarchas, tal e qual os pontífices a tem em Roma. E, posto que ainda não esteja concluida, é soberbissima pela profusão de jaspes vermelhos, negros, brancos e outras côres que lhe dão o esmalte”*⁴⁹¹. O braço que ligava os dois corpos do complexo patriarcal – com as dependências que acabámos de referir de um lado e a igreja do outro – ficava adjacente ao Paço da Ribeira, e era ocupado pela sala ducal (27), pela casa onde se realizava o colégio (25) e por uma ampla escadaria de acesso ao segundo piso (26). Este braço ligava ao outro bloco do complexo, de maior dimensão e situado do seu lado oriental, mais concretamente a um vasto claustro (23) – à volta do qual se situavam os camarins dos principais (22) – que, por sua vez, ligava a uma galeria (18) que conduzia à entrada axial da igreja e a uma escada (21) que subia até à sala dos tudescos do Paço da Ribeira⁴⁹². Apesar de não se conhecer documentação que o prove, estamos em crer que este claustro foi, também ele, edificado nas obras desta década, simplesmente por não haver quaisquer referências documentais que o registem antes disso. Suspeitamos que este *“Claustro da St.a Igreja, ou Patio”* e o pátio das tendas não são uma e a mesma coisa, não só porque são mencionados de forma diferente na

⁴⁹¹ CASTELO BRANCO, Camilo – *O Paço Real da Ribeira*, pp. 33-34. Vd. texto completo em anexo pp. 195-198

⁴⁹² É referida na descrição das exéquias do Rei como a *“escada que desce da sala dos tudescos para o claustro da capela”*. In *Gazeta de Lisboa* – n.º 32 do ano de 1750 (11 Ago 1750)

planta da Biblioteca Nacional, mas também porque esta planta assinala a escada que ligava ao pátio das tendas (20), e vê-se claramente que não liga com o claustro, e ainda porque se sabe que o pátio das tendas era acessível por coche, o que não parece ser o caso. Rodeando a vasta igreja estavam todas as estruturas a ela afetas, fossem acessos – como a já referida escada que ligava ao pátio das tendas, do lado da Epístola, ou a que ligava ao largo da Patriarcal, (2) do lado do Evangelho – a sacristia principal (10) com o seu altar, as casas para serviço dos beneficiados (14), as latrinas (15) e as casas de guardar pratas (13), entre outras dependências. Do seu lado Este, o complexo patriarcal era adjacente à casa de Diogo de Mendonça Corte-Real, filho do homónimo Secretário de Estado de D. João V que, décadas antes, informara oficialmente o Bispo do Porto, D. Tomás de Almeida, que havia sido nomeado I^o Patriarca de Lisboa.

Apesar de ter sido iniciado em 1740, sob a égide de D. João V, num local onde certamente já existiam estruturas de menor dimensão afetas à Patriarcal, a conclusão definitiva do Palácio Patriarcal nunca veio, na verdade, a verificar-se. Além da construção ser de maior complexidade e dimensão do que a igreja – que, como vimos, já existia em termos construtivos, pelo que o respetivo investimento foi essencialmente decorativo – a edificação do Palácio foi, também, complicada por um incêndio ocorrido no Paço da Ribeira, na véspera de Natal de 1745. Pensa-se que o fogo terá chegado perto da Patriarcal, pois um relato da época informa *que “Na madrugada do dia de Natal, pegou / o fogo no Passo, em que houve Ruína gran/de pera a parte dos arcos da Capela: ata/lhou se, e livrao se as senhoras infantinhas / que estiveraõ com algum perigo; mandou-o / El Rey Reedificar no anno seguinte”*⁴⁹³. Não é fácil perceber ao que o memorialista, Luís Jozé de Figueiredo, se refere exatamente quando fala nos arcos da capela, mas, tendo em conta que – ao que se pode depreender – o fogo deflagrou no palácio e depois chegou à capela (ou perto dela), pode-se afirmar com alguma segurança que, muito provavelmente, as zonas mais afetadas no complexo patriarcal foram aquelas que mais próximas se encontravam com o palácio, e onde as estruturas palatinas e patriarcais se tocavam. Coincidentemente, meses antes do terramoto o Chevalier des Courtils escrevia que a *“partie neuve du palais, qui donne du côté de la patriarchale, est belle et construite à la moderne”*⁴⁹⁴. Esta zona do Palácio Real, adjacente à Patriarcal, bela e construída à moderna, seria certamente aquela que fora reconstruída a partir de

⁴⁹³ *Noticias annuaes. Do anno de 1740 athe o anno de 1749. Trazidas a esta collecção Com a possivel diligencia, por Luis Jozé de Figueiredo.* fól. 54v

⁴⁹⁴ AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain – *Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils*, p. 147

1746, na sequência do incêndio ocorrido cerca de 10 anos antes do escrito de Courtils.

De facto – e falando especificamente do Palácio Patriarcal –, sabemos que toda esta zona se manteve em obras depois da morte de D. João V, tendo-se prosseguido os trabalhos pelo reinado de D. José até ao momento do terramoto. Francisco Xavier da Sylva diz, no elogio fúnebre do Rei, que este *“mandou levantar hum bellissimo, e espaçoso quarto para serviço da Santa Igreja Patriarcal, que deixou muito adiantado. Admira-se a grandeza das sallas entre a singularidade das pedras, e mais que tudo a perfeição, e delicadeza, com que se achaõ lavradas em tarjas, relevados, e outras primorosas esculturas”*⁴⁹⁵. Ora, quer isto dizer que o referido *“quarto”* – leia-se parte do edifício⁴⁹⁶ – apesar de se achar bastante adiantado, não estava concluído pela hora da morte do Rei, falecido a 31 de julho de 1750. Sabemos também que, em 1751, D. José I estava a promover demolições e edificações para estabelecimento do colégio patriarcal, da administração da respetiva fazenda e da arrecadação do seu tesouro⁴⁹⁷; que em 1754 a Capela Paulina ainda não fora terminada; que Teodósio Dinis Ferreira caiu o seminário em outubro de 1755⁴⁹⁸ (o mês anterior ao do sismo), e que, quando este assolou a cidade, previa-se dar brevemente início à obra do colégio⁴⁹⁹.

Pelo menos até fevereiro de 1752, todos os trabalhos estiveram sob a coordenação de João Frederico Ludovice, falecido neste mês. A anteriormente referida descrição anónima, publicada por Camilo Castelo Branco, diz que *“O senhor rei D. João V acrescentou outro quarto a este palácio: é o que fica no largo da Patriarchal e corre até ao theatro da opera. Consta este augusto edificio de vários corpos e muitas galerias todas de apuradissima arte, obra do famoso architecto Frederico, em que os marmores apostam duração com a eternidade”*⁵⁰⁰. cremos ser perfeitamente possível que, depois do seu falecimento, a coordenação dos trabalhos tenha sido continuada pelo seu filho, João Pedro Ludovice. A existência de verdadeiras dinastias de artistas era uma prática secular generalizadamente comum, com as responsabilidades a serem reconduzidas familiarmente, e, adicionalmente, João Pedro Ludovice está documentado a trabalhar para a

⁴⁹⁵ SYLVA, Francisco Xavier da – *Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V*, p. 232

⁴⁹⁶ *“Quarto no edificio. A parte de hũa casa grande, com serventia separada”*. In BLUTEAU, Raphael Bluteau – *Vocabulario Portuguez e Latino*. Vol 7. p. 23

⁴⁹⁷ PINHO LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*. Tomo 4. pp. 423-424

⁴⁹⁸ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos* - Mç 1 Cx 1, doc 48

⁴⁹⁹ *Conjunto de documentos sobre o caso em que os arquitetos da Patriarcal, para construirem uma igreja provisória após 1755, ocuparam indevidamente um terreno (...)*

⁵⁰⁰ CASTELO BRANCO, Camilo – *O Paço Real da Ribeira*, p. 32

Patriarcal logo após o terramoto, tendo recebido a incumbência de traçar o novo complexo patriarcal à Cotovia⁵⁰¹, pelo que se pode assumir que também servira a Cúria antes do sismo, dando continuidade ao trabalho feito pelo seu pai; trabalho este que, aparentemente, não sofreu quaisquer interrupções, nem com a morte do Rei, nem com a morte do principal arquiteto, nem com a morte do Patriarca.

O autor anteriormente referido continua a sua reportagem dizendo que *“Dous lanços d’este quarto abrem para o largo da Patriarchal, e em meio de cada um avulta um portico grandioso, levantado em grossas columnas marmoreas, com capiteis corinthios, excellentemente folheados. Todo o restante deste primoroso edificio é feito de polidissima cantaria, com formosos lavôres e remates, com oculos romanos na cimalha, que lhe dão graça e belleza. O saguão que vai do largo da Patriarchal e atravessa este quarto para a Campainha, é a melhor peça de arte d’esta cidade; porque as quatro columnas de jaspe que tem na frente de duas escadas lateraes, são perfeitissimas no trabalho dos lavôres. Para o lado do theatro da opera fórma este quarto uma quadra pequena com sumptuosas galerias, para a qual se entra por um grande vestibulo fronteiro á Patriarchal; mas a serventia ou passagem para o theatro é a mais arrogante e magestática obra de Lisboa. Aqui, os marmores são de maneira sinzelados, que nem a cêra seria capaz de mais tenues arabescos. A natureza é vencida pela arte; porque os bustos, as carrancas, os festões, os relevos, os capiteis, os frisos, as folhagens são cousa tão prodigiosa, quanto é mais de assombrar a qualidade da pedra tão rija para impressões tão delicadas”*⁵⁰².

5. 1755 – A catástrofe e depois

a. O desaparecimento da Basílica Patriarcal de D. João V

Regressando agora ao mote da introdução do nosso trabalho – aquela força imparável, de que fala a canção “1755”, e ditou o desaparecimento da Basílica Patriarcal de D. João V – quando os primeiros abalos se fizeram sentir, naquela manhã do Dia de Todos-os-Santos, os religiosos da Cúria Patriarcal, concentrados no interior do templo, tinham acabado de rezar a terça⁵⁰³ e

⁵⁰¹ LUDOVICE, João Pedro – *Planta da segunda Igreja Patriarcal / delineada por João Pedro Ludovice, e executada por Cappitão Eugénio dos Santos*.

⁵⁰² CASTELO BRANCO, Camilo – *O Paço Real da Ribeira*, p. 33

⁵⁰³ “Terça - A terceira parte das pequenas Horas Canonicas. Hora de Terça - He a hora, em que se canta Terça no coro,

preparavam-se para dar início à missa. Imediatamente evacuaram o coro, saltando pelas janelas e por onde quer que conseguissem fugir para salvar a vida. Entre os vários vitimados, contou-se o Principal D. Francisco de Noronha, filho dos Marqueses de Angeja, que fugindo do Palácio Patriarcal para o Paço da Ribeira, lá encontrou a morte, quando foi engolido pelo colapso das suas estruturas⁵⁰⁴. Para além dos mortos a lamentar, *“o terremoto, o mar, e o incendio destruíraõ e arrazaraõ a Igreja Patriarcal com todo o seu tesouro, e sessenta e dous mil marcos de prata, trabalhada pelos mais insignes Artifices”*⁵⁰⁵.

Além de interromper a celebração litúrgica, a catástrofe também pôs termo a obras no conjunto. A construção do colégio da Patriarcal ficou pela fase de planeamento, posto que sabemos que, quando irrompeu o sismo, estava prevista mas ainda nem sequer tinha sido começada⁵⁰⁶. Obviamente, também nunca se chegou a realizá-la, pois depois de 1755 a Patriarcal saiu da Baixa Lisboeta para nunca mais voltar. Ainda assim, a planta da Biblioteca Nacional refere com o número 25, a *“Casa onde se fazia colégio”*, de onde se depreende que esta casa estaria muito provavelmente prevista para substituição por outra, certamente de maior dimensão e condignidade. Miguel Tibério Pedegache refere, aliás, que a casa do colégio dos Principais ficou totalmente destruída⁵⁰⁷, estando-se muito provavelmente a referir ao espaço marcado na planta.

Pouco depois da catástrofe, aconteceu-se para salvar o que fosse possível. Dias depois do terramoto as ruínas foram perscrutadas⁵⁰⁸, para recolher a prata que o fogo não tinha devorado e que se encontrava mais acessível por entre os escombros. Depois, contrataram-se mestres-de-obras e jornaleiros para desentulhar a Patriarcal e reunir, separar e lavar a prata queimada que se encontrava no entulho removido. Logo em janeiro de 1756, há menção da *“prata que se anda tirando / E mais varias coysas que aparecem todas / pertencentes A mesma Santa Igreja”*⁵⁰⁹ – prata esta que, em agosto seguinte, foi encaminhada de barco para Belém⁵¹⁰. Apesar de esta fonte não especificar exatamente de que *“varias coysas”* se tratava, sabemos que também se

commummente he pelas nove horas. In BLUTEAU, Raphael - *Vocabulario Portuguez & Latino*. Vol. 8. p. 106. Não confundir com o ato de rezar o terço.

⁵⁰⁴ CASTRO, João Baptista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 201

⁵⁰⁵ PEDEGACHE, Miguel Tibério – *Nova, e fiel relação do terremoto que experimentou Lisboa, e todo Portugal no 1. de Novembro de 1755*, p. 16

⁵⁰⁶ *Conjunto de documentos sobre o caso em que os arquitetos da Patriarcal (...).*

⁵⁰⁷ PEDEGACHE, Miguel Tibério – *op. cit.*, pp. 17-18

⁵⁰⁸ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, Mç. 8 doc. 26

⁵⁰⁹ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 1 Cx 1, doc 41

⁵¹⁰ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 1 Cx 1, doc 79

reaproveitaram várias ferragens⁵¹¹ e os sinos, estes últimos destinados à nova obra que então já se construía na Cotovia⁵¹², atual zona do Príncipe Real, junto à qual se guardaram também os materiais preciosos resgatados, no interior de um telheiro⁵¹³.

Os trabalhos com vista ao desentulhamento e localização das pratas foram dirigidos pelo mestre carpinteiro Teodósio Dinis Ferreira⁵¹⁴ e prolongaram-se até março de 1760⁵¹⁵, ano em que se procedeu ao desmantelamento das ruínas⁵¹⁶. Duas décadas depois, em 1780, Teodósio Dinis Ferreira ainda era mestre-de-obras da Patriarcal. Descendia de um mestre pedreiro da mesma, chamado Félix Dinis⁵¹⁷, que, dada a cronologia, muito provavelmente trabalhara nas obras da década de 1740.

Conseguiu-se salvar alguma prata, parte dela propriedade do recém-falecido Cardeal-Patriarca D. Tomás de Almeida, morto em fevereiro de 1754, referida como tal num inventário de 1808: “1 – Quatro Pratos grandes, Redondos, com figuras de / relevado, de Bastioẽss dourados de Agua / 2 – Tres Vazos grandes, irmaos / 3 – Outro dito mais pequeno / 4 – Hum Prato mais pequeno, Redondo, e irmão / 5 – Huma Placa grande, com tres dirandelas / 6 – Duas ditas pouco mais pequenas, com duas diran/dellas cada huma / 7 – Doze Castiças grandes lavrados, e Redondos / 8 – Hum Prato com duas Ambulas dos Santos Oleos / 9 – Hum Cofre pequeno pera Santos Oleos com figuras na tampa / 10 – Huma Chave, e huma Thezoura, douradas / 11 – Huma Candella de pé comprido / 12 – Huma Salva pequena redonda, com duas Caixinhas / 13 – Huma Banqueta d’Altar, de Seis Castiças, e huma 7 Cruz, de feitio antigo, e da Capella de Marvilla / 14 – Hum prato com duas galhetas, da mesma Capella / 15 – Hum Calis dourado, lizo, da mesma Capella”⁵¹⁸.

No que respeita ao edifício propriamente dito, pese embora a famosamente conhecida violência da catástrofe, houve partes da Patriarcal que resistiram. A mais conhecida prova das subsistências é a abundantemente estudada iconografia da cidade arruinada, sobretudo o famoso

⁵¹¹ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 1 Cx 1, doc 23

⁵¹² AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 1 Cx 1, doc 454

⁵¹³ SALDANHA, Nuno; SALDANHA, Sandra Costa – ‘Per modelli delli ornati’ - *A pia baptismal da Igreja Patriarcal de Lisboa*, p. 32

⁵¹⁴ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 1 Cx 1, doc 428

⁵¹⁵ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 pt 2, doc 591

⁵¹⁶ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 pt 2, doc 105

⁵¹⁷ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 8 Cx 239, doc. 105

⁵¹⁸ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 16 Cx 250, doc. 22

conjunto de desenhos feito por Miguel Tibério Pedegache e dado à estampa em 1757, em Paris, por Jacques Philipe Le Bas⁵¹⁹. No pequeno conjunto de gravuras incluem-se imagens da Sé, da Igreja de São Nicolau, da Ópera do Tejo (inaugurada escassos meses antes) e do Largo da Patriarcal, onde nos é apresentado o estado de parte do complexo depois do cataclisma. Nesta gravura vê-se o corpo do Palácio Patriarcal que, como é comprovável através das já várias vezes referidas plantas, corresponderia aos aposentos do Cardeal-Patriarca. Apesar das paredes estarem de pé, a forma como o tratamento da luz apresenta a iluminação vinda do interior do edifício permite-nos entender que os tetos dos seus três pisos certamente colapsaram, tendo levado consigo aqueles que eram os aposentos privativos de D. Tomás de Almeida, incluindo a importante capela paulina. Em bom estado estaria o portal que dava acesso a esta zona do complexo, que conectava com a sala onde se vestiam os monsenhores⁵²⁰ e daí com as restantes divisões. Do templo basilical vê-se apenas um cunhal – que, ainda de pé, remata a gravura do seu lado esquerdo – levando a crer que a igreja se encontraria em relativa igualdade de circunstâncias.

Para além do aproveitamento de sinos, pratarias e outros metais, a documentada reutilização das cantarias permite-nos perceber, também, o que é que estaria em relativo bom estado depois do sismo. Adicionalmente, a necessidade de abrir espaço para a *nova* Lisboa Pombalina impôs a remoção das ruínas que, no centro da cidade, ainda se encontravam de pé. Foi o caso da frontaria do Paço da Ribeira que dava para o Terreiro do Paço, conjuntamente com o chamado *torreão de Terzi*, que – como comprova uma gravura pouco posterior ao sismo – apesar de desprovidos de tetos e visivelmente danificados, mantinham as suas paredes laterais ainda em posição vertical⁵²¹ [Fig. 25, pág. 156]. Embora nos permita ver muito pouco da Patriarcal, esta gravura mostra-nos que estavam de pé, também, as duas torres sineiras do Paço da Ribeira: a chamada *torre de Canevari* ou torre do relógio, e a torre da Capela Real (*i.e.* da Basílica Patriarcal), visível ao fundo do lado direito. A sobrevivência da torre, situada ao lado da capela-mor, terá certamente contribuído para a relativa resistência desta, cujo desmantelamento está documentado, como veremos dentro de momentos. É impossível não nos recordarmos do caso da Sé de Lisboa, onde o colapso desastroso da torre do cruzeiro, abatendo-se sobre a capela-mor,

⁵¹⁹ PEDEGACHE, Miguel Tibério – *Collecção de algumas ruínas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novemb.ro do anno de 1755 debuxadas na mesma cidade por MM. Paris et Pedegache e abertas ao buril em Paris por Jac. Ph. Le Bas. Vd anexo p. 156*

⁵²⁰ *Planta da primeira Igreja Patriarcal.*

⁵²¹ VIDINHA, João Ferreira – *Parte mais Nobre do Palácio do Rei de Portugal Arruinado pelo Terramoto do Dia Primeiro de Novembro de 1755. Vd. anexo p. 157*

provocou a total destruição da mesma, tendo sido reconstruída, como é sobejamente sabido, no período josefino. Efetivamente, como se verificou em grande parte da Baixa Pombalina, parece que o que acabou por fazer desaparecer, de vez, a Basílica Patriarcal de D. João V foram as grandes obras de renovação da cidade, empreendidas depois da catástrofe. Com efeito, além da iconografia referida anteriormente, existe também documentação que enuncia o interesse em aproveitar cantarias, colunas, portais e desmanchar a capela-mor – obviamente inscrita na cabeceira da igreja, cujo cunhal Oeste acabámos de ver de pé – o que comprova que, pelo menos em parte, ainda estaria de pé. Em muitos templos da capital colapsaram os tetos, mas resistiram as paredes laterais – como foi o caso das igrejas dos conventos da Encarnação ou de Santos-o-Novo, entre outros – e, aparentemente, verificou-se o mesmo com a Basílica Patriarcal.

Para que se pudesse proceder ao seu desmancho, a 13 de novembro de 1759, Eugénio dos Santos e Mateus Vicente de Oliveira foram chamados ao local, de modo a avaliar os materiais com utilidade, para que se pudesse proceder ao respetivo aproveitamento⁵²². A 28 de janeiro do ano seguinte veio a resposta, avaliando-se a despesa em 10 a 12 000 cruzados. A esta, somava-se a despesa de 15 000 cruzados com o transporte das pedrarias de maior nobreza para o Bairro Alto, para depois se utilizarem onde se determinasse⁵²³. Ainda que a documentação não o indique, é bem possível que daí tenham sido encaminhadas para a obra da Cotovia (atual Príncipe Real), muito perto do Bairro Alto, como é sabido. Apesar dos custos, Eugénio dos Santos e Mateus Vicente de Oliveira consideravam que as alvenarias, cantarias, caliças e ferragens aproveitáveis valeriam mais que 30 000 cruzados, se o processo de desmantelamento fosse bem conduzido⁵²⁴.

Mateus Vicente entendia que o melhor local para começar os desmantelamentos era *“pellos portais grandes da mayor fabrica, por / se tirarem as suas Pedrarias com mais cuidado em / ordem a comservar a sua perfeiçãõ; os quais sam o Por-/tal principal por onde se entrava na Patrearchal, o / das colunas, que entrava de fronte da mesma Patrearchal vindo do patio das tendas, os tres portais que do pati-/o das tendas daõ entrada a escada por onde se vay a Pa-/trearchal, O Portal por onde se entra, do patio, ou / Largo da Patrearchal, pera o patio das tendas, e taõ bem / as janellas que ha por ssima delle, A escada que há no Lar-/go da Patrearchal por onde*

⁵²² AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 Cx 256 1ª parte doc. 109 Vd anexo pp. 202-203

⁵²³ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 Cx 256 1ª parte doc. 109

⁵²⁴ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 Cx 256 1ª parte doc. 109

se sobia a ella, A escada / por onde se sobia do patio das tendas a Patrearchal”⁵²⁵. Esta referência permite, portanto, depreender que pelo menos estes portais e escadarias estavam em estado suficientemente bom para serem aproveitados, posto que Mateus Vicente sublinha a importância de se “*comservar a sua perfeição*”. Depois destes, dever-se-ia dar então seguimento à remoção dos restantes materiais. Emitiu-se também um parecer relativo ao desmantelamento da capela-mor, que refere uma planta das ruínas da mesma com indicação dos elementos a remover⁵²⁶, mas infelizmente não conseguimos localizar esta planta por entre a documentação, sendo, no entanto, possível que algum dia venha a aparecer por entre os fundos do Patriarcado de Lisboa guardados na Torre do Tombo. Seria, sem dúvida, um elemento de grande valor para adicionar às plantas que já se conhecem.

Se as pedrarias de melhor qualidade foram levadas para o Bairro Alto – e depois quiçá para lígnea obra da Cotovia, ali perto –, outras pedrarias e cantarias foram reutilizadas na reconstrução da zona envolvente do antigo complexo Patriarcal⁵²⁷, que, além da edificação predial, veio a receber uma nova praça, então chamada Praça das Arrematações, bem como a Igreja de São Julião, deslocada de perto dali e que acabou por ocupar o local onde, desde meados do século XVII, se erguera a capela palatina⁵²⁸. Também se reempregaram duas colunas da igreja em S. Domingos de Lisboa⁵²⁹, bem como pedra do Palácio Patriarcal na construção da Igreja da Memória⁵³⁰, à Ajuda.

Depois da análise ao local feita em novembro de 1759, procedeu-se então ao desmantelamento do edifício remanescente, tendo-se exigido que o trabalho ficasse concluído até outubro de 1760. Com a construção da Lisboa Pombalina, que ocultou o espaço até então ocupado pela *Santa Igreja Patriarcal*, desaparecia assim, completamente, o templo que concentrara as atenções de todos os monarcas portugueses desde a Restauração, e que, para D. João V, constituía o empreendimento que desde mais cedo, e durante mais tempo, reunira as suas atenções mecénáticas, hoje apenas minimamente esclarecido através da documentação e da

⁵²⁵ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 Cx 256 - 1ª parte doc. 108 Vd anexo pp. 203-204.

⁵²⁶ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 Cx 256 1ª parte doc. 105

⁵²⁷ AN\TT – Patriarcal de Lisboa papéis diversos Mç 20 Cx 256 1ª parte doc. 69

⁵²⁸ *Planta de Lisboa: arruinada pelo terremoto de 1755 e com o novo plano de reconstrução dos architectos Eugenio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel.*

⁵²⁹ CÂMARA, Alexandra Gago da; COELHO, Teresa Campos – *A nostalgia de um património desaparecido - Três obras emblemáticas de encomenda régia na Lisboa dos séculos XVII e XVIII*, p. 73

⁵³⁰ *Idem*, p. 73

comparação com obras coevas, como a Capela de São João Batista⁵³¹. Simultaneamente, por esta altura de finais da década de 1750, inícios da de 1760, concluíam-se as obras da sucessora da Basílica Patriarcal de D. João V, o novo complexo patriarcal à Cotovia. Esta, tal como aquela, teria um fim desastroso, passando por isso à História como a *Patriarcal Queimada*.

b. A nova Patriarcal à Cotovia

Depois do terramoto, as zonas relativamente livres de ruínas – como praças e cercas conventuais – foram ocupadas por tendas e barracas onde se instalou toda a sociedade civil, desde sedes de paróquias a comunidades de clero regular, até aos próprios habitantes, em particular as classes sociais que, ao contrário da nobreza, não tinham capacidade para se retirarem para palácios de veraneio. Famosamente, também a Corte se fez instalar num complexo de tendas e barracas, instalado à Ajuda e conhecido como a *Real Barraca*, antecedente do atual Palácio Nacional da Ajuda. Esta urgência em abrigar toda a sociedade civil e dotar as mais importantes estruturas do reino de edifícios de onde pudessem operar – algo fundamental numa situação de catástrofe – levou a que um pouco por todo o lado se promovesse arquitetura em madeira, por ser mais barata, rápida e fácil de construir do que em pedra. A Patriarcal – da qual, como sede de Patriarcado que era, dependia a centralização da administração eclesiástica da cidade e região circundante – não foi exceção.

Enquanto não se erguia um novo edifício para a albergar, a administração da instituição passou a fazer-se a partir do palácio do Principal Lázaro Leitão, à Junqueira⁵³², mais conhecido nos dias de hoje como a Casa Nobre de Lázaro Leitão Aranha, sede da Universidade Lusíada, situada precisamente na Rua da Junqueira, nas traseiras da Cordoaria Nacional. Prova-o a documentação expedida pelo Patriarcado logo após 1755, pois é praticamente sempre dada como despachada da Junqueira⁵³³. Praticamente de uma forma imediata, tratou-se de se encontrar um templo onde a Patriarcal pudesse continuar a celebrar os ofícios divinos. Carlos Mardel examinou, por este motivo, a Igreja de São Bento da Saúde, e segundo o seu parecer, transmitido ao Cardeal-Patriarca a 16 de novembro de 1755, estava em muito boas condições para albergar a Patriarcal,

⁵³¹ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 40

⁵³² AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos - Mç 20 pt2, doc. 26

⁵³³ Vd. a título de exemplo a documentação contida em: AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 1 cx 1.

apresentando não só solidez e segurança⁵³⁴, mas também “*tudo o que for mister para accommodar a Patriarcal; e ainda com mais abundancia do que aonde estava antes*”⁵³⁵. D. José I ordenou que assim se fizesse, cabendo ao Patriarcado custear as despesas necessárias com a instalação no templo⁵³⁶. Porém, alguns fatores levaram a que, efetivamente, a instalação da Patriarcal em São Bento não se viesse a concretizar (pelo menos não nesta altura, pois futuramente acabaria mesmo por ser aqui instalada). Em primeiro lugar, já depois do Rei ordenar que se avançasse com a reinstalação, Eugénio dos Santos emitiu um parecer ligeiramente diferente do de Mardel, referindo que – ainda que o risco de colapso fosse pouco – era necessário fazer obras numa parede da capela-mor, “*que póde causar receyo*”⁵³⁷, bem como alguns reparos na frontaria e no teto da igreja⁵³⁸. Adicionalmente, “*alguns Ministros da Santa Igreja Patriarcal propoem ainda novas objecções contra a dita Igreja, protraahindo assim o restabelecimento*”⁵³⁹. No início de dezembro, volvido um mês do sismo, a Patriarcal ainda não estava restabelecida, ao que o Rei D. José I mostrou o seu grande desagrado, transmitido ao Cardeal-Patriarca por Sebastião José de Carvalho e Melo – futuro Conde de Oeiras e Marquês de Pombal – por carta de dia 2⁵⁴⁰. Na realidade, estava tudo alinhado para que a Patriarcal se instalasse em São Bento. Havia o parecer positivo de todos os artistas (Carlos Mardel, Eugénio dos Santos, e os mestres da Patriarcal Félix Pinto da Silva, Theodosio Diniz Ferreira e Tomás de Aquino⁵⁴¹); havia a autorização régia⁵⁴²; havia concordância do Cardeal-Patriarca⁵⁴³; o abade de São Bento fora notificado⁵⁴⁴, e havia indicações para que se avançasse com as obras necessárias “*com toda a brevidade*”⁵⁴⁵. Porém, por alguma razão para a qual não encontrámos explicação na documentação, mas muito provavelmente relacionada com a vontade régia pelo rápido restabelecimento do culto, obstaculizado já há pouco mais de um mês por entraves vários, acabou-se por preferir outro templo. A Patriarcal foi, talvez por esta razão, reinstalada na Ermida de S. Joaquim e S. Ana, que tinha resistido ao sismo e ficava

⁵³⁴ LISBOA, Amador Patrício de – *Memorias das principaes providencias, que se deraõ no terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755*, p. 185

⁵³⁵ *Idem*, pp. 186-187

⁵³⁶ *Idem*, pp. 187-188

⁵³⁷ *Idem*, p. 193

⁵³⁸ *Idem*, p. 195

⁵³⁹ *Idem*, pp. 202-203

⁵⁴⁰ *Idem*, pp. 200-203

⁵⁴¹ *Idem*, pp. 197-198

⁵⁴² *Idem*, pp. 187-188

⁵⁴³ *Idem*, pp. 185-186

⁵⁴⁴ *Idem*, pp. 189-190

⁵⁴⁵ *Idem*, p. 192

junto ao Palácio do Marquês de Abrantes (hoje Embaixada de França)⁵⁴⁶, onde os ofícios se reiniciaram a 7 de dezembro de 1755, véspera da Imaculada Conceição⁵⁴⁷. A necessidade de mais espaço para instalação da Cúria ditou a rápida transferência para outro local, para o que se aproveitou o grande edifício que o Conde de Tarouca tinha iniciado no sítio da Cotovia⁵⁴⁸ – atual Príncipe Real – frequentemente referido na documentação, por isso, como as “*obras do Conde de Tarouca*”⁵⁴⁹. Este edifício e o espaço circundante disponível ofereciam a largueza necessária para o templo e para todas as estruturas que haveriam de o rodear, afetas à Cúria, ao ponto de, já na década de 1730, ter sido equacionada a possibilidade de erguer aqui uma nova Patriarcal⁵⁵⁰.

O edifício foi feito maioritariamente em madeira, combinada com pedra. João Batista de Castro diz que “*escolhido o sitio, se começou a projecção da nova fabrica, edificando-se as paredes interiores de frontal*”⁵⁵¹. Por sua vez, Raphael Bluteau esclarece-nos – mais uma vez – que obra de frontal é “*Obra de Carpinteiro, e de pedreiro. Cratitius paries. Vitruv. Chama-se Cratitius em razão dos paos atravessados, que forma huma especie de grade*”⁵⁵². A 10 de dezembro de 1755 há já registo da compra de 21 vigas “*pera a Igreja que se faz de madeyra pera servir de patriarcal*”⁵⁵³, compra esta que se repetiu a 31 de janeiro próximo⁵⁵⁴.

Projetado por João Pedro Ludovice⁵⁵⁵ – a quem D. João V tinha, em junho de 1748, dado foros de moço fidalgo na tribuna régia da desaparecida Patriarcal⁵⁵⁶ – a execução e coordenação dos trabalhos do novo complexo foi confiada a Eugénio dos Santos⁵⁵⁷, que contou com a colaboração do carpinteiro Tomás de Aquino, e dos mestres da Patriarcal Simão Francisco Pardal e Theodosio Deniz⁵⁵⁸. Tomás de Aquino chegou a ser afastado da obra durante alguns meses, devido

⁵⁴⁶ CASTRO, João Bautista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 202

⁵⁴⁷ Biblioteca da Ajuda – Ms. 54-XI-38. n. 6

⁵⁴⁸ CASTRO, João Bautista de – *op. cit.* Tomo III. p. 202

⁵⁴⁹ A título de exemplo, um documento de 9 de fevereiro de 1756 refere a “*Igreja de Madeira que se faz nas obras / do Conde taroca [sic]*”. AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 1 cx 1, doc. 454

⁵⁵⁰ CÂMARA, Alexandra Gago da; COELHO, Teresa Campos – *A nostalgia de um património desaparecido - Três obras emblemáticas de encomenda régia na Lisboa dos séculos XVII e XVIII*, p. 72

⁵⁵¹ CASTRO, João Baptista de – *op. cit.* Tomo III. pp. 202-203.

⁵⁵² BLUTEAU, Raphael – *Vocabulario Portuguez & Latino*. Vol. 4. p. 218

⁵⁵³ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 1 cx 1, doc. 460 e segs

⁵⁵⁴ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 1 cx 1, doc. 461

⁵⁵⁵ LUDOVICE, João Pedro – *Planta da segunda Igreja Patriarcal / delineada por João Pedro Ludovice, e executada por Cappitão Eugenio dos Santos*.

⁵⁵⁶ *Noticias annuaes. Do anno de 1740 athe o anno de 1749. Trazidas a esta collecção Com a possivel diligencia, por Luis Jozé de Figueiredo*, fól. 97f

⁵⁵⁷ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 1 cx 1, docs. 462, 266

⁵⁵⁸ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 1 cx 1, doc. 462 e segs

ao facto de ter comprado um lote de madeira sem autorização da congregação, tendo-se dado ordens a Eugénio dos Santos para que o readmitisse em 25 de novembro de 1756⁵⁵⁹. Francisco Pais tomou a pintura a seu cargo e a 1 de agosto de 1756 foi pago por pintar três tetos⁵⁶⁰.

Dada a espoliação provocada pelo sismo, foi igualmente necessário proceder à encomenda de alfaías litúrgicas e outros objetos. A 20 de março de 1756 pagaram-se vários ornamentos feitos por Alexandre Severo José, designadamente dois conjuntos de paramentos – em branco e carmesim – incluindo vestes, estolas, manípulos, bolsas de corporais, dalmáticas, pluviais, gremiais e panos de sapatos, mais três frontais para o altar-mor⁵⁶¹. A 20 de junho de 1756 comprou-se um órgão a João da Cunha⁵⁶², e a 15 julho de 1756 adquiriram-se panos de arrás⁵⁶³. Também em julho deste ano, o bordador Francisco Roberto estava a fazer dois pluviais para uso do Cardeal-Patriarca⁵⁶⁴. O ourives António Rodrigues de Leão executou diversas peças de prataria: seis âmbulas; uma salva; um gomil; um cálice com sua patena e colher; um cano para o tocheiro do círio pascal; três cruzeiros processionais; dois turíbulos; duas navetas e suas colheres; um pé de custódia; dez pratos para galhetas e dois canudos de varas de pálio⁵⁶⁵, tendo recebido prata para o efeito⁵⁶⁶. Além de conceber peças *ex novo*, António Rodrigues de Leão também foi encarregue de limpar e reparar peças mais antigas, certamente salvas da Patriarcal Joanina. Concertou oito varas de pálio; concertou e limpou um cálice de ouro; limpou um braseiro grande em prata; limpou, concertou e endireitou um tocheiro; concertou uma cruz de altar, da qual tinham saltado algumas partes, e limpou e endireitou seis castiçais grandes e respetiva cruz⁵⁶⁷. Já em novembro de 1760, foram pagas duas salvas de prata ao ourives António Francisco Rouzado⁵⁶⁸.

A casa de paramentos do Cardeal-Patriarca foi concluída com maior celeridade e no seu interior levantou-se um altar, onde se celebrou a cerimónia da bênção do novo templo a 16 de junho de 1756, dia em que se deu início aos ofícios divinos⁵⁶⁹. Cerca de um ano mais tarde, a 8 de junho de 1757, com a obra da nova igreja dada por concluída, celebrou-se mais uma vez a bênção

⁵⁵⁹ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 231 e segs

⁵⁶⁰ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 70 e segs

⁵⁶¹ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 324

⁵⁶² AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 403

⁵⁶³ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 321

⁵⁶⁴ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 199

⁵⁶⁵ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 131 e segs

⁵⁶⁶ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 333

⁵⁶⁷ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 1 cx 1, doc. 131 e segs

⁵⁶⁸ AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, mç 20 pt 2, doc. 357

⁵⁶⁹ CASTRO, João Bautista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 203

e, no altar-mor, foi celebrada a primeira missa⁵⁷⁰. Isto não significou, porém, o fim dos trabalhos, posto que está documentada obra nos anos seguintes, certamente destinada ao complexo que rodeava a igreja. Fizeram-se trabalhos de vidraceiro por Felipe Nunes Collares, em janeiro de 1760⁵⁷¹, e Francisco Pais continuava a trabalhar na pintura, tendo feito marmoreados e fingidos em setembro do mesmo ano⁵⁷². Poucos anos depois, aquando da publicação do terceiro tomo do *Mapa de Portugal Antigo e Moderno* de João Batista de Castro – 1763 – os trabalhos ainda continuavam, posto que o autor escreveu que faltava concluir a torre, onde se haveria de colocar vários sinos, entre eles um sino grande, que tinha escapado da Patriarcal Joanina pouco danificado⁵⁷³. Como referimos no subcapítulo anterior, efetivamente a torre dos sinos da Basílica Patriarcal resistiu ao sismo.

Felizmente, para além da realização das plantas da Patriarcal destruída, também se fez uma planta da nova Patriarcal. Ignorava-se então, com certeza, que tal como as plantas da Patriarcal Joanina serviram para preservar o que esta tinha sido, também a planta da nova Patriarcal acabaria por, infelizmente, cumprir exatamente a mesma função. Identificada nas coleções da Biblioteca Nacional como “*planta da segunda igreja patriarcal*”⁵⁷⁴ – de modo a distingui-la da “*planta da primeira igreja patriarcal*” – o documento contém várias informações de relevo, a começar, desde logo, pela legenda: “*Forma da Planta Geral da S. Igreja Patrearchal que se acha edificada em todo o vão do Pallacio chamado do Conde de Tarouca, deliniada por Joaõ Pedro Ludovice, e executada pello Cappitaõ Eugenio dos Santos*”⁵⁷⁵. Como já sinalizámos atrás, depois da morte de João Frederico Ludovice em 1752, foi o seu filho João Pedro quem aparentemente tomou as rédeas das empreitadas arquitetónicas destinadas à Cúria, como o traçado do novo complexo erguido na Cotovia.

A planta do novo templo permite perceber que se obteve uma muito melhor distribuição dos espaços, algo que a antiga capela palatina do Paço da Ribeira não permitira, por não ter sido pensada desde a origem para ser Basílica Patriarcal. A Patriarcal à Cotovia era uma igreja de três naves, com duas profundas capelas laterais de cada lado. Ao contrário da Capela Real, o principal

⁵⁷⁰ CASTRO, João Bautista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 203

⁵⁷¹ AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 20 pt 1, doc. 104

⁵⁷² AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, mç 20 pt 1, doc. 278

⁵⁷³ CASTRO, João Bautista de – *op. cit.* Tomo III. p. 204

⁵⁷⁴ LUDOVICE, João Pedro – *Planta da segunda Igreja Patriarcal / delineada por João Pedro Ludovice, e executada por Cappitaõ Eugenio dos Santos*.

⁵⁷⁵ *Idem*.

acesso que conectava com a rua era a entrada axial, que – como vimos anteriormente –, no caso da Patriarcal Joanina ligava, ao invés, ao interior do palácio, por motivos que passavam pela sua função de capela palatina. Do lado do Evangelho, o primeiro espaço do lado da entrada era o batistério, como é prática canónica generalizada. A construção *ex novo* deste templo permitiu que efetivamente se designasse um espaço para tal na planimetria da igreja, algo que também fora impossível na igreja antecedente, pois não se previa que viesse a ter batistério na altura da sua edificação. Também do lado do Evangelho havia duas profundas capelas: uma sem invocação designada e outra, mais próxima da capela-mor, consagrada ao Santíssimo Sacramento, como é prática canónica comum. Do lado da Epístola havia duas outras capelas profundas: uma, mais próxima do altar-mor e simetricamente disposta à do Santíssimo Sacramento, dedicada a Nossa Senhora da Piedade⁵⁷⁶, e outra, fronteira à segunda capela do lado do Evangelho, que funcionava como coro e que, por esse motivo, era mais profunda que todas as restantes três, de modo a albergar no seu interior todos os religiosos que ali rezavam as horas menores. João Batista de Castro diz-nos que a primeira capela do lado da Epístola, a que fizemos menção, “*he dedicada à sagrada, e devota Imagem de Nossa Senhora da Piedade*”⁵⁷⁷, sendo portanto plausível que se estivesse a referir à imagem da Senhora da Piedade abordada no início do século por Fr. Agostinho de Santa Maria, à qual o agostinho descalço dedicou um capítulo inteiro do seu *Santuário Mariano*⁵⁷⁸, de que nos socorremos no capítulo sobre a Capela Real antes da sua elevação a Patriarcal. A ser assim, significa, obviamente, que foi salva do terramoto.

Adicionalmente, cada lado da igreja tinha mais quatro pequenos altares emparelhados, situados entre a entrada e a primeira capela lateral, e entre esta e a segunda capela. A 7 de abril de 1758, data da redação das memórias paroquiais referentes à Patriarcal na Cotovia, estes altares laterais ainda não estavam dedicados a quaisquer santos⁵⁷⁹, mas é de prever que, quando o foram, se tenham transplantado as invocações das capelas laterais da Patriarcal do Paço, conhecidas através dos relatos da cerimónia da sagração em 1746, transplantação esta que, aliás, também se verificou nas restantes capelas que referimos.

Fronteira à entrada dispunha-se, então, a capela-mor, ligeiramente maior do que todas as

⁵⁷⁶ CASTRO, João Baptista de – *Mapa de Portugal antigo e moderno*. Tomo III. p. 203

⁵⁷⁷ *Idem*, p. 203

⁵⁷⁸ Vd. SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – *Santuário Mariano*. Tomo 7. p. 151 e segs

⁵⁷⁹ PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo de – *Lisboa em 1758 - Memórias paroquiais de Lisboa*, p.213

outras e com a quadratura para os principais no seu interior⁵⁸⁰, onde se rezavam as horas maiores. A estruturação da quadratura é claramente devedora da que tinha existido na Patriarcal do Paço, como se pode constatar pela comparação com a planta da Biblioteca da Ajuda. A zona do cruzeiro, situada no enfiamento entre a capela-mor, a do Santíssimo e a de Nossa Senhora da Piedade, era coroada por um zimbório⁵⁸¹. À volta do templo distribuíam-se imensos espaços destinados à Cúria e ao serviço religioso, designadamente sacristias, compartimentos para guardar alfaias, a casa do tribunal, a casa do colégio, etc. Do lado direito do complexo, contigua ao lado da Epístola do templo e ao coro, ficava uma escada em ângulo reto que conduzia ao segundo piso, onde ficavam os aposentos do Cardeal-Patriarca. A existência de um segundo piso comprova-se através de uma pintura que representa o desastroso incêndio que fez como que este edifício passasse à História como a *Patriarcal Queimada* [Fig. 28, pág. 159], pintada por Joaquim Manuel da Rocha e pertencente à Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (inv. 1004). Além do frontão do templo em chamas mostrar com clareza as armas da Patriarcal – o trirregno com os ramos de plátano e de oliveira –, o cruzamento com a planta comprova facilmente que, de facto, se trata da Patriarcal à Cotovia.

A distribuição do novo complexo Patriarcal recuperava assim, como se pode ver, uma estruturação arquitetónica muito usada em Portugal em finais do século XVI e inícios do XVII, particularmente em situações onde o número de religiosos ditava a necessidade de um espaço de grandes dimensões. Foi o caso do Mosteiro de São Bento da Saúde (atual Parlamento), empreendimento promovido pelo Castelo Rodrigo, que consiste, também, num corpo central – onde outrora ficava a igreja – ladeado por dois blocos. Como ainda, para citar outro exemplo, do Convento de Santos-o-Novo, ainda que neste caso o bloco central, com a igreja, e o segundo bloco lateral nunca tenham sido efetivamente construídos.

Tudo indica que a edificação da Patriarcal à Cotovia também nunca chegou a ser concluída, faltando o segundo piso lateral esquerdo. Esta falta depreende-se, por um lado, pela clara assimetria visível na fachada, pois um bloco lateral tem apenas um piso, e o outro tem dois, cuja altura alinhava assim com a altura da galilé que comunicava com o interior do templo. Por outro lado, a planta mostra a existência de uma escada, do lado esquerdo do complexo, situada ao lado do batistério. Obviamente, se o projeto mostra uma escada de acesso a um segundo piso – ainda

⁵⁸⁰ CASTRO, João Baptista de – *op. cit.* Tomo III. p. 203

⁵⁸¹ *Idem*, p. 203

que este segundo piso não existisse quando o edifício foi destruído – é por que, de início, se previa que houvesse um segundo piso.

Tal com a *grande* Patriarcal Joanina, também a Patriarcal à Cotovia desapareceu num desastre, ainda que a uma escala incomensuravelmente menor, provocado por um ato de pura ganância. Foi incendiada a 10 de maio de 1769⁵⁸², por um armador da própria instituição, que recorrendo ao fogo posto procurava esconder os roubos que nela fazia. Não se interromperam, todavia, os ofícios religiosos, no dia seguinte pela manhã logo retomados na Igreja de São Roque, de onde a Companhia de Jesus tinha saído havia já 10 anos⁵⁸³. A Patriarcal esteve nesta igreja durante o breve período de sete dias, ao fim dos quais foi instalada no local inicialmente previsto logo após o terramoto – São Bento da Saúde⁵⁸⁴ – brevidade esta que, em contrapartida, pelos vistos acabaria por poupar o importante templo inaciano aos incêndios que tanto assolaram a Patriarcal. Aconteceu que o mesmo armador que tinha incendiado a Cotovia, não satisfeito com o que de lá subtraíra, lançou também o fogo ao Mosteiro de São Bento, forçando assim outra deslocação, e a Patriarcal foi reinstalada em S. Vicente de Fora a 5 de janeiro de 1772⁵⁸⁵. Apanhado em flagrante delito a começar um fogo num dos seus altares, o armador incendiário conseguiu fugir para Espanha, mas, ao regressar a Portugal, foi capturado e executado à frente das ruínas da *Patriarcal Queimada*, a 28 de janeiro de 1773. Deu-se-lhe o mesmo destino que, tantas vezes, lançara aos vários edifícios onde havia passado no desleal serviço à Patriarcal, e o seu corpo foi queimado e reduzido a cinzas⁵⁸⁶. A Patriarcal foi então reinstalada na Ajuda – recuperando assim o seu vínculo como Capela Real – onde ainda hoje se vêem as armas patriarcais na torre sineira da antiga capela do palácio.

⁵⁸² Biblioteca da Ajuda – Ms. 54-XI-38, n. 6

⁵⁸³ CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – *Gabinete Histórico*. Tomo 10. p. 129

⁵⁸⁴ *Idem*, p. 129

⁵⁸⁵ *Idem*, p. 129

⁵⁸⁶ *Idem*, p. 130

Conclusões

É, de facto, impossível compreender a Patriarcal-monumento sem compreender a Patriarcal-instituição, originada, esta última, no quadro da afirmação política joanina, depois de um século XVII dificultoso, onde o engrandecimento – artístico e litúrgico – da Capela Real ocupava um papel absolutamente central, enquanto palco fundamental da liturgia de Corte e da celebração da origem divina do poder absoluto do Rei. Deste papel central, transversal a vários séculos, decorreram as intervenções de que a Capela Real foi alvo, desde que a Corte se instalara na Ribeira, particularmente nos momentos de mudança dinástica. Foi o que se verificou em 1640, quando D. João IV subiu ao trono e fez edificar um novo templo, onde décadas mais tarde viria a surgir a Basílica Patriarcal. Com efeito, sabemos agora – e apesar de outros autores situarem a instalação da Patriarcal num templo de origem filipina – que, na realidade, esta nasceu num templo cuja construção se iniciou em 1640 e se prolongou depois da morte do Restaurador, em 1656. Esta cronologia ajuda a avaliar a campanha de obras então empreendida e a clarificar alguma da produção artística que conservava no seu interior, já depois de elevada a Patriarcal.

Chegando ao reinado do seu homónimo neto, D. João V, *o Magnânimo* – e em linha de continuidade com o que fora desenvolvido pelos antecessores deste – a Capela Real viu-se no centro de uma intensa estratégia de afirmação, do Rei e da sua monarquia, em termos de política externa e interna. Promoveram-se simultaneamente dignificações litúrgicas e construtivas, repartidas (estas últimas) em dois grandes momentos: 1707-1719 (sendo este último ano uma data aproximada) e 1740-1755. Pode-se acrescentar um terceiro, no início da década de 1730, ainda mal esclarecido mas certamente de menor extensão, a julgar pelo volume de referências documentais que nos chegou. As reconstituições conjecturais que apresentamos em anexo talvez ajudem a elucidar melhor as modificações empreendidas ao nível da planta [Figs. 4 a 7, págs 138 e 139].

No que respeita à empreitada ocorrida entre 1707 e 1719, é significativo observar que o grosso das intervenções arquitetónicas aconteceu antes da elevação da Capela Real a Basílica Patriarcal, pelo que não se pode propriamente afirmar que sejam consequência dela. Os factos que permitiram a criação da Patriarcal decorreram ao longo de 1716 e, anteriormente, a pretensão régia era anexar o território das paróquias da Conceição, S. Julião e Madalena à jurisdição da Capela Real. Não obstante, sabemos que muito foi feito antes disso. Esta campanha de trabalhos,

conduzida por João Frederico Ludovice, consistiu, por sua vez, em duas fases essenciais: 1707-1712 e 1712-1719, sensivelmente. Apesar de se relacionarem numa clara linha de continuidade, distinguimo-las, pois a primeira incidiu na cabeceira e a segunda no corpo do templo.

Logo a partir de 1707, ano em que D. João V subiu ao trono, iniciaram-se as obras da nova capela-mor, incluindo o respetivo coro, e da capela colateral do Santíssimo Sacramento, trabalhos estes que certamente se prolongaram pelos anos seguintes. A construção de duas capelas colaterais, na cabeceira, foi o resultado do documentado prolongamento das naves, designadamente a referida Capela do Santíssimo e a Capela da Sagrada Família. Todavia, o espaço desta última – que conecta com o coro lateral – teria já pré-existências afetas à Capela Real. Sabemos que o coro lateral remonta ao tempo de D. Pedro II, pelo que, naturalmente, teria que ter acessos ligando ao corpo do templo, talvez situados na área onde, mais tarde, a planta da Biblioteca da Ajuda localizaria a Capela da Sagrada Família. Foi também feito um santuário para relíquias (*circa* 1712), cujo lugar se desconhece, mas caso se situasse no mesmo local do relicário de 1744 assinalado na planta da Biblioteca da Ajuda, então também ficava na cabeceira. Igualmente na cabeceira, por cima da Capela da Sagrada Família, foi erguida uma imponente torre sineira, que em 1712 já existia.

Graças à gravura do batismo do primogénito de D. João V, D. Pedro, Príncipe do Brasil – celebrado também em 1712 – que nos revela parte do interior da Capela Real, sabemos que o corpo da igreja preservava, ainda, muito do revestimento decorativo de origem seiscentista. Entre 1712 e 1715 reformulou-se integralmente a distribuição dos altares laterais do corpo da igreja, que passou a contar com quatro altares de cada lado, simetricamente dispostos e traçados, tal como o novo altar-mor, à maneira de Roma. Foi também executada uma nova e magnífica entrada, para beneficiar a articulação entre o templo e a cidade, datável de entre 1712 e 1719. Quer isto dizer que não sabemos se a sua construção foi decorrente da elevação a Patriarcal, mas inclinamo-nos para que essencialmente se enquadre na mesma campanha de trabalhos promovida no corpo da igreja depois de 1712, tão simplesmente porque a reformulação integral dos oito altares laterais e a abertura de uma nova entrada lateral importaria, certamente, relevantes reconfigurações internas, pelo que é de esperar que se enquadrem numa mesma empreitada. De frisar que não sabemos com rigor se a obra no corpo foi começada em 1712 (1712-1719 são datas aproximadas), mas somente que neste ano ainda não se tinham reformulado as capelas, nem feito o novo portal, de acordo com a informação da *Corografia Portuguesa*.

Estes trabalhos decorreram a par e passo com a sucessiva dignificação litúrgica da Capela Real. Em 1709, foi convertida em paróquia do Paço; em 1710, colegiada, e, sensivelmente a partir de 1712, tentava-se agregar-lhe o território das três paróquias mencionadas. O auxílio militar prestado por D. João V ao Pontífice conceder-lhe-ia força de alavancagem para negociar – numa altura em que a situação diplomática entre Lisboa e Roma era frágil, agravada pela questão dos Ritos Chineses – e, como contrapartida pelo apoio contra os turcos, culminado em 1717 na Batalha do Cabo Matapão, o Magnânimo quis um patriarca para capelão régio, possibilitado pela divisão da cidade e consequente necessidade de nomear um prelado para a nova Lisboa Ocidental. Não era algo totalmente inédito, pois desde o início do século XVI que os reis de Espanha tinham um patriarca por capelão – o Patriarca das Índias Ocidentais – igualmente subordinado, como no caso português, ao serviço religioso no palácio real, ainda que com particularidades ligeiramente diferentes. Neste quadro, um dos motivos para a solicitação do título de patriarca, quando se dividiu Lisboa – pois sabemos que o título foi expressamente solicitado – terá sido a estratégia de política externa de igualar concessões litúrgicas que outras potências católicas também detinham, semelhantemente ao que se verificaria, décadas mais tarde, com a obtenção do título de *Majestade Fidelíssima*.

Em 1716, a Capela Real foi então elevada a Basílica Metropolitana Patriarcal e, como seria de esperar, as obras prolongaram-se depois disso. Todavia, ao que se pode constatar, não houve propriamente um aumento do ritmo como consequência, mas sim uma continuidade das obras que já se vinham fazendo desde antes. A já referida entrada lateral foi – ou não – aberta na sequência da elevação, mas também sabemos que em 1719 prosseguiram os trabalhos no largo ao qual ela conectava. Adicionalmente, ter-se-á feito uma segunda sacristia para serviço do templo – também ela já existente em 1719 –, ficando a sacristia mais antiga, aparentemente, para uso particular do Patriarca. Em termos construtivos, por contraditório que possa parecer, o efeito mais imediato da instalação da Basílica Patriarcal na Capela Real foi a revelação da sua insuficiência para acolher a nova Cúria, posto que as obras de ampliação e adaptação estariam sempre condicionadas pelo edificado pré-existente, o que levou à deslocação das atenções para outras alternativas. Por isso, em 1719 Juvarrá projetou um enorme complexo palaciano – régio e patriarcal – a ser erguido na zona de Alcântara, que possibilitava a edificação sem grandes obstáculos por estar pouco ou nada urbanizada. Frustrado este plano, beneficiou-se Mafra

(conforme aferiu António Filipe Pimentel⁵⁸⁷), complexo monumental cujo projeto seria, no início da década seguinte, enormemente aumentado. A frustração dos planos de Juvarra (pensados enquanto se concluí a grande empreitada começada na Capela Real no início do reinado), a deslocação dos recursos para o Real Edifício de Mafra, e a demora da autorização papal para renovar a forma de serviço da Patriarcal e lhe atribuir uma imensidão de recursos financeiros, explicam, no seu conjunto e em grande medida, as razões por que a importante Patriarcal lisboeta teve que esperar tanto tempo pela refundação. Devido a vicissitudes várias, que incluíram o rompimento de relações diplomáticas entre Lisboa e Roma, aguardou-se pela autorização papal de 1718 até 1737. Com a nova forma de serviço da Patriarcal, posta em prática em 1739, passou-se de uma modesta organização em duas ordens de prelados – 24 cónegos e 12 beneficiados –, para 72 monsenhores, 20 cónegos, 35 beneficiados e igual número de clericatos beneficiais, ao que se acrescentam os 24 cónegos mais antigos, que foram elevados a principais. Simultaneamente, a Patriarcal passou a receber rendimentos de 135 igrejas espalhadas pelo País todo, bem como um terço dos rendimentos de todos os bispados e arcebispados do reino. Tal aumento da disponibilidade financeira e do número de prelados simultaneamente permitiu e impôs a refundação da Patriarcal.

A bem dizer, ainda que tenha sido instituída em 1716, a renovação – eclesiástica e arquitetónica – da Patriarcal, nosso objeto de estudo, só chegou em finais da década de 1730. O que se realizou no templo no início do século foi feito antes do seu surgimento. Ainda que no início da década de 1730 se tenham promovido algumas obras – e, exatamente na mesma década, se tenha equacionado transferir a magna instituição para a Cotovia – quando finalmente chegou a renovação, preferiu-se pela sua manutenção no edifício onde primeiro fora instalada.

Apesar de nos anos anteriores estarem documentadas iniciativas preparativas – pois o papado já havia confirmado o que se pretendia em 1737 – o início efetivo das obras só teve lugar entre agosto e setembro de 1740, pouco mais de um ano volvido da tomada de posse da nova Cúria. De novo, como acontecera décadas antes, a coordenação dos trabalhos coube a Ludovice. No que concerne à igreja, a alteração estrutural mais importante foi a ampliação da Capela do Santíssimo Sacramento, de modo a que passasse a ter um comprimento equivalente ao da capela-mor. Provavelmente no contexto da sua renovação, encomendou-se a Roma um enorme

⁵⁸⁷ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 39

repositório de ourivesaria sacra para as exposições do Santíssimo, que incluía banquetas, peanhas, maquineta, dossel, etc. Refez-se a tribuna, segundo modelos também enviados de Roma, e da mesma cidade mandaram-se vir um sem número de alfaías litúrgicas. A capela-mor foi redecorada, segundo estes padrões de gosto, o que incluiu um risco para o respetivo cadeiral que de lá veio para o efeito, numa empreitada datável de 1740 a 1747, quando é instalada a cancelada da autoria de Arrighi. Esta veio acompanhada outras três, todas encomendadas em 1743 e destinadas às mais importantes capelas do templo: à já referida capela-mor e às capelas do Santíssimo, da Sagrada Família e do coro (consagrada a Nossa Senhora da Conceição nesta renovação). A cancelada da Capela do Santíssimo também foi instalada em 1747, o que aponta para o facto de esta capela se encontrar praticamente concluída por esta altura. Interveio-se na torre sineira, edificada no início do reinado, fez-se um novo santuário de relíquias – ambos concluídos em 1744 – e procedeu-se ao refazimento da escadaria que ligava ao pátio das tendas, concluída em 1746, ano em que o templo foi sagrado.

Não obstante a sagração, muito havia ainda por fazer. Era o caso do novo batistério, encomendado em 1743 e projetado pelo trio responsável pela Capela de São João Batista: Luigi Vanvitelli, Nicola Salvi e João Frederico Ludovice, numa encomenda que passou por um processo de recusa e diálogo idêntico ao que ia acontecendo com esta capela. Destinada à Igreja de São Roque – enquanto “*fase anexa*”⁵⁸⁸ da Patriarcal –, a Capela de São João Batista firmaria assim os vários vínculos litúrgicos que articulavam os dois templos, à semelhança da relação orbital que se constituía entre a Basílica de São Pedro e algumas das principais igrejas romanas. A empreitada para o batistério incluiu a respetiva pia batismal, o pavimento, um painel dedicado ao Batismo de Cristo, o revestimento parietal e as canceladas, e foi instalada na Patriarcal em 1747. Para o coro lateral, havia sido encomendada uma magnífica estátua de Nossa Senhora da Conceição – em tamanho real e prata dourada – que chegaria em 1750, ano da morte do Rei. Apesar da renovação, a Patriarcal mantinha ainda algumas concretizações do início do século, e mesmo anteriores, particularmente nas capelas laterais, pouco referidas na documentação da década de 1740, pelo que se depreende que terão sido também pouco intervencionadas.

As obras prolongaram-se depois do falecimento de D. João V, em particular no espaço do Palácio Patriarcal. A várias vezes documentada abertura de alicerces, logo em 1740, dizia muito

⁵⁸⁸ MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *La Patriarcale du Roi Jean V du Portugal*, p. 37

provavelmente respeito ao palácio, posto que foi muito pouco aquilo que estruturalmente se modificou no templo. Apesar de não dispormos de provas, inclinamo-nos para a hipótese de o claustro da planta da Biblioteca Nacional ter sido edificado nesta altura, pois não surge documentado antes, e não cremos que este e o pátio das tendas sejam uma e a mesma coisa (como já foi afirmado por outros autores). Suporta esta nossa convicção a circunstância de nesta planta a nomenclatura apontar para dois espaços distintos e o conhecimento que o pátio das tendas tinha acesso por coche, o que não parece ser aqui o caso. Esta é, contudo, uma questão que deverá ser melhor aprofundada em trabalhos futuros. Em 1751, estavam a decorrer demolições e edificações para estabelecimento do Colégio Patriarcal, da administração da respetiva fazenda e da arrecadação do seu tesouro; em 1754, a Capela Paulina (privativa do Patriarca) ainda não estava terminada; em outubro de 1755, caíva-se o seminário, e, quando no mês seguinte o terramoto arrasou a cidade, previa-se dar início à obra do colégio. Nesta altura, os trabalhos estariam possivelmente a cargo de João Pedro Ludovice, filho de Frederico (morto em 1752), documentado muito pouco depois a trabalhar para a Patriarcal, na construção da nova obra à Cotovia.

Após o terramoto, a Patriarcal foi desentulhada, recuperaram-se os valores que foi possível encontrar e tratou-se de dismantelar as ruínas. A cantaria foi reutilizada noutras edificações, tanto na construção predial surgida à volta daquele local, como nas igrejas lisboetas de S. Domingos e da Memória. Ainda em 1755, já se avançava com a nova obra à Cotovia, onde se readaptou o plano transplantado da Patriarcal do Paço. A capela-mor tinha uma disposição muito semelhante e havia, também, uma vasta capela lateral para celebração das horas menores. Mantinha-se a importância da Capela do Santíssimo Sacramento, mas desaparecera a da Sagrada Família, provavelmente porque o templo deixara de ser capela palatina, caindo assim a associação daquela invocação à Família Real. Também este complexo não nos chegaria, consumido que foi pela voragem das chamas em 1769.

Em suma, ao longo de todo o longo reinado de D. João V, nenhuma obra concentrou mais a atenção do Magnânimo do que a sua Capela Real. Quando subiu ao trono, em 1707, com apenas 17 anos de idade, o jovem Rei promoveu importantes ampliações, e, quando faleceu em 1750, aos 60 anos, ainda havia obras por concluir. Com efeito, para um Rei que tanto se esforçou pelo patrocínio artístico, o facto de se tratar de um templo que o preocupou durante praticamente toda a vida é, sem dúvida, um dado expressivo da sua personalidade e dos quadros mentais que

definiram a sua intervenção enquanto rei e mecenas. É um facto que nela se verificou um hiato de cerca de 20 anos, entre o final da renovação iniciada em 1707 e a grande empreitada de 1740 – pontuado por algumas obras no começo da década de 1730 – mas sem dúvida que a Patriarcal tem, no âmbito do Barroco joanino, um claro estatuto primordial. Dela decorrem indelevelmente algumas das outras grandes concretizações da arquitetura religiosa do reinado, feitas sob égide do Rei, e por ele seguidas com a maior atenção. O projeto para Alcântara proveio da exposição das insuficiências da Capela Real quando foi elevada a Patriarcal, e, da sua frustração, derivou a enorme ampliação da campanha de Mafra. Por sua vez, a Capela de São João Batista – inquestionavelmente uma obra-prima da arquitetura do século XVIII – constitui, sem embargo, uma sua “*fase anexa*”⁵⁸⁹. Para equacionar a epicentral importância da Patriarcal – voltando assim à fórmula de António Filipe Pimentel, que vê nela justamente um “*epicentro*”⁵⁹⁰ da política mecenática joanina – avalie-se, pois, a extensão do seu papel ao longo do período, os artistas envolvidos nas suas obras (desde Ludovice a Juvarra, ou de Canevari a Vanvitelli), o volume de recursos canalizados a seu favor, ou, talvez, pense-se nas duas fundamentais realizações anteriormente sinalizadas – Mafra e São João Batista – que, pese embora o seu inegável significado para a História da Arte, tão-somente se situavam na órbita da *Santa Igreja Patriarcal*, magno empreendimento régio cuja memória as vicissitudes do tempo pareceram querer apagar.

⁵⁸⁹ MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *La Patriarcale du Roi Jean V du Portugal*, p. 37

⁵⁹⁰ PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*, p. 26

Bibliografia

Fontes manuscritas

Arquivo da S[an]ta Igr[e]ja de Lixboa. Patriarchal. BNP – Coleção de manuscritos reservados – Cota: PBA. 110

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - igreja e fábrica**, Mç 10 NT 10

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 20 Cx 256

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 24 Cx 261

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 19

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 6

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 8 Cx 239

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 8 Cx 240

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 10

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 16 Cx 250

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 1 Cx 1

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 20 pt 1

Arquivo Nacional \ Torre do Tombo – **Patriarchal de Lisboa - papéis diversos**, Mç 20 pt 2

Auto de apresentação, e aceitação de tres transumptos de Bullas Apostolicas passadas na curia Romana, e Sancta See Apostolica a favor do Exm.^o e Rm.^o Cabbido da Sancta Igreja Patriarchal. In AN\TT – Patriarchal de Lisboa - papéis diversos, Mç 24 Cx 261

Carta do Principal Leitão escrita por ordem de Sua Majestade ao Conde de Galveias, embaixador em Roma, relativa a pedir-se a quarta ou terça parte das rendas das Mitras de Portugal. Minuta acompanhada de vários documentos, aconselhando os demais que devem ir. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//10

Catálogos e outros documentos referentes a assuntos eclesiásticos. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: MSS. 177, n. 1

Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego D. Lazaro Leitão Aranha», com datas compreendidas entre 1717-1722, e incluindo originais, alguns autógrafos, e cópias. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados. Cota: PBA. 157

Colecção de cartas e documentos vários relativos á Sé Patriarchal, reunidos pelo Conego

D. Lazaro Leitão Aranha», com datas compreendidas entre 1736-1743, e incluindo originais, alguns autógrafos, e cópias. BNP – Coleção de Microfilmes. Cota: F.R. 734

Computo da despesa q[ue] fez a bula aurea na erecção da Patr[iarca]l [Manuscrito]. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//12

Conjunto de documentos sobre o caso em que os arquitetos da Patriarcal, para construirem uma igreja provisória após 1755, ocuparam indevidamente um terreno, deixado em testamento pelo Almirante D. João Tomás Henriques de Cabrera, para construção de um colégio da Companhia de Jesus, cuja obra já tinha sido começada antes do terramoto. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//27

Discurso sobre o computo dos Principalatos vagos, na quantia que respeita a distribuições quotidianas, pertencer por acréscimo aos Principais existentes e não à renda da Fábrica da Sé Patriarcal. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//24

Documentos relativos à vida de Dom Rodrigo Anes de Sá e Almeida Meneses, 1o Marquês de Abrantes / coligidos por Dom José Barbosa. BNP – Coleção de Microfilmes – Cota: F. 3087

Documentos vários relativos à Sé Patriarcal de Lisboa, coligidos pelo Principal Lázaro Leitão Aranha. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141

Index geral de todos os tomos manuscritos que [o Principal da Igreja Patriarcal] ofereceu para o Tribunal da Mesa da Consciência e Ordens. BNP – Coleção de manuscritos reservados. Cota: PBA. 256

Índice dos doze tomos de documentos pertencentes à Igreja Patriarcal, não destruídos por ocasião do terramoto de 1755, e que haviam estado na posse do Principal Leitão, Lázaro Leitão Aranha. BNP – Coleção de manuscritos reservados. Cota: PBA. 728

Mapa de todo o Rendimento que tem o Excelentissimo e Reverendissimo Collegio das terças dos bispados Collegiadas, e mais Beneficios, que the o presente se achão vagos com o abatimento do que delles se despende, e destinação do liquido que fica pera o Excelentissimo Collegio e pera a Reverendissima Fabrica tudo conforme os aRendamentos the o São Joaõ de 1747. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//25

Memória sobre o parecer enviado pela Colegiada da Capela Real e Basílica Patriarcal, ao Cardeal Patriarca, relativo ao serviço religioso quer na capela Real quer na Basílica Patriarcal, principalmente a forma de residência, tunária e quotidiana, dos eclesásticos a elas pertencentes. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados. Cota: COD. 11234//29

Memorias Para a Historia Ecclesiastica De Portugal / [Dom Tomás Caetano de Bem, Dom

Jerónimo Contador de Argote, Dom Caetano de Sousa. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: COD 139

Noticias annuaes. Do anno de 1740 athe o anno de 1749. Trazidas a esta collecção Com a possivel diligencia, por Luis Jozé de Figueiredo. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: COD. 480

Ordem Ap[ostoli]ca a favor do Dez[embargad]or Pro[cura]dor g[er]al do Ex[celentissi]mo e R[everendissi]mo Coll[egi]o da Igr[ej]a de L[isbo]a p[ar]a serem citados os rend[ei]ros e mais pessoas q[ue] pagarem rendas, e quaesquer emolumentos à Mitra Patr[iarc]al chamada Oci[dent]al. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//8

Receita e despesa do Patriarcado durante o período da administração do Patriarca D. Tomás de Almeida. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//2

Relaçam de algumas funcçoens da primitiva erecçam da Santa Igreja Patriarchal, escritas, ou compostas pelo Beneficiado António Figueira, mestre de Ceremónias da mesma S. Igreja, transladadas pelo Beneficiado António Rodrigues Lages. 1767. BNP – Coleção de Microfilmes – Cota F.R. 405

Relação da despesa, que em cada anno se faz em a S[an]ta Igr[ej]a Patriarchal de Lis[bo]a, com todas as pessoas que servem com a fabrica, e com a admenistração da sua renda E pensões que paga. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//26

SILVA, José Soares da – Gazeta composta em forma de Carta, com algu[m]as noticias desde o anno de 1701 ate o de 1703. BNB – Coleção de Microfilmes – Cota: F. R. 792

Sobre o estado da Real Capella desde o anno de 1709 até 1739, e sobre outras cousas notáveis. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados. Cota: COD. 11234//30

Sobre o tempo em q[ue] vagarão os Principalatos. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//13

Sobre os meios cónegos da Patriarcal usarem de murças e capas magnas / Padre António Nunes Cardoso. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: PBA. 141//15

Fontes impressas

CASTELO BRANCO, Camilo – O Paço Real da Ribeira. In Noites de Insomnia Offerecidas a quem não póde dormir. N. 8 – Agosto. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1874 pp. 29-34

CASTRO, Joaõ Bautista de – **Mappa de Portugal antigo e moderno**. Tomo III. Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno: 1763

COLMENAR, Juan Alvarez – **Les delices de l’Espagne et du Portugal**. Tomo 4. Leyden, Pierre van der Aa: 1707

COLMENAR, Juan Alvarez – **Annales d’Espagne et de Portugal**. Tomo 3. Amsterdão, François l’Honoré e filhos: 1741

CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da – **Gabinete Histórico**. 17 vols. Lisboa, Impressão Régia: 1818-1831

COSTA, Pe. António Carvalho da – **Corografia Portuguesa e Descripçam Topografia do famoso Reyno de Portugal**. Tomo 3. Lisboa, Officina Real Deslandesiana: 1712.

Description de la ville de Lisbonne. Paris, Pierre Prault: 1730

Diário de D. Francisco Xavier de Menezes, 4o Conde da Ericeira: 1731-1733 – Apresentado e anotado por Eduardo Brasão. BNP – Coleção de Microfilmes. Cota: F.1517

Elogio do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardial de Almeyda, Primeyro Patriarcha de Lisboa. BNP – Coleção Fundo Geral, cota: L. 1682//7 P.

FARIA, Manuel Severim de – **Notícias de Portugal escritas por Manoel Severim de Faria - 2ª impressão acrescentada pelo Padre D. José Barbosa**. Lisboa Occidental, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740. BNP – Coleção Fundo Geral Monografias, Cota do exemplar digitalizado: hg-1900-a

FREIRE, Antonio de Oliveira – **Descripçam corografica do Reyno de Portugal**. Lisboa Occidental, Officina de Miguel Rodrigues: 1739.

GUIMARÃES, Ribeiro – **Summario de Varia Historia**. 5 tomos. Lisboa, Casa de Rolland e Semiond: 1872

Letras do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca da Santa Igreja de Lisboa, nas quaes, com conselho, e consentimento regio estabelece o Regimento, que para a arrecadação, e distribuição das rendas da mesma Santa Igreja se havia determinado pelas outras Letras de 2 de Janeiro de 1748. Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção Fundo Geral Monografias, cota: R. 19093 V.

LIMA, Luís Caetano de – **Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa**. 2 tomos. Lisboa Occidental, Oficina de Joseph Antonio da Sylva: 1734. BNP – Coleção de Cartografia, Cota do exemplar digitalizado: ca-614-p_2

LISBOA, Amador Patrício de – **Memorias das principaes providencias, que se deraõ no**

terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755. Lisboa, 1758. BNP – Coleção Fundo Geral Monografias. Cota do exemplar digitalizado: hg-8302-a

MACHADO, Inácio Barbosa – **Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucaristia.** Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno: 1759

MATOSO, Luís Montês – **Ano noticioso e histórico.** 2 tomos. Fac-símile de Anno noticioso e historico, de 1740. Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa: 1934. BNP – Coleção Fundo Geral Monografias. Cota do exemplar digitalizado: cg-4870-p

MERVEILLEUX, Charles – **Memoires instructifs pour un voyageur dans les divers Etats de l'Europe.** 2 Tomos. Amesterdão, H. du Sauzet : 1737

MORÉRI, Louis – **Le grand Dictionnaire Historique.** Paris, Libraires associes. 1759

Nouvelle et briefve description de la tres-fameuse ville de Lisbonne. BNP – Coleção de Impressos Reservados – Cota: 4313 V.

PEDEGACHE, Miguel Tibério – **Nova, e fiel relação do terremoto que experimentou Lisboa, e todo Portugal no 1. de Novembro de 1755.** Lisboa: Officina de Manoel Soares, 1756. BNP – Coleção de Impressos Reservados, Cota: RES. 3341//8 P. - Cota do exemplar digitalizado: res-3341-8-p

PINHO LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Boarbosa de – **Portugal Antigo e Moderno.** 12 vols. Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia: 1874

RATTON, Jacome – **Recordações de Jacome Ratton.** 2ª Ed. Coimbra, Fenda Edições: 1992

Relaçam, terceira, que fez hum curioso noticiando toda a Festividade que houve na devirtida tarde do Terceiro dia de Touros a 11. de Settembro de 1752... : e nesta Copia se dá conta de todo o sucedido, e Entradas, e dos 4. cavaleiros, e dos Boys que morreraõ na dita tarde, no Terreiro do Paço / composto por Luiz Lazaro Leitam. Lisboa: 1752. BNP – Coleção Fundo Geral Monografias. Cota: L. 4722//4 V.

RESENDE, Manoel Marques – **Espelho da Corte ou hum breve mappa de Lisboa.** Lisboa Ocidental, Oficina da Música: 1730. BNP – Coleção de Microfilmes, cota: F. G. 867

RHYS, Udal Ap – **An account of the most remarkable places and curiosities in Spain and Portugal.** Londres, J. Osborn, in Pater-noster Row [et al.]: BNP – Coleção Fundo Geral Monografias. Cota do exemplar digitalizado: hg-28542-p

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de – **Santuário Mariano.** 7 Tomos. Lisboa, Oficina de António Pedroso Galrão: 1707-1721

SANTA MARIA, Padre Francisco de – **Anno histórico, diário portuguez**. 3 Tomos. Lisboa, Oficina de Domingos Gonçalves: 1744

SAUSSURE, César – *Voyages de Monsieur César de Saussure en Portugal – Lettres de Lisbonne – édité par le Vicomte de Faria (avec Préface)*. Milão: 1909 (documento original de 1725-29). Publicado traduzido em CHAVES, Castelo Branco – **O Portugal de D. João V visto por três forasteiros**. Lisboa, Biblioteca Nacional: 1989. pp. 261-279

Sermam do jubileu das quarenta horas, prégado pelo M.R.P. M. Francisco Gomes, da Companhia de Jesu, na tarde da Dominga da Quinquagesima na Santa Igreja Patriarcal anno de 1723. BNP – Coleção Fundo Geral Monografias. Cota: R. 8077//5 P.

SILVA, José Soares da – **Gazeta em forma de carta**. Tomo I – Anos de 1701-1716. Lisboa, Biblioteca Nacional: 1933

SYLVA, Francisco Xavier da – **Elogio fúnebre, e histórico do muito algo, poderoso, augusto, pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V**. Lisboa, Regia Officina Sylviana e da Academia Real: 1750

TAVORA, Jerónimo Tavares Mascarenhas de – **Folheto de Ambas Lisboas**. Nº 1 (22 Jan. 1730) - nº 26 (17 Ago. 1731). Lisboa Occidental, Officina da Musica: 1730-1731. BNP – Coleção de Impressos Reservados, Cota: RES. 3341//8 P. - Cota do exemplar digitalizado: res-113-v

TORRES, Manuel de Cerqueira – **Oração funebre, que nas reaes exequias do muito alto, muito poderoso, e fidelissimo rey D. Joaõ V**. Coimbra, Officina de Francisco Oliveyra: 1753. BNP – Coleção Fundo Geral Monografias, Cota do exemplar digitalizado: r-24340-18-p

Fontes iconográficas

Biblioteca da Ajuda – **51-IX-3**

Biblioteca da Ajuda – **54-XI-38, 17, 17a e 17b**

BRAUN, Georg; HOGENBERG, Frans – *Civitates Orbis Terrarum*. Vol V. 1598

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*. Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris. pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015

LUDOVICE, João Pedro – **Planta da segunda Igreja Patriarcal / delineada por João Pedro Ludovice, e executada por Cappitão Eugenio dos Santos**. 1755-1759. Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção de Iconografia. Cota: D. 14 R. / Cota do exemplar digitalizado: d-14-r

PEDEGACHE, Miguel Tibério – **Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novemb.ro do anno de 1755 debuxadas na mesma cidade por MM. Paris et Pedegache e abertas ao buril em Paris por Jac. Ph. Le Bas**. Paris: 1757. Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção de Iconografia. Cota do exemplar digitalizado: ea-352-a

Planta da primeira Igreja Patriarcal. Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção de Iconografia. Cota: D. 13 R.

Planta de Lisboa: arruinada pelo terremoto de 1755 e com o novo plano de reconstrução dos architectos Eugenio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel. BNP – Coleção de Cartografia, cota: C.C. 1153//2 R.

Recueil. **Collection Michel Hennin. Estampes relatives à l'Histoire de France** [Image fixe]. Tome 84, Pièces 7352-7442, période: 1711-1712. Bibliothèque Nationale de France, département Estampes et photographie, RESERVE FOL-QB-201 (84).
[<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8408169w> - consultado a 5 Jul 2018]

VIDINHA, João Ferreira – **Parte mais Nobre do Palácio do Rei de Portugal Arruinado pelo Terramoto do Dia Primeiro de Novembro de 1755**. Lisboa, Museu de Lisboa, inv. MC.DES.1365

ZUZARTE, Francisco Zuzarte (atrib.) – **Vista do Terreiro do Paço**. Lisboa, Museu da Cidade, inv. MC.DES.0837

Bibliografia

AAVV – **D. João V - Conferências e estudos comemorativos do segundo centenário da sua morte (1750-1950)**. Lisboa: Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1952

ALVES DIAS, José *et al.* – **Álbum de paleografia**. Lisboa, Editorial Estampa: 1987

AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain – *Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils*. **Bulletin des Etudes Portugaises**, Tome 26. Institut Français au Portugal, 1965. pp. 153-154

AZEVEDO, Carlos A. Moreira; SALDANHA, Sandra Costa; OLIVEIRA, António Pedro Boto de (coord.) – **Os Patriarcas de Lisboa**. Lisboa, Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa / Aletheia Editores: 2009

BLUTEAU, Rafael – **Vocabulario portuguez e latino**. 10 vols. Coimbra, Colegio das Artes da Companhia de Jesus: 1728

BRANCO, Manuel Bernardes – **Portugal na epocha de D. João V**. 2ª Ed. Lisboa, Livraria de António Maria Pereira: 1886

BRAZÃO, Eduardo – **Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa**. Porto, Livraria Civilização: 1943

BUESCU, Helena Carvalhão; CORDEIRO, Gonçalo (coord.) – **O grande terramoto de Lisboa - Ficar diferente**. Lisboa: Gradiva / Fundação Cidade de Lisboa: 2005 DL 228 029/2005

CÂMARA, Alexandra Gago da; COELHO, Teresa Campos – **A nostalgia de um património desaparecido - Três obras emblemáticas de encomenda régia na Lisboa dos séculos XVII e XVIII**. s.d.

Consultado em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4319/1/MariaAlexandraC%C3%A2mara.pdf>

CARVALHO, A. Ayres de – **D. João V e a arte do seu tempo**. 2 vols. Lisboa, Edição do Autor, 1962

CHAVES, Castelo Branco – **O Portugal de D. João V visto por três forasteiros**. Lisboa, Biblioteca Nacional: 1989

Exposição Lisboa Joanina – comemorativa do segundo centenário do falecimento do Rei D. João V. Catálogo da exposição. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa – Palácio Galveias: 1950

FARIA, Miguel Figueira de – **Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio. História de um espaço urbano**. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda: 2012 ISBN 978-972-27-2090-80

FERNÁNDEZ-DURO, Cesáreo – *Noticias acerca del origen y sucesión del patriarcado de las indias occidentales*. Edición digital a partir de **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 7 (1885). pp. 197-215. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007.

FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva – **Talha Barroca de Lisboa (1670 - 1720). Os Artistas e as Obras**. 3 vols. Texto policopiado. Tese de Doutoramento em História – Especialidade Arte, Património e Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009

FREIRE (MÁRIO), João Paulo – **Roteiro da baixa antes de 1755**. Lisboa, Livraria Pacheco: 1933

GUTIÉRREZ, Beatriz Comella – *El Patriarca de las Indias Occidentales y la jurisdicción palatina en los reales Patronatos del Buen Suceso y de Santa Isabel de Madrid (1753-1931)*. Texto leído por la autora en la defensa de su tesis, dirigida por el Prof. Dr. Javier Paredes, que tuvo lugar

en la Universidad de Alcalá, el 12 de junio de 2003. In **AHlg 15** (2006). pp. 395-403

JACKSON, K. David – *As narrativas do desastre: a estrutura do relato e o Terramoto de 1755*. In BUESCU, Helena Carvalhão; CORDEIRO, Gonçalo (coord.) – **O grande terramoto de Lisboa - Ficar diferente**. Lisboa: Gradiva / Fundação Cidade de Lisboa: 2005 DL 228 029/2005, pp. 139-159

LINO, Maria do Carmo – *Inventário*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **A Capela de São João Batista da Igreja de São Roque - A encomenda, a obra, as coleções**. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque / Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2015. pp. 399-415

MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *La Patriarcale du Roi Jean V du Portugal*. **Colóquio Artes**. ISSN 0870-3841. S. 2, a. 31, n. 83 (Dez. 1989), pp. 34-43

MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *Roma, Lisboa, Rio de Janeiro, Londres e Paris - A longa viagem do Álbum Weale (1745-1995) revisitada*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **De Roma para Lisboa – Um álbum para o Rei Magnânimo**. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda. pp., 2015. 39-57

MARTINHO, Bruno A. – **O Paço da Ribeira nas vésperas do terramoto**. Texto policopiado. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Setembro de 2009

NELSON, Bernardette – *A plan of the Capela Real, Lisbon, in 1649*. In **Revista Portuguesa de Musicologia**. 7-8, Lisboa, 1997/97, pp. 25-30

NETO, André Filipe – **“Se bem me quer João, suas obras o dirão” - Aproximações ao conceito de obras de majestade de D. João V**. Texto policopiado. Dissertação de Mestrado em História – Área de Especialização em História Moderna e dos Descobrimentos apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Julho de 2017

PEREIRA, José Fernandes – **Arquitectura barroca em Portugal**. Coleção Biblioteca Breve. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação: 1986 ISSN 0871-519 X

PEREIRA, José Fernandes – *O barroco do século XVIII*. In PEREIRA, Paulo (coord.) – **História da Arte Portuguesa - O Barroco (séculos XVII-XVIII)**. Mem Martins, Círculo de Leitores, 2007. ISBN 978-972-42-3963-7. pp. 49-177

PEREIRA, Paulo (coord.) – **História da Arte Portuguesa - O Barroco (séculos XVII-XVIII)**. Mem Martins, Círculo de Leitores, 2007

PIMENTEL, António Filipe – **Arquitectura e poder - O Real Edifício de Mafra**. Lisboa, Livros

Horizonte: 2002 ISBN 972-24-1172-1

PIMENTEL, António Filipe – *A Capela de São João Baptista: política, ideologia e estética*. In OLIVEIRA, Helena; MORNA, Teresa Freitas (coord.) – **Museu de São Roque**. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque, 2008. pp. 212-231

PIMENTEL, António Filipe (coord.) – **A Encomenda Prodigiosa - Da Patriarcal à Capela Real de São João Baptista**. Roteiro da exposição. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga / Museu de São Roque - Santa Casa da Misericórdia de Lisboa / Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2013

PIMENTEL, António Filipe – *A Capela Real de São João Batista: um «Debate Desenhado» entre Lisboa e Roma*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **A Capela de São João Batista da Igreja de São Roque - A encomenda, a obra, as coleções**. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque / Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2015. pp. 53-79

PIMENTEL, António Filipe – *O Álbum Weale e a encomenda artística de D. João V*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **De Roma para Lisboa – Um álbum para o Rei Magnânimo**. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Museu de São Roque / Scribe – Produções Culturais, Lda.: 2015 ISBN 978-989-841-47-4 pp. 17-37

PIMENTEL, António Filipe – *Uma Capela para o rei de Portugal: história controversa de uma Encomenda Prodigiosa*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **A Capela de São João Batista da Igreja de São Roque - A encomenda, a obra, as coleções**. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque / Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2015 pp. 21-47

PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo de; *Lisboa em 1758 – Memórias paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1974

QUIETO, Pier Paolo – *Relações artístico-culturais entre Lisboa e Roma*. In SALDANHA, Nuno (coord.) – **Joanni V Magnifico - A pintura em Portugal ao tempo de D. João V - 1706-1750**. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico – Secretaria de Estado da Cultura: 1994. pp. 63-79

RADULET, Carmen M. – **D. João V e a Santa Sé - Os Retratos dos Reis Portugueses como Instrumento da Diplomacia Joanina**. Notas genealógicas e biográficas de António M. Castelo Branco Assis Teixeira. Porto, Civilização Editora: 2008. ISBN 978-972-26-2550-0

RAGGI, Giuseppina – *Esquisto para o Palácio Real e Igreja Patriarcal de Lisboa*. In PIMENTEL, António Filipe (coord.) – **A Encomenda Prodigiosa - Da Patriarcal à Capela Real de São João Baptista**. Roteiro da exposição – polo do MNAA. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga / Museu de São Roque - Santa Casa da Misericórdia de Lisboa / Imprensa Nacional - Casa da Moeda,

2013. pp. 54-56

RAGGI, Giuseppina - *“A formosa maquina do Ceo e da terra”: a procissão do Corpus Domini de 1719 e o papel dos arquitetos Filippo Juvarra e João Frederico Ludovice*. In **Cadernos do Arquivo Municipal**. ISSN 0873 - 9870. 2ª Série Nº 1 (janeiro - junho 2014), pp. 101 – 123

RAMADA CURTO, Diogo – *A Capela Real: um espaço de conflitos (séculos XVI a XVIII)*. In **Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)**. Porto, Faculdade de Letras do Porto: 1992. pp. 143-154

RIBEIRO, António – *O sismo de 1/11/1755: significado geodinâmico*. In BUESCU, Helena Carvalhão; CORDEIRO, Gonçalo (coord.) – **O grande terramoto de Lisboa - Ficar diferente**. Lisboa: Gradiva / Fundação Cidade de Lisboa: 2005 DL 228 029/2005, pp. 77-86

RODRIGUES, Maria João Madeira – **A Capela de S. João Baptista e as suas colecções**. Lisboa, INAPA, 1988.

SALDANHA, António Vasconcelos de – **Portugal, Lisboa e a corte nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Memórias Históricas de Tristão da Cunha e Ataíde 1º Conde de Povolide**. Lisboa, Chaves Ferreira Publicações: 1990 ISBN 972-9402-00-0

SALDANHA, Nuno – *A pintura em Portugal ao tempo de D. João V*. In SALDANHA, Nuno (coord.) – **Joanni V Magnifico - A pintura em Portugal ao tempo de D. João V - 1706-1750**. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico – Secretaria de Estado da Cultura: 1994. pp. 26-61

SALDANHA, Nuno (coord.) – **Joanni V Magnifico - A pintura em Portugal ao tempo de D. João V - 1706-1750**. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico – Secretaria de Estado da Cultura: 1994

SALDANHA, Nuno; SALDANHA, Sandra Costa – *‘Per modelli delli ornati’ - A pia baptismal da Igreja Patriarcal de Lisboa*. In **Invenire - Revista de bens culturais da Igreja**. N.º 10 (Jan – Jun 2015). pp. 29-32

SANTOS, Piedade Braga; RODRIGUES, Teresa; NOGUEIRA, Margarida Sá – **Lisboa setecentista vista por estrangeiros**. Lisboa, Livros Horizonte: 1996

SENOS, Nuno – **O Paço da Ribeira 1501-1581**. Lisboa, Editorial Notícias: 2002 ISBN 972-46-1331-3

SILVA, André Martins da – **A Capela de São João Batista e a sua coleção de ourivesaria**. Publicações digitais da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa: 2018. ISBN 978-972-623-350-3

TOMAN, Rolf (coord.) – **O Barroco - Arquitectura, Escultura, Pintura**. Colónia, Könemann, 2004

VALE, Teresa Leonor – **Lisboa Barroca e o Barroco de Lisboa**. Colóquio de História da Arte. Lisboa, Livros Horizonte: 2007 ISBN 978-972-24-1547-7

VALE, Teresa Leonor – *O carácter único da colecção de ourivesaria*. In OLIVEIRA, Helena; MORNA, Teresa Freitas (coord.) – **Museu de São Roque**. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque, 2008. pp. 236-239

VALE, Teresa Leonor – *A estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal de Lisboa e a eleição de modelos pictóricos para obras de escultura num texto de João Frederico Ludovice*. In. **Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa**. N.º 7-8 (2009). pp. 317-332

VALE, Teresa Leonor – *Roman Baroque silver for the Patriarchate of Lisbon*. In **The Burlington Magazine**. CLV. Junho 2013. pp. 384-389

VALE, Teresa Leonor – *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina*. In **Cadernos do Arquivo Municipal**. ISSN 2183-3176. 2ª Série Nº 1 (janeiro - junho 2014), pp. 223 – 249

VALE, Teresa Leonor – **Arte e diplomacia: A vivência romana dos embaixadores joaninos**. Lisboa, Scribe: 2015 ISBN 978-989-8410-42-9

VALE, Teresa Leonor – *Do carácter único da colecção de ourivesaria da Capela de São João Batista*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **A Capela de São João Batista da Igreja de São Roque - A encomenda, a obra, as colecções**. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque / Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2015 pp. 201-247

VALE, Teresa Leonor – *O brilho do ouro sublinhando a arquitetura*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **De Roma para Lisboa - Um álbum para o Rei Magnânimo**. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015. pp. 173-195

VALE, Teresa Leonor – *Um álbum com uma capela dentro - A capela de S. João Baptista no Libro degli Abozzi*. In VALE, Teresa Leonor (coord.) – **De Roma para Lisboa – Um álbum para o Rei Magnânimo**. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015 pp. 77-103

VALE, Teresa Leonor (coord.) – **De Roma para Lisboa – Um álbum para o Rei Magnânino**. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Museu de São

Roque / Scribe – Produções Culturais, Lda: 2015 ISBN 978-989-841-47-4

VARELA GOMES, Paulo – **A cultura arquitectónica e artística em Portugal no século XVIII**.
Lisboa, Editorial Caminho. DL 20101/88

VITERBO, Sousa; D'ALMEIDA, R. Vicente – **A Capella de S. João Baptista erecta na Igreja de S. Roque**. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1902

Recursos online

Academia.edu – <https://www.academia.edu/> – consultado de setembro de 2017 a setembro de 2018

Biblioteca Nacional Digital – <http://purl.pt> – consultado de setembro de 2017 a setembro de 2018

Bibliothèque Nationale de France – <https://gallica.bnf.fr/> – consultado a 05/07/2018

Catholic Encyclopedia, The – <http://www.newadvent.org/cathen/> – consultado a 11/07/2018

Google Books – <https://books.google.pt/> – consultado de setembro de 2017 a setembro de 2018

Internet Archive – <https://archive.org/> – consultado de setembro de 2017 a setembro de 2018

Anexos

Anexo iconográfico

Índice do anexo iconográfico

Fig. 1 – Alçado da Capela Real	135
Fig. 2 – Vista do Paço da Ribeira	136
Fig. 3 – Batismo do filho primogénito de D. João V, D. Pedro, Príncipe do Brasil, vendo-se o interior da Capela Real	137
Fig. 4 – Reconstituição conjectural da planta da Capela Real edificada no período da Restauração, com a planta que teria em finais do reinado de D. Pedro II	138
Fig. 5 – Reconstituição conjectural da Capela Real após as obras promovidas a partir de 1707, vendo-se a capela-mor e as naves ampliadas, com a construção das duas capelas colaterais da cabeceira	138
Fig. 6 – Reconstituição conjectural da Capela Real no período à volta da sua elevação a Basílica Patriarcal, vendo-se a abertura de uma nova entrada lateral, do lado do Evangelho, e a construção de uma segunda sacristia, do lado da Epístola, junto ao altar-mor (a sacristia mais antiga não é visível nesta planta)	139
Fig. 7 – Planta da Basílica Patriarcal pouco antes da sua destruição em 1755, vendo-se a Capela do Santíssimo Sacramento (do lado do Evangelho, na cabeceira), ampliada poucos anos antes	139
Fig. 8 – Coro da Capela Pontifícia do Palácio do Quirinale	140
Fig. 9 – Cancelada da capela-mor da Patriarcal	141
Fig. 10 – Cancelada para o coro lateral da Basílica Patriarcal (Capela de N. S. da Conceição)	142
Fig. 11 – Cancelada para uma das capelas laterais da cabeceira da Patriarcal	143
Fig. 12 – Cancelada para uma das capelas laterais da cabeceira da Patriarcal	144
Fig. 13 – Cancelada do batistério da Patriarcal	145
Fig. 14 – Projeto inicial para a pia batismal da Basílica Patriarcal	146

Fig. 15 – Pia batismal da Basílica Patriarcal	147
Fig. 16 – Painei do batistério da Patriarcal, representando o Batismo de Cristo.	148
Fig. 17 – Moldura do painei do Batismo da Basílica Patriarcal.....	149
Fig. 18 – Batistério da Patriarcal	150
Fig. 19 – Pavimento do batistério da Patriarcal	151
Fig. 20 – Planta da Basílica Patriarcal	152
Fig. 21 – Planta da sacristia da Basílica Patriarcal.....	153
Fig. 22 – Planta do Palácio Patriarcal	154
Fig. 23 – Vista do Paço da Ribeira antes do terramoto.	155
Fig. 24 – Vista da Praça da Patriarcal depois do terramoto.....	156
Fig. 25 – Vista do Paço da Ribeira depois do terramoto.	157
Fig. 26 – Planta de Lisboa, com a antiga cidade e a Lisboa pombalina (pormenor).....	157
Fig. 27 – Vista do novo complexo Patriarcal, edificado à Cotovia.	158
Fig. 28 – O incêndio da Patriarcal	159

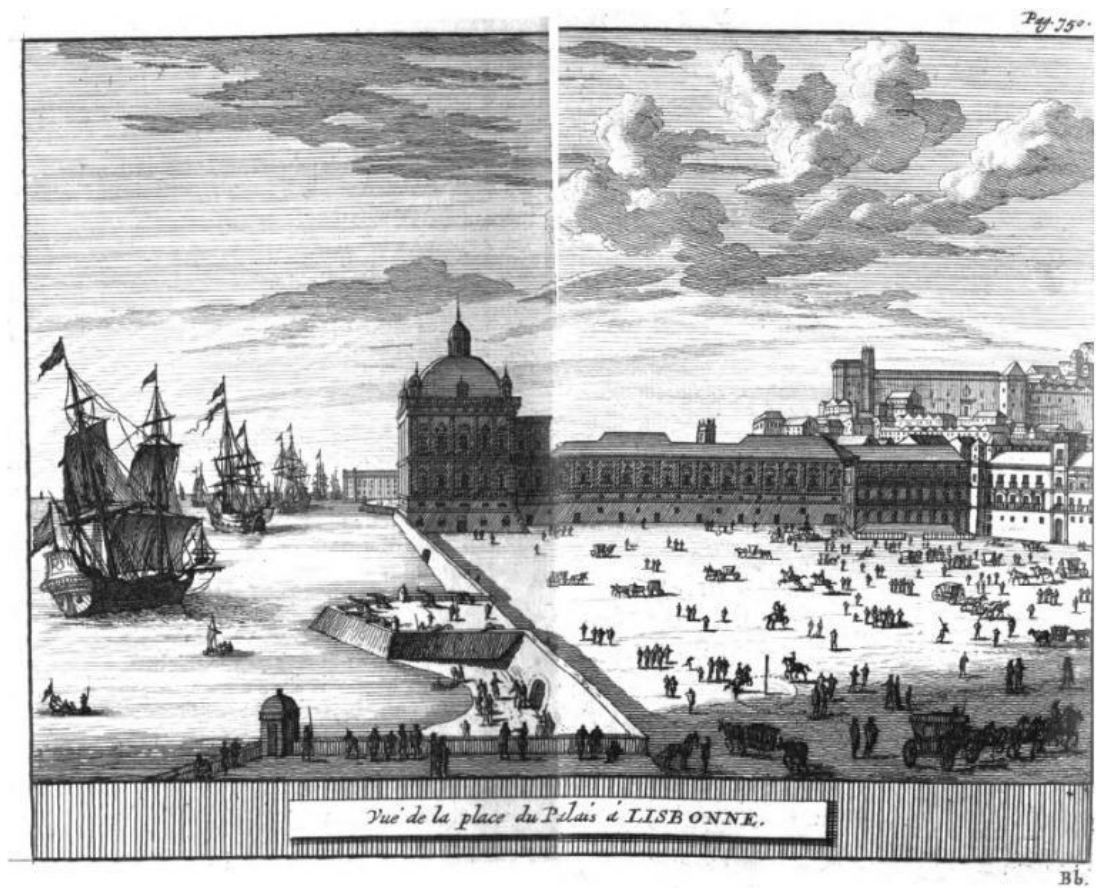


Fig. 2 – Vista do Paço da Ribeira

Circa 1707

In COLMENAR, Juan Alvarez – *Les delices de l’Espagne et du Portugal*. Tomo 4. Leyden, Pierre van der Aa: 1707. p. 750



Fig. 3 – Batismo do filho primogénito de D. João V, D. Pedro, Príncipe do Brasil, vendo-se o interior da Capela Real

1712

Recueil. *Collection Michel Hennin. Estampes relatives à l'Histoire de France* [Image fixe]. Tome 84, Pièces 7352-7442, période: 1711-1712. Bibliothèque Nationale de France, département Estampes et photographie, RESERVE FOL-QB-201 (84). Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8408169w>

© Bibliothèque Nationale de France

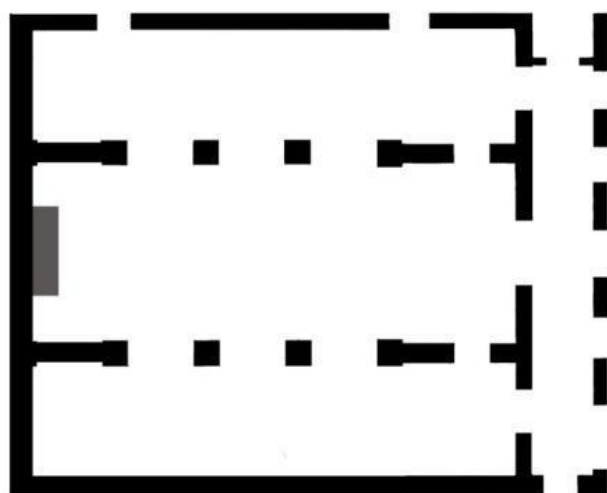


Fig. 4 – Reconstituição conjectural da planta da Capela Real edificada no período da Restauração, com a planta que teria em finais do reinado de D. Pedro II

Reconstituição conjectural do autor, baseada na planta da Biblioteca da Ajuda (Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17) e no alçado de João Nunes Tinoco (Biblioteca da Ajuda – 51-IX-3)

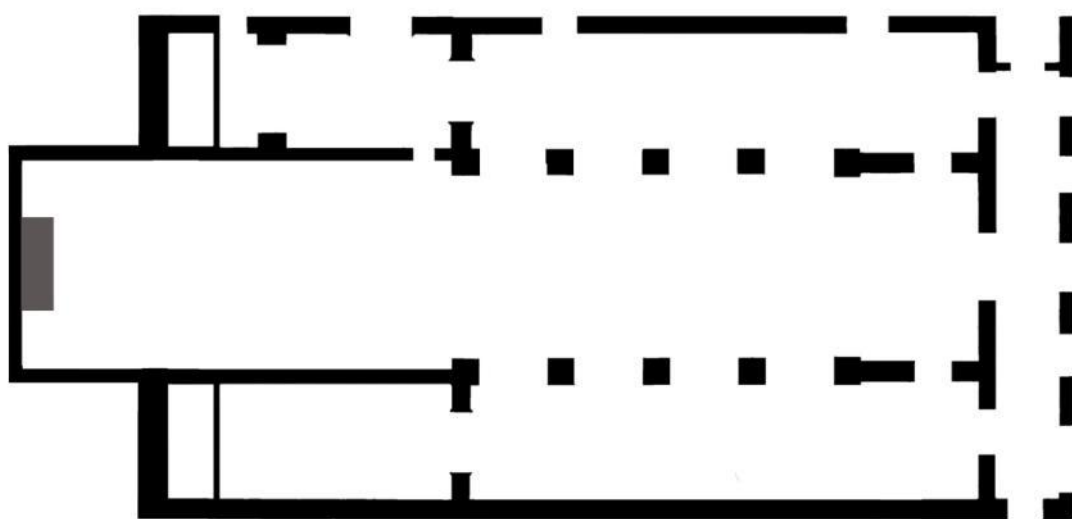


Fig. 5 – Reconstituição conjectural da Capela Real após as obras promovidas a partir de 1707, vendo-se a capela-mor e as naves ampliadas, com a construção das duas capelas colaterais da cabeceira

Reconstituição conjectural do autor, baseada na planta da Biblioteca da Ajuda. Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17

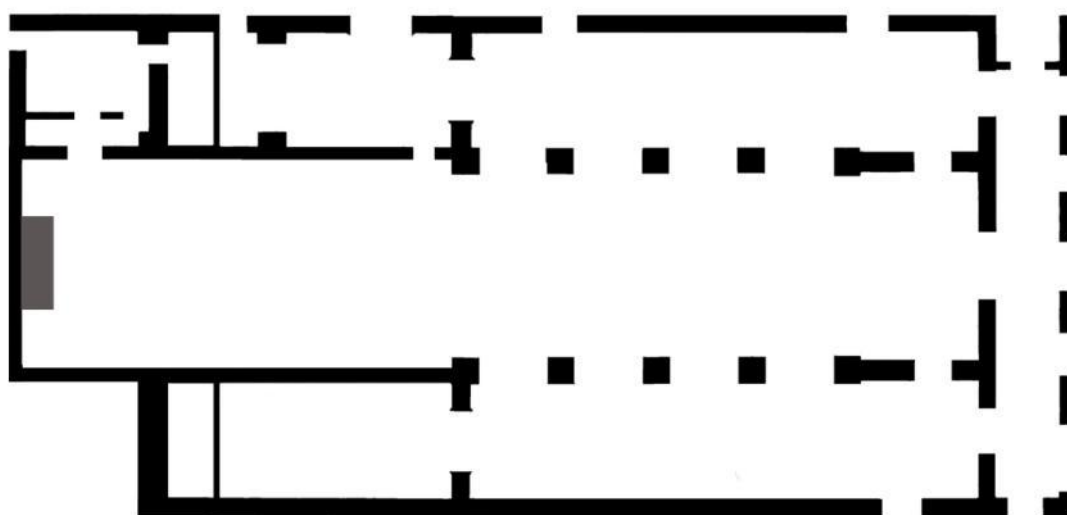


Fig. 6 – Reconstituição conjectural da Capela Real no período à volta da sua elevação a Basílica Patriarcal, vendo-se a abertura de uma nova entrada lateral, do lado do Evangelho, e a construção de uma segunda sacristia, do lado da Epístola, junto ao altar-mor (a sacristia mais antiga não é visível nesta planta)

Reconstituição conjectural do autor, baseada na planta da Biblioteca da Ajuda (Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17).

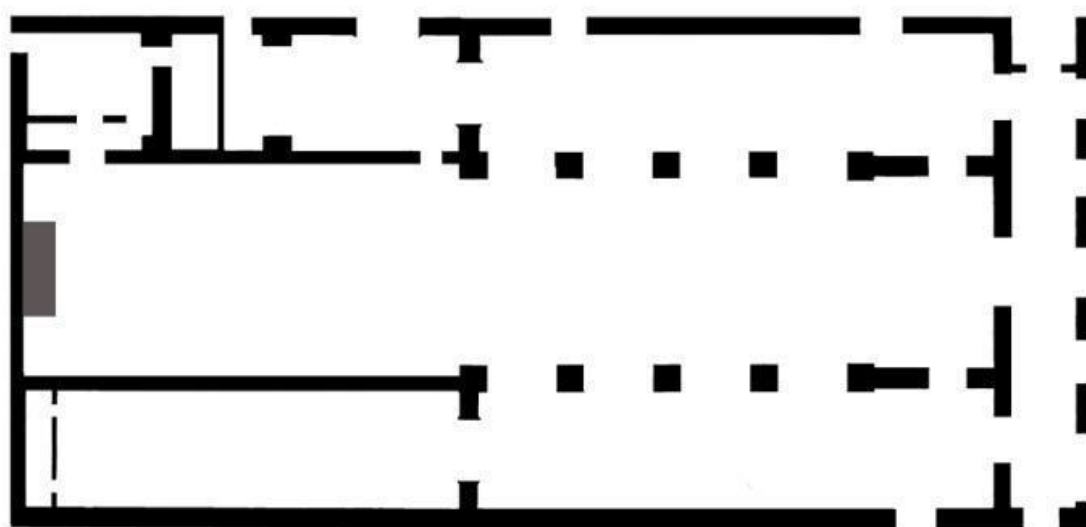


Fig. 7 – Planta da Basílica Patriarcal pouco antes da sua destruição em 1755, vendo-se a Capela do Santíssimo Sacramento (do lado do Evangelho, na cabeceira), ampliada poucos anos antes.

Decalque da planta da Biblioteca da Ajuda, usada para as reconstituições conjecturais anteriores.

Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17, 17a e 17b

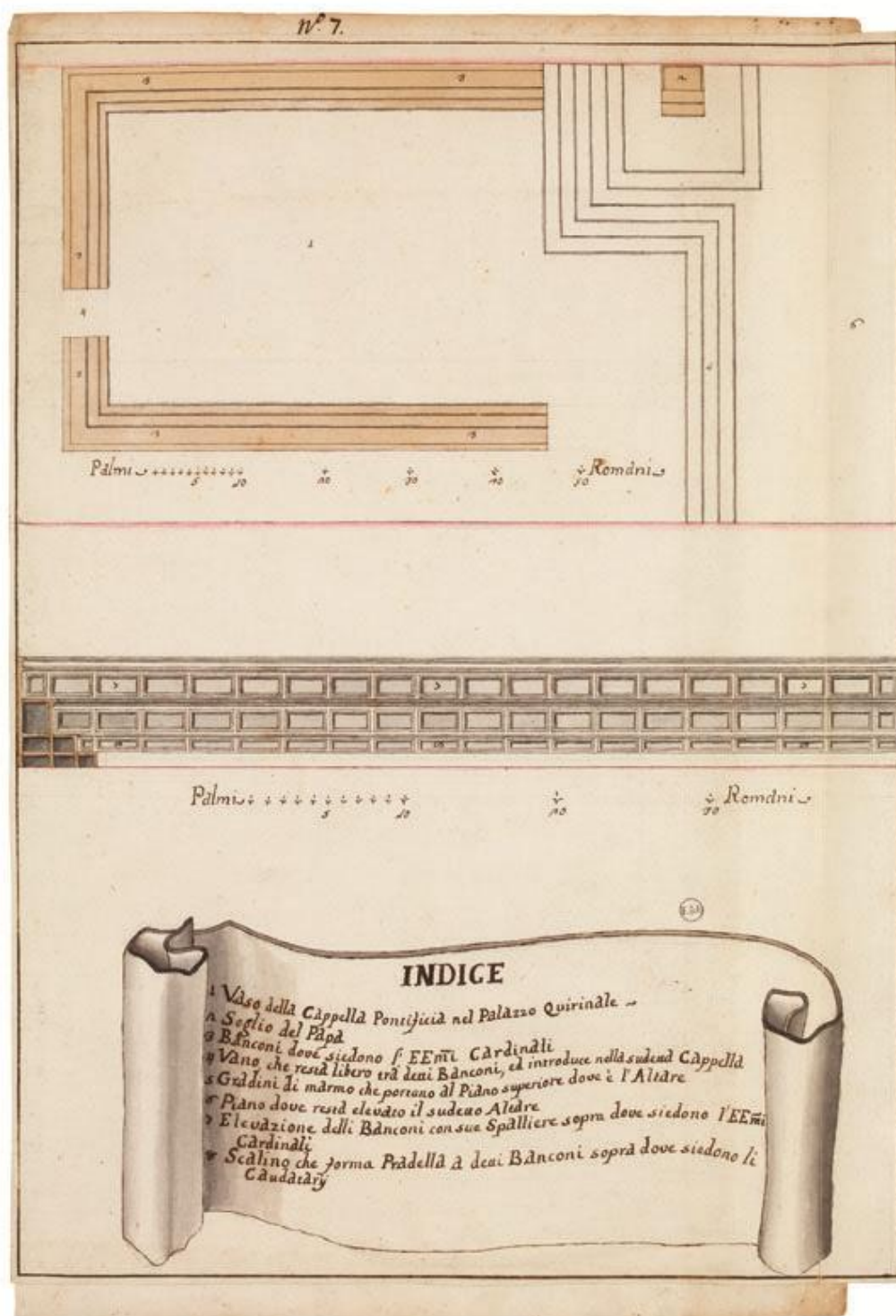


Fig. 8 – Coro da Capela Pontifícia do Palácio do Quirinale

1745

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 7 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

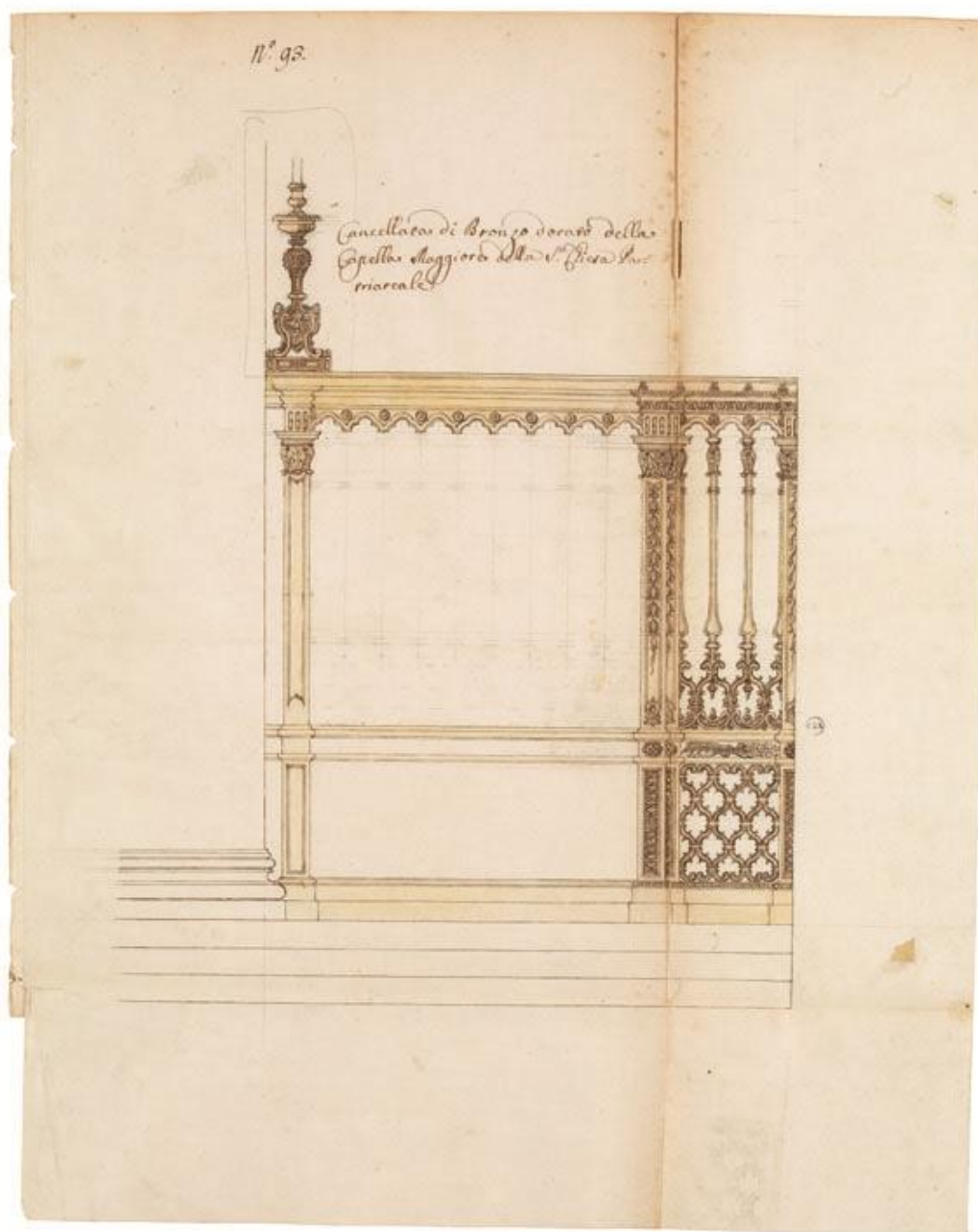


Fig. 9 – Cancelada da capela-mor da Patriarcal

Álbum compilado em 1745

Cancelada feita em Roma por Antonio Arrighi, 1743-1747, bronze dourado.

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 93 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

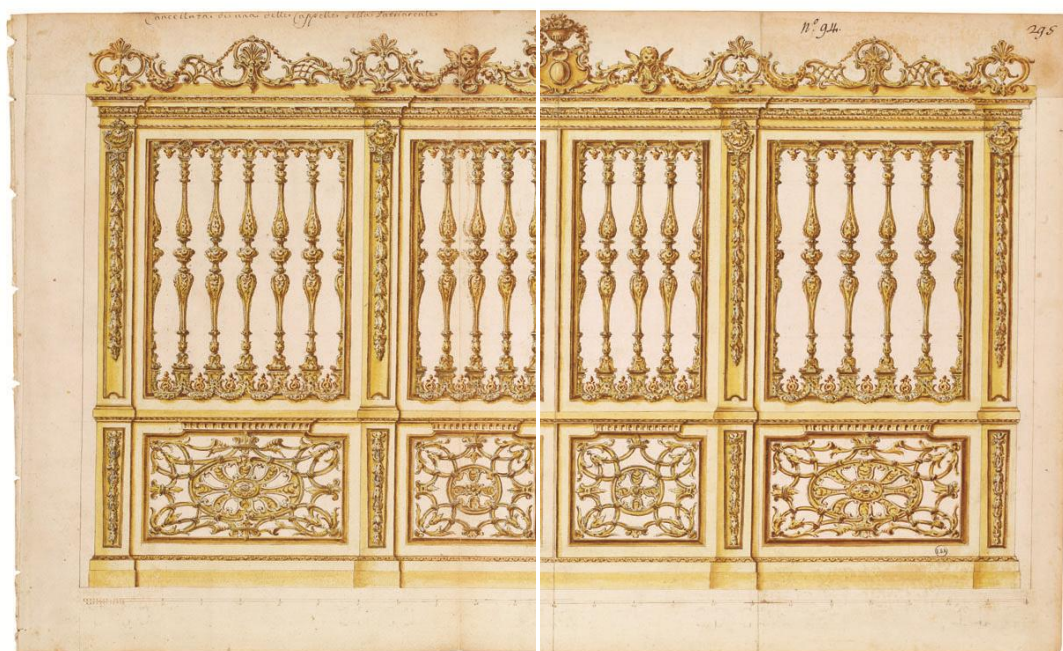


Fig. 10 – Cancelada para o coro lateral da Basílica Patriarcal (Capela de N. S. da Conceição)

Desenho de 1745

Cancelada por Matteo Piroli, Roma, 1743-1747, bronze dourado

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 94, fols. 294-295 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

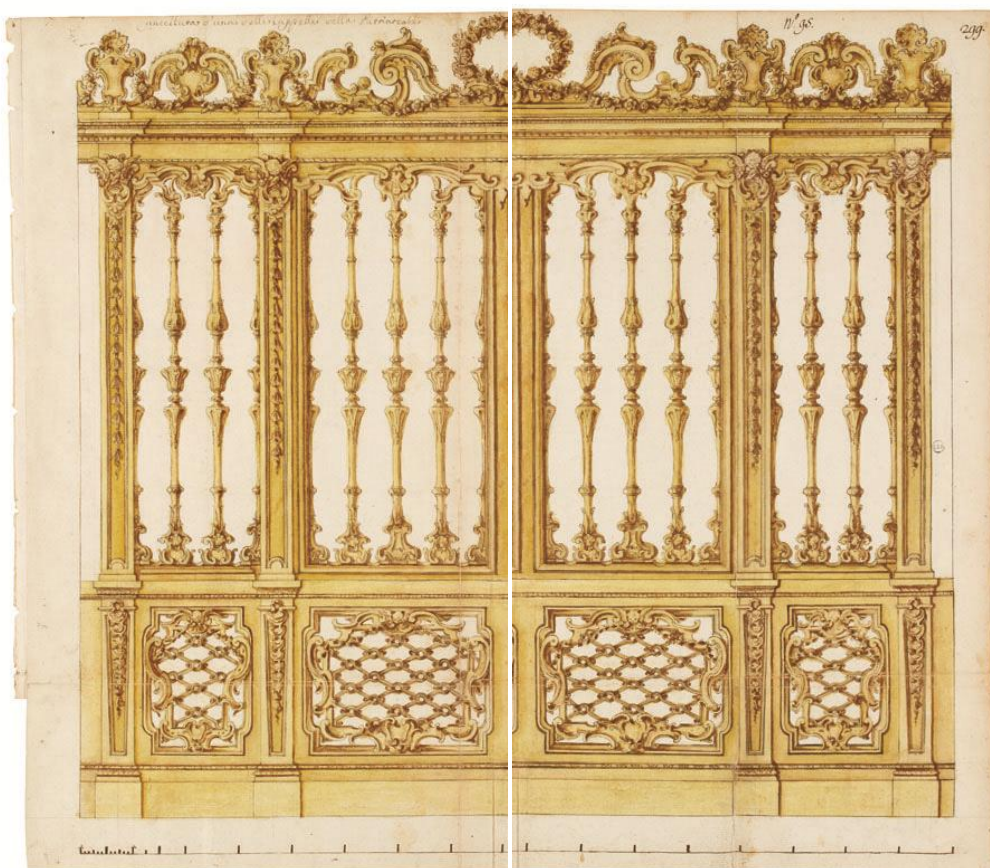


Fig. 11 – Cancelada para uma das capelas laterais da cabeceira da Patriarcal

Desenho de 1745

Cancelada por Paolo Zappati, Roma, 1743-1747, bronze dourado

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 95 fols. 298-299 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa



Fig. 12 – Cancelada para uma das capelas laterais da cabeceira da Patriarcal

Desenho de 1745

Cancelada por Antonio Montauti, Roma, 1743-1747, bronze dourado

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, fól. 301 e segs (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

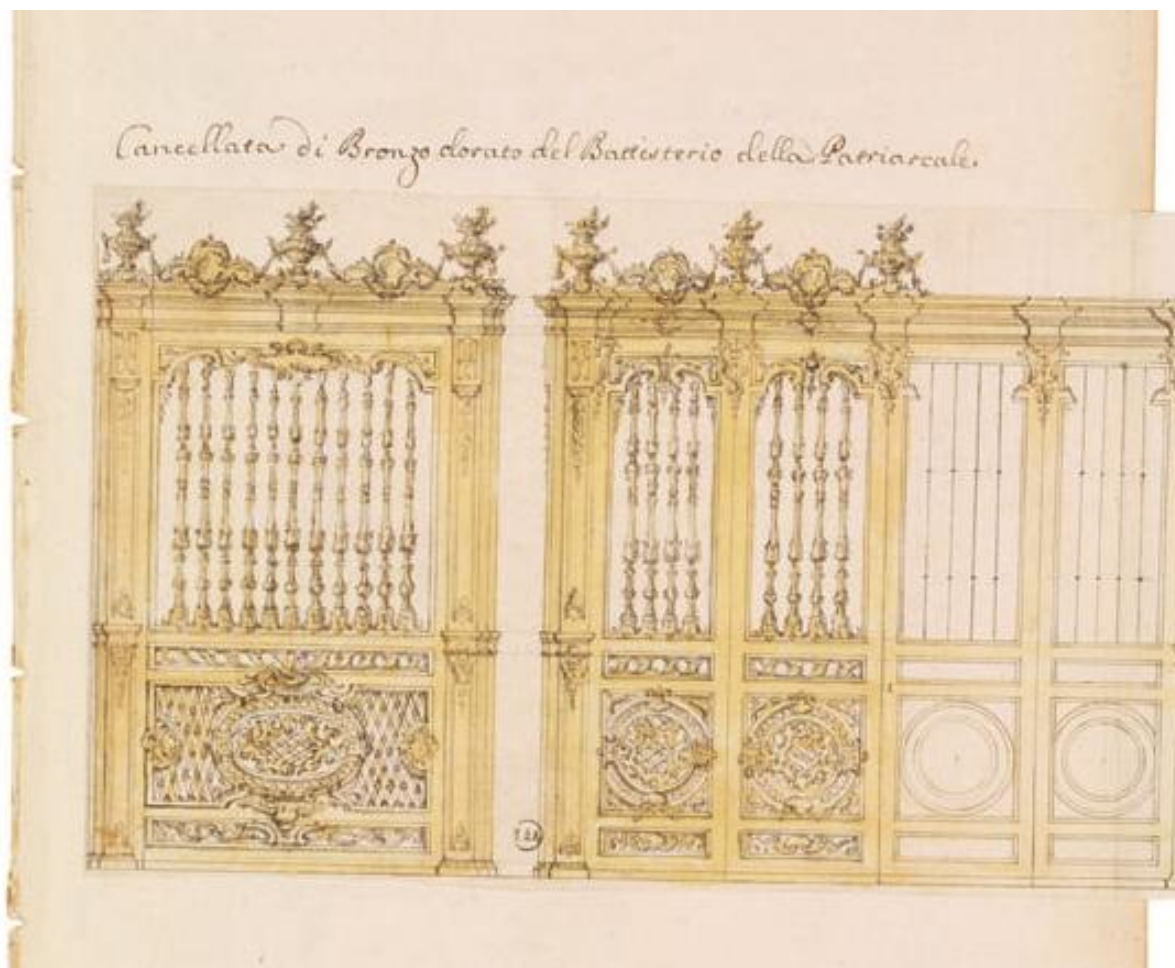


Fig. 13 – Cancelada do batistério da Patriarcal

Desenho de 1745

Cancelada por Andrea Valadier, Roma, 1743-1747, bronze dourado

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 87 fól. 269 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa



Fig. 14 – Projeto inicial para a pia batismal da Basílica Patriarcal

Projeto de Luigi Vanvitelli e Nicola Salvi, 1743-1744

Museu Nacional de Arte Antiga, inv. 171 Des

© Museu Nacional de Arte Antiga / Direção Geral do Património Cultural / Carlos Monteiro



Fig. 15 – Pia batismal da Basílica Patriarcal

Desenho de 1745

Cantaria por Pietro Paolo Rotolone; metais de Francesco Giardone com modelos de Alessandro Giusti; projeto de Luigi Vanvitelli, Nicola Salvi e João Frederico Ludovice. Roma, 1743-1747

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 88 fól. 273 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa



Fig. 16 – Painel do batistério da Patriarcal, representando o Batismo de Cristo.

Desenho de 1745

Painel pictórico feito por Agostino Masucci e Sebastiano Conca, óleo sobre tela. Roma, 1743-1747

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 89 fól. 277 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

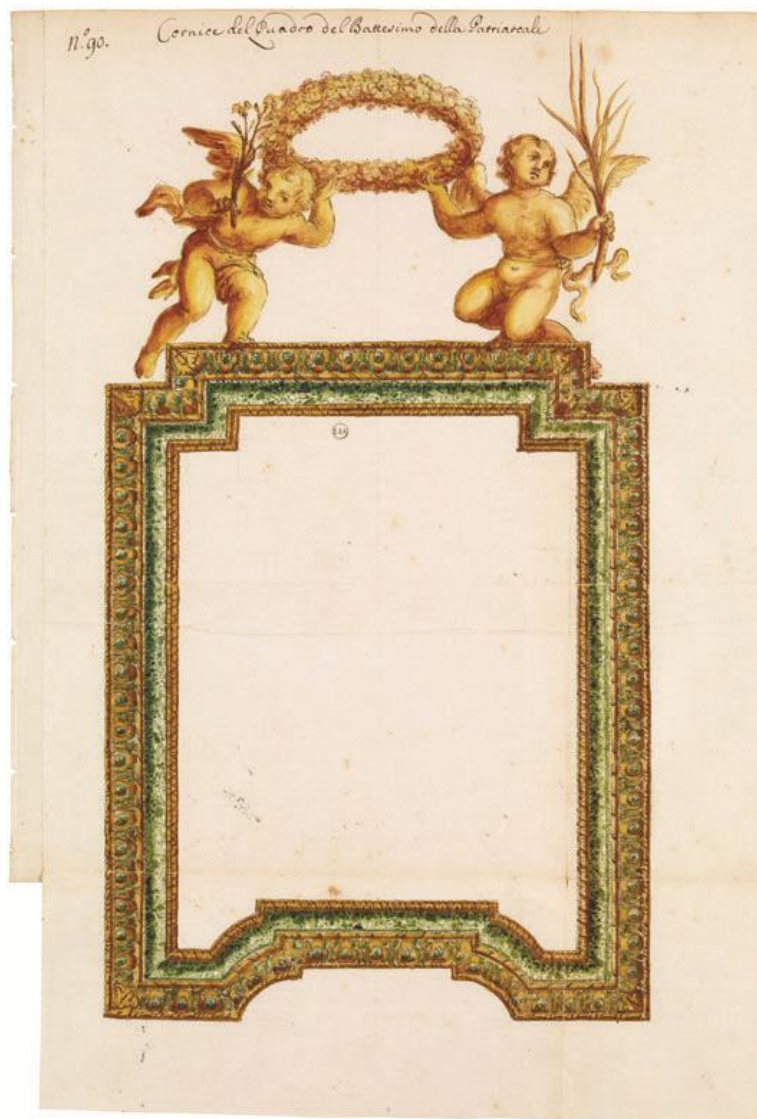


Fig. 17 – Moldura do painel do Batismo da Basílica Patriarcal

Desenho de 1745

Moldura por Giuseppe Ricciani. Roma, 1743-47, bronze dourado.

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 90 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

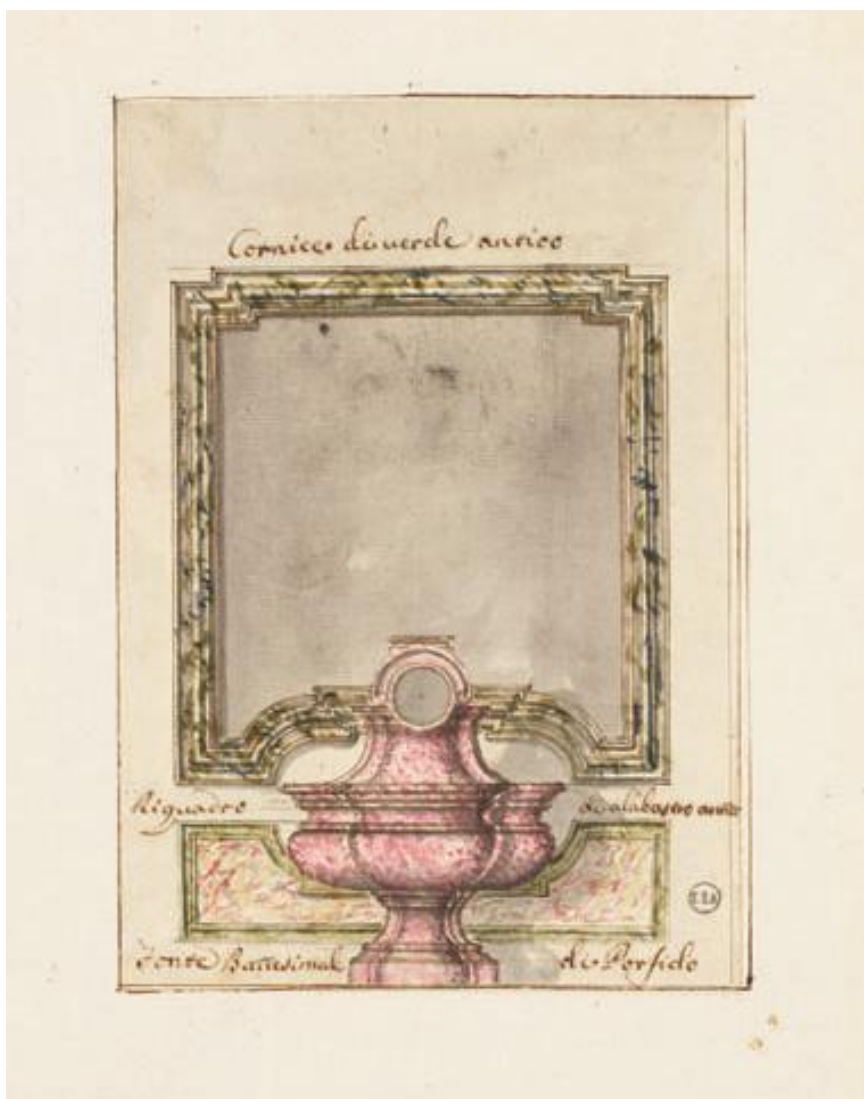


Fig. 18 – Batistério da Patriarcal

Desenho de 1745

Cantaria feita por Pietro Paolo Rotolone; projeto de Luigi Vanvitelli, Nicola Salvi e João Frederico Ludovice. Roma, 1743-1747

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 91 fól. 288 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

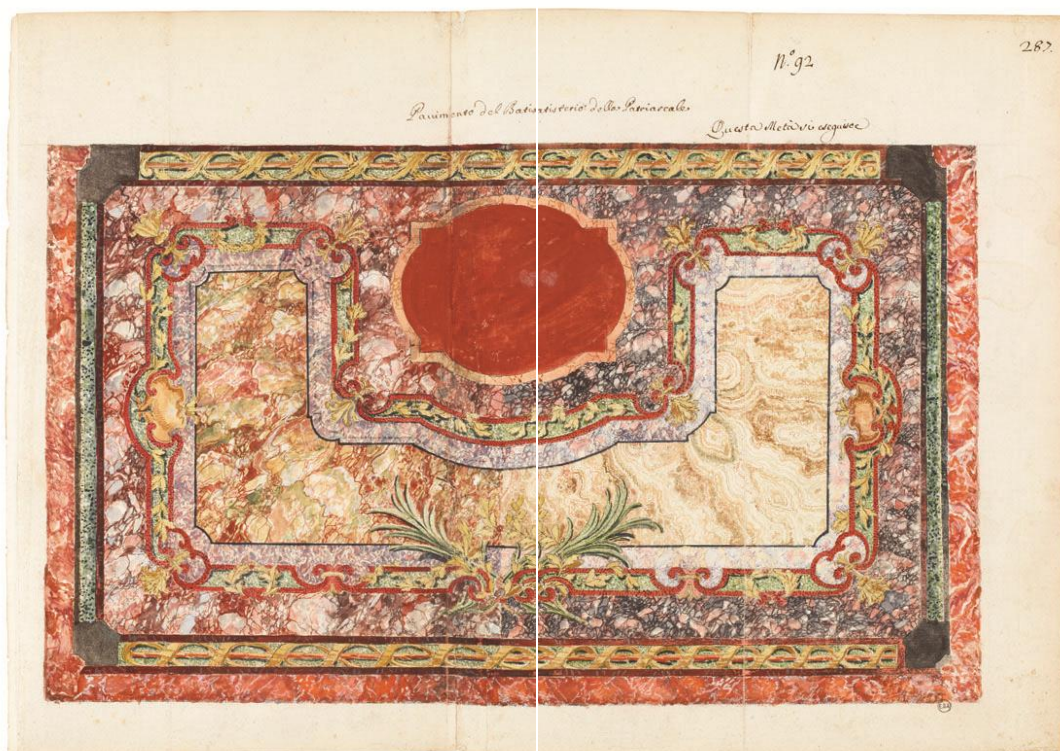


Fig. 19 – Pavimento do batistério da Patriarcal

Desenho de 1745

Cantaria feita por Pietro Paolo Rotolone; projeto de Luigi Vanvitelli, Nicola Salvi e João Frederico Ludovice. Roma, 1743-1747

Libro degli Abozzi de Disegni delle Commissioni che si fanno in Roma per ordine della Corte, dito *Álbum Weale*, des. N.º 92 fól. 287 (pub. integralmente em VALE, Teresa Leonor (coord.) – *De Roma para Lisboa — Um álbum para o Rei Magnânimo*. Catálogo da exposição temporária. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Museu de São Roque / Scribe Produções Culturais, Lda., 2015)

© Bibliothèque de l'École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

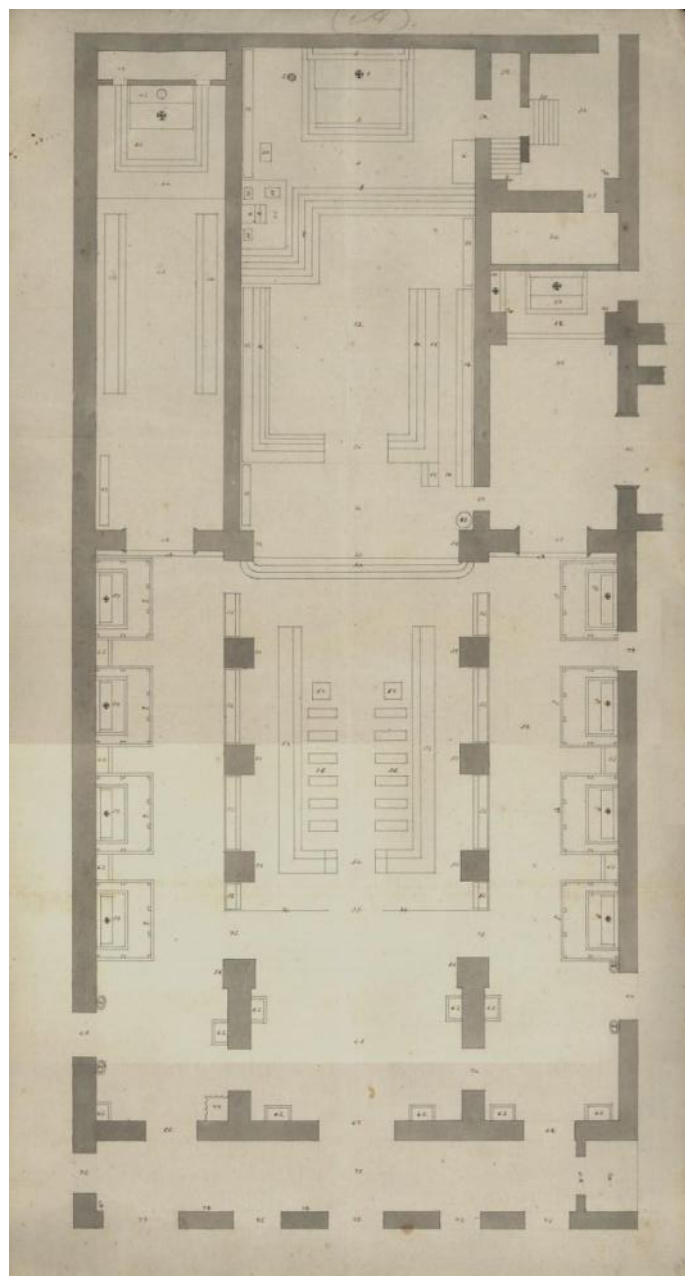


Fig. 20 – Planta da Basílica Patriarcal

Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17

© Biblioteca da Ajuda / Direção Geral do Património Cultural

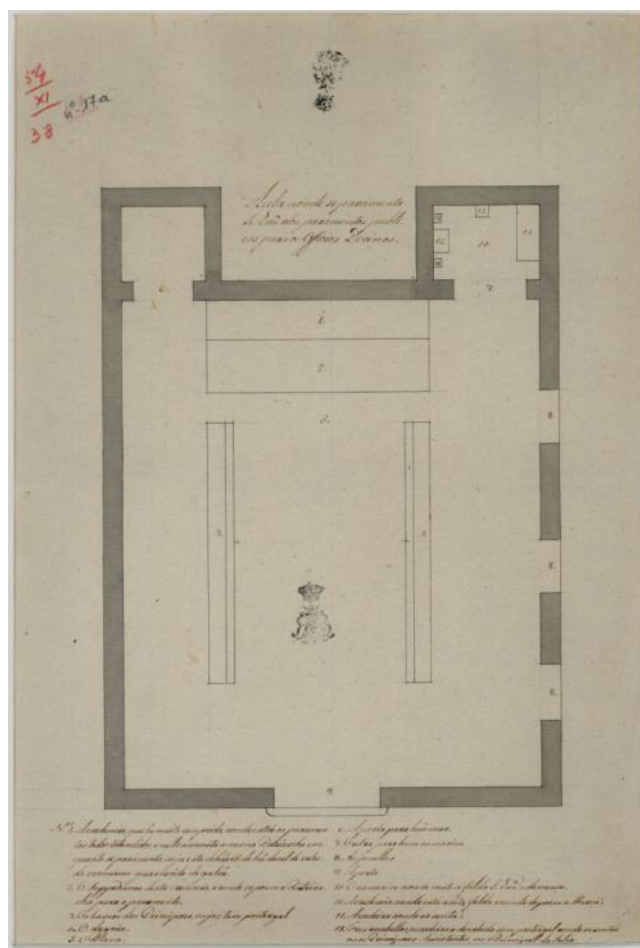


Fig. 21 – Planta da sacristia da Basílica Patriarcal

Biblioteca da Ajuda – 54-XI-38, 17^a

© Biblioteca da Ajuda / Direção Geral do Património Cultural



Fig. 23 – Vista do Paço da Ribeira antes do terramoto.

Francisco Zuzarte (atrib.), c. 1740

Vista do Terreiro do Paço.

Lisboa, Museu da Cidade, inv. MC.DES.0837

© Museu de Lisboa



Fig. 24 – Vista da Praça da Patriarcal depois do terramoto.

Miguel Tibério Pedegache e Jacques Philipe Le Bas, 1757

Collecção de algumas ruínas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novemb.ro do anno de 1755 debuxadas na mesma cidade por MM. Paris et Pedegache e abertas ao buril em Paris por Jac. Ph. Le Bas.

Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção de Iconografia. Cota do exemplar digitalizado: ea-352-a. Disponível em: <http://purl.pt/12181>



Fig. 28 – O incêndio da Patriarcal

Joaquim Manuel da Rocha, c. 1769

Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (inv. 1004)

© Fundação Ricardo Espírito Santo Silva

Anexo documental

Metodologia de transcrição paleográfica.

Neste trabalho usou-se a metodologia de transcrição paleográfica em vigor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Destaca-se, designadamente:

- O respeito pela grafia original, não se atualizando caracteres.
- A colocação de uma barra inclinada à direita para assinalar fins de linha e duas barras inclinadas à direita para assinalar fins de página.
- A formatação em itálico dos caracteres que se acrescentaram, em virtude do desenvolvimento de abreviaturas, não se encontrando no texto original.
- A transcrição de sinais ortográficos tal como se encontram no original, nomeadamente hífen e parêntesis.
- A marcação com *[sic]* de eventuais partes do texto interpretadas como erros, por parte do escrivão, pelo transcritor.

Na documentação que já se encontrava publicada em formato de escrita contemporânea, mas que achámos por bem transcrever pois contribui para elucidar o tema em estudo, não se empregou qualquer tipo de metodologia de transcrição paleográfica, tendo sido transcrita tal e qual como foi publicada.

Para mais informação metodológica p.f. *vd* ALVES DIAS, José *et al.* – *Álbum de paleografia*. Lisboa, Editorial Estampa: 1987

Índice do anexo documental

Trelado de alvará de aprovação da Bula de ereção da Capela Real em Colegiada de São Tomé, conseguida por intermédio de Nuno da Cunha de Ataíde, e de aprovação da anexação dos proveitos das igrejas de Santa Maria e de São Salvador de Odemira à mesma colegiada, para aplicação na sua ornamentação e fábrica.	164
<i>Corografia Portuguesa e Descrição Topografia do famoso Reyno de Portugal</i>	165
Descrição da Capela Real.....	166
Treslado de alvará concedendo aos cônegos da Patriarcal a mesmas honras e prerrogativas dos bispos.....	168
Treslado de alvará de aprovação da divisão perpétua da cidade de Lisboa, tanto eclesiástica como político-administrativa – passando a haver duas cidades, Lisboa Oriental e Lisboa Ocidental – com indicação do modo de organização dos respetivos senados	169
Treslado de carta de doação perpétua de 220 marcos de ouro de 22 quilates por ano ao Patriarca D. Tomás de Almeida e seus sucessores.....	173
<i>Historia Critico-chronologica da Instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucaristia.</i>	175
<i>Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora</i>	178
<i>Descrição corografica do Reyno de Portugal</i>	179
Carta de João Batista Carbone a Manuel Pereira de Sampaio, encomendando desenhos e peças para as exposições do Santíssimo Sacramento, tal como se fazem na Basílica de São Pedro	180
Treslado de alvará reunificando a cidade de Lisboa, extinguindo-se Lisboa Oriental e Lisboa Ocidental e reunindo-se o senado.	181
Carta, atribuível a Ludovice, com instruções enviadas para Roma relativamente à encomenda de canceladas em bronze dourado para quatro capelas da Patriarcal	182
Carta de João Batista Carbone para Manuel Pereira de Sampaio, encomendando uma nova grade para o antigo batistério da Patriarcal	184
Carta de João Batista Carbone para Manuel Pereira de Sampaio, encomendando o novo batistério da Basílica Patriarcal, a ser integralmente refeito	185

Carta de João Batista Carbone para Manuel Pereira de Sampaio, com indicações adicionais para a encomenda do batistério	185
Resposta à proposta desenhada para o novo batistério da Patriarcal, que fora enviada de Roma.....	187
Pedido de alteração do risco para a cancelada da capela-mor da Patriarcal.....	188
Parecer relativo às várias propostas desenhadas para o batistério da Patriarcal, que foram enviadas de Roma.....	189
Treslado de alvará autorizando nova forma de governo das rendas e dependências da Santa Igreja Patriarcal.....	190
Provisão de nomeação de escrivão de juiz executor do Patriarcado, com cópia do alvará régio que autoriza a cobrança das dívidas da Patriarcal como se cobram as da Real Fazenda, com faculdade de nomear executores em todas as dioceses do Reino.	191
Carta pedindo planta do pedestal para a estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal, para ser apresentada a João Frederico Ludovice	194
Reparos de João Frederico Ludovice, relativamente ao pedestal da estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal.	195
<i>O Paço Real da Ribeira</i>	195
<i>Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils</i>	198
Treslado de termo feito nos dias seguintes ao terramoto, no Palácio do Principal Leitão, à Junqueira, onde se instalara a Congregação Camarária da Patriarcal, relativo aos valores monetários e alguma prata lavrada localizados.	199
<i>Memórias Paroquiais</i>	201
Estimativa de custos e proveitos de Mateus Vicente de Oliveira e Eugénio dos Santos para desmantelamento da Patriarcal, com parecer favorável ao mesmo.	202
Parecer de Mateus Vicente de Oliveira sobre a melhor forma de desmantelar a Patriarcal, enunciando-se a intenção de aproveitar os portais e escadarias.....	203
Parecer de Mateus Vicente de Oliveira favorável ao desmantelamento da Patriarcal, por ser economicamente rentável o reaproveitamento de alvenarias e cantarias.....	204
Treslado de aviso de doação de custódia em ouro por D. José I	205

Trelado de alvará de aprovação da Bula de ereção da Capela Real em Colegiada de São Tomé, conseguida por intermédio de Nuno da Cunha de Ataíde, e de aprovação da anexação dos proveitos das igrejas de Santa Maria e de São Salvador de Odemira à mesma colegiada, para aplicação na sua ornamentação e fábrica.

Excerto

Lisboa, 9 de maio de 1710 – data do original

Lisboa, 7 de outubro de 1780 – data do trelado

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261, doc 48

Eu ElRey. Faço saber aos que este Alvará virem, que o Meu Ca-/pellaõ Mor Nuno da Cunha de Ataíde, Bispo de Targa, do Conselho de Esta-/do, e Inquisidor Geral destes Meus Reinos, e Senhorios, me representou, que / por dezejar, como pede a obrigação de bom Prelado, que na Minha Capella / Real se augmentasse o Culto Divino, quanto fosse possível, para maior / honra de Deos, e authoridade della, alcançara do Santo Padre Clemente / Vndecimo ora Prezidente na Igreja de Deos, huma Bulla para se eri-/gir na dita Minha Capella huma Insigne Collegiada da invocação do / Apostolo São Thome, com seis Dignidades, a saber: Deaõ, Chantre, Ar-/cipreste Arcediado, Thezoureiro Mor, e Mestre Escola, com dezoito Conegos / mais, e doze Beneficiados, com todas as honras, preeminencias, insignias, / e liberdades, que por direito, costume, privilegio, ou por qualquer outro / modo competiram às mais Collegiadas Insignes, e com as Prebendas, por-/ções, e destribuições declaradas na mesma Bulla, com faculdade para / Eu apresentar as ditas Dignidades, Canonicatos, e Beneficios, e serem os / por Mim apresentados, instituidos, e Collados pelo dito Meu Capellaõ Mor / e Seus Successores, sem que em tempo algum possam ter lugar nas ditas / Dignidades, Canonicatos, e Beneficios as reservas Apostolicas;

unindo / o mesmo Santo Padre á dita Collegiada para parte do seu dote (in-/terviesse o Meu consentimento) os fructos, e rendas das Igrejas Parochiaes / de Santa Maria, e São Salvador da Villa de Odemira, que são do Meu / Real Padroado, e com reserva sómente de certa porção para congrua de / dous Vigarios perpetuos, que haõ de curar as ditas Igrejas, ficando sem-/pre de Meu Padroado, como eram antes os priorados: com declaração / que // que os fructos das ditas duas Igrejas, desde o tempo da sua vacatura até ao pre-/zente ficariaõ applicados para ornamentos

da dita Collegiada, e Sua Fabrica. /

E tendo consideração ao louvavel, e justo requerimento do dito Meu Capellaõ / Mor, e que seria agradável a Deos, e conveniente á Minha Real Capella des-/ta Cidade, condecorar se com huma Insigne Collegiada, e por ser justo dar se á execução a dita Bulla da sua erecção, e reconhecendo a obrigação que como Rey / tenho de dezejar, e procurar o augmento do Culto Divino, e mais especialmente / na Minha Real Capella desta Cidade, para que nella seja Deos louvado, com toda / aquella grandeza e decencia, que lhe he devida, e se espera da piedade, e da Religião / de hum Rey Catholico. Hey por bem, e me praz dar o Meu Consenti-/mento assim para a erecção da dita Collegiada, como para a uniaõ das / ditas duas Igrejas de Santa Maria, e São Salvador de Odemira na for-/ma que se contém no theor da dita Bulla, que me foi presente, e o Hey aqui por expresso, e declarado, como se de todo fosse incerto neste Alva-/rá, que quero que se cumpra, e guarde como nelle se contém, posto que seu / effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo de não passar / pela Chancellaria, e das Ordenações livro Segundo Titulos trinta e / nove, e quarenta em contrario, e de todas as mais Leys, Glozas, e / Opinioes de Doutores que rezistem á validade deste Meu Consen-/timento; por que para este caso uzando do Meu Poder Real, e / absoluto, as Hey por revogadas, para que em tudo tenha vigor es-/te Alvará.

Jeronimo Godinho de Niza o fez em Lisboa a nove / de Mayo de mil setecentos e dez. Bartholomeu de Souza Mexia / Secretario do expediente, e meaces fis escrever, e sobrevi.

=REY.= /

Corografia Portuguesa e Descripçam Topografia do famoso Reyno de Portugal

Excerto (capítulo intitulado *Da insigne Collegiada de S. Thomè, que he Capella Real*)

António Carvalho da Costa.

Lisboa, 1712

In COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa e Descripçam Topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo 3. Lisboa, Officina Real Deslandesiana: 1712. pp. 662-663

Da insigne Collegiada de S. Thomè, que he Capella Real /

A Magestosa, & Real Capella, he hum famoso Templo de / tres naves, com duas portas, que sahem para hum grande / pateo de figura prolongada, que adornaõ 52 janellas / de grades. Tem,

àlem da Capella môr, da parte do Euangelho cin/co Altares, com o da Capella do Santissimo Sacramento, & da ban/da da Epistola tres, com hũa sumptuosa Sacristia, adornada de bons / payneis de excellentes pinturas, com ricos ornamentos, & muytas / peças de ouro, & prata para o serviço da Igreja. Tem duas torres, / hũa do relógio com seu mostrador, & outra dos sinos que mandou / fazer o senhor Rey D. João V. o qual alcançou hum Breve do Sum/mo Pontifice Clemente XI. para ser Collegiada, & Paroquia dos / criados da sua Casa, aonde tem sua pia de bautizar. /

As Reliquias que estão nesta Igreja, são o corpo de S. Victor / Martyr, a cabeça de hũa das onze mil Virgens, & o Santo Lenho, *que* / està dentro de hũa grande Cruz de ouro, (que consta de muytos / diamantes, esmeraldas, rubins, & perolas, & he das melhores que / ha na Europa) àlem de outras muytas da Casa de Bragança, que se / haõ de pôr em hum grande Santuario, que Sua Magestade com ou/tras mais obras intenta fazer. /

Tem esta Real Collegiada seis Dignidades, a saber, Deaõ, Chan/tre, Acipreste, Arcediado, Thezoureyro môr, & Mestre Esco/la; dezoyto Conegos, doze Beneficiados, vinte Capellaês, / dous Thezoureyros, hum Altareyro, hum Cura com seu Coadju/tor, quatro Confessores, vinte & quatro Moços da Capella, & vinte / Musicos com o seu Mestre. Tem o Deaõ dous mil cruzados de renda, / & as mais Dignidades tem de renda seiscentos mil reis; os Conegos / quinhentos cada hum; os Beneficiados duzentos & cincoenta; os Capellaês cem; & os Moços da Capella oytenta. O Mestre da Ca/pella tem trezentos mil reis de renda, & os Musicos oytenta mil reis / cada hum, àlem de seus acrescentamentos. Todas estas Dignidades, / Conegos, // Beneficiados, & Capellaês; tem as Missas livres. [...]

Descrição da Capela Real

Manuscrito, s.n., s.d. (redação datável do terceiro quartel do século XVIII, mas copiada da *Corografia Portuguesa e Descripçam Topografia do famoso Reyno de Portugal*)

In *Catálogos e outros documentos referentes a assuntos eclesiásticos*. BNP – Coleção de Manuscritos Reservados – Cota: MSS. 177

Capella Real

A Capella Real contigua aos Paços da Ri/beira em Lisboa he hum famozo Templo de tres / naves, com duas portas, que sahem para hum *grande* / pateo de figura prolongada que adornam

52 ge/nellas de grades. Tem, alem da Capella mor, da / parte do Evangelho sinco Altares com o da Capela / do Santissimo Sacramento, e da banda da Episto/la tres, com huma sumptuoza sachristia, adorna/da de bons payneis de excelentes pinturas com Ricos ornamentos e muitas peças de ouro e pra/ta para o serviço da Igreja. Tem duas torres, / huma do Relogio com seu mostrador, e outra dos sinos que mandou fazer El Rey D. João o 5.^o / o qual a elevou a Collegiada insigne com o Titulo / de S. Thome, impetrando Breve do Summo Pon/tifice Clemente XI. para ser collegiada, e jun/tamente Paroquia dos criados da sua caza, com / bia de baptizar, em o anno de 1708.

Foi instituída esta Real Collegiada / com seis Dignidades, a saber: Deaõ, Chantre, / Acipreste, Arcediado, Thezoureiro mor, e Mestre / Escolla; dezoito Conegos, doze Beneficiados, / vinte Capelaës, dous Thezoureiros, hum Alta/reiro, hum cura com seu coadjutor, quatro / Confessores, vinte e quatro moços da capella, / e vinte Muzicos com o seu Mestre / Tem // o Deaõ dous mil cruzados de Renda, e as ma/is Dignidades tem de Renda seiscentos mil Reis; / os Conegos quinhentos mil Reis cada hum; os Be/neficiados duzentos e sincoenta; os Capelaës cem; / e os moços da capella oitenta; o Mestre da capella / tem trezentos mil Reis de Renda, e os Muzicos oiten/ta mil Reis cada hum alem de seus accrescenta/mentos; E todas estas Dignidades, Conegos, Be/neficiados, e Capelaës tem as Missas Livres. /

Despois querendo o mesmo Rey illustrar / a sua corte com huma Igreja Patriarcal, que nos / privilegios e grandeza se distinguisse com incom/paravel diferença de todas as outras Cathedraes / conseguiu esta graça do mesmo Pontifice Clemente / XI. que lha concedeo por huma amplissima Bul/la, chamada Aurea, expedida em Roma aos 7 / dos Idus de Novembro, que he aos 7 do dito mes / do anno de 1716; e em execuçaõ della passou / esta Collegiada a Basilica Patriarcal, intitu/lando se Patriarca o Prelado desta Diocezi. //

Treslado de alvará concedendo aos cônegos da Patriarcal a mesmas honras e prerrogativas dos bispos.

Excerto

Lisboa, 24 de dezembro de 1716 – data do original

Lisboa, 6 de outubro de 1780 – data do treslado

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 22

Eu / El Rey. Faço saber aos que este Alvará virem, que tendo respeito a haver Sua / Santidade dividido esta Cidade, e Seu Arcebispado em dous, erigindo em Cathedral / Metropolitana Patriarcal a insigne Collegiada da Minha Real Capella, concedendo / ás Dignidades, e Conegos da nova Cathedral os privilegios, graças, e preeminencias, / que se declaram no Motu Proprio, que expedio o Santo Padre. E dezejan-/do Eu conceder ao referido Cabido as honras, e merces, de que o julgo digno.

Hey / por bem, e me praz, que daqui em diante as Dignidades, e Conegos em quanto o forem / da dita Sé, assim os que de presente são, como os que ao diante forem, gozem de to-/das as honras, preeminencias, prerrogativas, authoridades, privilegios, graças, liberdades, / merces, e franquezas, que haõ, e tem, e de que uzam, e sempre uzaram os Bispos des-/tes Meus Reinos, assim como por direito, uzo, e costume delles lhes pertence, dos quaes / em tudo, e por tudo, quero, e mando, que elles uzem, e possam usar, e lhes sejam guar-/dados em todos os actos, e tempos, em que por direito, uzo, ou costume devam dellas / uzar, sem mingramento, ou duvida alguma, que a isso lhes seja posta; por que as-/sim he minha vontade, e mercê; e de todas as honras, privilegios, e preeminencias refe-/ridas gozaraõ, logo que entrarem na posse das suas Dignidades, e Conezias, e sem / que lhes seja necessario mais despacho, ou acto algum; com declaração, que as Dig-/nidades, e Conegos se prefiram entre si em todos os actos, e lugares onde concorrerem / pela mesma ordem, e forma, que se preferirem na dita Sé; e ordeno, que sempre / que assistirem no Paço, Tribunaes, e Cores do Reino, ou outros quaesquer actos Ci-/vis, e Seculares, se sigam immediatamente aos Bispos, constituindo com Elles / hum mesmo Corpo, como estes o formam com as Arcebispos; preferindo porem / ás referidas Dignidade, e Conegos, o Bispo mais moderno, como nos sobreditos / actos se pratica com os Arcebispos a respeito dos Bispos.

E por firmeza de tudo / o // o que dito he, lhes mandei dar este Alvará, que quero, e hey

por bem que valha, te-/nha força, e vigor como se fosse Carta feita em Meu Nome, e passada pela Chancel-/laria, posto que por ella não passe, e que o seu effeito haja de durar mais de / hum anno, sem embargo das Ordenações do Livro Segundo, titulo trinta e no-/ve, e quarenta, que o contrario dispõem, que para este effeito hey por dispen-/sadas.

Caetano de Souza e Andrade o fez em Lisboa aos vinte e quatro / de Dezembro de mil setecentos e dezaseis. Diogo de Mendonça Corte Re-/al o sobservevi [*sic*]. = REY =

Treslado de alvará de aprovação da divisão perpétua da cidade de Lisboa, tanto eclesiástica como político-administrativa – passando a haver duas cidades, Lisboa Oriental e Lisboa Ocidental – com indicação do modo de organização dos respectivos senados.

Excerto

Lisboa, 15 de janeiro de 1717 – data do original

Lisboa, 10 de outubro de 1780 – data do treslado

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 21

Eu ElRey. Faço saber aos que este Alvará virem: Que havendo respeito / á singular graça, que o Santo Padre Clemente Undecimo, ora na Igreja de Deos / Prezidente liberalmente fez a estes Meus Reinos, e Senhorios, e muito particular-/mente a esta Minha muito nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa, erigindo nella, / e na mesma Minha Real Capella huma Basilica Patriarcal com Prelado do mes-/mo Titulo, além de outras honras, graças, e poderes de que o dotou; e semelhante-/mente ao Cabido da mesma Igreja, fazendo-o singular entre todos os do Mundo / Christão; e por esta cauza dividio o mesmo Santo Padre o antigo Arcebispado / de Lisboa em duas distinctas Diocezes, e a mesma antiga Cidade em duas Cida-/des distinctas, chamando lhes Lisboa Oriental, que ha de ser regida no Es-/piritual pelo Prelado da Sé antiga, e outra Lisboa Occidental, que ora começa / a reger do mesmo modo o Prelado da mesma Basilica;

a qual devizaõ, e / denominação das ditas duas Cidades assim feitas pelo Santo Padre, Eu as aprovo, / e de Meu amplo poder as divido, e denomino do mesmo modo para sempre, e / quero que divididas sejam perpetuamente, posto que das palavras por que o San-/to Padre se explica na separação que dellas faz, se não podesse, ou não devesse / entender feita a dita divizaõ, ou

carecesse da Minha aprovação; por que suprimo / a tudo, interponho Meu Real Poder, e as declaro formalmente divididas huma / da outra, e mando que se distingão pelos titulos de Oriental, e Occidental, que / o Santo Padre lhes dá para sua separação, conservando a cada huma dellas, to-/das as honras, privilegios, e mais graças, que gozava a antiga Cidade antes de / ser dividida. E pelos mesmos respeitos, e outras muitas, e muito justas cauzas / que a isso me movem, para maior firmeza desta divizaõ, e perpetua separação / de territorio de huma, e outra Cidade, Fuy Servido ordenar a todos os Meus / Tribunaes, Juizes, e mais Justiças, e Officiaes de Meu Serviço, que nos Papeis, que / ex-// expedirem, ou fizerem expedir, assim em particular, como em commum, façam sem-/pre pôr as datas com a distinção de Lisboa Occidental, ou Lisboa Oriental, confor-/me a residencia que tiverem, ou lugar donde fizerem as ditas expedições nas / duas Cidades de Lisboa; que se acham divididas com os ditos dous titulos, e com / as demarcações, que já lhes foram feitas.

E por que achando se assim separa-/das para sempre as duas Cidades convem muito á sua regencia Temporal, e / politica, que cada huma tenha seu distincto Senado da Camara, por bem / do governo economico de cada huma delas, e mais effeitos das Vereações das / Cidades, e representação de Seus Povos: Hey por bem, e me praz dividir / o mesmo antigo Senado da Camara, que consta de hum Presidente, Seis / Vereadores, hum Escrivão da Camara, dous Procuradores da Cidade, e qua-/tro Procuradores dos Mesteres della, os quaes todos constituiam hum só Cor-/po, e agora Sou Servido, que constituaõ dous distinctos, e formaes Senados / da Camara, e cada hum com seu distincto Presidente, que lhe nomearei, / Fidalgo, e as mais partes dos que até aqui o eram, e com o numero de trez Ve-/readores, hum Procurador da Cidade, dous Procuradores dos Mesteres, e hum Es-/crivaõ da Camara, para o que tambem crearei de novo outro lugar de Escri-/vão, que há de ter as partes, e gozar de todas as honras, prerogativas, e privilegios / que sempre gozaram, e tiveram os antigos Escrivaes da mesma Camara: E / cada hum dos ditos dous Senados (pelo modo sobredito) fará representação em / cada huma das ditas Cidades divididas, governando nellas, e isto pela ordem, / e forma seguinte, a saber: O Presidente que Eu primeiro nomear, e os trez / Vereadores, que ora são mais antigos, e hum dos sobreditos Escrivaes da Cama-/ra, qual delles Eu elleger, e o mais antigo Procurador da Cidade, com os dous / mais antigos Procuradores dos Mesteres, na ordem da sua nomeação, todos / juntos representem o Corpo da Camara desta Cidade de Lisboa Occidental: / E o Presidente, que Eu tambem logo crear, e nomear, e os trez mais modernos / Vereadores, que hoje são, e o Escrivão da Camara, que Eu eleger dos dous so-

/breditos, e o mais moderno Procurador, que hoje he da Cidade, e os dous mais / mo-// modernos Procuradores dos Mesteres della, representem o Corpo da Camara da / Cidade de Lisboa Oriental: E deste modo huns, e outros daqui em diante as-/sim se chamem, intitulem, e distingam, e cada hum dos ditos dous Senados, / e Seus Presidentes, e Ministros gozem sem diminuição todas as honras, e / jurisdicções, que até aqui teve sempre o antigo Senado da Camara:

E to-/dos estes juntos provejam como de antes, e na forma dos antigos Regi-/mentos, e Decretos nas duas Cidades divididas, em tudo o que cumprir / a Meu Serviço, e bem commum dos Povos, e faraõ nova Caza de Vereação / no lugar mais accommodado nesta Cidade de Lisboa Occidental, aonde des-/pacharaõ em trez dias de cada Semana todos os sobreditos juntos, e os outros / trez dias de cada Semana despacharaõ como soyaõ na Caza antiga da su-/a Vereação da Cidade de Lisboa Oriental, ficando por este modo com seis di-/as de despacho em cada Semana na forma em que o fazem os outros Meus / Tribunaes: E no mesmo dias em que se ajuntarem na Caza da Vereação des-/ta Cidade de Lisboa Occidental, despacharaõ tambem negocios da Cidade de / Lisboa Oriental; e no em que se ajuntarem na Caza da Vereação de Lisboa / Oriental despacharaõ tambem negocios desta Cidade de Lisboa Occidental, e / faraõ executar tudo em ambas as divididas Cidades na forma de Se-/us Regimentos, Decretos e Posturas, com tanto que os autos, e as datas de / todas suas expedições as fação em nome da Cidade, em cuja Caza de Ve-/reação forem feitos os ditos despachos, e em cada huma das ditas Cazas de Ve-/reação exercitará cada hum dos ditos Presidentes a sua jurisdição prezi-/dindo o Presidente da Camara da Cidade de Lisboa Occidental nos actos, / que se fizerem na Caza de sua Vereação, e o Presidente da Camara da Ci-/dade de Lisboa Oriental na Caza de sua Vereação tambem Oriental, achan-/do se sempre ambos juntos em cada huma das ditas Cazas:

E quanto á / preferencia dos lugares entre os Presidentes, tanto em huma Caza de / Vereação como na outra, se observará o que se practica com os Vedores de / Minha Fazenda, e cada hum dos ditos Escrivaes da Camara (por ora) ex-/ ex-// exercitará do mesmo modo o seu Officio; e quanto ás distribuições dos papeis, e ma-/is negocios entre os ditos dous Escrivaes, os Senados provaõ o que entenderem, / e me consultaraõ para Eu determinar o que for servido: E nas funções em / que houver de ser prezente, ou de qualquer modo chamado, e requerido o di-/to Senado em qualquer das duas Cidades divididas, façam somente repre-/zentação com o Presidente trez Vereadores, Escrivaõ, Procurador da Cidade, / dous Procuradores dos Mesteres, que todos tiverem o titulo, e denominação da tal Cidade a donde se fizer a função, chamamento, notificação,

acompa-/nhamento, ou outra couza semelhante, e seraõ associados em Corpo de Ca-/mera com a mettade dos Officiaes, e mais pessoas, que sempre costumaram / acompanhar o dito Tribunal nos taes actos, em quanto foi hum só, e isto / em quanto Eu não mandar tomar nova forma neste modo de acompanhar em to-/do ou em parte:

E em quanto durarem nesta administração das duas Cidades / divididas os ditos dous Presidentes, e seis Vereadores pelo modo sobredito, have-/raõ em cada hum anno alem dos ordenados, que agora levam, cada Prezi-/dente mais duzentos mil reis, e cada hum dos Vereadores mais cem mil / reis, havendo respeito ao trabalho que lhes cresce em despacharem todos os dias, e tambem / á utilidade que recebem estes Povos na maior frequencia dos ditos seus despachos; e es-/te tal acrescentamento lhes será pago a cada hum na mesma folha, e pelo mesmo / modo que lhe foram até aqui pagos os antigos ordenados, acrescentando lhe esta ver-/ba de duzentos mil reis a cada Presidente, e de cem mil reis a cada Vereador, por / ser assim minha mercê. E por esta forma os ditos dous divididos Senados regeraõ / as ditas duas Cidades divididas como até qui o faziam este mesmos Vereadores / antes de Eu os separar, e o faraõ assim emquanto Eu não mandar o contrario, e / não fizer total divizaõ de governo, e rendas das ditas duas Cidades, as quaes ren-/das me praz, que fiquem por ora commuas entre os mesmos dous Senados; e / se para melhor expediente for necessario multiplicar os mais Officiaes, e pesso-/as que servem a cada huma das ditas Cazas de Vereação os ditos dous Preziden-/te, os ditos Meus dous Senados, me consultaraõ com seus pareceres para Eu / re-// rezolver o que mais cumprir a Meu Serviço; e os ditos Presidentes, Vereadores, e mais Officiaes sirvaõ Seus Cargos cumprindo inteiramente com as obrigações, que por Mi-/nhas Ordenações, Regimentos, Decretos, e outras Provizoões estam ordenados.

E / Hey por bem, que este Meu Alvará valha, e tenha força e vigor, como se fosse / Carta feita em Meu Nome, por Mim assignada, e passada por Minha Chancella-/ria, sem embargo da Ordenação do Livro Segundo titulos trinta e nove, e qua-/renta, que o contrario dispoem, e este passará por Minha Chancellaria. Ma-/thias Ribeiro da Costa o fez em Lisboa Occidental aos quinze dias do mez / de Janeiro de mil setecentos e dezasete annos. Bartholomeu de Souza Me-/xia o fiz escrever. = REY =

Treslado de carta de doação perpétua de 220 marcos de ouro de 22 quilates por ano ao Patriarca D. Tomás de Almeida e seus sucessores.

Lisboa, 1 de abril de 1719 – data do original

Lisboa, 6 de abril de 1780 – data do treslado

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 19

Dom João por Graça / de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, dáquem, e dálem Mar, em Africa Senhor / de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da / India etcetera

1. Faço saber aos que esta minha Carta de Doação virem, que havendo o / Santo Padre Clemente Undecimo, ora por Divina Providencia Prezidente / na Universal Igreja de Deos, tido por conveniente ao Serviço do mesmo Senhor, / e ao mayor augmento do Culto Divino erigir de seu motu proprio, e certa scien-/cia a Minha Capella Real desta Corte, que era Collegiada insigne com titulo / de Saõ Thomé, em Sé Patriarcal, com as exuberantes preeminencias, prerogati-/vas, e privilegios concedidos, assim á dita Sé, como ao Prelado della, elevando-o / á Dignidade de Patriarca, com as circunstancias, que constam das Bullas / Aureas, que o mesmo Santo Padre expedio para este effeito, do que tudo rece-/bi grande prazer, e contentamento.

2. E tendo consideração a que na parte, que se dividio para o Territorio do / Patriarcado, não ficaram rendas bastantes para o dito Patriarca poder com-/moda, e decentemente sustentar o seu estado, e Dignidade; pelo que he razão / que do Meu Patrimonio Real Eu supra o que falta como costumaram fazer / os Senhores Reys Meus Predecessores, que com louvavel liberalidade, e magnificen-/cia dotaram tantas Igrejas; e havendo Deos Nosso Senhor augmentado as Mi-/nhas Rendas com o Ouro, que se tira das Minas Geraes; e sendo justo, que do / rendimento dos quintos se tire alguma porção para se aplicar á Igreja, em / reconhecimento daquelle beneficio. //

3. Hey por bem de Meu Motu Proprio, Certa Sciencia, Poder Real, e absoluto, / fazer pura, firme, e irrevogavel Doação para sempre á Igreja, e ao mesmo / Patriarca, e Seus Successores no Patriarcado, de duzentos e vinte marcos de / Ouro em cada hum anno conformes no peso ao Padraõ, que hoje se conser-/va nos Senados destas Cidades; o qual Ouro será de Ley de vinte e dous qui-/lates, e os ditos duzentos e vinte marcos lhe serão pagos em quatro paga-/mentos, cada hum em seu quartel, pelo Thesoureiro do Conselho Ultra-/marino, em especie, ou em dinheiro

equivalente aos ditos duzentos e vinte / marcos por seu justo valor.

4. E quando por algum accidente se retardem, ou faltem de todo os ditos / quintos, pagará a mesma importancia sem diminuição alguma de / quaesquer outras rendas, que houver no Conselho, e pertencerem a sua / repartição prezenemente, ou pelo decurso do tempo ao diante lhe pertencerem, entrando nellas as das Dizimas das Alfandegas das mesmas Con-/quistas, que com as mais rendas serão todas obrigadas á satisfação desta / Minha Doação para que não possa ter falencia este pagamento.

5. E com declaração, que os Ordenados, Consignaçoẽs, Soldos, Juros, e / Tenças, que até o presente houver nas referidas rendas, preferirão a esta / Consignaçoẽ, que desde hoje principiará a sua antiguidade, como preferen-/cia a todas as despesas, que depois desta se ordenarem, de qualquer nature-/za que sejam, ainda aos Ordenados.

6. E declaro, que os sobreditos duzentos e vinte marcos de Ouro, de / que cada hum anno faço doação ao Patriarca, e perpetuamente a / Seus Successores, que sempre devem ser pelos proprios merecimentos, e por / todas as qualidades, as primeiras, e principaes pessoas de Meus Reinos, e a-/inda poderaõ ser os Infantes delles, quero se apliquem principalmente á / sustentação de sua pessoa, caza, e estado para mayor aumento do es-/plendor e magnificiencia della; e tendo consideração a que por este modo / lhe ficaraõ aos Patriarcas mais livres as outras rendas, que ao presente / tem, e de futuro por qualquer modo lhe podem crescer, para as poderem // distribuir em esmolas, e mais obras de piedade, a que saõ obrigados.

7. Declaro tambem, que nas rendas desta Doação não poderá jamais em / tempo algum haver rezerva de pensão a favor de qualquer outra pessoa, ain-/da da quarta parte, ou outro qualquer encargo perpetuo, ou temporal; por-/que com esta condição a faço, e assim quero se conserve; esperando na infini-/ta bondade de Deos será tanto do Seu Divino agrado esta offerta, que não só se augmentará o rendimento dos quintos, mas o das mais rendas, que / subsidiariamente vaõ consignadas.

8. E quero que esta Minha Doação, com todas as clauzulas nella / insertas, valha, tenha força, e vigor para sempre, e não possa ser revoga-/da em tempo algum, nem por algum titulo se possa por duvida ao seu / cumprimento, ainda que as rendas do Patriarcado se augmentem, crescen-/do lhe outras rendas Eccleziasticas, ou Seculares, ainda por Doaçõe Rea-/es; sem embargo de quaesquer Leys, Ordenaçõe, ou Decretos em contrario; / por que tudo Hey por

derogado, e de nenhum vigor para este effeito, e da / Ordenação do Livro Segundo, titulo quarenta e quatro, que dispoem, que / se não entenda derogada Ordenação alguma, sem que da substancia / della se faça expressa menção, ou de qualquer Alvará, ou Decreto, que / o mesmo declare.

Faço saber assim ao Prezidente, e Conselheiros do Con-/selho Ultramarino, para que o façam executar muito pontual, e inteiramen-/te como nesta Minha Carta se declara; e por firmeza de tudo o que dito he, / mandei passar esta Carta por Mim assignada, passada pela Chancellaria, / e sellada com o Sello pendente de Minhas Armas, e não pagará direi-/to algum por que assim o Hey por bem.

Dada nesta Cidade de / Lisboa Occidental ao primeiro dia do Mez de Abril.

Mathias Ribeiro / da Costa a fez, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo / de mil setecentos e dezanove. Diogo de Mendonça Corte Real a sobs-/crevi = El Rey =

(...)”

Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucaristia.

Excerto (com descrição do interior da Basílica Patriarcal)

Inácio Barbosa Machado

Lisboa, 1759 (redigida, no entanto, *circa* 1719)

In MACHADO, Inácio Barbosa – *Historia Critico-chronologica da Instituiçam da festa, procissam, e officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucaristia*. Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno: 1759. pp 145-148

[...]

He pois esta Igreja, como Capella Real, a mayor / da Europa, e como Cathedral huma das mayores, e mais / desembaraçadas Igrejas de Portugal. Corresponde-lhe o / precioso, e agradável dos materiaes, que sao finos mar/mores, e pinturas admiráveis cercadas de huma perfeita, / e bem relevada talha dourada. Divide-se em três naves / de comprimento, e largura proporcionada, tendo mayor / vaõ a do meyo, que he de todas a mais alta, e a mais / bem revestida com ornamentos de architectura. Está fun/dada sobre grossos pilares quadrados de cantaria, taõ bem / lavrada, e

burnida, que sendo compostos de muitas pe/dras, ou peças, mostraõ à vista ser huma somente: tal / he o primor da sua estrutura. /

Nestes pilares descançaõ magestosos arcos, com/postos dos mesmos mármore, aos quaes domina a cor/nija, ou frizo, que vay geralmente uniforme, coroan/do toda a sua grandeza, e serve como de baze às pare/des que sobre os arcos fazem segundo corpo do mesmo / Edificio. São estas paredes rasgadas em formosas janellas, / que por crystallinas vidraças illuminaõ a Igreja, e daõ / regulada proporção ao Templo em todas as suas partes. /

A distancia das paredes, que correm entre as / janellas, está coberta de raras pinturas, obra dos melho/res Artifices do seculo passado; são quadros de notavel / grandeza, mostrando em primoroso pincel, gloriosas [sic] / e sagradas acções de alguns Santos Portuguezes, ou que / santificaraõ martyrizados a nossa Patria. Nelles se vê S. / Damaso condemnando heresias, S. Verissimo com as suas / Irmãs sofrendo o martyrio; Santo Antonio obrando mi/lagres, S. Gonçalo fabricando a ponte; S. Joaõ de Deos / exercitando a caridade com o mesmo Christo; Santa En/gracia recebendo com a morte multiplicadas Coroas; / Santa Isabel unindo com o Cetro a virtude; e Santa Se/nhorinha no Claustro adquirindo a gloria.

Todos estes formosos quadros, são encaixilha/dos em molduras de talha caprichosamente relevada em / folhas nos dourados. Por cima de todos estes quadros, / e janellas corre huma grande, e vistosa simalha, da qual / nasce o tecto, que em meyo circulo mostra o mais re/gulado convexo da architectura, e nos grutescos de ou/ro assentados em branco, huma das mais excellentes pin/turas, e desenhos, que tem Portugal. Remata, ou fina/liza esta grande nave, ou principal Corpo da Igreja, com hum magestoso arco todo cuberto de ouro o qual serve / de entrada para a Capella mor, cujo vaõ, e comprimen/to he na grandeza igual ao corpo do mesmo Templo, / sendo taõ espaçosa, que no dilatado âmbito da sua lar/gura, tem lugar para celebrar os Pontificaes o Illustrissi/mo, e Eminentissimo Cardeal Patriarca, função que nas / Ecclesiasticas, he da mayor assistencia, e mageftade, que tem / Hespanha, e ainda as mais Cortes de Principes Ca/tholicos. Juntamente tem Coro, donde nas festividades / mais solemnes da Igreja cantaõ innumeraveis Ministros / as Horas mayores, e as Missas da Terça; porque no mais / tempo do anno celebraõ os Officios divinos em outro lu/gar, que no precioso do ornato, e magnificencia da / obra, conserva, e illustra a memoria do Serenissimo Rey / D. Pedro seu Augusto fundador. /

Tem esta Capella mór as paredes ornadas de qua/dros amoldurados com miudos, e

delicados labores de / talha dourada, e para a claridade muitas janellas de vi/draças crystallinas. Nos quadros se vê pintada a vida de / Nossa Senhora, e debaixo delles correm paredes, que sem/pre estão cubertas de pannos de tela franjados de ouro. / O Altar desta Capella he magnifico, e fabricado na for/ma Romana. Tudo quanto nelle se offerece à vista he ou/ro, que burnido em partes, lavrado nas columnas, bri/lhante nos frisos, e velutas representa huma confusão / de luzes, e quando he ferido dos rayos do Sol se trans/forma em hum monte de resplandores. No meyo do Al/tar se admira hum grande painel, no qual o primor da Ar/te representou a gloriosa Assumpção da Virgem Santis/sima, // Orago desta Santa Igreja como he de quasi todas / as Cathedraes do Reino, e da Hespanha. Todo este Al/tar se coroa com hum docel de téla branca guarnecido / com largas, e preciosas franjas de ouro, que ferve igual/mente para ornato, e para magestade. /

As outras duas naves desta Igreja tem a mesma / correspondencia, não excedendo huma a outra, assim na / fabrica, como na architectura. Por hum lado correm / aquelles magnificos, e grossos pilares, em que descançam / os arcos da nave principal, ou do corpo da Igreja, e lhe / formam as faces exteriores destas naves, as paredes que / lhe ficam fronteiras revestidas de fino azulejo, tão excel/lente no labor, como precioso no feitio, e os tectos não / são totalmente convexos, mas estão apainellados, com / moldurões pintados do mais agradavel grutesco. Rece/bem luz estas duas naves das janellas do corpo principal / da Igreja, e de outras rasgadas nas paredes, que corres/pondem aos arcos, ficando collocados com tal disposi/ção, e arte, que illuminaõ toda a Igreja. /

Nestas duas naves se fizeram novamente oito Al/tares de excellente architectura. São fabricados à manei/ra de Roma, compondo-se o seu principal ornato de duas columnas, / cada huma ao seu lado; no meyo retabolos de excellente pintura, que mostram alguma acção / das vidas, e milagres dos Santos, a quem venera com / mayor affecto a religião, e piedade dos Principes da Real / Casa de Portugal. Servem de remate a estes retabolos / humas simalhas, em que assentam quartellas cubertas de / ouro, metal que cobre todas as partes destes Altares. Es/tão cubertos pela parte superior com docéis, como os da / Capella mór, desiguaes na grandeza, mas semelhantes / na matéria, e cercadas de grades primorosamente lavrada/das humas, e torneadas outras. Como coroa destas duas / naves se admiraõ duas Capellas firmadas em quatro arcos, / que rematam em tectos de abobada, e são de architectu/ra admirável. A do lado do Evangelho he toda cosida / em ouro, lugar verdadeiramente para custodia do Sacra/mento, que nesta Capella se guarda em Sacrário tão pre/cioso, // como devido à Magestade, que encerra. Aqui as/sistem

quotidianamente os Irmãos da nobre, e fervorosa / Irmandade, que o nosso Monarca instituiu para obsequio / deste amoroso, e Soberano Senhor. A outra Capella, que / existe no lado esquerdo, e da Epistola, ainda que he da / mesma architectura, differe no seu ornato, que não sem/do tão rico, he mais agradável pelos grutescos do seu te/cto, e pelas armações das suas paredes. /

[...]

Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora

Excerto

Frei Agostinho de Santa Maria

Lisboa Ocidental, 1721

In SANTA MARIA, Frei Agostinho de – *Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Tomo 7. Lisboa Occidental, Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721. pp. 157-163

A magestade, riqueza, & perfeição com que se fazem / todas as acções do Divino culto naquella Basilica, he cou/sa tão grande, que não tem expressão. Os ornamentos todos / são de preciosos bordados, muytos , & vários, as peças assim / em vasos de ouro, & prata são tantos, que quasi excedem a cre/dulidade. Quarenta são as alampadas preciosas em materia, & / fórma, & de excellentes feytios. Oyto Capellas se numèraõ no / corpo da Igreja, cada huma dellas tem tres alampadas. A / Capella do Santissimo Sacramento tem cinco, outras tantas / a Capella mayor, & duas Capellas mais, huma que está em / paralelo com a do Santissimo, tem três, & outras três em hu/ma particular Capella em que rezaõ as Horas Menores. /

Finalmente não se pòde declarar o grande, o rico, & / precioso daquella Santa Basilica, assim nas preciosas arma/ções, pertencentes a ella, todas de tellas riquissimas, & ou/tras de bordados preciosos, & tudo o daquella Sé, & Basilica / he cousa de admiração; porque tudo he Real, & magestoso. / Tudo o que fica dito, he o que toca aos principios, & erec/ção da Patriarcal, agora tratamos da milagrosa Imagem de / nossa Senhora da Piedade, que nella he buscada, & servida / com fervorosa devoção. //

Entre os quadro, & laminas preciosas, & antigas, que / havia na Real, & magnifica Capella de vários mysterios / da vida, & Payxaõ de nosso Senhor Jesu Christo, havia hu/ma, que no modo

da pintura, parecia das mãos do grande Al/berto Dureyro, em que se via ao Author da nossa vida defun/to, & a piedosa Mãy lastimada de ver as crueldades *que* os pec/cadores haviaõ executado no seu Redemptor. Algumas des/tas haviaõ estado nos Altares da mesma Real Capella, & alli / eraõ veneradas, & estavaõ por ornato, em quanto sua Ma/gestade que Deos guarde não fez novas Capellas (ainda que / à face com retabolos proporcionados ao sitio, que permitiaõ / as duas naves exteriores.) Junto aos lados da Capella mòr há/via dous Altares, hum da parte do Evangelho, & outro da / parte da Epistola; em o Altar que estava à parte da Epistola, / estava hum quadro, ou lamina grande, que era o de nossa Se/nhora da Piedade referida: com este quadro se diz, que já no / tempo do Serenissimo Rey Dom Joaõ o IV. que santa Gloria haja, era muyto venerada, & que elle lhe tinha muyta devo/çaõ , & que tambem lhe tinha a mesma o Senhor Rey Dom / Pedro, que está no Ceo, & que todos os dias ouvia Missa no / seu Altar, pelo grande affecto com que a amava; & não consta, / se estes quadros, ou laminas tinhaõ vindo de Villa Viçosa; / & eraõ das alfayas preciosas da Serenissima casa de Bragan/ça. /

Com a nova reformação de Capellas, & retabolos, em / que se fizeraõ também quadros de excellente pintura, & do / tamanho das Capellas, se tiráraõ os quadros pequenos refe/ridos, & se recolherão na Sacristia da Capella do Santissimo / Sacramento, & alli estiveraõ algum tempo, & com elles se / recolheo tambem o quadro da Senhora da Piedade. [...]

Descripçam corografica do Reyno de Portugal

Excerto

António de Oliveira Freire

Lisboa Ocidental, 1739

In FREIRE, Antonio de Oliveira – *Descripçam corografica do Reyno de Portugal*. Lisboa Ocidental, Officina de Miguel Rodrigues: 1739. p. 77

Governa no espiritual esta Cidade hum Prelado com o / titulo de Pariarcha de Lisboa Occidental erigido á instan/cias delRey N. S. D. Joaõ V. pela Bulla Aurea, que conce/deo o Summo Pontifice Clemente XI. expedida em Santa / Maria Mayor em 7 de Novembro de 1716. Em virtude / desta Bulla a Capella Real dedicada a Saõ Thomé que já / estava engrandecida com o titulo de insigne Collegiada / desde o anno de 1708. e se compunha de seis Dignidades, / dezoito Conegos, doze Beneficiados, e vinte Capellaes / com outros muitos Ministros, ficou servindo de Basilica /

Patriarchal com tantas circunstancias de pompa, grandeza / e ornamento, que no estado, em que hoje a vemos, desanimaria / a eloquencia de Cicero, e Demosthenes, se a inten/tassem descrever, e eu que conheço quanto he pobre o ca/bedal do meu engenho para emprego tão alto, só me com/tentarei com dizer o que ja disse Dom Rafael Bluteau na / Dedicatoria, que de seu famoso Diccionario Portuguez, e Latino / fez a ElRey nosso Senhor: *Que com admiração do / Orbe Catholico ficava entronizada a sagrada magnificencia / da Capella de Sua Magestade, mais pomposa em appa/ratos, que o Pantheaõ de Agrippa, mais excelsa em myste/rios, que o Templo de Salamaõ, não menos augusta, que as / Basilicas Lateranense, e Vaticana, no brilhante das lu/ces competidora do Firmamento, e em celestes armonias imi/tadora do Empyreo, e summamente grata a Deos pelo con/tinuo sacrificio de hum coração tão religioso, como regio, / holocausto mais precioso que as Hecatombas de Grecia, e / superior a todas as victimas dos antigos numes, e gentili/cas deidades. /*

Carta de João Batista Carbone a Manuel Pereira de Sampaio, encomendando desenhos e peças para as exposições do Santíssimo Sacramento, tal como se fazem na Basílica de São Pedro

João Batista Carbone

Lisboa, 29 de março 1740

Biblioteca da Ajuda – 49-VIII-39, fól. 360

Tambem deve Vossa Merce mandar fazer logo desenhos muito claros, e / exactos de todas as formas de Exposições do *Santissimo* mais solemnes / que se fazem na Igreja de S. Pedro, ou seja no Altar mor, / ou na Capella do mesmo *Santissimo*, ou na Capella Gregoriana. Os / taes desenhos devem Representar, assim a Capela com o seu or-/nato, como o Altar mor com o Trono (ou este seja movel, ou fixo) ou com o Sacrario, quando a Exposição se faz na porta do mesmo / Sacrario; e para se evitar confusão no dizenho, por isto se man-//daõ fazer mais dizenhos, devendo cada hum delles exprimir tudo o que perten-/ce a cada huã das Referidas exposições diversas, e armação das / Capelas, em que se fazem. Tambem se devem exprimir as luces, / ou velas, que em cada hũa se poem, com a declaração à parte da sua / qualidade, e do numero, e pezo de cada hũa das ditas velas, e / dos cirios, ou tochas; e quantas tocheiras, e castiças estão em ca-/da huã Exposição. /

Alem dos Referidos dezenhos, e explicações, deve Vossa Merce mandar / logo executar, e

pòr em obra todas as peças, *que se costumaõ armar no / Altar em cada huã das sobreditas Exposições, a saber, Banquetas, / Pianhas, / Maquineta, ou seja Charola, ou Docelinho, que fica por si-/ma da Custodia, em que se expoem o Santissimo; e venhaõ todas as ditas pe-/ças obradas naõ sò com perfeição, mas da mesma medida, materia, / e forma de que saõ as que lá se uzaõ; e venhaõ tambem acabadas de sorte, / que em chegando a esta Corte, se possaõ armar logo segundo a forma / da Exposição, para que forem feitas, em tudo, e por tudo conforme à / que se fizer em S. Pedro. Só serà escuzado que venha o Altar, ou / Sacrario que for solido, e estavel na Capela, em que se faz a Expo-/sição, porque bastarà que venha em modello do mesmo tamanho aque-/la parte com que atacaõ as peças que vierem pertencentes à Exposi-/ção./*

Todo o sobredito se deseja com summa brevidade, e assim / *Vossa Merce* o encomedarà logo à *[sic]* pessoas deligentes, peritas e exactas. /

Treslado de alvará reunificando a cidade de Lisboa, extinguindo-se Lisboa Oriental e Lisboa Ocidental e reunindo-se o senado.

Excerto

Lisboa, 31 de agosto de 1741 – data do original

Lisboa, 4 de outubro de 1780 – data do traslado

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 24 Cx 261 doc 18

Eu / El Rey. Faço saber aos que este Alvará virem, que por haver respeito a ter o San-/to Padre Benedicto Decimo Quarto, ora na Igreja de Deos Prezidente, por justas / as razões, que lhe foram presentes, unido com o Meu Real consentimento, por Sua Bul-/la de Motu proprio de treze de Dezembro do anno proximo passado as duas Ci-/dades, e Territorios de Lisboa Occidental, e Oriental, extinguindo, e abollindo, quan-/to ao Governo Eccleziastico, estas denominações, com as mais circunstancias, que na / dita Bulla se contém; e por me parecer conveniente, que cessando a respeito do Ec-/cleziastico as sobretidas distinções, e denominações, cesse tambem no Secular a divi-/zaõ, que fuy servido ordenar nesta minha muito nobre, e sempre leal Cidade / de Lisboa, repartindo a em Occidental, e Oriental, e determinando, que em cada hu-/ma dellas houvesse distincto Senado da Camara, com outras circunstancias ex-/pressadas no Alvará de quinze de Janeiro de mil sete centos e dezasete, em cuja / conformidade ordenei já a todos os Tribunaes, Juizes, e mais Officiaes de Meu Serviço, / que nos papeis, que expedirem, ou fizerem expedir,

assim em particular como em / commum, se não faça mais a dita distinção das Cidades. /

1. Hey por bem, que para o diante fiquem incorporadas em huma só as duas / Cidades de Lisboa Occidental, e Oriental, com hum só Senado, que se chamará de / Lisboa, sem outro distinctivo, o qual Senado se ajuntará, e fará o seu despacho na / Caza da Vereação, sita no Rocio desta Cidade, em seis dias de semana, com hum / só Prezidente, e Seis Vereadores, hum Escrivão, e dous Procuradores da Cidade, e qua-tro Procuradores dos Misteres della, os quaes constituirão daqui em diante hum / só Corpo. /

2. Hey outro sim por bem, que o augmento dos ordenados, que no dito Alvará / fuy Servido conceder aos Prezidentes, e Vereadores dos dous Senados de Lisboa Oc-/cidental, e Oriental, continue a diante a favor do Prezidente, e Vereadores do Se-/nado//nado de Lisboa, levando na folha o Prezidente duzentos mil reis, e cada hum dos Vereado-/res cem mil reis do acrescentamento, com se contém no dito Alvará, por ser assim mi-/nha merce; e pelo que toca á outra Caza, em que tambem se fazia Vereação, e suas ad-/jacencias, determinarei o que for servido.

E este Meu Alvará quero que tenha / força, e vigor, como se fosse Carta feita em Meu Nome, e por Mim assignada, e passada por Minha Chancellaria, sem embargo da Ordenação do Livro Segundo / titulo trinta e nove, que o contrario dispoem, e este passará por Minha Chan-/cellaria.

Lisboa trinta e hum de Agosto de mil sete centos quarenta e hum. / = REY = Pedro da Motta e Sylva. = Jozé Gonçalves Paz o fez.

Carta, atribuível a Ludovice, com instruções enviadas para Roma relativamente à encomenda de canceladas em bronze dourado para quatro capelas da Patriarcal

João Frederico Ludovice (?)

Lisboa, 7 de julho de 1743

Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fols. 129-131

Instrucção pera os cancellos de bronze / dourado, que se mandaõ vir de Roma pera / os embocos de quatro Capelas da Santa Igreja / Patriarcal em carta de 7 de Julho de 1743 /

Em todos os quatro cancellos A. B. / C. D. se uzará de ornato eclezias-/tico de bom gosto e primorozamente feito, / attendendo com grande cuidado assim ao bom / uso como taõbem à segurança e conser/vaçã dos proprios cancellos. Pelo que / respeita ao bom uso se faraõ de modo / que deixem ver officiar a quem estiver da parte de fora delles, sem que por isso pos-/são penetrar se pera algum roubo estan-/do as portas fexadas: A parte inferi/or destes cancellos deverà ter ornato / mais tecido para que não suceda passa-/rem caës entre elles. /

Attendendo à segurança e conserva/çã não se farà ornato algum de cha/pa nem de lavor que tenha bicos que pos-/são arranhar gente, romper para-/mentos ou quebrarem com facilidade; Tudo será armado com boas terraxás pera pôr se / seu lugar e tirar se, conforme o / cazo pedir, sem damnificaçã da Obra. Em todos estes cancellos // haverà portas, como mostra a medida de cada hum, as quães haõ de / moverse em maxaz femeas de lemes / para serem levadissas; e para se fexa-/rem terà bõas fexaduras. /

O Canello A terà a simalha / igualmente sacada para dentro que para / fora, advertindo porem que a quantidade / da sacada serà a que se declara no / dito papel numero 1 para que em cima se / possaõ armar os candieiros segundo / as festas; os Cancellos B. C. D. terãõ / as simalhas com sacada proporciona-/da, e que saque igualmente para dentro, e fora / correspondendo todas as dittas simalhas, / ao ornato dos proprios Cancellos, os / quães por ambas as partes mostrarãõ / o mesmo lavor igualmente bem feito e dourado. /

Como por dentro das simalhas / forsozamente haverà terraxas, espigas, / e cavilhas com que se segurem os can-/cellos, o que visto de cima desagrade-/ria muito, se recomenda que se tapem as dittas / simalhas, com chapa liza bem segura / com algũas terraxas, e dezempenada para / que não se veja a desformidade do interior / das simalhas e se possa andar sobre ellas / sendo necessario // Sobre o Canello A ja se dice / haverà candieiros, segundo as festas, / pelo que devem fazer se outo candieiros taõ/bem de bronze dourado, os quães se pos-/são pòr com segurança de parafu-/zos sobre a simalha do dito Canello / A nos lugares em que vaõ marcados; o / feitio dos ditos candieiros serà como me/lhor parecer ao arfifice [sic], advertindo / somente que veja os que estão sobre os can-/cellos das capellas Sixtina e Pauli-/na, assim para lhes regular as altu-/ras, como taõbem proporsionar / as grossuras, porque como nos ditos Can-/dieiros se põem cirios grossos fa-/rãõ dezagradavel vista e mostra-/rãõ fraqueza, se se fizerem del-/gados. /

A qualidade do ornato de toda / a obra que aqui se encomenda / se deixa à jdea do perito ar-/tifice, sogeta às sobreditas adver-/tencias.

Carta de João Batista Carbone para Manuel Pereira de Sampaio, encomendando uma nova grade para o antigo batistério da Patriarcal

João Batista Carbone

Lisboa, s.d. (outubro? de 1743)

Biblioteca da Ajuda – Ms 49-VIII-27, fols. 125 a 127

Para o Baptisterio da Santa Igreja / Patriarcal, *que* está situado no recanto / *que* hà entre a porta da nave menor / da parte do Evangelho, e a divizaõ *que* / sepàra da do meyo, se manda / fazer hum Cancelllo *que* o resguarde / do pouvo pela frente e pellos lados, / como se explica na planta do sitio, / em *que* estão as justas medidas do *que* / hà prezentemente de ferro ordinario, e / o palmo *que* deve servir *pera* a reduc-/çaõ ao seu justo tamanho. /

Estes cancellos seraõ feitos / de bronze dourado; O seu ornato / se deixa à Idea do perito artifice / a *que* se encarregarem, recomen-/dando lhe uze do pavimento ate a altura / de 5 palmos de ornamentos tecidos e / engradados (*que* saluteis *pera* a seguran-/ça e para resguardar *que* entre cains) e delles *para* sima de varões abalaus-/trados, sobre os quães haja hum feni-/mento decente e proprio em semelhan-/tes cancellos, servindo se em tudo de / ornatos do melhor gosto, e aluzivos // ao sacramento do Baptismo, tendo / grande advertencia em *que* não haja / pontas nem bicos por dentro ou / por fora em *que* se possaõ pegar e rom-/per se os paramentos ou vestidos de *quem* / se chegar aos ditos cancellos, e *que* toda a obra delles seja preza com a mayor / segurança. /

A estreiteza do lugar em *que* esta / interinamente o dito Baptisterio faz / preciso, *que* alem da porta *que* tem no / meyo da sua frente e abre de duas me-/tades, se abra toda a frente do / Cancelllo como na planta vay apontado, pelo *que* deve haver especí-/al cuidado na firmeza com *que* se armarem não somente as *ditas* meyas / portas, *que* haõ de abrir ordinariamente / mas taõbem os paineis *que* fazem toda a frente, *que* taõbem haõ-de abrir em funções, attendendo a *que* / a sua largura e pezo fará desca/hir assim as portas como os paineis / se não ficarem bem fixos e fortes. /

Na porta haverá os fexos e fe-/xaduras convenientes *pera* a sua se-/gurança e as extremidades dos ditos / cancellos *que* haõ de entrar na pare-/de teraõ alem do ornato suffici-/ente comprimento *pera* se armarem / no seu lugar com firmeza, e compostura. /

A mayor grossura *que* poderà / ter o abalaustrado dos varões se-/raõ quatro onças; os mais ornatos teraõ a *que* / pedir a sua qualidade

Carta de João Batista Carbone para Manuel Pereira de Sampaio, encomendando o novo batistério da Basílica Patriarcal, a ser integralmente refeito

João Batista Carbone

Lisboa, s.d. (outubro de 1743).

Biblioteca da Ajuda – Ms 49-VIII-27, fols. 113 e 114

Com a occasião de se mandar / fazer hum Cancelllo Caprichozo / per resguardar o Baptisterio da Santa / Igreja Patriarcal do concurso do pouvo, / lembrou fazer se taõbem o mes- / mo Baptisterio de hũa boa vasca / ou pia de pòrfido ornada de bron-/ze dourado, e para com effeito / se pôr em execução se ordena / que logo se façã exactissimas / diligencias por alcançar algũa / que possa servir pela sua forma, e / tamanho, ou reduzir se à que / convenha pera Baptisterio, e que / alcanstandose se faça projecto do / ornato com que se ha de compor a mes- / ma vasca, o seu pè, e tampa e / se ponha em obra com a mayor / brevidade possivel e com toda a / perfeição; E como nesta Igreja / se faz o baptismo aquae effusione / taõbem se farà a pia pequena per-/a a agoa baptismal e o caneleto pelo / qual a agoa do baptismo escoa pera // pera o sacrario, ou sisterna suter-/ranea, em que se some a dita agoa; / e tudo se remeterà sem a minima demora.

Carta de João Batista Carbone para Manuel Pereira de Sampaio, com indicações adicionais para a encomenda do batistério

João Batista Carbone

Lisboa, 31 de outubro de 1743

Biblioteca da Ajuda – Ms 49-VIII-27, fols. 105 a 109

Em carta do corrente expedida por / expresso se encomendou hum cancelllo de / bronze dourado pera o Baptisterio da Santa Igreja Pa-/triarcal, e taõbem se encomendou o proprio / Baptisterio de hũa vasca ou pia de pórfido or-/nada de bronze dourado com seu pè e tam-/pa, e a outra pia da agoa Baptismal, e co-/mo depois de partir o dito Expresso lembrou / que poderia naõ

se achar promptamente a vasca / ou pia de porfido de que se fizesse, e por / essa cauza demorar se a Obra, se tomou / a resolução de prevenir esse cazo no presente / Alcanse pera facilitar a brevidade, com que / se quer feita a dita Obra, advertindo jun-/tamente de algũas couzas precisas, e convenientes / à sua execuçaõ, e encomendar outras / pessas pertencentes à mesma encomenda. /

Pello que não se achando pia ou vasca / de porfido pera o Baptisterio, como se encomendou, / se faria de outro qualquer marmore o mais / preciozo de que houver exemplo em Baptisterio / de Bazilica Conspicua, e não o havendo, / ou não se achando vasca ou pia de mar-//more semelhante à de algũa Bazilica cons-/picua, se farà do mais preciozo marmore branco, que se puder achar, e do mesmo se fa-/rà a pia da agoa Baptismal. /

A tampa, ou seja Ciborio se farà / de bronze dourado; a Idèa do seu ornato, de todo o Baptisterio fica a arbitrio do perito / artifice a que se encarregar; advertin/do que tenha os mesmos uzos que tem o / Baptisterio de S. Pedro. /

Faça se ao mesmo tempo o Pavilhaõ ou / seja Conopèõ, com que o dito Baptisterio està cober/to, o qual será branco e preciozo segundo o exemplo dos mais ricos, que houver nas Ba/zilicas mais conspicuas, e cazo que nelas não se uzem Pavilhoës ricos, sempre o Pavilhaõ deste Baptisterio se quer o mais preciozo que possa fazer se no seu genero. /

Taõbem se farà logo pavimento pera o dito Baptisterio, o qual comprehenda todo o sitio que / inclúe o Cancellõ, e tenha hũa faxa pela / parte exterior delle; Este pavimento seja nobre/mente ornado com marmores de diversas // cores à imitaçaõ dos pavimentos de outros / Baptisterios do melhor gosto; Advertindo que / neste paiz os embutidos ou impeliciados sal-/taõ fora em brevissimo templo, e que este defei-/to se deve evitar fazendo os que forem pre-/cizos ao menos de hũa onsa de grossua. /

Como neste Baptisterio deve haver / na parede hum painel, que represente S. / Joaõ Baptista baptizando a Christo Senhor / Nosso se mandarà fazer logo pelo insigne / Pintor Agostinho Massuci; A medida / deste painel se regularà pela altura do si-/tio, em que ha de colocar se o dito Baptisterio, que saõ / 15 palmos e 3/1, descontando lhe a que encobrir / o mesmo Baptisterio, e taõbem se farà a moldura e mais ornato pertencente ao mesmo pai-/nel com especial cuidado em conservar a / pintura o mayor que seja possivel. /

Quer se saber a cituaçaõ em que està / o Baptizante, e pera que parte està voltado / a respeito do altar da Capella, ou do painel / do Baptisterio (onde não estiver em Capella) e do altar mor da Igreja, não somente // quando se baptizar Creanças, mas taõ/bem nas funções do Sirio

Pascoal no / *Sabado Santo* e de *Pentecostes*, e isto se pergunta as-/sim a respeito da Igreja de S. Pedro, como taõ/bem de outras *Bazilicas* em *que* possa haver variedade por terem os *Baptisterios* em di-/verso Lugar. /

Taõbem se quer saber se em todos os / *Baptisterios* mencionados o *Baptizante* està *com* / os pes no pavimento, ou se em algum tem / estrada no lugar *que* o *dito* *Baptizante* ocupa / ou que faça degrão em redor do pè da pia. / E nos *Baptisterios*, em *que* não houver capa/cidade dentro no Cíborio, ou tampa *pera* / guardar os *Santos Oleos* se pergunta se / em *que* parte tem armario, ou comodo / *pera* os guardar. /

Para evitar a alteração *que* pode/rá fazer a humidade, e *secura* no pa-/pel, em *que* se mandàraõ pelo Expresso as / medidas do Cancelllo do *Baptisterio*, se reme/tem outras escritas sobre a delineação do / sitio do mesmo Cancelllo, e taõbem se // e taõbem se remete o palmo, *que* ha de / servir na sua execução, em hum passe-/to de lataõ dividido em 12 onças. /

Ultimamente se recomenda venha / *noticia* certa e individual de tudo o re-/ferido, e juntamente das *Credencias*, e / mais *Comodos* *que* houver nos *Baptisterios* / das *Bazilicas* *Conspicuas* com a maior brevidade. /

Lisboa em 31 de Outubro de 1743

Resposta à proposta desenhada para o novo batistério da Patriarcal, que fora enviada de Roma

João Batista Carbone

Lisboa, 20 de dezembro de 1743

Biblioteca da Ajuda – Ms 49-VIII-27, fól. 121

O risco *que* se recebeu da Pia baptismal / em nada agradou, e não se criticaõ em / particular as suas partes, nem o todo del-/la (em *que* se vê quiz o artifice imitar / a da *Bazilica* de S. Pedro, tirando lhe *porem* / a graça e a formozura) attendendo à pressa / com *que* procuràraõ remeter o *dito* risco; e / taõbem a *que* em virtude do additamento à / encomenda da mesma Pia baptismal, *que* / levou o alcanse de 31 de Outubro proximo, / em *que* se explicava com maior meude-/za, virá outro risco de projecto ma-/is bem considerado, de bom gosto, e com / a singularidade, e riqueza, *que* se recomendou / à vista do qual se dirà o que se entender / conveniente

Pedido de alteração do risco para a cancelada da capela-mor da Patriarcal

João Batista Carbone

Lisboa, 9 de março de 1744 (com *Post Scriptum* de dia 15)

Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-VIII-27, fols. 133-135

Como não agradou o risco *que se / remeteu de Roma para a grade da / Capella mor da Patriarcal* se fizeraõ varios / projectos de grades como se dexta / ver do risco *que agora se man-/da com o numero 13, dos quães se / escolheu para a dita grade aquele que / vay notado no mesmo risco e / da mesma sorte os castiçães de / sima da simalha; e cazo que as / grades das outras trez Capellas / não se achem adiantados pode-/raõ escolher algum dos outros / projectos que vão no dito papel numero 13 / e reduzilo às medidas do emboco / da capella para qual o quizerem seguir, / pois não se pretende que todas as / quatro grades que se encomendaraõ / sejaõ do mesmo feitio; Nas / medidas porem da largura e / altura se seguirãõ as que foraõ / com as instrções de 7 de Ju-/lho passado, attendendo a tu-/do o que se advertia na referida / instrução, e na grade sobredita / da Capella mor, para que vay agora ris-/co se attenderá à mesma ins-//trução em tudo o que no ditto ris-/co não for expressado*

Lixboa 9 de Março de 1744

Post Scriptum Adverte se que depois de se escrever es-/ta instrucção se rezolveu que o Cancelllo / pertencente à Capella mor da Patriarcal tivesse de / altura somente 15 palmos, e por esta al-/tura se fez riscar à margem do papel / numero 13 huã amostra do feitio com que / se devia executar o dito Cancelllo, propor-/cionádo as suas partes (isto he a simalha, / parapeito e bazamento) pelo metodo seguido / nos projectos do cancelllo inteiro; e como / ao empacquetar se achou que o Ajudante / que riscou a ditta amostra somente alteràra / a repartição na parte superior do cancelllo / sem deminuir a altura do parapeito, / que taõbem deve deminuir proporcional-/mente, se julgou preciso acrescentar / este *Post Scriptum* (pois não dà lugar à partida / do Postilhaõ a mandar o risco emen-/dado) e dizer que pelo Correio ordinario se / remeterà risco exacto do lavor do dit-/to Cancelllo proporcionado na referida / forma, E que emquanto não chegar a Roma // o dito risco, trabalhem somente nos outo cas-/tiçães, que vão

sobre a simalha, e no mesmo / papel *numero* 13 se achão aprovados, e / quanto ao Restante no *Correio* proximo se / mandarà infalivelmente desenho ex-/acto, *que* se possa executar sem atera-/ção alguã

Lixboa 15 de Março de 1744

Parecer relativo às várias propostas desenhadas para o batistério da Patriarcal, que foram enviadas de Roma

João Batista Carbone

Lisboa, 12 de março de 1744

Biblioteca da Ajuda – Ms 49-VIII-27, fols. 117 a 119

De todas as Pias de baptizar de que / se mandàraõ riscos de Roma sò foy de / agrado a Tassa deste ultimo *que* torna / a remeter se com a marca X; porem no or-/nato da ditta Tassa não deve haver laminas / ou baxo relievos, nem cabeças de leões nem / tantos festões *que* encobrem a preciozidade / do porfido de que ella se faz, o qual pela / sua raridade he taõ estimavel *que* se deve / procurar conserva llo à vista quanto mais / for possivel com o seu bello pulimento lustro-/zissimo, e da melhor cor de vermelho gra-/nitto. /

O Pé da ditta Pia ou Tassa deve ser em / forma de pedestal abalaustrado com bizzarria, / ou do mesmo porfido, ou de outro marmore, / ou alabastro oriental duro, *que* tome bom / lustro com ornattos de bronze dourado, ad-/vertindo *que* nestes ornattos não haja figuras de / gente, nem de animães, e nem ainda cabe-/ças, pes, ou *qualquer* outra parte do corpo; mas sim / outra *qualquer* qualidade de ornamentos de tarjas, / buzios, e peles ao estillo do Bernini, Algardi, / e Fiamengo, por ser couza *que* por sy requer se-/melhantes ornatos a modo de marisco, tudo / porem *muito* nobre, perigrino e bem pulido. /

O bazamento e dous Mininos *que* estão sobre / elle não se admittem pela estreiteza do citio / não consentir // couza alguã mais *que* a Pia; se porem se / quizesse colloca llos sobre a sua Tampa a-/dorando o Cordeiro e Espirito *Santo* *que* está no / dito risco, acrescentaria *muito* ornamento sem / ocupar sitio. /

Para os cancellos do Baptisterio se escolhe / o risco XX, *que* taõbem se remette, tirando / se lhe porem as figuras de Anjos, animães / e Mascaras; com advertencia *que* os nasci-/mentos dos varões dos cancellos nasçaõ / sobre o parapeito fazendo este primeiro / huã linea direita, *pera* *que*

se não interrompa (como mostra o risco) a parte inferior dos / balaustres com a superior do parapeito. /

Taõbem não se quer *que* tenha frontispi-/cio no meyo sobre a porta, nem o Minino sobre a simalha no meyo dos lados, mas / sim ornamentos continuados semelhantes / por *que* mostra o *mesmo* risco aos lados do *mesmo* / frontispicio. E quanto aos mais ornat-/tos se poderão ver os riscos dos cancellos / da Capella mor da Patriarcal, *que* agora se remet-/tem, *pera* se *que* se inclinem àquelle estillo, / ainda *que* não seja o mesmo lavor, nestes can-/cellos, sempre porem serio, e grave, e / sem estravagancias. /

Alem do referido se recomenda com / a mayor efficacia *que* esta obra se exe-// execute, e conclua com toda a brevidade len-/do com muita attenção, e pondo o mais vigilan-/te cuidado em que se satisfaça com exac-/ção a tudo *quanto* se avizou, e às advertencias / *que* se fizeraõ em carta de 31 [sic] de Outubro / passado a respeito da encomenda do Bap-/tisterio, não só pelo que pertence ao ornat-/to e preciozidade do mesmo Baptisterio, do / seu Painei, Pavimento, e cancellos, mas / taõbem à comodidade dos seus uzos, as-/sim das Pias *pera* a agoa Baptismal, e *pera* / a em *que* cay a *que* serve no Baptismo, como / no lugar e modo de conservar na tampa os / Santos Oleos etcetera. Não havendo o minimo / descuido em mandar fazer e remeter ca-/xa com os vazo dos Santos Oleos conforme a *que* / se guarda na tampa do Baptisterio da Bazilica / Vaticana, e todos os mais trastes *que* se exerci-/taõ nas funções de Baptismos; e taõbem o / Pavilhaõ ou Conopèõ rico de cobrir o Baptiste-/rio, não só de cor branca, como na dita carta / de 31 [sic] de Outubro passado se encomendou, mas taõ-/bem de qualquer outra cor de *que* haja uso; E / finalmente se mandará huã credencia ou / banca com sua cobertura (se a tiver) etcetera se-/melhante à em *que* se poem a Tampa do dito Baptisterio / quando no Sabbado Santo se tira do Baptisterio *pera* fazer / a benção da Pia etcetera

Lixboa 12 de Março de 1744

Treslado de alvará autorizando nova forma de governo das rendas e dependências da Santa Igreja Patriarcal.

Excerto

Lisboa, 30 de maio de 1747 – data do original

Lisboa, 4 de outubro de 1780 – data do traslado

AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, Mç 24 Cx 261 doc 23

Eu El Rey. Faço saber aos que este Meu Alvará virem, que tendo me / o Cardeal Patriarca feito presentes as dispozições conteudas em humas letras Suas / da data deste dia, em que se dá nova forma ao governo das rendas, e dependen-/cias da Santa Igreja Patriarcal, e sua Fabrica, constituindo se para este effei-/to huma Congregação de sinco Principaes, que haverão de nomear se annual-/mente para terem cuidado dellas, com outras providencias uteis, e necessarias, / para todas as quaes, Eu tinha precedentemente dado o Meu Conselho:

Hey / por bem prestar igualmente o Meu consentimento, e aprovar o conteudo nas di-/tas Letras, com todas as clauzulas nelas expressadas, julgando o por mui conve-/niente ao augmento, e esplendor da dita Igreja, e á administração dos Seus / interesses.

E para que assim conste, mandei passar o presente Alvará / por mim assignado, que quero que se cumpra, e valha, sem embargo de que o seu / effeito dure mais de hum anno, e de não passar pela Chancellaria, para o que / Hey por derogadas as Ordenações do Livro Segundo, titulos trinta e nove, e qua-/renta.

Lisboa a trinta de Mayo de mil sete centos quarenta e sete.

Provisão de nomeação de escrivão de juiz executor do Patriarcado, com cópia do alvará régio que autoriza a cobrança das dívidas da Patriarcal como se cobram as da Real Fazenda, com faculdade de nomear executores em todas as dioceses do Reino.

Lisboa, 20 de setembro de 1748

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç. 8 doc. 5

Nos Primarij, Prasbiteri, et Diaconi / S. R. E. Principales /

Fazemos saber, aos que esta nossa provisão virem, que havendo-nos *Sua Magestade* / concedido o privilegio da via executiva na cobrança das nossas rendas, assim como se proce-/de pela fazenda Real, e a faculdade de nomerar mos hũ Juis Executor em cada huã das / dioceses d'estes reynos, e outroSim hũ escrivão do mesmo Juis, e hũ Meyrinho para o re/ferido effeyto por alvará de 24 de Fevereyro de 1740. Cujo theor hé o seguinte:

Eu / ElRey faço saber, aos que este alvará virem, que tendo consideração a haver-me repre/sentado o Collegio da Santa Igreja Patriarcal as difficuldades, embaraços, e dilaçoens, que / experimenta na cobrança das Suas rendas, e das mais, que administra, pertencentes á / mesma Igreja, por estarem dispersas por todas as dioceses dos meos reynos, aonde a distan/cia, e industria dos devedores lhes facilita os meynos de espaçarem as execuçoens em forma / que procedendo se nellas pelos ordinarios de Direyto Sentirá Sempre o mesmo Colle-/gio irreparaveis perdas, e prejuizos, e nunca a dita cobrança poderá Ser taõ exacta e / prompta, como Se lhe fas preciso: e attendendo tambem a evitar os procedimentos de / censuras, que nos juizos Ecclesiasticos Se costumaõ proferir contra Similhantes devedores / dos bens das Igrejas, e de que frequentemente resultaõ escandalos, e perturbaçoens do socego / publico.

Hey por bem fazer lhe merce conceder privilegio ao dito Collegio, para que na cobran/ça de todas as ditas rendas de qualquer natureza que forem, e das dividas que por qualquer / titulo lhe pertencerem, e á dita Igreja, Se proceda executivamente contra os devedores, e Seos fia/dores, e abonadores na mesma fórma, em que pelas Leys, e Regimentos Se procede na cobrança / das rendas, e dividas pertencentes à minha Real fazenda. E que do mesmo privilegios go-/zem os rendeyros, priostes, prebendeyros, e administradores das ditas rendas, e Seos fiadores, / e abonadores para obrigarem pela referida via executiva aos Seus Subalternos, e outros / quaesquer devedores, que o forem de frutos, direytos, ou bens de qualquer natureza pertencentes / ás mesmas rendas na mesma forma, que hé concedido aos rendeyros da minha Real fazenda. /

Para cujo effeyto Sou outroSim Servido conceder ao dito Collegio faculdade de nomear em / cada huã das referidas dioceses hũ Juis executor, e nas de Braga, e Evora, em que há / maiores distancias, poderá nomear dous Executores para cada huã com districtos Separa-/dos, e revogar huns, e outros, quando lhe parecer; com declaração que não poderaõ Ser / nomeadoes para os ditos empregos, Senaõ Ministros, que estiverem Servindo, ou tiverem Servi-/do nos Lugares de Letras das ditas dioceses ou em quaesquer outros. E da mesma Sorte poderá / o dito Collegio nomear para cada hum dos ditos Juizes executores hũ Escrivaõ, hũ Mey-/rinho // rinho, e hum porteyro, quando não o queyraõ Servir-se dos do geral das cidades, e Villas, em que / assistirem os mesmos Juizes, os quaes, teraõ, e usaraõ da mesma jurisdição, que hé concedida / aos meos Almojarifes, e Juizes dos direytos reaes. Não poderaõ porem entrar a exercita la / Sem primeyro apresentar cada hũ nas Camaras das Cabeças das Commarcas do Seu des/tricto a provisão da nomeação do Collegio, em que hirá inserta a copia deste alvará, o qual / se copiará tambem nas

escripturas de arrendamento, que o Collegio celebrar, e nos precatorios / que passarem os ditos Juizes executores, aos quaes Seraõ obrigados fazer dar inteýro, e prompto / comprimento, e execuçaõ os Juizes assim ordinarios, como de fóra, e orfaõs, Ouvidores, Corregedores, e Provedores, a quem forem appresentados, o que lhes hey por muyto recommendado. /

E no caso, que contra algum dos ditos Juizes executores intentem as partes Suspeyçoens: / Hey por bem que seja Juis d'ellas o Contador da minha fazenda da Commarca, em / que se intentarem, o qual as despachará a final, como for justiça. E enquanto Senaõ de/terminarem, o dito Juis executor juntamente com o Juis de fóra da cidade, ou villa, em que / Residir, ou na falta deste, com o que lhe ficar mais vizinho, procederaõ na execuçaõ athe / a decisaõ das ditas suspeyçoens: e Sendo com effeyto julgado por Sospeyto, continuará / a mesma execuçaõ o dito Contador da fazenda.

OutroSim Sou Servido, que quando / os ditos Juizes executores, e Seos officiaes, Sahirem fora do lugar da Sua residencia a alguã / execuçaõ, vençaõ de Seu Salario por cada dia de estada, hida, e volta o Juis oitocentos / reis, o Meyrinho quinhentos reis, o escrivaõ quatrocentos reis alem da escrita, e o portey-/ro duzentos reis que lhes seraõ pagos á custa dos devedores: e Sendo muytos os execu-/tados em huã, ou diversas execuçoens na mesma terra, ser ratearaõ entre elles os referi/dos Salarios, que não poderão exceder das quantidas referidas, Senaõ no caso, em que / nas escripturas celebradas com os mesmos devedores Se tenhaõ estipulado outros maio-/res; e não Sahindo os ditos Juizes, e Seos officiaes, das terras respectivas da sua Residen/cia, Só venceraõ, o que pela ley lhes tocar. E para Se evitarem as dividas, que pó-/dem mover-se Sobre estarem, ou não Liquidas as dividas, que Se houverem de executar: /

Hey por bem declarar, que para Se haverem por Liquidas, bastará, quanto aos arren-/damentos apprezentarem-se ao Juis executor as escripturas com certidaõ extrahida dos / Livros da fazenda do Collegio, que declare a importancia da mesma divida; e quanto / as mais dividas miudas bastará certidaõ do prebendeyro, prioste, recebedor, ou pro-/curador do destricto, em que as execuçoens se houverem de fazer. Pelo que mando / ás Justiças, a que o conhecimento disto pertencer, cumpraõ, e guardem, e façaõ inteýra-/mente cumprir, e guardar este meu alvará, como nelle Se contem, Sem embargo de / qualquer ordem, ou Ley em contrario, que valerá, posto que Seu effeyto haia de durar / mais de hũ anno, Sem embargo da Ordenaçaõ do livro Segundo, titulo quarenta em / contrario.

E pagou de novos direytos Settecentos, e quatro mil, Seis centos, e quarenta reis / destas merces, que foraõ carregados ao Thesoureyro delles no Livro quarto da Sua receyta / a folhas Sincoenta e quatro como se vio do Seu conhecimento em forma registado no Li-/vro // vro terceyro do registo geral a folhas duzentas, e oitenta e tres. Dado em Lizboa occi/dental a vinte e quatro de Fevereyro de mil Settecentos e quarenta annos Rey.

E por / confiarmos da capacidade, Zelo, e procedimento de Manoel Gomes de Almeida, que bem / e verdadeyramente servirá o Lugar de escriptaõ do nosso Juis executor d'este Patriar-/cado de Lisboa: Havemos por bem nomea-lo no mesmo Lugar na fôrma, que pelo referi-/do alvará nos hé concedido, emquanto o houvermos por bem, e não mandarmos o con-/trario. Datum Lisboa Sub Signis, et Sigilij Trium Nostrûm in Ordine Priorum / die 20 Septembrij anni 1748. Sede plenâ.

a) *Assinaturas ilegíveis e selos dos respectivos principais*

Carta pedindo planta do pedestal para a estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal, para ser apresentada a João Frederico Ludovice

João Batista Carbone

Lisboa, 17 de abril de 1749

Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fols. 226v-227f

O Architecto Federico soube a cazo do escultor que aqui / fi- // ficou, *que* alem da estatua da Conceição se fazia tambem hum / pedestal, ou bazamento *pera* a dita estatua, de que elle não tinha an-/tecedentemente noticia alguã, pois não se mandou, nem de lá ve/yo Risco algum, pelo qual viesse no conhecimento do dito pedestal. / E como manda fazer hum de marmo, em *que* deve asentar o *que* / de lá vier, dezeja *que* o Artifice mande logo o Risco, ao menos / na quarta parte, da mesma grandeza, e forma do Referido / bazamento, e que venha exactamente Riscado em planta, e / em perfil, *pera* se Regular o pedestar de marmo, *que* ha de ficar por baixo do de prata dourada.

Reparos de João Frederico Ludovice, relativamente ao pedestal da estátua de Nossa Senhora da Conceição da Patriarcal.

Anexo de carta remetida por João Batista Carbone a 17 de julho de 1749

Lisboa

Biblioteca da Ajuda – Ms. 49-IX-1, fols. 254f-255v

Reparos do Architecto, e emenda, *que* insinua / dever se necessariamente fazer no Pedestal / da Estatua de Nossa Senhora da Conceição /

O Nicho, em *que* se ha de colocar a Estatua he em for-/ma de Tribuna, e tem o comodo de se poder andar a / Roda da mesma Estatua, *pera* se ornar, e porem Casti-/çaes no Altar, tendo porta pelailharga da mesma / Tribuna, sem ser necessario subir se por diante do al-/tar com degraos. Esta serventia fica embaraçada, / sendo o Pedestal da forma, e medida *que* mostra o Risco / *que* veyo, do qual se Remete a copia, e nella vai apontado / o *que* se deve cortar, *pera que* posa servir no sitio decla-/rado; e vem a ser o zocolo inferior em *que* asenta a Ba-/se; porquanto a escesiva sacada do dito zocolo obri/garia a fazer hum pedestal de excesiva grandeza, / com *que* ficaria sem duvida impedida a Referida serven-/tia. Alem de *que* tiraria toda a galantaria, e fer-/mozura *que* deve ter hum pedestal destinado *pera* semil/hante Estatua, o qual se está fazendo de bordo de / proporcionada altura; devendo ficar a Estatua mais alta do *que* o pavimento da Capela 18 palmos; de *que* / se seguiria *que* a grande sacada do plinto inferior comeria parte do socolo do bazamento *que* asenta imedia-//tamente sobre o dito plinto.

O Paço Real da Ribeira

Autor desconhecido, 1754

In CASTELO BRANCO, Camilo – *O Paço Real da Ribeira*. In **Noites de Insomnia Offerecidas a quem não póde dormir**. N. 8 – Agosto. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1874. pp. 29-34

O palacio real da Ribeira, situado junto das margens do Tejo, em frente de uma das maiores praças da Europa, chamada Terreiro do Paço, é um soberbo e vastissimo edificio, commodo e magestoso. É obra d’el-rei D. Manoel, para o qual se mudou dos antigos paços da Alcaçova, e onde, desde então, ficaram assistindo os reis d’este reino. Fórma este real edificio dentro em si tres grandes quadras, com dilatadas galerias em roda, com admiraveis quartos, preciosamente

guarnecidos, e muitos salões, os maiores dos quaes são: a casa chamada de gala, a sala dos tudescos, onde costuma estar a guarda allemã de sentinella. Esta sala é uma das maiores de toda a Europa, porque tem 130 palmos de comprimentos e 76 de largura. A quadra que fica junto da igreja patriarchal, chamada pateo da capella, é toda rodeada de galerias de arcos sobre columnas, com janellas ao de cima bem rasgadas. Por baixo d'estas arcadas ou galerias, em toda a circumferencia. ha muitas tendas e lojas onde se acha tudo que mais precioso ha no mundo, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Sahindo d'esta quadra por hum vasto pórtico voltado ao sul, se entra em outra quadra mais comprida que larga, tambem cercada de bellas galerias, sobre a qual abrem as janellas do quarto das rainhas. Ahi ao pé ergue-se uma altissima e bem fabricada torre de marmore, com um magestoso sino de relógio, e dous mais pequenos dos quartos. É obra do snr. rei D. João V, o Magnifico. Tambem ha n'esta segunda quadra muitas lojas onde se vendem cousas preciosas. Para a parte da Ribeira das Naus, fórma este palácio outro grande quarto, feito á moderna, obra do mesmo monarca, chamado o quarto dos infantes; e, ao cabo d'elle, abre-se uma formosissima varanda descoberta, gradeada de marmore á volta, primorosamente lavrado, sobre cujos pilares assentam vasos de jaspe cheios de murta e flôres.

Aquella parte d'este soberbo edificio, que olha para o oriente, e abrange a largura toda do Terreiro do Paço, é occupada por uma espaçossissima galeria, que termina em um magnifico pavilhão chamado o Forte. É obra do Philippe II de Hespanha, dirigida pelo famoso architecto Philippe Terzo, podendo affirmar-se que não há outra semelhante em toda a Europa, como confessam todos os estrangeiros que vem a Lisboa. D'aqui se descobre toda a barra, e porto da cidade, porque fica sobre a praia do rio. É tanta a magestade d'este edificio que não vi em todo o reino de França, nem nos famosos palaciso de Louvre e Versailles tão justamente encarecidos obra tão sumptuosa; sendo para sentir que não se chegasse a concluir o risco d'esta elegante fabrica, pois estava delineado fechar toda a praça do Terreiro do Paço em roda, com outro pavilhão fronteiro no sitio onde hoje (1754) estão as casas da alfandega: porém, é sestro já muito antigo ficarem imperfeitas todas as obras que outros principes começaram.

Contigua a este lanço, corre uma varanda de arcos que dá serventia para a sala dos tudescos, e pela fachada do sul se communica para outro quarto, não menos magestoso com suas galerias, eirados e torreões, onde assistem os infantes, irmãos ou filhos dos reis, e hoje serve de residencia á rainha-mãi, D. Marianna de Austria. Tem este quarto grandes e preciosas antecamaras com tapeçarias e moveis inestimaveis, e pinturas dos mais insignes autores.

Sua magestade costuma residir no quarto do Forte, que dá sobre o Terreiro do Paço, e é o melhor do palacio, cujas ante-camaras, salas e gabinetes encerram em si o mais precioso que póde a terra dar; porque as tapeçarias de ouro, prata, velludo, damasco e outras sêdas, quadros de admiraveis pinturas, e toda a mobilia, dão a conhecer a soberania da magestade que o occupa. A casa dos embaixadores é a melhor da Europa. Ha n'este palacio uma notavel bibliotheca, constante de muitas casas de livros, com manuscriptos os mais raros; e, sem duvida, se estivesse em ordem como as bibliotecas do vaticano, e de el-rei de França e da Sorbona, não lhes seria inferior; para o que muito concorreu a curiosa applicação (!) e magnifica despesa do snr. rei D. João V mandando comprar fóra consideraveis collecções.

Para o lado do rio tem este palacio hum bello jardim com grande eirado, com viveiro abundante de todo o genero de aves raras, especialmente pombas e rôlas de varias castas. Não se póde dar mais aprazivel espectavulo no mundo que a vista d'este jardim sobre o mar.

O snr. rei D. João V acrescentou outro quarto a este palácio: é o que fica no largo da Patriarchal e corre até ao theatro da opera. Consta este augusto edificio de vários corpos e muitas galerias todas de apuradissima arte, obra do famoso architecto Frederico, em que os marmores apostam duração com a eternidade. Dous lanços d'este quarto abrem para o largo da Patriarchal, e em meio de cada um avulta um portico grandioso, levantado em grossas columnas marmoreas, com capiteis corinthios, excellentemente folheados. Todo o restante deste primoroso edificio é feito de polidissima cantaria, com formosos lavôres e remates, com oculos romanos na cimalha, que lhe dão graça e belleza. O saguão que vai do largo da Patriarchal e atravessa este quarto para a Campainha, é a melhor peça de arte d'esta cidade; porque as quatro columnas de jaspe que tem na frente de duas escadas lateraes, são perfeitissimas no trabalho dos lavôres.

Para o lado do theatro da opera fórma este quarto uma quadra pequena com sumptuosas galerias, para a qual se entra por um grande vestibulo fronteiro á Patriarchal; mas a serventia ou passagem para o theatro é a mais arrogante e magestatica obra de Lisboa. Aqui, os marmores são de maneira sinzelados, que nem a cêra seria capaz de mais tenues arabescos. A natureza é vencida pela arte; porque os bustos, as carrancas, os festões, os relevos, os capiteis, os frisos, as folhagens são cousa tão prodigiosa, quanto é mais de assombrar a qualidade da pedra tão rija para impressões tão delicadas. Por cima d'este vestibulo, ergue-se uma capella magnificentissima feita para uso particular dos patriarchas, tal e qual os pontifices a tem em Roma. E, posto que ainda não esteja concluida, é soberbissima pela profusão de jaspes vermelhos, negros, brancos e outras côres

que lhe dão o esmalte.

Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils

Excerto

Chevalier des Courtils.

Junho de 1755

AMAN, Jacques; BOURDOIN, Albert-Alain – *Une description de Lisbonne en Juin de 1755 par le Chevalier des Courtils*. **Bulletin des Études Portugaises**. Tome 26. Institut Français au Portugal, 1965. pp. 153-154

La Patriarchale est l'église dans laquelle le Patriarche du royaume fait ses fonctions. C'est en même temps la chapelle du roi. Le clergé de cette cathédrale est le plus noblement composé et vêtu de l'Europe, tout tiré de la principale noblesse du Portugal. Il y a le maître-autel qui est tout de lapis azurique. Le tabernacle est d'agate. Deux autres colonnes de lapis se font remarquer à l'entrée de cette chapelle magnifique, où on ne voit plus que marbre noir, jaune et autres rares productions de la nature majestueusement mis en œuvre. On n'y va jamais qu'on n'y remarque quelque beauté nouvelle. Le moindre rayon de soleil en fait apercevoir qui avaient échappé au premier coup d'œil. Le plafond est décoré de compartiments, de groupes dorés avec des têtes d'ange de marbre dans les intervalles. On y voit aussi des tableaux du plus beau marbre sculptés admirablement, qui servent de dessus de porte. Le parquet est couvert de tables à la mosaïque avec une sphère et ses attributs. Les ornements les plus magnifiques répondent à la majesté de cette chapelle qui a une sacristie particulière et des ornements affectés. Trois grosses lampes de vermeil artistement travaillées, qui partent du même tronc, brûlent sans cesse devant l'autel. Il y a encontre vingt-quatre principaux et soixante-douze prélats qu'on intitule de monsignors selon l'usage roman. L'habit de chœur des premiers est rouge comme celui des cardinaux; les autres sont vêtus en violet et portent des rochets comme les évêques. C'est toujours des principaux qu'on tire les cardinaux. Chacune de ces premières places vaut toujours dix mille écus, les autres valent douze mille livre par année, de la monnaie du pays. Il a pris fantaisie au feu roi d'établir un patriarche dans ses états, croyant par là donner plus relief à son royaume. La Cour de Rome, qui jamais ne fut dupe, a fait payer bien cher ce triste avantage à celle de Portugal. Une maison bien fondée serait plus utile aux Portugais que ne le sont à l'univers tout ce qu'il contient de

patriarches. Quinze mille mauvais moines de moins convertis en passables soldats ou matelots rendraient de grands service à l'état en le délivrant du joug [des] Anglais desquels ils sont honteusement dans le cas d'avoir absolument besoin. Le vaisseau de la patriarchale n'a rien de rare. Les autels, les aubes, les chasubles et autres meubles sont affaissés sous le poids de l'or et de l'argent et des pierreries. On y voit, comme dans d'autres églises, d'énormes flambeaux et statues d'argent et de vermeil qu'on prendrait pour du cuivre si l'on était prévenu, tant ils y sont communs et énormes.

Treslado de termo feito nos dias seguintes ao terramoto, no Palácio do Principal Leitão, à Junqueira, onde se instalara a Congregação Camarária da Patriarcal, relativo aos valores monetários e alguma prata lavrada localizados.

Lisboa, 17 de novembro de 1755 – data do documento original

Lisboa, 12 de março de 1764 – data do treslado

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç. 8 doc. 26

Joaquim Jozè Verde Escrivão da Fazenda da / Santa Igreja de Lisboa Certifico que no Livro 1.º dos Juros / do anno de 1755 a *folha* 85 se acha nelle lançado o Termo / seguinte

Aos dezasete dias do mez de Novembro de mil sete / centos sincoenta e Sinco annos no Sitio da Junqueira no / Palacio em que vive o *Excelentissimo* e *Reverendissimo* Senhor Principal Leitaõ, e em que / se faz a Congregação *Cameraria* da Santa Igreja de Lisboa: Estando / Me presente, e mais *Senhores* Deputados da mesma Congregaçam, e o Thesou-/reiro Geral do *Excelentissimo* Collegio, e *Reverenda* Fabrica Rodrigo de Sande e Vasconcelos / disse o dito *Excelentissimo* Principal Leitaõ, que por se haver não só arruinado, / mas queimado em o primeiro do Corrente as Cazas em que se fazia a *Excelentissima* / Congregaçaõ, e a em que estavam os Cofres em que se Recolhiaõ as Ren-/das assim do *Excelentissimo* Collegio, como da *Reverenda* Fabrica, e se não poder hir / a ellas sem notorio perigo, se mandara conduzir pera o seu Palacio o / Cofre, que tinha o *dinheiro*, e o que de outro que se queimou se achou na / Caza, como tambem alguma prata lavrada, que estava em outro Cofre / que tambem se queimara, por ser percizo de tudo fazer se arrecada-/çaõ, e saber se o que do Refferido incendio havia escapado pera se poder / acudir aos

Ministros da Igreja, que todos estavam em a mayor urgen-/cia, e que como as chaves dos Cofres se haviaõ no mesmo incendio / perdido, ordenava a dita *Excelentissima* Congregação se arrombasse o Cofre / e sendo presente hum mestre serralheiro, logo o arrombou, e dentro / nelle se não achou papel algum dos que nelle se haviaõ mettido / nem sacco, senão tudo queimado, e confundido o *dinheiro*, e junto todo o / que do Incendio escapou se contou, e se acharaõ em toda a casta de / *dinheiro* Cem Contos, outocentos quarenta e Sinco mil, e trezen-/tos Reis, que tudo se entregou ao ditto *Thezoureiro Geral*, que logo Reco-/lheu em outro Cofre *que* estava no dito *Palacio* juntamente com a prata / lavrada que do outro Cofre se achou, parte amassada, e parte / derretida, e se ordenou ao ditto *Thezoureiro* mandasse limpar o dito *dinheiro* // *pera* com a mayor brevidade se acudir aos Ministros da Igreja / que estavam em extrema necessidade; e logo o dito *Excelentissimo Senhor Principal* / *Leitão* deu o juramento dos Santos Evangelhos ao dito *Thezoureiro geral*, *pera que* / debaixo delle declarasse que quantias paravaõ em seu poder assi / do *Excelentissimo Collegio*, como da *Reverenda Fabrica*, e Recebido por elle o juramento; disse / que no incendio, *que* padecera a sua Caza perdera todos os papeis e / toda a sua Fazenda sem lhe ficar clareza alguã, mas que segundo / sua lembrança teria em sua Caza sessenta mil cruzados pouco / mais, ou menos por estar preparando a Mezada do mez de Outubro alem de sincoenta mil Cruzados em escritos da *Alfandega* do assucar / a vencer que havia poucos dias tinha Recebido do *Thesoureiro* della / e alguãs Letras de *que* não tinha lembrança de quem eraõ, *nem* sobre / quem heraõ passadas por lhe faltarem as suas clarezas, e livros e / tudo *quanto* tinha se lhe queimar, e perder, ou juntarem, pois havia tres / ou quatro dias lhe tinhaõ Restituído por mão de pessoa Ecclesiastica / hum saquinho com tres *pera* quatro mil Cruzados em trocos de ouro, que / logo entregou, e conheceo ser o *que* tinha no seu Cofete, em que pagava, e / que no dezentulho das suas Cazas não tinha tirado mais que / Setecentos vinte e tantos mil Reis, sem the o presente lhe ter ap-/parecido mais couza alguã;

e Como não tivesse mais *que* declarar / debaixo do dito juramento, me ordenaraõ os ditos Senhores fizesse / este termo como Escrivaõ da Fazenda com as *ditas* declaraçoens *pera* / *que* a todo o tempo constasse em que se assinaraõ, e o dito *Thesoureiro geral* / e eu Bernardino Luiz Antonio de Sá e Costa Escrivam da Fazenda do *Excelentissimo* / *Collegio* e *Reverenda Fabrica* o escrevi

D. Lazaro *Principal* Leitão

Rodrigo de Sande e Vasconcelos

E não continha mais em si o *dito* termo, *que* fielmente tresladei do / proprio a que me Reporto – Lisboa a 12 de Março de 1764 –

a) Joaquim Jozè Verde

Memórias Paroquiais

Excerto

André de Oliveira

Lisboa, 7 de abril de 1758

In PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo de; Lisboa em 1758 – *Memórias paroquiais de Lisboa*. Publicações culturais da CML, Lisboa, 1974; p.213

Esta Santa Igreja Patriarcal considerada como paroquia, consta de hum Curato, que o Em.mo Senhor Cardeal Patriarcha apprezenta, com capellão mor, e tem de ordenado trezentos mil reis. Ha mais hum Coadjutor que tambem he provido pello mesmo Em.mo Senhor, e tem de ordenado cento, e cincoenta mil reis.

Achace estabelecida nella hua Irmandade do Santissimo Sacramento desde o anno de mil, e sete centos, e nove, que provem duas cappellas, hua de cento, e vinte mil reis, e outra de cem mil reis: tres Acolytos, o primeiro com outenta mil reis de ordenado; o segundo com setenta; e o terceiro com sesenta. Consta mais da Irmandade da Senhora da Piedade, que instituhio o P.e Bernardo Pinto dos Santos no anno de mil, e sete centos, e dezasseis, com hum grande numero de Irmãos.

Os paroquianos desta freguezia são todas as Pessoas Reais, e todas as mais pessoas que morão dentro do Paço; e todos os Menistros da Santa Igreja Patriarcal, e Capella Real; pertencendo tambem ao Cura o mesmo direito paroquial sobre as proprias pessoas de todos os criados de Sua Mag.de despertos pella Corte; e assim o seu lemite he interminavel.

A Igreja prezentemente erecta no sitio da Cotovia consta de tres naves, e de treze altares, em que entra o maior, e o da cappella, em que está o Santissimo Sacramento; os mais ainda não estão dedicados a santos particulares. He do que posso informar, segundo os interrogatorios, a que me toca responder.

Patriarcal de Lix.^a em 7 de Abril de 1758

Orago o Salvador, e N. Senhora da Assumpção

O Cura Andre de Oliveira

Estimativa de custos e proveitos de Mateus Vicente de Oliveira e Eugénio dos Santos para desmantelamento da Patriarcal, com parecer favorável ao mesmo.

Mateus Vicente de Oliveira e Eugénio dos Santos

Lisboa, 28 de janeiro de 1760

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 20 Cx 256 1^a parte doc. 109

Por avizo de =13= de Novembro de =1759= / me Ordenaõ Vossas EXcelencias váa em companhia do / Cappitaõ Engenheiro Eugenio dos santos e Mestres / da Caza fazer avaliação do desmancho da Patrear-/chal Velha, E dos materiais que dele se handem / tirar, que sejaõ uteis a Fazenda da Reverenda Fabrica;

em / observancia da dita Ordem fomos a dita Patrearchal Ve-/lha, e onde foi Tribunal da EXcelentissima e Reverendissima Congegação [sic] / Camararia, e as partes aderentes a dita Congregaçãõ, / e Patrearchal; Onde fizemos varios exames, / mediçoens, E calcos; pellos quais achamos, que o des-/mancho da Patrearchal velha, E cazas da EXcelentissima / e Reverendissima Congregaçãõ, e suas partes aderentes, o que / esta determinado ser por conta da Reverenda Fabrica, fa/ra despeza de dez, té doze mil Cruzados;

E de-/pois do desmancho feito conduzindo se as Pedrari-/as dos mais singulares feitos pera o bairro alto / onde se detterminar, estejaõ bem guardadas pera / servirem onde se ordenar; fara ⁽¹⁾ despeza de / quinze mil Cruzados; / O Valor dos materiais de al/venarias, Cantarias, Calliças, e Ferrajes, de que / se pode vtillizar a Reverenda Fabrica do dito desmancho, / em nova Obra, emtemdemos he mais de trin-/ta mil Cruzados; havendo boa ademenistraçãõ por pessoas inteligentes, e verdadeiras:

na Reffe-/rida forma temos informado a Vossas EXcelencias pera man/darem o que forem servidos;

Lixboa 28 de Janeiro de 1760

a) Eugenio dos Santos e Carvalho

a) Mattheus Viçente de Oliveira

(1) – Acrescentado entre esta linha e a superior: ao todo a

Parecer de Mateus Vicente de Oliveira sobre a melhor forma de desmantelar a Patriarcal, enunciando-se a intenção de aproveitar os portais e escadarias.

Mateus Vicente de Oliveira

Lisboa, 6 de fevereiro de 1760

AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, Mç 20 Cx 256 1ª parte doc. 108

Sam Vossas Excelencias servidos / ordenar me, *que* em observância do despacho Retro, / informe do modo porque sera mais util a Santa Igreja-/ja, fazer estes desmanchos:

Senhores o melhor meyo / pera fazer os ditos desmanchos com mayor comodo, e aproveitamento das Pedrarias *que* servem não só pera outra O-/bra, mas tão bem pera estudo dos que seguem as Artes; / o primeiro desmancho por onde se ha de principiar, ha/de ser pellos portais grandes da mayor fabrica, por / se tirarem as suas Pedrarias com mais cuidado em / ordem a comservar a sua perfeição; os quais sam o Por-/tal principal por onde se entrava na Patrearchal, o / das columnas, *que* entrava de frente da mesma Patrearchal vindo do patio das tendas, os tres portais *que* do pati-/o das tendas dão entrada a escada por onde se vay a Pa-/trearchal, O Portal por onde se entra, do patio, ou / Largo da Patrearchal, pera o patio das tendas, e tão bem / as janellas *que* ha por ssima delle, A escada *que* há no Lar-/go da Patrearchal por onde se sobia a ella, A escada / por onde se sobia do patio das tendas a Patrearchal, e / depois de guardadas as *ditas* Pedrarias onde se ordenar, / se continuara com o mais;

porem o Referido desman-/cho entendo deve ser a jornal pellas circunstancias assi/ma declaradas; E todo o mais desmancho e aRu-/mação de alvenarias, e cantarias, *que* servem pera a

nova // A nova Obra, e a Razamento de terreno, deve ser de / empreitada, a quem mais barato o fizer; em praça / publica; o melhor modo de se fazer o Referido des-/mancho emtendo hé o que fica assim declarado, /

Vossas Excelencias mandaraõ o que forem servidos:

Lixboa / 6 de Fevereiro de 1760

a) Mattheus Vicente de Oliveira

Parecer de Mateus Vicente de Oliveira favorável ao desmantelamento da Patriarcal, por ser economicamente rentável o reaproveitamento de alvenarias e cantarias.

Mateus Vicente de Oliveira

Lisboa, 21 de fevereiro de 1760

AN\TT – *Patriarcal de Lisboa - papéis diversos*, Mç 20 Cx 256 1ª parte, doc. 69

O Terreno que se acha demarcado na Patrearchal / velha, e cazas onde foi Congregaçaõ Camaria [sic] da Santa / Igreja, pera ser desmanchado, e nelle fazer novas Ca-/zas do novo deliniamento da Cidade não hé só o que / está determinado ser por conta da Reverenda Fabrica, / porque o que, o que [sic] esta determinado pera ser desman/chado por conta da Reverenda Fabrica, comprehende a Pa-/trearchal dita, Cazas da Congregaçaõ, Cazas chamadas / de Diogo de Mendonça, parte das Officinas da / Caza Real, E quaze metade do patio das tendas, / em que se achaõ os bellos portais de cantaria, E va-/rias Pedrarias, e alvenarias que servem pera a nova / obra que Vossas EXcelencias Ordenaõ se fassa no dito sittio; pe/lo que fica Remunerada a despeza do dito desmancho / com as grandes conveniencias das Pedrarias, e alve/narias que ficaõ pera a Reverenda Fabrica; o que não / tem duvida, pois os Mestres de obras costumaõ / desmanchar as obras velhas sóo pellas alvenarias / que dellas tiraõ; E no que está determinado ser / desmanchado por conta da Reverenda Fabrica, não sóo / tem alvenarias, mas taõ bem cantarias como a-/sima fica dito. o que entendo meresse ser atendi-/do, e não desvanesser o que se quer dar a Reverenda Fabrica, /

a vista do Referido mandaraõ Vossas EXcelencias o que fo-/rem servidos:

Lisboa 21 de Fevereiro de 1760

a) Mattheus Viçente de Oliveira

Treslado de aviso de doação de custódia em ouro por D. José I

Lisboa, 29 de maio de 1760 – documento original

Lisboa, 28 de abril de 1787 – traslado

AN\TT – Patriarcal de Lisboa - papéis diversos, Mç 24 Cx 261, doc. 79

Joaquim Joze Valadares Escrivão do Ar-/chivo, e Tabeliao publico, e judicial do Excelen-/tissimo, e Reverendisimo Colegio dos Senho-/res Principaes da Santa Igreja de Lisboa / Certefico, que pelo Excelentissimo, e Reve-/rendisimo Senhor Principal Miranda / hum dos Excelentissimo Senhores De-/putados da Excelentissima Congregaçã Camararia da dita Santa Igreja e da / Repartição da mesma me foi aprezen-/tado hum Avizo da Secretaria de Esta-/do dos Negocios do Reino, determinan-/do me o copiase em publica forma, e / dele o seu teôr hé o Seguinte:

Eminentissimo, e Reverendismo / Senhor. A especialissima, e exemplari-/sima devoção, que sempre dirige Sua / Magestade a concorrer para o maior, e / mais decente Culto do Santissimo Sa-/cramento, manda apresentar a Vosa / Eminencia a Custodia de Ouro, enri-/quecida de Diamantes, e outras pedras / preciosas, que será com este Aviso, pa-/ra servir nas Funçoens Publicas da / Exposição daquele Sacratissimo Mis-/terio: Havendo-lhe Sua Magestade / feito dela a pura, e irrevogavel Do-//ação que com este Aviso Fi-/cará titulada; Registando se nos livros / do thezouro da mesma Igreja, para / perpeuta Memoria da sobredita Do-/ação.

Deos guarde a Vosa Eminen-/cia.

Paço vinte, e nove de Maio de mil / setecentos, e sesenta = Eminentissimo, / e Reverendisimo Senhor Cardeal Patri-/archa = Conde de Oeyras

E trasladado, o concertei com o pro-/prio Original, ao qual me Reporto tor-/nando o a entregar ao dito Excelentisi-/mo, e Reverendisimo Senhor Princi-/pal, por cuja Ordem tirei esta publica / forma.

Lisboa vinte, e oito de Abril / de mil setecentos, e oitenta e sete: E eu / sobretido Joaquim Joze Valadares o subs-/crevi, e asignei em publico, e Razo *etcetera*

Em *testamento* de Verdade

a) Joaquim Joze Valadares